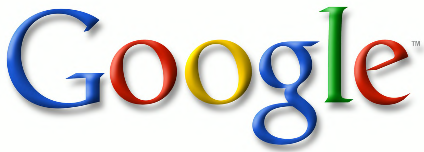


This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

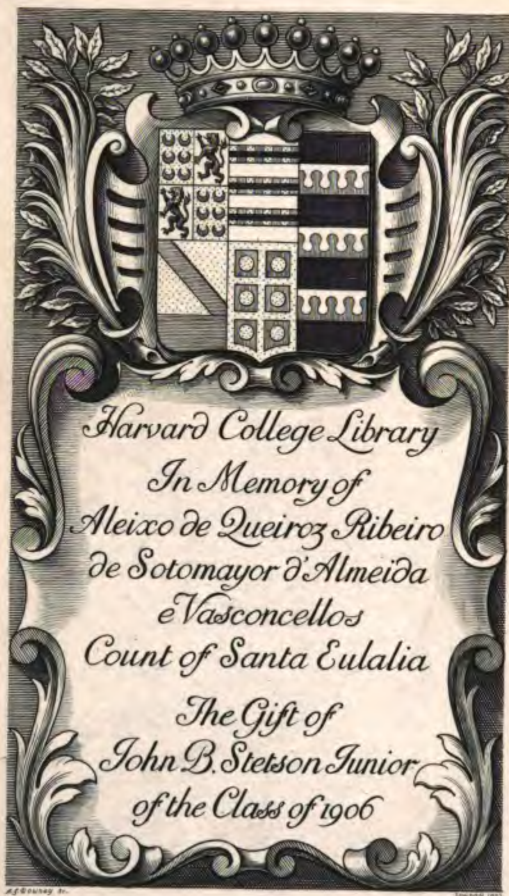
Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/




Digitized by Google

Port 4102.1

*




Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

1536 1

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

## CARTA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

## ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

**Anthero do Quental**

NOVEMBRO DE 1865

Digitized by Google

Digitized by Google

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

---

# CARTA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

## ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

**Anthero do Quental**

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1865

Digitized by Google

Port 4102.1

*

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

Digitized by Google

Ex.$^{mo}$ Sr.

Acabo de ler um escripto[1] de v. ex.ª, onde, a proposito de faltas de bom-senso e de bom-gosto, se falla com aspera censura da chamada eschola litteraria de Coimbra, e entre dois nomes illustres[2] se cita o meu, quasi desconhecido e sobre tudo desambicioso.

Esta minha obscuridade faz com que a parte de censura que me cabe seja sobre maneira diminuta: em quanto que, por outro lado, a minha despreoccupação de fama litteraria, os meus habitos de espirito e o meu modo de vida, me tornam essa mesma pequena parte que me resta tão indifferente, que é como que se a nada a reduzissemos.

Estas circumstancias pareceriam sufficiente para me imporem um silencio, ou modesto ou desdenhoso. Não o são, todavia. Eu tenho para fallar dois fortes motivos. Um é a liberdade absoluta que a minha posição independentissima de homem sem pretenções litterarias me dá para julgar desassombradamente, com justiça, com frieza, com boa-fé. Como não pretendo logar algum, mesmo infimo, na brilhante phalange

[1] No livro do sr. Pinheiro Chagas — *Poema da Mocidade.*
[2] Os srs. Theophilo Braga e Vieira de Castro.

Digitized by Google

das reputações contemporaneas, é por isso que, estando de fóra, posso como ninguem avaliar a figura, a destreza e o garbo ainda dos mais luzidos chefes do glorioso esquadrão. Posso tambem fallar livremente. E não é esta uma pequena superioridade neste tempo de conveniencias, de precauções, de reticencias—ou, digamos a cousa pelo seu nome, de hypocrisia e falsidade. Livre das vaidades, das ambições, das miserias d'uma posição, que não pretendo, posso fallar nas miserias, nas ambições, nas vaidades d'esse mundo tão extranho para mim, atravessando por meio d'ellas e sahindo puro, limpo e innocente.

A este primeiro motivo, que é um direito, uma faculdade só, accresce um outro, e mais grave e mais obrigatorio, porque é um dever, uma necessidade moral. É esta força desconhecida que nos leva muitas vezes, ainda contra a vontade, ainda contra o gosto, ainda contra o interesse, a erguer a voz pelo que julgamos a verdade, a erguer a mão pelo que acreditamos a justiça. É ella que me manda fallar. Não que a justiça e a verdade se offendessem com v. ex.ª ou com as suas apreciações. Verdade e justiça estão tão altas, que não têm olhos com que vejam as pequenas cousas e os pequenos homens das infimas questiunculas litterarias d'um ignorado canto de terra, a que ainda se chama Portugal.

Não é isso o que as offende. Mas as idêas que estão por de trás dos homens; o mal profundo que as cousas apenas miseraveis representam; uma grande doença moral accusada por uma pequenez intellectual; as desgraças, tanto para reflexões lamentosas, d'esta terra, reveladas pelas miserias, tão merecedoras de despreso, dos que cuidam dominal-a; isso é que afflige excessivamente a razão e o sentimento, o que prende o olhar ainda o mais desdenhoso a estas baças intrigas; isso é que levanta esta questão do raso das personalidades para a elevar até á altura d'uma questão de principios, e que dá ás ridiculas chufas, que entre si trocam uns tristes litteratos, todo o valor d'uma discussão de philosophia e de historia.

Sim, ex.$^{mo}$ sr. Eu não sei se v. ex.ª tem olhos para ver tudo isto. Cuido que não: porque a intelligencia dos habeis, dos prudentes, dos espertissimos é muitas vezes

Digitized by Google

cega em lhe faltando uma cousa bem pequena, que se encontra nos simples e nos humildes — a boa-fé.

Á luz d'ella, porem, eu hei de sempre ver uma pessima acção, digna de toda a importancia d'um castigo, nas impensadas e infelizes palavras de v. ex.ª, dignas quando muito d'um sorriso de desdem e do esquecimento. E se eu nem sequer me daria ao incommodo de erguer a cabeça de cima do meu trabalho para escutar essas palavras, entendo que não perco o meu tempo, que sirvo a moral e a verdade, censurando, verberando a deshonesta acção de v. ex.ª

Porque é uma acção deshonesta. O que se ataca na eschola de Coimbra (talvez mesmo v. ex.ª o ignore, porque ha malevolos innocentes e inconscientes), o que se ataca não é uma opinião litteraria menos provada, uma concepção poetica mais atrevida, um estylo ou uma idêa. Isso é o pretexto, apenas. Mas a guerra faz-se á independencia irreverente de escriptores, que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedirem licença aos *mestres*, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciencia. A guerra faz-se ao escandalo inaudito d'uma litteratura desaforada, que cuidou poder correr mundo sem o sello e o visto da chancellaria dos grãos-mestres officiaes. A guerra faz-se á impiedade d'estes hereges das lettras, que se revoltam contra a auctoridade dos papas e pontifices, porque, ao que parece, ainda a luz de cima lhes não escreveu nas frontes o signal da infallibilidade. Faz-se contra quem entende pensar por si e ser só responsavel por seus actos e palavras...

Agora quem move estes ridiculos combates de phrases é a vaidade ferida dos mestres e dos pontifices; é o espirito de rotina violentamente incommodado por mãos rudes e inconvenientes; é a banalidade que quer dormir socegada no seu leito de ninharias; é a vulgaridade que cuida que a forçam — nós só lhe queremos puchar as orelhas!

Isto, resumido em poucas palavras, quer dizer: combatem-se os hereges da eschola de Coimbra por causa do negro crime de sua dignidade, do atrevimento de sua rectidão moral, do attentado de sua probidade litteraria, da impudencia e miseria de serem independentes e pensarem

Digitized by Google

por suas cabeças. E combatem-se por faltarem ás virtudes de respeito humilde ás vaidades omnipotentes, de submissão estupida, de baixeza e pequenez moral e intellectual.

V. ex.ª, com a imparcialidade que todos lhe conhecemos, deve confessar que uma guerra assim feita é não só mal feita, mas tambem pequena e miseravelmente feita. Mas é que a eschola de Coimbra commetteu effectivamente alguma cousa peior de que um crime — commetteu uma grande falta: *quiz innovar*. Ora, para as litteraturas officiaes, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a verdade com a baba dos sophismas, do que envenenar com o erro as fontes do espirito publico, do que pensar mal, do que escrever pessimamente, peior do que isto é essa falta de querer caminhar por si, de *dizer* e não *repetir*, de *inventar* e não de *copiar*. Por que? Porque todos os outros crimes eram contra as idêas: haveria sempre um perdão para elles. Mas esta falta era contra as pessoas: e essas taes são imperdoaveis. Innovar é dizer aos prophetas, aos reveladores encartados: « ha alguma cousa que vós ignoraes; alguma cousa que nunca pensastes nem dissestes; ha mundo além do circulo que se vê com os vossos oculos de theatro; ha mundo maior do que os vossos systemas, mais profundo do que os vossos folhetins; ha universo um pouco mais extenso e mais agradavel sobre tudo do que os vossos livros e os vossos discursos. » Isto, sim, que é intoleravel! Isto, sim, que é infame e revoltante e impio e subversivo! Contra isto, sim, ás armas, ergamo-nos na nossa força, mostremos o que somos e o que podemos... escrevamos tres folhetins e um prologo!...

V. ex.ª fez-se chefe d'esta cruzada tão desgraçada e tão mesquinha. Não posso senão dar-lhe os pezames por tão triste papel. Mas se eu, como homem, desprézo e esqueço, como escriptor é que não posso calar-me; porque atacar a independencia do pensamento, a liberdade dos espiritos, é não só offender o que ha de mais sancto nos individuos, mas é ainda levantar mão roubadora contra o patrimonio sagrado da humanidade — o futuro. — É seccar as nascentes da fonte aonde as gerações futuras têm de

Digitized by Google

beber. É cortar a raiz da arvore a que os vindoiros tinham de pedir sombra e socego. E atrophiar as idêas e os sentimentos das cabeças e dos corações que têm de vir.

O contrario d'isto tudo é que é a bella, a immensa missão do escriptor. É um sacerdocio, um officio publico e religioso de guarda incorruptivel das idêas, dos sentimentos, dos costumes, das obras e das palavras. Para isso toda a altura, toda a nobreza interior são pouco ainda. Para isso toda a independencia de espirito, toda a despreoccupação de vaidades, toda a liberdade de jugos impostos, de mestres, de auctoridades, nunca será de mais. O mineiro quer os braços soltos para cavar buscando o ouro entre as areias grossas. O piloto quer os olhos desvendados para ler nos astros o caminho da náo por entre as ondas incertas. O sacerdote quer o coração limpo de paixões, de interesses, para aconselhar, guiar, julgar, imparcial e justo. O escriptor quer o espirito livre de jugos, o pensamento livre de preconceitos e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, incorruptivel e intemerato. Só assim serão grandes e fecundas as suas obras: só assim merecerá o logar de censor entre os homens, porque o terá alcançado, não pelo favor das turbas inconstantes e injustas, ou pelo patronato degradante dos grandes e illustres, mas elevando-se naturalmente sobre todos pela sciencia, pelo paciente estudo de si e dos outros, pela limpeza interior d'uma alma que só vê e busca o bem, o bello, o verdadeiro.

Este é o escriptor, o poeta, o apostolo. Se o obrigassem a respeitos convencionaes, a terrores supersticiosos diante de certos homens, a espantos cegos diante de certas cousas; se o fizessem baixar a cabeça e as costas para entrar a porta do pantheon litterario; elle, o pobre, ficaria sempre curvo e submisso, humilde e sem força propria, servo de alheias idêas e apostolo apenas de palavras decoradas e vazias d'alma. Como se havia elle pois erguer, entre seus irmãos, tão alto que seus olhos fossem uns como pharoes para todos os outros olhos, a sua fronte uma como montanha de luz; tão alto que as palavras de sua bocca cahissem sobre as cabeças como uma chuva benefica e fecundante? Seria, depois das provas e das torturas, das genuflexões e das baixezas da iniciação no gremio dos *senhores*, seria

Digitized by Google

um aleijão e não gigante, um aborto em vez de heroe e, em vez de sobr'exceder a todos com a fronte, andaria sumido entre elles, visitado escassamente pelo sol e pela luz. Elle, que não soubera procurar para si o seu caminho, como poderia elle allumiar o dos outros? Elle, humilde, como ensinaria a altivez e a dignidade? Respeitador de conveniencias estereis, como daria o exemplo das révoltas fecundas? Sem alma, como a insuflaria no peito dos tristes e humilhados? Sem vontade, como resistiria ás tyrannias da opinião omnipotente, ao capricho dos grandes, ás ambições, ás tentações?

As grandes, as bellas, as boas cousas só se fazem quando se é bom, bello e grande. Mas a condição da grandeza, da belleza, da bondade, a primeira e indispensavel condição, não é o talento, nem a sciencia, nem a experiencia: é a elevação moral, a virtude da altivez interior, a independencia da alma e a dignidade do pensamento e do caracter. Nem aos *mestres*, aos que a maioria boçal aponta como illustres, nem á opinião, á critica sem sciencia nem consciencia das turbas, do maior numero, deve pedir conselhos e approvação, mas só ao seu entendimento, á sua meditação, ás suas crenças. Nesta eschola do trabalho, da dignidade, das altas convicções, se formam os homens em cujos peitos a humanidade encontra sempre um vasto lago onde farte a sêde de verdade, de consolações, de ensinos para a intelligencia e confortos para o coração.

No peito dos outros, dos que andam de capella em capella na lida afanosa de incensar cada dia todos os idolos, dos que fazem da gloria uma bastilha para aventureiros levarem de assalto, e não pulpito aonde se suba com respeito e amor, no peito d'esses não habita mais do que ambição, vaidade, endurecimento e miseria. Esses lisongeiam os grandes; e os grandes dão-lhes a mão para que subam, e desprezam-nos depois. Lisongeiam as maiorias; e as maiorias inconstantes lançam-lhes no regaço um pouco de ouro e algum applauso de momento, e depois passam e esquecem. Afagam todas as vaidades; e têm em cada vicio humano um capital, cujo juro dissipam em quanto vivos, porque essa moeda corrompida para mais ninguem serve. Emfim, nos quinze ou vinte annos em que dão que

Digitized by Google

falar ás gazetas, aos botequins, aos gremios, a todos os vadios, a todos os futeis, folgam, vivem alegres e esquecidos de tudo quanto não seja a satisfação do que ha no homem de mais pequeno — a vaidade e o interesse.

Para os outros a obscuridade, e a miseria muita vez — mas a estima dos melhores entre os homens pelo espirito, e, o que excede tudo, a posse d'uma consciencia superior a quanto não seja a verdade, a justiça e a formosura. As idêas serenas brilham-lhes na escuridão do isolamento e alumiam-lhes com uma luz doce mas immensa toda a sua obscuridade. Dão-se a desbaratar o mal dos outros homens, como muitos se dão a augmentar o seu bem proprio. Vivem na região das benções, escutando as palavras da bôcca invisivel, e com os echos d'essa voz celeste compõem os hymnos de esperança e de amor para a humanidade. Morrem; mas morrem nobres e puros. Tudo isto porque foram independentes. Não pertenceram a corrilhos; não elogiaram ninguem para que os elogiassem a elles; não incensaram os fetiches dos ridiculos pagodes litterarios. Foram honrados. Foram simples.

A estes taes chamo eu poetas. Porque nos ensinam o bem. Porque são originaes e dizem sempre alguma cousa nova á nossa curiosidade de saber. Porque dão com a elevação das vidas confirmação á sublimidade dos escriptos. Porque são tão poeticos como os seus poemas. Porque vão adiante abrindo á luz e ao amor novos horisontes. Porque não conhecem ambições nem orgulhos. Porque têm a cabeça do genio e o coração da innocencia. É por isso tudo que lhes chamo poetas.

Os outros adoram a *palavra*, que illude o vulgo, e desprezam a *idêa*, que custa muito e nada luz. São apostolos do diccionario, e têm por evangelho um tractado de metrificação. Fazem da poesia o instrumento de suas vaidades. Pregam o bem por uso e convenção litteraria, porque se presta á declamação poetica, mas practicam o egoismo por indole e por vontade. Fazem-nos descrer da grandeza humana, porque são uns sophismas que nos mostram a pequenez e a má fé aonde as apparencias são todas de nobreza. Preferem imitar a inventar; e a imitar preferem ainda traduzir. Repetem o que está dicto ha mil annos, e

Digitized by Google

fazem-nos duvidar se o espirito humano será uma esteril e constante banalidade. São os enfeitadores das ninharias luzidias. Põem os nadas em pé para parecerem alguma cousa. São os idolos litterarios da multidão que mal sabe ler. São os philosophos queridos da turba que nunca pensou. São, emfim, genios no Brasil como v. ex.ª

Estes taes escusam da nobreza e da dignidade: têm a habilidade e a finura. Para a obra que fazem, isso lhes basta. Mas a obra, ex.mo sr., é que é uma obra vulgar: bem feita para agradar ao ouvido, mas esteril para o espirito. Sôa bem, mas não ensina nem eleva. Ora a humanidade precisa que a levantem e que a doutrinem. São, pois, necessarias outras e melhores obras.

Mas, se já alguma hora da historia impoz aos que fallam alto entre os povos obrigações de seriedade, de profunda abnegação, de sacrificio do *eu* ás tristezas e miserias da humanidade, de trabalho e silencioso pensamento; se alguma hora lhes mandou serem graves, puros, crentes, é certamente esta do dia de hoje, da edade de transformação dolorosa, de scepticismo, de abaixamento moral, de descrença, que é o nosso seculo. Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas idêas. Desmoronam-se as velhas religiões. As instituições do passado abalam-se. O futuro não apparece ainda. E, entre estas duvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, mais tristes, menos ambiciosas de bem, menos dispostas ao sacrificio e ás abnegações da consciencia. Ha toda uma humanidade em dissolução, de que é preciso extrahir uma humanidade viva, sã, crente e formosa.

Para este grande trabalho é que se querem os grandes homens. Sahirão esses heroes das academias litterarias? das arcadias? das sinecuras opulentas? dos corrilhos do elogio-mutuo? Sahirão as aguias das capoeiras? Saltarão as idêas salvadoras do choque das maledicencias e dos doestos? Nascerão as dedicações do casamento das vaidades? Darão a grande novidade os ledores de Horacio? Inventarão as novas formulas os que decoram as phrases rabugentas dos livros bolorentos que chamam classicos? E os Socrates e os Epictetos descerão para as suas missões das cadeiras almofadadas, das rendosas conezias litterarias, das prebendas, das explorações?

Digitized by Google

Fóra d'essa atmosphera corrupta, e, quando não corrupta, pelo menos esterilisadora, é mais provavel encontrarem-se as condições que precisam para viver e crescer os homens uteis e necessarios ás transformações do espirito humano.

Não é traduzindo os velhos poetas sensualistas da Grecia e de Roma;[1] requentando fabulas insossas diluidas em milhares de versos semsabores;[2] não é com idyllios grotescos sem expressão nem originalidade, com allusões mythologicas que já faziam bocejar nossos avós;[3] com phrases e sentimentos postiços de academico e rhetorico;[4] com visualidades infantis e puerilidades vãs;[5] com prosas imitadas das algaravias mysticas de frades estonteados;[6] com banalidades;[7] com ninharias;[8] não é, sobre tudo, lisongeando o máo gosto e as pessimas idêas das maiorias, indo atrás d'ellas, tomando por guia a ignorancia e a vulgaridade, que se hão de produzir as ideias, as sciencias, as crenças, os sentimentos de que a humanidade contemporanea precisa para se reformar como uma fogueira a que a lenha vai faltando.

Mas fóra de tudo isto, d'estas necedades tradicionaes, é o nevoeiro, é o methaphysico, é o inattingivel—diz v. ex.ª

Todavia, quem pensa e sabe hoje na Europa não é Portugal, não é Lisboa, cuido eu: é Paris, é Londres, é Berlim. Não é a nossa divertida Academia das Sciencias, que revolve, decompõe, classifica e explica o mundo dos factos e das idêas. É o Instituto de França, é a Academia Scientifica de Berlim, são as escholas de philosophia, de historia, de mathematica, de physica, de biologia, de todas as sciencias e de todas as artes, em França, em Inglaterra, em Allemanha. Pois bem: a Allemanha, a Inglaterra, a França, comprazem-se no nevoeiro, são incomprehensi-

[1] Allude ás traducções de Ovidio e Anacreonte.
[2] Allude ás Cartas d'Echo e Narciso.
[3] Allude á Primavera.
[4] Allude ao Tributo Portuguez na morte de Pedro V.
[5] Allude aos tractados de Metrificação e Mnemonica.
[6] Allude a todas as obras em prosa.
[7] Allude a todas as obras em verso.
[8] Allude a todas as obras junctas, prosa e verso.

Digitized by Google

veis e ridiculas, são methaphysicas tambem. As tres grandes nações pensantes são risiveis deante da critica fradesca do sr. Castilho. Os grandes genios modernos são grotescos e desprezíveis aos olhos baços do banal metrificador portuguez.

O grande espirito philosophico do nosso tempo, a grande creação original, immensa da nossa edade, não passa de confusão e embroglio desprezivel para o professor de ninharias, que cuida que se fustiga Hegel, Stuart Mill, Augusto Comte, Herder, Wolff, Vico, Michelet, Proudhon, Littré, Feuerbach, Creuzer, Strauss, Taine, Renan, Buchner, Quinet, a philosophia allemã, a critica franceza, o positivismo, o naturalismo, a historia, a methaphysica, as immensas creações da alma moderna, o espirito mesmo da nossa civilisação.... que se fustiga tudo isto e se ridicularisa e se derriba com a mesma sem-cerimonia com que elle dá palmatoadas nos seus meninos de 30, 40 e 50 annos, de Lisboa, do Gremio, da Revista Contemporanea!

Quem seguir tudo isto vai com o pensamento moderno; com as tendencias da sciencia; com os resultados de trinta annos de critica; com a nova eschola historica; com a renovação philosophica; com os pensadores; com os sabios; com os genios; vai com a França; vai com a Allemanha — mas que importa? não vai com o sr. Castilho! não vai com o novo methodo repentista! não vai com o moderno folhetim portuguez!

O metrificador das Cartas d'Echo diz ao pensador da Philosophia da natureza — *tira-te do meu sol!* — O mythologo do diccionario da fabula diz ao profundo descobridor da Symbolica — *és um ignorante!* — A rethorica portugueza diz á sciencia, ao espirito moderno —*cala-te d'ahi, papelão!*

É que tudo isto não passa de idêas. Ora ha uma cousa que o sr. Castilho tomou á sua conta, que não deixa em paz, que nos prometteu destruir... é a methaphysica... é o ideal...

O ideal! palavra mystica; de gothica configuração; quasi impalpavel; espiritualista; impopular; que o artigo de fundo repelle; que desacreditaria o deputado do centro que a empregasse; que Victor Hugo adora e de que se riem os localistas; que não chega para um folhetim e que

Digitized by Google

enche o maior poema; immensa aos olhos dos que a vêem com os olhos fechados e que nunca viram os que os trazem sempre arregalados; palavra pessima para uma rima de madrigal; palavra que faz desmaiar as beatas; grotesca num botequim; disforme numa sala; medonha numa assembleia de litteratos horacianos... decididamente v. ex.ª devia odiar esta desgraçada palavra!

O ideal quer dizer isto: desprezo das vaidades; amor desinteressado da verdade; preoccupação exclusiva do grande e do bom; desdem do futil, do convencional; boa fé; desinteresse; grandeza d'alma; simplicidade; nobreza; soberano bom gosto e soberanissimo bom senso... tudo isto quer dizer esta palavra de cinco letras — ideal.

Por todos estes motivos ella é sobremaneira odiavel; ella é desprezivel por todas estas causas; e v. ex.ª tem toda a razão, chacoteando, bigodeando, pulverisando esse miseravel ideal.

Elle, com effeito, nada do que elle é ou do que vem d'elle, serve ou pode servir jámais para alguma cousa do que se procura na vida, do que nella procuram os homens graves, os homens serios, os homens de senso e gosto como v. ex.ª, que nada querem com ideaes ou com idêas, mas só com realidades e com factos; para captar a admiração das turbas; o applauso das multidões; para formar um grande nome composto de pequeninas lettras; para merecer os encomios dos grammaticões e o assombro dos burguezes; para ser das academias; das arcadias; commendador; citado pelos brasileiros retirados do commercio; decorado pelos directores de collegio; o Tirteu dos mercieiros e um Homero constitucional.

Para isto é que não serve o ideal. E é por isso, pela sua absurda inutilidade, que v. ex.ª o apeia com tanta sem cerimonia do pedestal aonde, para o adorarem, o têm posto os loucos que nunca foram nada neste mundo, nem das academias nem do conselho de instrucção publica, um Christo, um Socrates, um Homero...

Por isso é que v. ex.ª faz muito bem em o destruir, a esse pobre diabo do ideal; de o pôr fóra de casa a bofetões; de o bannir das suas obras, que não ha ver por lá nem a mais lève sombra d'elle. Agradam a todos assim. Os ver-

Digitized by Google

sos de v. ex.ª não têm ideal — mas começam por letra pequena. As suas criticas não têm idêas — mas têm palavras quantas bastem para um diccionario de synonimos. Os seus poemas lyricos não são methaphysicos, não precisam d'uma excessiva attenção, de esforços de pensamento para se comprehenderem — e têm a vantagem de não deixarem ver nem um só ideal. Nas suas obras todas ha uma falta tão completa d'essas incomprehensibilidades, que deve pôr muito á sua vontade os leitores que v. ex.ª têm no Brasil. V. ex.ª diz tudo quanto se pode dizer sem idêas — boa, excellente receita para não cahir nas nebulosidades do ideal. Os seus escriptos são optimos escriptos — menos as idêas: e é v. ex.ª um grande homem — menos o ideal.

Dante, que era um barbaro, e Shakspeare, que era um selvagem, é que rechearam as suas obras de ideal. Victor Hugo tambem cáe muito nesse defeito. V. ex.ª é que o tem sempre evitado cautelosamente, e por isso não é um barbaro como Dante, nem selvagem como Shakspeare, nem um máo poeta como Victor Hugo. Não é Dante, nem Shakspeare, nem Hugo — mas é amigo do sr. Viale, que falla latim como Mevio e Bavio.

Mas, ex.^mo^ sr., será possivel viver sem idêas? Esta é que é a grande questão. Em Lisboa, no curso de lettras, na academia, no conselho superior, no gremio, nos saraus de v. ex.ª, dizem-me que sim, e que é mesmo uma condição para viver bem. Fóra de Lisboa, isto é, no resto do mundo, em Paris, Berlim, Londres, Turim, Goettingue, New-York, Boston, paizes mais desfavorecidos da sorte, na velha Grecia tambem e mesmo na Roma antiga, é que nunca poderam passar sem essas magnificas inutilidades. Ellas o muito que têm feito é servirem de entretenimento aos visionarios como Christo (um metaphysico bem nebuloso), como Socrates, como Çakia-Mouni, como Mahomet, como Confucio e outros sujeitos de nenhuma consideração social, que se entretinham fazendo systemas com ellas, e com os systemas religiões, e com as religiões povos, e com os povos civilisações, e com as civilisações codigos, leis, sentimentos, amores, paixões, crenças, a alma emfim da humanidade, cousa que se não vê nem rende, e é tambem inutil e incomprehensivel. Eis ahi o mais a que as idêas têm

Digitized by Google

chegado. Creio que pouco mais ou nada mais têm feito do que isto.

Em Lisboa é que nem isto. Não sei se tem havido quem tente introduzil-as nessa capital. V. ex.ª é que eu tenho a certeza de que não era capaz d'essa má acção. Por isso Lisboa não cahe como cahiram Athenas e Roma, por causa das suas idêas, e Jerusalem e outras cidades infelizes, cujos poetas tiveram um amor demasiado ao ideal... Uma só cousa ficou d'ellas: uma memoria grande, honrosa, nobilissima. Cahiram, mas deram ao mundo um espectaculo raro — o espirito e a consciencia humana triumphando da materia e brilhando no meio das ruinas como a chamma que se alimenta da destruição da lenha d'onde sahe e que a gerou. Eu não sei se v. ex.ª acha isto sensato e de bom gosto. Cuido que não. O que eu sei sómente é que isto é sublime........................................

Paro aqui, ex.mo sr. Muito tinha eu ainda que dizer: mas temo, no ardor do discurso, faltar ao respeito a v. ex.ª, aos seus cabellos brancos. Cuido mesmo que já me escapou uma ou outra phrase não tão reverente e tão lisongeira como eu desejára. Mas é que realmente não sei como hei de dizer, sem parecer ensinar, certas cousas elementares a um homem de sessenta annos; dizel-as eu com os meus vinte e cinco! V. ex.ª aturou-me em tempo no seu collegio do Portico, tinha eu ainda dez annos, e confesso que devo á sua muita paciencia o pouco francez que ainda hoje sei. Lembra-se, pois, da minha docilidade e adivinha quanto eu desejaria agora podel-o seguir humildemente nos seus preceitos e nos seus exemplos, em poesia e philosophia como outr'ora em grammatica franceza, na comprehensão das verdades eternas como em outro tempo no entendimento das fabulas de La Fontaine. Vejo, porem, com desgosto que temos muitas vezes de renegar aos vinte e cinco annos do culto das auctoridades dos dez; e que saber explicar bem Telemaco a crianças não é precisamente quanto basta para dar o direito de ensinar a homens o que sejam razão e gosto. Concluo d'aqui que a edade não a fazem os cabellos brancos, mas a madureza das idêas, o tino e a seriedade: e, neste ponto, os meus vinte e cinco annos têm-me as verduras de v. ex.ª convencido valerem

Digitized by Google

pelo menos os seus sessenta. Posso pois fallar sem desacato. Levanto-me quando os cabellos brancos de v. ex.ª passam deante de mim. Mas o travesso cerebro que está debaixo e as garridas e pequeninas cousas, que sahem d'elle, confesso não me merecerem nem admiração nem respeito, nem ainda estima. A futilidade num velho desgosta-me tanto como a gravidade numa criança. V. ex.ª precisa menos cincoenta annos de edade, ou então mais cincoenta de reflexão.

É por estes motivos todos que lamento do fundo d'alma não me poder confessar, como desejava, de v. ex.ª

Coimbra 2 de Novembro
de 1865.

Nem admirador nem respeitador

*Anthero do Qeuntal.*

Digitized by Google

Digitized by Google

*Vende-se nas principaes livrarias.... preço* **100** *rs.*

---

**DO MESMO AUCTOR**

**Odes Modernas** 1 vol. em 8.º.... ..... preço 400 rs.

*Em Lisboa na loja de livros de Lavado; Porto e Coimbra, na livraria da Viuva Moré.*

Digitized by Google

Port 4102.05

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

## FOLHETIM

A PROPOSITO DA CARTA

QUE O SENHOR

ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR M. PINHEIRO CHAGAS

LISBOA
IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES
17 — Rua do Caldeira — 17
1865

Digitized by Google

Boyveau & Chevillet
Livres en toutes Langues
22, R. de la Banque, PARIS

Digitized by Google

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

---

## FOLHETIM

A PROPOSITO DA CARTA

QUE O SENROR

ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR M. PINHEIRO CHAGAS

---

LISBOA
IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES
17 — Rua do Caldeira — 17

1865

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
June 23, 1924

Digitized by Google

A carta do sr. Anthero do Quental ao sr. Castilho—Motivo por que tomo a palavra—O sr. Anthero apanhado em «negligé»—Vem a proposito o baixo-profundo Marinozzi, o Banco Ultramarino, D. Ignez de Castro e Camões—As novidades velhas—As porcelanas da Russia—Cita-se Nicoláo Tolentino—Entra-se na questão do ideal—Evocação perigosa—As escolas da decadencia—Não falta Victor Hugo—Para que servem as imagens—O manto de Hercules—As aguias e as gallinhas.

Publicou-se ha tempo e tem-se espalhado em Lisboa uma carta dirigida pelo sr. Anthero do Quental ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, carta em que o poeta das *Odes modernas* protesta violenta e virulentamente contra a censura, irrogada pelo cantor do *Amor e Melancholia* á desastrada escola, de que o sr. Anthero do Quental teve a triste honra de ser um dos fundadores. Fôra lavrada essa censura no artigo de critica litteraria com que o sr. Castilho acompanhou o pobre poema, que ahi publiquei, e que ficou d'essa fórma illustre. Marengo e Austerlitz, diz Victor Hugo no prologo das *Orientaes*, eram duas ignoradas aldeias; immortalisou-as um dos lampejos victoriosos da espada de Napoleão.

Não intento responder á carta; ainda que a pessoa, a quem ella é dirigida, esteja dispensada de responder pela inconveniencia do ataque, não me compete a mim substituil-a. Penna mais competente e mais authorisada por todos os motivos se está preparando para isso; [1] mas eu, que fui um dos primeiros a accusar de falso, de affectado, de absurdo, de gongorico o estylo da escola de Coimbra, hoje, que uma das pythonizas desce da tripode, e vem, em linguagem accessivel aos mortaes, explicar os oraculos, e lánçar a luva aos que zombaram dos livros sybillinos, não desamparo o meu posto, e apresso-me a descer á liça, onde encontro afinal um adversario. Não via até agora senão sombras impalpaveis, que fluctuavam nas brumas das abstracções, e se revestiam de um certo *ideal*, alugado a tanto por ode nos algibebes da Allemanha.

Linguagem accessivel aos mortaes, disse eu já, e repito agora.

[1] Referia-me ao sr. Julio de Castilho, cuja carta já foi publicada.

Google

«Uma das maiores provas do absurdo d'aquelle estylo, dizia-me um dia d'estes Bulhão Pato illuminando a questão com um dos admiraveis lampejos do seu espirito de poeta, é que até para o defenderem precisam de o abandonarem.» Mais ainda, digo eu; a prova de que esse estylo é affectado é que o sr. Anthero do Quental, quando o seu espirito, excitado pela critica justa ou injusta, que lhe foi feita, se levantou de um impeto para defender-se, quando a palavra lhe brotou espontaneamente dos labios, não procurou phraseado nebuloso, não adoptou fórmas arrevezadas, deixou-a irromper envenenada mas vehemente, resvalar pelo declive natural, reflectir na torrente espumosa o esplendor do sol claro e limpido, o desanuviado azul do nosso firmamento. Apanhámol-o em flagrante delicto de naturalidade. Surprehendemol-o antes de ir para o toucador, sem peruca, sem carmim, sem pó de arroz. É verdade que o vimos tambem em mangas de camisa, e de mangas arregaçadas. Mas antes isso, sr. Anthero do Quental, antes isso do que vestir aquella casaca allemã, tão safadinha já, e que nos quer dar por nova. *Innovar, inventar*, sr. Anthero do Quental! no tempo de Henrique Heine já essa casaca estava no fio, e ainda encontrou em Coimbra quem a arremendasse! Ah! Coimbra, *terra de encanto*, *do Mondego amena flor* o que te falta são alfaiates, que não tenham só obra feita, vinda pelo paquete de Bordeos.

A carta, abstrahindo da verrina indigna do sr. Anthero do Quental, revela um verdadeiro talento, infelizmente para o seu author. A unica desculpa, que tem quem põe cabelleira, é ser calvo. Agora póde o sr. Anthero do Quental voltar quando quizer ao seu tom de oraculo, póde trepar de novo aos pincaros inaccessiveis do seu estylo, vestir-se, compor-se, arrebicar-se, pôr a mascara de lata com que suppõe engrossar a voz, como os actores gregos a robusteciam com a mascara de bronze, esbravejar na tripode, imitar a aguia de Guernesey como o corvo da fabula, que tambem intentou seguir o exemplo da rainha dos ares e que se emmaranhou na lã de um carneiro, exactamente como o sr. Anthero do Quental se emmaranha nas suas lanzudas theorias; improvisar uma Pathmos *da Ponte no O*, ser o vidente do botequim do Throno, escrever um Apocalipse que se venda por 400 rs. nas lojas do costume, perceber o sr. Theophilo Braga e consentir que elle o perceba, chamar ode ao que nem é charada porque não tem conceito; mas não estranhe, quando estiver todo ufano com o grande uniforme de sybilla, que lhe puxem pelo rabicho e que lhe digam: «Larga a cabelleira.»

Não vou responder á carta, repito, vou apenas levantar as

Digitized by Google

phrases, que foram dirigidas a todos quantos escrevemos n'esta profana Lisboa, para nosso ensino e aproveitamento. Oiçamos com o devido respeito.

Trata-se primeiro de saber qual é o motivo da crua guerra intentada por nós contra a escola de Coimbra, guerra, em que ousámos, sem sermos Titães, escalar o Olympo, o que nos ha de render o ficarmos ahi soterrados debaixo de um Etna de palavriado. O motivo nada tem de litterario, é simplesmente o despeito que nos causa a independencia de caracter dos escriptores da universidade, que não vem enfileirar-se nas nossas phalanges, nem jurar fidelidade aos nossos generaes, e a indignação que a estes inspira o verem aquelles refractarios vagueando independentes nos plainos do Mondego.

Esteve aqui em Lisboa um baixo-profundo Marinozzi, que, tendo sido applaudido no Porto, foi pateado em S. Carlos. Nunca o digno homem se pôde convencer de que essa pateada fosse dada sem segunda intenção, e que a originasse simplesmente ou o seu mau methodo ou a sua má voz. «Fui pagar em Lisboa, dizia elle voltando lacrymoso para a cidade invicta, a questão da dissidencia do banco ultramarino, a iniciativa tomada pelo Porto na idéa da exposição, e outras coisas que excitam os ciumes da capital.» O sr. Anthero tambem opina pelo banco ultramarino e pela iniciativa da exposição. Não o perturbemos n'essa illusão suave. Menos barbaro que Affonso IV com D. Ignez de Castro, deixemol-o passeiar *pelos saudosos campos do Mondego.*

N'aquelle engano d'alma ledo e cego!

Mas, meu caro sr. Marinozzi, seja menos injusto. Suspeita que essas ovelhas tresmalhadas produzam tamanha desordem no aprisco lisbonense? Julga que os pastores se ralam com a falta de rezes, que foram atacadas pela epizootia, que grassa para esses sitios? Essa razão, que o sr. Anthero allega, não direi que seja uma razão de cabo d'esquadra, mas, como tanto se affeiçoou aos allemães, não se offenderá que eu lhe diga que é... *une raison d'allemand.*

Qual é o outro merecimento, por causa de qual são lapidados estes prophetas? É porque elles não imitam, mas *innovam* e *inventam.*

Innovam o que? Inventam o que? A philosophia de Hegel? os systemas historicos de Vico? a symbolica pagã de Creuzer? o esclarecimento da historia pelo estudo da jurisprudencia de Savigny? a critica de Schlegel, do Raynouard, de Villemain, de Michelet, de Quinet, de Taine? Mas tudo isso já lá fóra desceu das mysteriosas alturas do saber de poucos para a eru-

dição comesinha dos Diccionarios de Conversação. Applicaram pelo menos ao estudo das coisas patrias os novos pharoes accendidos pelos sabios estrangeiros, pharoes que projectam a sua immensa luz nos mares tenebrosos do passado? Não, nem isso, a menos que os artigos do sr. Theophilo Braga, que não dão um passo para alêm dos prologos de Garrett, não sejam considerados como equivalentes aos trabalhos dos eruditos francezes e allemães! E porque não ha de ser assim?

Eia ardor, coração, vaidade ao menos!

Avante! Innovem, sem pagarem direitos d'alfandega. Os manufactores russos fabricam jarras de porcelana, pondo nas de Sévres um fundo, que occulta a marca franceza... Cautella. não lhes tirem o fundo, senhores innovadores e inventores! Escrevam livros, artigos

Cujos crédores *na Allemanha* fervem

e fulminem com o seu despreso os que vão pelo trilho da vulgaridade. Venham as innovações requentadas, as invenções em segunda mão, a originalidade da feira da ladra, o ideal de contrabando! Assim fez a gralha, em quanto a não depennaram.

Mas o que tem inventado então? A fórma talvez, o estylo, o phraseado; essa farraparia creio que ninguem lh'a reclama. Essas lentejoulas que tomam por estrellas, essa missanga que impingem por diamantes, essa baeta vermelha com que arremedam purpura, tudo isso é seu, pertence-lhes... Que digo? Nem isso mesmo! nem na parodia foram originaes; já o latego de Nicolau Tolentino flagellava as costas aos patriarchas d'essa escola, no fim do seculo passado.

Aos novos ursos todo o povo acode
O estylo é sybillino, o nome é ode!

Um grito de consciencia obrigou o sr. Anthero do Quental a confessar o parentesco, dando ao seu livro o titulo de *Odes modernas*. O estylo é sybillino ainda, e parece que o nosso grande satyrico tinha as poesias do sr. Anthero do Quental diante dos olhos, quando escrevia:

As taes poesias (que a entender não chego)
Podres palavras teem desenterrado;
Se levam nó, é tão occulto e cégo,
Que quem quer desatal-o vae logrado.
Dizem que imitam n'isto um certo Grego,
Gloria de Thebas, Pindaro chamado,
Se isto é assim, a sua lingua d'oiro
Seria grega, mas fallava moiro.

Digitized by Google

Mas não é esta ainda a pedra de escandalo; não é essa a grande virtude, que nos obrigou a crucificarmos o sr. Anthero do Quental entre o sr. Theophilo Braga, e o sr. Vieira de Castro. Que este ultimo já provavelmente é repellido como traidor, por que o sr. Vieira de Castro actualmente falla, com eloquencia ou sem eloquencia, não é essa a questão, mas pelo menos na linguagem terrestre. Esse renegou; mas ao sr. Theophilo Braga é que naturalmente o Christo coimbrão abre o seio carinhoso, a esse é que elle diz: *Hodie mecum eris in paradiso.*

A maxima virtude d'essa escola, a que excita as nossas iras, é a sua adoração pelo ideal, o sacerdocio augusto que esses poetas exercem. Isso sim, isso é que nós não percebemos, por isso é que os apedrejamos.

O ideal! mas o ideal deriva de idéa, e a idéa é o que eu em vão procuro por baixo da tumida crosta das suas poesias. Vejo o sr. Anthero do Quental ora abolir Deus, ora proclamar a obediencia dos astros á lei do infinito. Mas o que é o infinito? É a materia? Materia e infinito são duas palavras que andam aos pontapés uma á outra, como as rimas do sr. Anthero. Mas, admittindo a conciliação do inconciliavel, se é materialista, o que faz o distincto poeta ao ideal, que adora? É por fim de contas um ideal de convenção, bom para produzir effeito, mas em que o poeta não crê? Esse novo idolo teve a sorte de todos os idolos, e são os seus sacerdotes os primeiros que zombam d'elle, zombando do crédulo publico?

Ah! não profane esse nome sagrado, não beba nos vasos santos o vinho dos seus desvairamentos! E sobretudo não profira os grandes nomes de Dante e de Shakespeare, pallido Saul tremente perante as sombras que evoca! E se persistir n'isso, se quizer por força que desçam do altar dos seculos o velho florentino e o tragico britanno, acautele-se porque o bando pueril de que é chefe e que entrou sorrateiramente no templo do ideal por descuido dos sachristães, póde ser escorraçado e disperso, não pelo chicote, que serviu a Jesus para expulsar os mercadores, mas pela férula, que castiga as travessuras das creanças, que vão brincar com coisas de que nada entendem.

Dante era um barbaro, e Shakespeare tambem, diz o sr. Anthero do Quental, reclamando a confraternidade da barbaria. Engana-se; o sr. Anthero não é um barbaro, é um grego do Baixo Imperio. A sua escola é a turba de vermes, que brota da putrefacção de uma litteratura. É para os grandes homens do romantismo o que foi Claudiano para Virgilio, Marini para Tasso, Campistron para Corneille. A apparição da sua escola é um facto mil vezes repetido na historia litteraria, e a que inevita-

Digitized by Google

velmente se segue uma reacção salutar. Cumpram a sua missão; mas, ao resvalarem no precipicio, não se aferrem a essas arvores gigantes, que resumem em si uma litteratura inteira. Parasitas do ideal, não se enrosquem nos robles; mosquitos do coche litterario, não queiram ser como a sua collega da fabula, que zunia em torno dos corseis que puxavam o vehiculo, e andava n'uma azafama constante, esfalfada e ufana, persuadindo-se a si, e querendo persuadir os outros de que era ella e ella só quem arrastava o carro.

Tambem Victor Hugo foi chamado a proteger as locubrações do sr. Anthero e as suas *estolas do infinito*. Se julgam encontrar nos livros de Victor Hugo authorisação para o emprego d'essas imagens absurdas, mostram mais uma vez que nem entendem os modêlos que tomam. As imagens do poeta exilado, por mais arrojadas que sejam, despertam sempre uma idéa no espirito dos leitores. A imagem (deixem-me fallar a sua lingua, e citar até, se me não engano, o sr. Theophilo Braga), é a expressão visivel do Sentimento. A imagem dá um corpo á idéa, e faz com que a vejam os olhos da phantasia. Quando Victor Hugo, n'uma synthese audaz, nos diz que a ave leva o infinito preso na ponta d'aza, vemos de relance a cadeia immensa dos seres, cujos fusis extremos se ligam; que idéa nos desperta a *estola do infinito?* quando encontrou o sr. Anthero do Quental, em Victor Hugo, uma imagem tão ôca de sentido como esta! E, se alguma vez a encontrou, foi de certo nos instantes em que a imperfectibilidade humana venceu a inspiração divina, foi nos momentos em que dormia Homero, e é uma covardia, sr. Anthero do Quental, aproveitar-se do somno do gigante, para lhe ir estampar na fronte o indelevel estygma da sua imitação.

Mas o gigante desperta; levanta-se o Hercules, e, ao sacudir o manto, deixa cair os pygmeus, que lá se esconderam, na lama d'onde brotaram. *As aguias não saem das capoeiras*, disse, com muita razão o sr. Anthero; mas tambem não basta não sair de uma capoeira para ser aguia. As gallinhas tresmalhadas, que se mettem nos ninhos dos alcantís, podem julgar-se similhantes ás aves de Jupiter; mas quando se trata de voar, sobem as aguias para o ceu, desabam as gallinhas... no quintal. Cacarejem embora vituperios; os genios, a quem insultam, e aquelles a quem imitam (insulto ainda maior), pairam enlaçados no firmamento, e os zoilos nem terão a triste gloria de ser amarrados por elles ao pelourinho da sua immortalidade.

Digitized by Google

Digitized by Google

# VENDE-SE

Em LISBOA — Livraria de A. M. Pereira, rua Augusta n.os 50, 52, e nas mais do costume.

PORTO — Livraria da Viuva Moré, e na do sr. Cruz Coutinho.

COIMBRA — Livraria da Viuva Moré.

PREÇO 100 RÉIS

---

Tambem se acham nas mesmas lojas:

**Resposta á carta que o senhor Anthero do Quental dirigiu ao senhor Antonio Feliciano de Castilho**, por Manoel Roussado — 100 réis.

**O senhor Antonio Feliciano de Castilho e o senhor Anthero do Quental**, por Julio de Castilho — 160 réis.

Digitized by Google

1539 3
3

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

---

## RESPOSTA

Á CARTA QUE

O SR. ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO EX.^mo SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

MANOEL ROUSSADO

Digitized by Google

Digitized by Google

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

---

## RESPOSTA

Á CARTA QUE

O SR. ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO EX.mo SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

MANOEL ROUSSADO



LISBOA
IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES
17 — Rua do Caldeira — 17

1865

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

Digitized by Google

Ill.^mo^ Sr.

Acabo de ler as obras de v. s.ª, e, pasmado ainda com os raios luminosos que me deram de chapa nos olhos do espirito, pego na penna para expandir os efluvios da minha admiração, como quem abre uma valvula de segurança, para evitar quaesquer detonações d'esta preciosa machina, que em linguagem rasteira se chama homem, e a que v. s.ª nas suas admiraveis *Odes* chama—proscripto rei, mendigo escuro.

Eu aceito esta denominação, apesar de não ser trigueiro, e de ter os meus seis vintens.

Não sei se v. s.ª se escandalisa por não lhe dar excellencia, mas eu que me sinto banzado ao elevar a minha palavra até uma das mais brilhantes estrellas da constellação coimbrã, ignoro tambem por falta de uso que tratamento pertence pela Constituição do idealismo aos que voam lá por cima, atra-

Digitized by Google

vessando os espaços infinitos aonde não chegam as exalações mephiticas do lodaçal mundano, nem o tratado de civilidade, nem as futilidades da grammatica terrena, nem as pequices da metrificação sublunar.

Desculpe-me pois v. s.ª se o não trato como devo, acreditando nas espansões sinceras do meu *eu*, que se confessa creado do *eu* de v. s.ª

Ainda não tinha lido as *Odes modernas*, quando me chegou ás mãos a carta que v. s.ª escreveu ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, a esse caturra intoleravel que teima na guerra desleal contra os innovadores que vem do norte, annunciando a nova aurora da independencia litteraria, em que serão quebrados os ferros que algemam a idéa, e os seus apostolos rasgarão os horisontes luminosos sem o auxilio inutil da instrucção secundaria.

Não tinha lido as *Odes* que v. s.ª atirou aos ventos da publicidade, e fui logo compral-as, porque a alludida carta tinha chocado a minha alma que para logo concebeu o feto preciosissimo do *ideal*. Fui compral-as, e o proprio livreiro que m'as vendeu, tocado sem duvida pela sublimidade da poesia, e pelo levantamento do espirito que se admira no parto de v. s.ª, envergonhou-se ao dizer-me o preço do livro; voltou o rosto, tapou os olhos ao estender a mão tremente ao baixo e villissimo cruzado.

Quanto a mim, sabe Deus o que tambem me custou aquillo!

Ah! não foi dinheiro perdido. Aquelles quatro tostões foram sementes da seara nova do meu espirito, e os beneficos resultados da semeadura milagrosa

Digitized by Google

estou-os já sentindo, porque olho desdenhoso para tudo que me cerca, porque já vendi o Diccionario de Moraes que me obstruia a meza do trabalho, porque estou com vontade de trocar os nomes ás coisas, e já me doe o pescoço de olhar lá para cima onde ha montanhas de luz, e aonde o vocabulario é *ad libitum* de quem falla.

Não, não foi dinheiro deitado á rua esse que o livreiro me aceitou envergonhado pelas odes com que eu heide ir remando para as *praias do futuro*, em cujas agoas christalinas se levantarão calices arrendados de saphira e prata que servirão para barcas de banhos, e como a pag. 55 v. s.ª diz:

«Com seu olhar d'amôr quem se vestiu?»

Creio que na poesia d'essas futuras *Deusas dos mares* as vistas purissimas do amôr hão de substituir as camisolas de baeta e as coecas de algodão.

Este arrojo da poesia innovadora faz-me lembrar uma historia que eu peço licença para contar a v. s.ª Dois beberrões celebres apostaram entre si que beberia de graça meia canada aquelle que a bebesse sobre comida mais insignificante. O primeiro comeu uma azeitona e despejou o copo, o segundo cheirou uma azeitona e enxugou o *sino grande*.

Entre os selvagens uns vestem-se com tres quartas de panno cru, outros com um bracelete, alguns com um simples búsio, o sr. Anthero do Quental sublime como o homem que cheirou a azeitona veste com um olhar a geração futura.

E não digam os homens da prosa que o vestuario

Digitized by Google

será então igual para todos, porque a diversidade das *toilettes* imprimiu-a Deus na elegancia visual das creaturas, fazendo dos olhos outros tantos alfaiates. O olhar da virgem formosissima corresponde á thesoura do Keill, a vista ordinaria da mulher do povo será uma especie de remendão de escada.

E como v. s.ª rasga a membrana que involve o ovario da geração contemporanea, na qual germina o futuro! E o trajo da gente voltará á simplicidade primitiva; e o olhar d'amôr tomará o logar da parra nos Apollos de gesso; e os defluxos abandonarão a raça humana; e as lavadeiras fugirão espavoridas em procura de gente que se vista por diverso theor.

Ha de ser a edade dos nús. A completa independencia do pensamento que v. s.ª prega na sua preciosissima carta, não podia deixar de trazer a independencia da pelle humana. A nudez da alma que bate as azas candidas para as regiões do infinito, não podia deixar de ser accompanhada pela nudez do corpo que demanda os bafejos continuados das brizas; porque os tecidos são enfeites e ninharias luzidias, como os preceitos banaes da arte o são para o pensamento.

As aspirações de v. s.ª hão de ser realisadas. No futuro a *idéa* será livre, esta rainha esplendida, a que v. s.ª presta o devido culto, pisando as regras de uma orthographia mediocre, para a escrever com I grande, será a denominadora do universo.

Os vates abandonados a si mesmos terão a *elevação moral, a virtude da altivez interior, a independencia da alma.* Tudo será independencia e liberdade, os versos parecerão prosa, como v. s.ª faz

Digitized by Google

ver em centenares de exemplos taes como o seguinte da 1.ª pagina das Odes Modernas:

«Vae mas ignora sempre quem o leva

e o da pagina 11:

«Deus, não póde durar mais que alguns annos.

Não haverá medição para os versos, como v. s.ª, sublime adivinhador, já faz ver por exemplo no seguinte endecassylabo a pag. 22:

«Da terra e céo bandidos orgulhos.»

As difficuldades estupidas da rima desapparecerão por uma vez; as palavras rimarão comsigo mesmo, como por exemplo na seguinte colxea a pag. 23 do precioso livro de v. s.ª:

«É porque um céo maior nos mostre e é nosso,
Esse céo e esse espaço! é tudo nosso!

N'essa edade os Deuses serão rebaixados á condição de letreiros como se vê da seguinte quadra a pag. 43.

«A pallida cohorte dos proscriptos
Que tem nos rostos estampada a fome;
Que em quanto o frio os roe e os consome,
Trazem no coração Deuses escriptos.

E a regeneração ha de chegar aos dominios da Astronomia. Os raios que até aqui estalavam a pouca altura da terra andarão com as estrellas ao cólo, co-

Digitized by Google

mo muito bem se póde ver do seguinte verso de v. s.ª a pag. 47:

«Erguendo um filho, como um raio a estrella.»

Que as leis da gravitação universal serão banidas adivinha-se pelos seguintes versos a pag. 52:

«Entre os astros, e os astros como atheus
Já não querem mais lei que o infinito.

Os estufadores tomarão parte no systema planetario, e, o que ainda é mais, os doceis e as bambinellas ficarão por debaixo das camas como se conhece da seguinte quadra a pag. 57:

Oh! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes,
Serão leito de amor — tendo pendentes
Os astros por docel e cortinado!

E os cometas descerão á nossa atmosphera e girarão por ella como balões. Vid. pag. 89:

Os cometas que ao ar andam subidos.

E assim como os olhares constituirão o vestuario, as almas serão chailes-mantas, e os peitos serão transformados em trapesio. Vid pag. 63:

Estendei vossas almas como mantos
Sobre a cabeça d'elles... e do peito
Fazei-lhes o degráu, onde com geito
Possam subir a ver os astros santos...

Digitized by Google

O sr. Anthero do Quental refere-se aos poetas do futuro, e muito bem fez em recommendar-lhe, o *geito* n'esses vôos de Leotard.

E outras mil coisas hão de acontecer, como v. s.ª, que é o promettido das lettras, annuncia brilhantemente á terra e aos astros nas suas admiraveis prophecias.

V. s.ª não póde conter a indignação quando viu a carta do sr. Antonio Feliciano de Castilho publicada conjunctamente com o *Poema da Mocidade* do sr. Pinheiro Chagas, carta em que o traductor de Ovidio alcunhou de nevoeiro e de inattingivel o estylo que fulge lá para as bandas do norte, e que em borbotões de luz ameaça illuminar tudo. V. s.ª indignou-se e veiu lançar por terra esta chancellaria litteraria de Lisboa, aonde só se passam titulos de capacidade aos insignificantes que não progridem nem innovam como v. s.ª

Diz v. s.ª na sua inimitavel carta: Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas idéas. Desmoronam-se as velhas religiões. As instituições do passado abalam-se. O futuro não apparece ainda. E, entre estas duvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, mais tristes, menos ambiciosas de bem, menos dispostas ao sacrificio, e ás abnegações da consciencia. Ha toda uma humanidade em dissolução, de que é precioso extrahir uma humanidade viva, sã, crente e formosa. Para este grande trabalho é que se querem os grandes homens.»

Isto diz v. s.ª, e como tudo está abalado, a humanidade em dissolução é que v. s.ª tão acremente cen-

Digitized by Google

sura o sr. Antonio Feliciano de Castilho, por não acordar ao toque de rebate, por não metter mãos á grande obra do futuro alistando-se sob o commando dos que assentaram as suas trincheiras contra o senso commum, e deixar-se ficar na paz esteril com as suas traducções de Ovidio, com a sua *Primavera*, com os seus *Tratados* de Metrificação.

Emquanto o sr. Castilho assim se conserva inabalavel no meio das ondas revolucionarias, v. s.ª sr. Anthero, famoso Quixote da Poesia, combate pela *Idéa*, e derruba os moinhos de vento que se oppõem á sua passagem.

E ha de vencer, quem tem os arrojos de v. s.ª póde muito bem chamar seu ao mundo.

Refundem-se as crenças antigas e os antigos costumes, por isso v. s.ª começou o seu poema com a particula adversativa *mas*

Mas o homem, se é certo que o conduz.

É este o primeiro verso do seu thesouro de inexgotaveis riquezas. E v. s.ª não pára; a extracção da humanidade viva e formosa precisa de v. s.ª, e por isso o seu novo poema ha de naturalmente começar por *ponto e virgula*.

Ah! abençoados quatro tostões que o livreiro me recebeu envergonhado em troca das deliciosas prophecias de v. s.ª! Já sinto o espirito aberto para o *bello ideal*, e a intelligencia fechada para as secções em que se divide a grammatica mundana.

E eu estou desconfiado de que lá em cima por onde v. s.ª anda, isto de se fallar ácerca do impal-

Digitized by Google

pavel consiste em uma especie de sorteio, como eu já tinha ensaiado antes de haver lido as *Odes Modernas*.

Tinha eu imaginado a Deus dizendo ao Universo a grande missa da creação. Precisava de um pensamento condigno do assumpto e não o achava. Deitei n'um chapéo tres palavras em tres papelinhos para ver o que sahia. As palavras eram: *estola, veste, infinito,* e como estas palavras precisavam de colxetes que as ligassem, deitei mais no chapéo em quatro papelinhos differentes o tempero seguinte: *a—do—que—o.*

Chocalhei tudo, tirei ao accaso papelinho por papelinho e sahiu-me:

O que veste a estola do infinito

Bravo! exclamei; e qual foi a minha admiração quando a pag. 39 das Prophecias de v. s.ª encontro exactamente o mesmo verso.

Teria v. s.ª para o fazer usado da mesma giria que eu usei? Creio que sim, creio que a grande musa do accaso, é que é a inspiradora dos vates idealistas que fulguram lá para o norte.

O que veste a estola do infinito

Os reptis do charco immundo da vida dizem naturalmente que é asneira, mas eu estou com v. s.ª, digo que é sublime.

Vão lá tapar a bocca aos maldizentes de Lisboa, os quaes andam por ahi a gritar que deu o mal das

Digitized by Google

vinhas na litteratura coimbrã, que é preciso serem enxofrados os vates idealistas e innovadores das margens do Mondego, e que ás authoridades de Lisboa cumpre estabelecer o cordão sanitario que nos preserve da invasão da epidemia!

Caminhe v. s.ª, progrida com as suas innovações desentranhando as sociedades do futuro e deixe bradar no deserto estes imbecis. Perdoe-lhes, ill.mo sr. que elles não sabem o que fazem. Ignoram que o que é grande lá em cima por onde v. s.ª anda, é pequeno cá embaixo por onde elles rastejam.

A linguagem transcendental que abre os horisontes immensos do futuro é extranha cá nos arruamentos de Lisboa, e por isso, quando o povo ignaro a escuta na bocca de um ou outro, exclama: *coitadinho*, *tem aduela de menos*.

Por tudo isto e por muito mais se confessa

De v. s.ª

admirador permanente

**M. Roussado.**

Digitized by Google

Aos Vates transcendentes
da Escola Coimbrã.

Soneto. (1)

Cabello em desalinho, hirsuto e farto,
A face macilenta, o olhar incerto,
Distingue uns vates d'estrangeiro enxerto
Que ao mundo impingem transcendente parto.

Gemem nas lyras os bordões d'esparto,
Do mystico aranzel rompe o concerto:
Um diz que o sol é ostia, um mais esperto
Diz que o Ceo é quintal e o Deus lagarto.

Outro de ventas no ar, immovel, hirto,
Clama que o Padre Eterno é semimorto,
Aquelle aos astros chama ethereo myrtho.

Deixemos com seu cantar o vulgo absorto
Que esse grupo fatal, com mágoa advirto,
Das hortas do Ideal regressa torto.

M. B.

(1) Copiado das — Noites de Lisboa — a pag 33 e 34.

Digitized by Google

Digitized by Google

1540 3-4

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

## RESPOSTA

Á CARTA QUE

O SR. ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO EX.^mo SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

MANOEL ROUSSADO

SEGUNDA EDIÇÃO AUGMENTADA

**E seguida de uma carta sobre o mesmo assumpto**

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50 — RUA AUGUSTA — 52

1866

Digitized by Google

Digitized by Google

4.

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

## RESPOSTA

Á CARTA QUE

O SR. ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO EX.^mo SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

MANOEL ROUSSADO

SEGUNDA EDIÇÃO AUGMENTADA

E seguida de uma carta sobre o mesmo assumpto



LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50 — RUA AUGUSTA — 52

1866

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

LISBOA TYP. DE SOUSA NEVES, TRAVESSA DE SANTA CATHARINA, 38
(Ao Correio Geral)

Digitized by Google

Achando-se de tempo exhausta a edição da carta, que sob o titulo *Bom-senso e bom-gosto, resposta ao sr. Anthero do Quental*, escrevera o sr. M. Roussado, determinámos reimprimil-a, para satisfazer ao desejo e exigencias de muitos, que pretendem inteirar em collecção as peças todas deste notavel processo litterario. Ao realisar o proposito occorreu-nos que prestariamos á curiosidade do publico um agradavel serviço addicionando a esta nova edição uma interessante missiva, que de paiz extranho receberamos ha mezes sobre o assumpto sujeito, e que no voto de pessoas intelligentes a quem a mostramos foi tida por dignissima de vulgarisação, com quanto seu auctor não a destinasse de certo a ver a luz da imprensa. Como pois nem temos auctorisação sua, nem contamos obtel-a, quando a solicitassemos, porque da sua provada modestia só tinhamos a esperar uma recusa formal, ahi a dâmos anonyma, e não sem bastante pezar da nossa parte. Os que a lerem melhor poderão julgar se é ou não exacto o conceito que de quem a escreveu expressava não ha muito tempo em obra impressa um dos nossos escriptores de maior vulto, qualificando-o de «mancebo tão «erudito como talentoso, que deve exclusivamente á mais «firme e honrosa vontade, e aos seus unicos recursos o largo «adiantamento litterario a que vai subindo, e que promette «ás letras patrias um primoroso cultor.»

E d'aqui lhe pedimos desculpa, se n'isto o offendemos.

O EDITOR.

Lisboa 11 de junho de 1866.

Digitized by Google

Digitized by Google

ILL.[mo] SR.

Acabo de ler as obras de v. s.ª, e, pasmado ainda com os raios luminosos que me deram de chapa nos olhos do espirito, pego na penna para expandir os efluvios da minha admiração, como quem abre uma valvula de segurança, para evitar quaesquer detonações d'esta preciosa machina, que em linguagem rasteira se chama homem, e a que v. s.ª nas suas admiraveis *Odes* chama—proscripto rei, mendigo escuro.

Eu aceito esta denominação, apesar de não ser trigueiro, e de ter os meus seis vintens.

Não sei se v. s.ª se escandalisa por não lhe dar *excellencia,* mas eu que me sinto banzado ao elevar a minha palavra até uma das mais brilhantes estrellas da constellação coimbrã, ignoro tambem por falta de uso que tratamento pertence pela Constituição do Idealismo aos que voam lá por cima, atravessando os espaços infinitos aonde não chegam as exhalações mephiticas do lodaçal mundano, nem o tratado de civilidade, nem as futilidades da grammatica terrena, nem as pequices da metrificação sublunar.

Desculpe-me pois v. s.ª se o não trato como devo, acreditando nas espansões sinceras do meu *eu,* que se confessa humilde creado do *eu* de v. s.ª

Digitized by Google

Ainda não tinha lido as *Odes modernas*, quando me chegou ás mãos a carta que v. s.ª escreveu ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, a esse caturra intoleravel que teima na guerra desleal contra os innovadores que vem do norte, annunciando a nova aurora da independencia litteraria, em que serão quebrados os ferros que algemam a *Idéa*, e os seus apostolos rasgarão os horisontes luminosos sem o auxilio inutil da instrucção secundaria.

Não tinha lido as *Odes* que v. s.ª atirou aos ventos da publicidade, e fui logo compral-as, porque a alludida carta tinha chocado a minha alma, que para logo concebeu o feto preciosissimo do *Ideal*. Fui compral-as, e o proprio livreiro que m'as vendeu, tocado sem duvida pela sublimidade da poesia, e pelo levantamento do espirito que se admira no parto de v. s.ª, envergonhou-se ao dizer-me o preço do livro; voltou o rosto, tapou os olhos ao estender a mão tremente ao baixo e vilissimo cruzado.

Quanto a mim, sabe Deus o que tambem me custou aquillo!

Ah! não foi dinheiro perdido. Aquelles quatro tostões foram sementes de seara nova do meu espirito, e os beneficos resultados da semeadura milagrosa estou-os já sentindo, porque olho desdenhoso para tudo que me cerca, porque já vendi o Diccionario de Moraes que me obstruia a meza do trabalho, porque estou com vontade de trocar os nomes ás coisas, e já me doe o pescoço de olhar lá para cima onde ha montanhas de luz, e aonde o vocabulario é *ad libitum* de quem falla.

Não, não foi dinheiro deitado á rua esse que o livreiro me aceitou envergonhado pelas odes com que eu hei de ir remando para as *praias do futuro*, em cujas agoas cristalinas se levantarão calices arrendados de saphira e prata, que servirão para barcas de banhos, e como a pag. 55 v. s.ª diz:

«Com seu olhar d'amôr quem se vestiu?»

Creio que na poesia d'essas futuras *Deusas dos mares* as vistas purissimas do amôr hão de substituir as camisolas de baeta e as coecas de algodão.

Este arrojo da poesia innovadora faz-me lembrar uma

Digitized by Google

historia que eu peço licença para contar a v. s.ª Dois beberrões celebres apostaram entre si que beberia de graça meia canada aquelle que a bebesse sobre comida mais insignificante. O primeiro comeu uma azeitona e despejou o copo, o segundo cheirou uma azeitona e enxugou o *sino grande*.

Entre os selvagens, uns vestem-se com tres quartas de panno crú, outros com um bracelete, alguns com um simples búsio, o sr. Anthero do Quental, sublime como o homem que cheirou a azeitona, veste com um olhar a geração futura.

E não digam os homens da prosa que o vestuario será então igual para todos, porque a diversidade das *toilettes* imprimiu-a Deus na elegancia visual das creaturas, fazendo dos olhos outros tantos alfaiates. O olhar da virgem formosissima corresponde á thesoura do Keill, a vista ordinaria da mulher do povo será uma especie de remendão de escada.

E como v. s.ª rasga a membrana que involve o ovario da geração contemporanea, na qual germina o futuro! E o trajo da gente voltará á simplicidade primitiva; e o olhar d'amor tomará o logar da parra nos Apollos de gesso; e os defluxos abandonarão a raça humana; e as lavadeiras fugirão espavoridas em procura de gente que se vista por diverso teor.

Ha de ser a edade dos nús. A completa independencia do pensamento, que v. s.ª prega na sua preciosissima carta, não podia deixar de trazer a independencia da pelle humana. A nudez da alma, que bate as azas candidas para as regiões do infinito, não podia deixar de ser acompanhada pela nudez do corpo, que demanda os bafejos continuados das brizas; porque os tecidos são enfeites e ninharias luzidias, como os preceitos banaes da arte o são para o pensamento.

As aspirações de v. s.ª hão de ser realisadas. No futuro a *Idéa* será livre: esta rainha esplendida, a que v. s.ª presta o devido culto, pisando as regras de uma orthographia mediocre, para a escrever com I grande, será a dominadora do universo.

Os vates abandonados a si mesmos terão a *elevação moral, a virtude da altivez interior, a independencia da alma.* Tudo será independencia e liberdade, os versos parecerão

Digitized by Google

prosa, como v. s.ª faz ver em centenares de exemplos taes como o seguinte da 1.ª pagina das Odes Modernas:

«Vai, mas ignora sempre quem o leva

e o da pagina 11:

«Deus, não póde durar mais que alguns annos.

Não haverá medição para os versos, como v. s.ª, sublime adivinhador, já faz ver por exemplo no seguinte hendecassylabo:

«E como o que n'uma mina vai de bruços;

Ou n'est'outros, não menos significativos:

«Do pôr do sol astronomos do passado....
«A aurora é o sursum corda do universo....
«Este, e aquelle deixal-o em meio da rua,....

As difficuldades estupidas da rima desaparecerão por uma vez; as palavras rimarão comsigo mesmas, cómo por exemplo na seguinte coixea a pag. 23 do precioso livro de v. s.ª:

«É porque um céo maior nos mostre, e é nosso,
Esse céo e esse espaço! é tudo nosso!

N'essa edade os Deuses serão rebaixados á condição de letreiros, como se vê da seguinte quadra a pag. 43.

«A pallida cohorte dos proscriptos
Que tem nos rostos estampada a fome;
Que em quanto o frio os roe e os consome,
Trazem no coração Deuses escriptos.

E a regeneração ha de chegar aos dominios da Astronomia. Os raios andarão com as estrellas ao cóllo, como muito bem se póde ver do seguinte verso de v. s.ª a pag. 47:

«Erguendo um filho, como um raio a estrella.»

Digitized by Google

Que as leis da gravitação universal serão banidas, adivinha-se pelos seguintes versos a pag. 52:

«Entre os astros, e os astros como atheus
Já não querem mais lei que o infinito.

Os estofadores tomarão parte no systema planetario, e, o que ainda é mais, os doceis e as bambinellas ficarão por debaixo das camas, como se conhece da seguinte quadra a pag. 57:

«Oh! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes,
Serão leito de amor—tendo pendentes
Os astros por docel e cortinado!

E os cometas descerão á nossa atmosphera e girarão por ella como balões. Vid. pag. 89:

«Os cometas que ao ar andam subidos.

E assim como os olhares constituirão o vestuario, as almas serão chailes-mantas, e os peitos serão transformados em trapesio. Vid. pag. 63:

«Estendei vossas almas como mantos
Sobre a cabeça d'elles... e do peito
Fazei-lhes o degrau, onde com geito
Possam subir a ver os astros santos...

O sr. Anthero do Quental refere-se aos poetas do futuro, e muito bem fez em recommendar-lhes o *geito* n'esses vôos de Leotard.

E outras mil coisas hão de acontecer, como v. s.ª, que é o promettido das lettras, annuncia brilhantemente á terra e aos astros nas suas admiraveis prophecias.

V. s.ª não pôde conter a indignação quando viu a carta do sr. Antonio Feliciano de Castilho publicada conjunctamente com o *Poema da Mocidade* do sr. Pinheiro Chagas, carta em que o traductor de Ovidio alcunhou de nevoeiro e de inattingivel o estylo que fulge lá para as bandas do



Digitized by Google

norte, e que em borbotões de luz ameaça illuminar tudo. V. s.ª indignou-se e veiu lançar por terra esta chancellaria litteraria de Lisboa, aonde só se passam titulos de capacidade aos insignificantes que não progridem, nem innovam como v. s.ª

Diz v. s.ª na sua inimitavel carta: «Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas idéas. Desmoronam-se as velhas religiões. As instituições do passado abalam-se. O futuro não apparece ainda. E, entre estas duvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, mais tristes, menos ambiciosas de bem, menos dispostas ao sacrificio, e ás abnegações da consciencia. Ha toda uma humanidade em dissolução, de que é preciso extrahir uma humanidade viva, sã, crente e formosa. Para este grande trabalho é que se querem os grandes homens.»

Isto diz v. s.ª, e como tudo está abalado, e a humanidade em dissolução, é que v. s.ª tão acremente censura o sr. Antonio Feliciano de Castilho, por não acordar ao toque de rebate, por não metter mãos á grande obra do futuro alistando-se sob o commando dos que assentaram as suas trincheiras contra o senso commum, e deixar-se ficar na paz esteril com as suas traducções de Ovidio, com a sua *Primavera*, com os seus *Tratados* de Metrificação.

Emquanto o sr. Castilho assim se conserva inabalavel no meio das ondas revolucionarias, v. s.ª sr. Anthero, famoso Quixote da Poesia, combate pela *Idéa*, e derruba os moinhos de vento, que se oppõem á sua passagem.

E ha de vencer: quem tem os arrojos de v. s.ª póde muito bem chamar seu ao mundo.

Refundem-se as crenças antigas e os antigos costumes, por isso v. s.ª começou o seu poema com a particula adversativa *mas*

«Mas o homem, se é certo que o conduz.

É este o primeiro verso do seu thesouro de inexgotaveis riquezas. E v. s.ª não pára; a extracção da humanidade viva e formosa precisa de v. s.ª, e por isso o seu novo poema ha de naturalmente começar por *ponto e virgula*.

Ah! abençoados quatro tostões que o livreiro me rece-

Digitized by Google

beu envergonhado em troca das deliciosas prophecias de v. s.ª! Com a leitura das obras do sr. Quental a humanidade ha de brevemente sentir o espirito aberto para o *bello ideal*, e a intelligencia fechada para as secções em que se divide a grammatica mundana.

E eu estou desconfiado de que lá em cima por onde v. s.ª anda, isto de se fallar ácerca do impalpavel consiste em uma especie de sorteio, como eu já tinha ensaiado antes de haver lido as *Odes Modernas*.

Tinha eu imaginado a Deus dizendo ao Universo a grande missa da creação. Precisava de um pensamento condigno do assumpto e não o achava. Deitei n'um chapéo tres palavras em tres papelinhos para ver o que sahia. As palavras eram: *estola, veste, infinito*, e como estas palavras precisavam de colxetes que as ligassem, deitei mais no chapéo em quatro papelinhos differentes o tempero seguinte: *a—do—que—o.*

Chocalhei tudo, tirei ao acaso papelinho por papelinho e sahiu-me:

«O que veste a estola do infinito:

Bravo! exclamei; e qual foi a minha admiração quando a pag. 39 das prophecias de v. s.ª encontro exactamente o mesmo verso!

Teria v. s.ª para o fazer usado da mesma giria que eu usei? Creio que sim, creio que a grande musa do acaso, é que é a inspiradora dos vates idealistas que fulguram em Coimbra.

«O que veste a estola do infinito (!)

Os reptis do charco immundo da vida dizem naturalmente que é asneira, mas eu estou com v. s.ª, digo que é sublime.

Vão lá tapar a bocca aos maldizentes de Lisboa, os quaes andam por ahi a gritar que deu o mal das vinhas na litteratura coimbrã, que é preciso serem enxofrados os vates idealistas e innovadores das margens do Mondego, e que ás authoridades de Lisboa cumpre estabelecer o cordão sanitario que nos preserve da invasão da epidemia!

Caminhe v. s.ª, progrida com as suas innovações desentranhando as sociedades do futuro; e deixe bradar no deser-

Digitized by Google

to estes imbecis. Perdoe-lhes, ill.mo sr., que elles não sabem o que fazem. Ignoram que o que é grande lá em cima por onde v. s.a anda, é pequeno cá em baixo por onde rastejam.

A linguagem transcendental que abre os horisontes immensos do futuro é extranha cá nos arruamentos de Lisboa, e por isso, quando o povo ignaro a escuta na bocca de um ou outro, exclama: *coitadinho, tem aduela de menos.*

Eu porém, que os admiro, peço licença para erguer-lhes aqui um monumentosinho no seguinte

SONETO

Cabello em desalinho, hirsurto e farto,
A face macilenta, o olhar incerto,
Distingue uns vates d'estrangeiro enxerto,
Que ao mundo impingem transcendente parto.

Tremem nas lyras os bordões de esparto
Do mystico aranzel rompe o concerto;
Um diz que o sol é hostia, um mais esperto
Diz que o céo é quintal e o Deus lagarto.

Outro de ventas no ar, immovel, hirto,
Clama que o Padre Eterno é semimorto,
Aquelle aos astros chama ethereo myrtho.

Deixam com seu cantar o vulgo absorto,
Que esse grupo fatal, com magoa advirto,
Das hortas do *Ideal* regressa torto.

Por tudo e por muito mais se confessa

De v. s.a

admirador permanente

MANOEL ROUSSADO.

Digitized by Google

# CARTA AO EDITOR

.... SR. A. M. PEREIRA

Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1866.

Agradeço a v.  ter-se lembrado de mim com a remessa do folheto *Bom-senso e bom-gosto*, accudindo d'este modo á natural impaciencia em que previu que eu ficaria por tomar conhecimento da questão.

Egual favor desejarei merecer-lhe sempre que alguma novidade como esta, e a do casamento civil, venha pôr em alvorôço a *republica das lettras*, republica em todo o rigor do sentido popular que damos á palavra. Eu sou, já de annos, por gosto e systema, colleccionador d'estas *curiosidades litterarias*. Bem o sabe v.  , que tanto me tem ajudado na minha inoffensiva paixão, pois é aos seus pacientes esforços que principalmente devo o ver a esta hora tão medrados alguns corpos de processos celebres, taes como *Verdadeiro Methodo de Estudar, Camões e José Agostinho, Eu e o Clero, Ordens religiosas, Irmãs da charidade, União Iberica, Pena de morte, Biblias protestantes, etc.* Por isso mesmo recommendo instantemente a v.  que não deixe de enviar-me o que fôr apparecendo, não só com referencia a qualquer dos assumptos notados, mas ainda á *Vida de Jesus* de Renan, ao padroado do Oriente, ao folheto do *Bom-senso*, e bem assim tudo o que houver agora publicado sobre a questão do casamento civil.

Digitized by Google

Dizem-me que o folhetim do sr. Pinheiro Chagas em resposta aos innovadores de Coimbra, saiu avulso, e eu desejaria obter a todo o preço um exemplar.

Quanto a mim é a cousa mais substancial que até aqui se tem escripto, posto haja paginas excellentes, pelo vigor e pela eloquencia, no folheto do sr. Julio de Castilho, e rasgos de humor caustico deliciosos no do sr. Roussado. O folhetim do sr. Teixeira de Vasconcellos accende uma vela a Deus e outra ao diabo. Aos seus olhos o auctor das *Odes modernas* mede a mesma estatura do sr. A. F. de Castilho, e entre um e outro nome o folhetim não ousa decidir-se! As *Theocracias Litterarias*, essas parecem-me a composição mais pifia, mais peca, e mais sêcca que a polemica tem brotado de si.

O sr. conselheiro Castilho terminou a publicação das dez cartas sobre a *eschola coimbran*. São o commentario lacerante de muitos dos infinitos disparates em que enxameiam as producções do sr. Quental. Depois d'esta formidavel fustigação seguia-se a vez do sr. Theophilo Braga. Pudémos porém persuadir o sr. Castilho a gastar *oleum et operam* mais proveitosamente.

Eu sou um admirador sincero dos talentos poeticos do auctor da *Visão dos Tempos*. Intendo, porém, como toda a gente, que os seus escriptos em verso não teem a *intenção*, o alcance philosophico, que o poeta lhes quer attribuir, e creio que sem os apparatos de que elle os precede, sem as estheticas, as tricotomias, as asceses, as geneses, as synderesés, as relatividades e as absolutividades, os symbolismos telluricos e as expressões morphicas, o publico lh'os acceitaria e applaudiria de muito melhor grado.

Qual é o homem de mediana erudição em Portugal, que, pondo deante dos olhos, não digo já as *Antiguidades do direito allemão*, mas simplesmente a obra com que Michelet tornou conhecido o livro de Grimm, não seria capaz de escrever ácerca das origens a que se conveio em chamar poeticas do direito portuguez uma obra mais farta, mais instructiva, e sobretudo muito mais amena que a do sr. Theophilo Braga?

Apezar do mau estylo em que são escriptos, ha merecimento—quem o nega?—nos seus artigos de litteratura por-

Digitized by Google

tugueza. Mas, já o sr. Pinheiro Chagas o disse, esses artigos não dão um passo para além dos prologos de Garrett. Veja-se por exemplo o que versa sobre a lenda do Fausto. A idéa mãe deparou-lh'a um dito das *Viagens na minha terra:* a obra *franceza* de Maury sobre as *Lendas da edade-média;* o drama de Marlowe na versão *franceza* do filho de V. Hugo, e a versão *franceza* da *Mystica* de Gœrres fizeram o resto. Quem tiver visto na sua nova edição a *Histoire de la littérature du colportage* de Carlos Nisard, pasma necessariamente da penuria do artiguito ácerca da *litteratura de cordel*. Entretanto, com que facilidade e felicidade, com que graça, com que sabor não foi o assumpto indicado por Garrett á frente do jornal *A Illustração!* A que se reduzem pois as invenções do sr. Theophilo Braga? Quaes são os systemas, os *pontos de vista* novos, os factos que elle não achasse já apurados ás margens do Sena pelos seus auctores preferidos? Um: a influencia do cyclo greco-romano na poesia portugueza, que o illustre critico foi estudar a Cascaes, d'onde nol-a trouxe comprovada (a tal influencia e tambem a tradição da vinda de Ulysses) com um documento incontrastavel, um documento historico gravissimo e vetustissimo—as decimas que principiam:

«Ulysses, heroe matreiro,
Andava apanhando ninhos,
E vendia os passarinhos
Por avultado dinheiro....!!!

Voltando porém, ao folheto do *Bom-senso*. Que reprehende o sr. A. F. de Castilho á eschola de Coimbra? A escuridade dos conceitos e da linguagem. A este, o verdadeiro, o unico ponto da questão, com que responde o sr. Quental? Com um rol de nomes de auctores forasteiros — Quinet, Littré, Proudhon, Taine, etc.

Mas Taine, Littré, Quinet e Renan são clarissimos. Mas á summa elegancia, á perspicuidade suprema do seu estylo deveu Proudhon a diffusão das suas *idéas revolucionarias*, das suas doctrinas, dos seus paradoxos destruidores. Os mesmos dotes nas obras que firmaram a reputação de Michelet, o qual apenas em algum livro moderno *(Sorcière, Bible de l'humanité)* me parece deslizar d'essa grande virtude

Digitized by Google

da clareza, a que elle proprio chama a *probidade das linguas*, e que com muito mais razão deve ser a probidade do escriptor.

Se no idioma proprio Stuart Mill se nos affigura menos limpido que nas paginas de Dupont-White, a culpa não a imputemos a elle, mas ao nosso escasso inglez. Dos auctores allemães não fallo. Os innovadores de Coimbra leem-nos em francez como eu leio alguns, sem que por isso me declare alistado na legião dos *pequenos deuses bastantemente satisfactorios, que substituiram Jehovah, o defuncto Senhor dos Exercitos*. E tanto é verdade que só em francez os leem, que o sr. Quental até os cita em francez, como se póde ver nas *Odes modernas*, a pag. 6.

Ora, dos escriptores tenebrosos com que a eschola de Coimbra se defende, qual é o que, fóra da circumscripção geographica do seu paiz, em França por exemplo, conseguiu fazer-se recebido, sem se subordinar ás exigencias do espirito d'aquella nação, sem se transformar, sem se accommodar ao «gosto francez?»

Ferrari enriquecera de notas explicativas a sua edição da *Sciencia Nova;* os principios d'este livro tinham sido expostos por Ballanche; e todavia o nome de Vico permaneceu ignorado até ao momento em que Michelet tomou a si explicar e vulgarisar as suas idéas. O estylo das obras allemãs de H. Heine é por ventura o das versões feitas a seus olhos, ou o das obras escriptas annos mais tarde em Paris?

Quanto á *Symbolica* de Guigniaut, sabe-se que é antes um labor de interpretação original do que a versão da obra de Creuzer. Vera, o traductor da *Philosophia da natureza*, viu que não bastava dar em francez as obras de Hegel. Eil-o logo a repetir explanação sobre explanação, volume sobre volume—*Introducção á Logica, Commentario perpetuo, Introducção á Philosophia, O hegelianismo e a philosophia*—que servissem de glossa e fossem um passaporte dos escriptos do reformador de Stuttgard... Pois nem assim creio que conseguisse melhorar em nossos dias a posição do seu auctor, o qual bem se conhecia, e como tal, diz um critico francez, *se plaignait, de son vivant, de n'avoir été compris que par un seul disciple, qui même l'avait* MÉCOMPRIS.—Mas, quer v. um exemplo mais vivo da difficuldade com que se fazem accei-

Digitized by Google

tas ao resto da Europa as especulações, as caligens da philosophia germanica? A versão da *Vida de Jesus* de Strauss, publicada em 1839, só dezesepte annos depois teve segunda edição. E comtudo o traductor chamava-se Emilio Littré.—Apparece em 1863 a obra de Rénan, obra condemnada pelo proprio Proudhon (*Du principe de l'art*, 1.º volume das obras posthumas) e pelos racionalistas da Allemanha, obra cem vezes inferior, em valor scientifico, á de Strauss, e em cinco mezes exhaurem-se nove edições! O estylo fizera a reputação d'esse livro inconsistente e contradictorio, prenhe de phrases dubitativas, de allegações falsas e de risiveis conjecturas.—Mas não é tudo. Na mesma lingua, de francez para francez, se tem visto serem ás vezes necessarios estes trabalhos de traducção—o trabalho de Dumas filho vertendo na admiravel lingua dramatica do *Supplicio de uma mulher* a concepção absurda de E. de Girardin.—Assim é que as diffusas e obscuras theorias do fundador do positivismo, Augusto Comte, careceram de ser depuradas, resumidas e aclaradas pela elegante penna de Littré, sem o que parece que ainda hoje o não intenderiam no seu paiz.

Mas agora reparo, que tenho levado a tagarelar sem tom nem som por todo este papel. Cinjo-me já á resposta das cartas de v.    , e peço desculpa da minha enfadonha verbiagem.

Confrontando a sua correspondencia com a conta corrente que me acaba de enviar, vejo *(Omitte-se o resto da carta, por versar exclusivamente sobre negocios de interesse particular e commercial).*

Sempre

De v.

Amigo e obrigadissimo creado

M.......

Digitized by Google

Digitized by Google

# CATALOGO CHRONOLOGICO

## DOS OPUSCULOS PUBLICADOS ATÉ HOJE

SOBRE A

# QUESTÃO LITTERARIA

1—**A. F. de Castilho**—Carta ao editor A. M. Pereira sobre o *Poema da Mocidade*, impressa no fim do poema, 1 vol. brox. .............. 600

2—**Anthero do Quental**—Bom senso e bom gosto, carta ao ex.mo sr. A. F. de Castilho, 3.ª edição, br. .......................... 100

3—**M. Pinheiro Chagas**—Bom senso e bom gosto, folhetim a proposito da carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao sr. A. F. de Castilho 100

4—**Manuel Roussado**—Bom senso e bom gosto, resposta á carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao ex.mo sr. A. F. de Castilho, 2.ª edição augmentada, e seguida de uma carta sobre o mesmo assumpto, br. ........................................ 100

5—**Elmano da Cunha**—Carta em resposta a outra bom senso e bom gosto dirigida por Anthero do Quental ao ex.mo sr. A. F. de Castilho o incomparavel traductor dos Fastos de Ovidio, obra em que se faz o confronto de Romulo e Jesus-Christo, offerecida ao incomparavel duque de Saldanha, br. ................................ 100

6—**Julio de Castilho**—O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero do Quental, 2.ª edição, br. ......................... 160

7—**Theophilo Braga**—As theocracias litterarias, br. ............ 100

8—**Anthero do Quental**—A dignidade das lettras e as litteraturas officiaes, br. ........................................ 160

9—**Rui de Porto Carrero**—Lisboa, Coimbra e Porto e a questão litteraria.—A carta do sr. Anthero do Quental ante os srs. Pinheiro Chagas, M. Roussado e Julio de Castilho, 2.ª edição, br. ........ 160

10—**A. Ferreira de Freitas**—Os litteratos em Lisboa—poemeto illustrado por Jeronymo da Silva Motta, bacharel nas faculdades de theologia e direito, br. ........................................ 240

11—**Amaro Mendes Gaveta**—O mau senso e o mau gosto—Carta mui respeitosa ao ex.mo sr. A. F. de Castilho em que se falla de todos e de muitas pessoas mais, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro, br. ................................ 100

12—**S. de A.**—Bom gosto e bom ~~senso~~—Carta de boas festas a Manuel Roussado, br. ........................................ 100

13—**J. D. Ramalho Ortigão**—Litteratura de hoje, br. ............ 200

Digitized by Google

14—**Camillo Castello Branco**—Vaidades irritadas e irritantes—opusculo ácerca de uns que se dizem offendidos em sua liberdade de consciencia litteraria, br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 200
15—**Augusto Malheiro Dias**—Castilho e Quental—reflexões sobre a actual questão litteraria, br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
16—**Urbano Loureiro**—Questão de palheiro; Coimbrões e lisboetas, br. 100
17—**Ermita do Chiado**—Garrett, Castilho, Herculano e a escola coimbrã, ou dissertação ácerca da genealogia da moderna escola, contendo um esboço rapido e pittoresco da litteratura contemporanea, br. 100
18—**G. F.**—A litteratura ramalhuda a proposito dos srs. Castilho e Ramalho Ortigão, br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
19—**A. F. de Castilho e J. A. de Freitas e Oliveira**—A questão litteraria—a proposito do jazigo de José Estevão, br. . . . . . . . . . . 60
20—**José Francisco**—Os coimbrões; questão em que tambem entra pelos cem réis, José Francisco, caiador da rainha do Congo; com uma dedicatoria por Diogo Bernardes, br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
21—**José Feliciano de Castilho**—A escola coimbrã.—Cartas ao redactor do Correio Mercantil, do Rio de Janeiro, 1.ª serie, br. . . . . . . 100
22—**Dito**—idem, idem, 2.ª serie. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
23—**Eduardo A. Vidal**—Guelfos e gibelinos. Tentativa critica sobre a actual polemica litteraria, br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
24—**P. W. de Brito Aranha**—Bom senso e bom gosto. Humilde parecer com uma carta do ex.mo sr. A. F. de Castilho, br. . . . . . . . . 100
25—**Eduardo Salgado**—Litteratura de ámanhã, duas palavras ao sr. Anthero do Quental, br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
26—**Carlos Borges**—Penna e espada, duas palavras ácerca da *Litteratura de hoje*, de Ramalho Ortigão br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
27—**Anonymo**—Anthero do Quental, e Ramalho Ortigão, br . . . . . . . . 100
28—**Anonymo**—O tyrannete Quental e Ortigão. *Verso*, br. . . . . . . . . . 100
29—**Sachristão**— Analyse critica, rapida, despretenciosa, feita ao folheto intitulado *Garrett, Castilho, Herculano e a escola coimbrã pelo Ermita do Chiado*, br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
30—**A. A. Teixeira de Vasconcellos—A. F. de Castilho—A. Osorio de Vasconcellos**—Sobre a questão coimbrã, br. . . . . . 100
31—**Sombra de Cicero**—Verdadeira luz derramada na questão litteraria, e supremo remate a ella, br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
32—**Antonio Peixoto do Amaral**—Litteratura de hontem, ou breves reflexões sobre a questão litteraria, br. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
33—**A. M. da Cunha Belem**—Horacios e Curiacios, ou mais um ponto e virgula na actual questão litteraria, br . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 100
34—**Lisboeta convertido**—A aguia no ovo e nos astros, sive a escola coimbrã na sua aurora e em seu zenith, 2 folhetos (1.ª e 2.ª parte), br. 200

Digitized by Google

# CARTA

DE

ELMANO DA CUNHA

EM RESPOSTA A OUTRA

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

DIRIGIDA POR

ANTHERO DO QUENTAL

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1865

Digitized by Google

Digitized by Google

# CARTA

DE

## ELMANO DA CUNHA

EM RESPOSTA A OUTRA

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

DIRIGIDA POR

ANTHERO DO QUENTAL

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

## ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

O INCOMPARAVEL TRADUCTOR DOS FASTOS DE OVIDIO
OBRA EM QUE SE FAZ O CONFRONTO DE ROMULO E JESUS-CHRISTO
OFFERECIDA AO INCOMPARAVEL
DUQUE DE SALDANHA



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1865

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

N

Digitized by Google

**Em Coimbra: ás 5 horas da madrugada do dia 20 de novembro de 1865; ao concluir um innocente e util trabalho em que se pretende demonstrar, que ao cantar da *segunda* cigarra de Anacreonte, sob a copa da frondosa olaia do Saturno portuguez, se está forjando o dogma da infallibilidade litteraria do sobredito senhor; proclamando o dom da inerrancia do mesmo; resuscitando um odio velho contra a universidade de Coimbra; condemnando o producto espontaneo do trabalho intellectual, livre e independente; fazendo sordida mercancia do futuro — *a quem mais der* —; permutando a lisonja vilan pelos 30 dinheiros pharisaicos; transigindo ignominiosamente com as paixões egoistas da actualidade a troco das ovações da burguezia, senhora das situações prosperas e beneficentes.**

Amigo — Em que cyclo social andaram os talentos d'esta, ou de outra qualquer terra, pela arreata das auctoridades?!...

Em que geração andaram aguadeiros litterarios, com os canecos do genio ás costas, dessedentando os sequiosos de verdade e inspiração, aspergindo a agua lustral no seio das multidões, fornecendo as fontes do espirito publico, pregoando a *superior qualidade* do producto litterario ou scientifico nacional, porque traz a marca d'alfandega — A. F. C.?!...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Digitized by Google

Pobres dos pilotos da humanidade se, tendo, através da esteira dos tempos, que vão cahindo nos abysmos do passado, conduzido as civilisações com a unica bussola do seu livre alvedrio, têm no seculo XIX de fazer a figura de amphoras humanas nas mãos do primeiro aguadeiro ambicioso!?...

A mim, que fui embalado com os primeiros vagidos da eschola liberal, a unica que tem as regalias, os privilegios, os fóros da independencia, a unica, que tem um axioma por principio, tinham-me dito, que a liberdade de toda a industria humana é a primeira condição do seu desinvolvimento e progressos; que o principio da responsabilidade individual é o primeiro motor do bello, do grande, do util, do ideal; que o prysma social tem apenas algumas faces, que reflectem já a septiforme côr da aurora boreal do futuro, e infinitas que, os que nos precederam, deixaram na obscuridade, e que é forçoso clarear de viva luz; que ao livre trabalho do pensamento incumbe esta tarefa civilisadora; que a da «mercancia por avareza, das lettras por vaidade, dos litigios prolongados por caprichoso empenho», tem sido a thenia enorme que, inoculando-se no coração das sociedades, vai seccando as fontes da moralidade, viciando e prevertendo os abundantes succos nutritivos da arvore do bem, torcendo vigorosos musculos sociaes, prostituindo a mulher, desatando os vinculos da familia, — o fogo sagrado do Estado, — dividindo os interesses da communa, semeando a descrença e o desconforto nos orgãos da nacionalidade.

A mim tinham-me dito principalmente, que a suprema fórmula de todo o homem, é a sua moralidade e independencia; que esta consistia em ser cada um responsavel pelo que pensa perante Deus, pelo que sente perante a sua consciencia, pelo que escreve, pelo que diz perante a sociedade.

Seria eu victima de um embuste grosseiro? Enganar-me-iam os apostolos do Evangelho da liberdade a mim, que, sincero, puro e innocente, os escutava em religioso silencio, nnma quasi que idolatria?!...

Tu, meu amigo, dizes-me que não; que o facto póde traduzir uma abjecção moral, uma torpeza de todo o ponto condemnavel, mas que isto não é mais que um accidente, susceptivel de correcção e exemplo: que a these é a que bebemos com o leite da nova mãe social, aquella que me con-

Digitized by Google

vida a junctar hoje ao teu nome «quasi desconhecido» o meu que apenas consta de um assento de baptismo que nunca ninguem leu.

Deixo-o ahi escripto por duas considerações sómente; a primeira como protesto, a segunda como cautela; a primeira, porque juro viver e morrer á sombra da bandeira de Jules Simon, por nenhum preço á sombra da copa da olaia de Antonio Feliciano de Castilho, que respeito como talento, como homem que *«por entre os edificadores do futuro anda estudando o passado»*, que detesto como caracter, e como traficante convicto de cambio litterario: a segunda porque sei que verdades amargas magoam o alifafe moral de consciencias vulneraveis; porque sei que o principio da auctoridade, a immodestia immoderada, a vaidade impertinente, a consciencia da suprema gloria e do ultimo laudo em bom-senso e em bom-gosto são entidades congenitas do principio da irritabilidade, e porque finalmente os desvios da má indole e as paixões violentas da soberba indomavel e indelicada poderiam *tosquiar* algum camêlo ou *fraco* ou *innocente.*

Postas as cousas a esta luz, benefica para quem se allumiar d'ella no interesse do futuro e dos tibios do proprio campo, conversemos um pouco.

Eu não quiz ler o escripto de *Antonio Feliciano de Castilho* no livro do sr. *Pinheiro Chagas—Poema da mocidade*— onde a proposito de faltas de bom-senso e de bom-gosto se citam os nomes illustres—Theophilo Braga—Vieira de Castro, e o teu «quasi desconhecido», e se *tosquia* sem clemencia nem piedade, com odio, com azedume, a chamada eschola litteraria de Coimbra, eschola que não existe, *camêlo* imaginario, *camêlo* creado pelo sr. Castilho nas suas *segunda e terceira intenção.* Façamos justiça á pontaria do genio. Encadernado na mais esplendida capa litteraria, que jámais vimos, está o homem, que, fazendo fogo de caçador esperto, atira a dois alvos ao mesmo tempo. É esta a verdade, isto o que é preciso ver e definir detalhadamente.

Eu não quiz ler, por ter lido a—*conversação preambular*—do D. Jayme, do sr. Thomaz Ribeiro.

Era razão de sobejo.

Conheci o sr. Thomaz Ribeiro antes do seu poéma, e o poema depois, que me deliciei eu com o ouvir recitar ao pro-

Digitized by Google

prio auctor em 1860 na sociedade do dr. Antonio de Oliveira Silva Gaio; á sombra da copa de nenhuma olaia, não; no seio da estima não mercadejada, da admiração desinteressada, da livre apreciação, sim.

Que o auctor fora bafejado no berço por espiritos bons, fadado para destinos melhores ainda, para uma independente e mais que muito justa reputação litteraria, soubemol-o, e dissemol-o nós então.

O sr. Thomaz Antonio Ribeiro nascera tambem no seio da eschola liberal, ou, o que mais val, acceitára por amor e convicção o principio na sua accepção mais larga, na sua concepção mais absoluta, curando menos dos preceitos, e ainda menos dos preconceitos de eschola. Muito intelligente, soube ser livre, tirou de si seus recursos, trabalhou por sua conta e risco. Na pia baptismal do trabalho purificou as suas crenças como homem e como escriptor, fortaleceu a sua religião social e litteraria, não pedindo inspiração mais do que á fonte commum, a propria natureza e a das cousas, alentos senão á vontade, que o trabalhava, confortos senão á propria consciencia, elevação e independencia sómente á sua dignidade, consolações sómente á maxima expressão de todo o homem, a sua *moralidade.*

Em 1860 pensavamos nós assim... Quem, quem havia de proferir a blasphemia atroz, que o sr. Thomaz Ribeiro teria de sujeitar a sua bella creação poetica ao insulto hypocrita da *primeira* cigarra de Anacreonte? Quem, conhecendo o caracter do illustre escriptor, havia de suppor que para tanto e tão pouco tivera bondade, modestia, terrores vagos, receios infundados?!...

A nebulosa, a vaga, a astuta, a matreira, a equivoca—*conversação preambular*—dera-nos a medida de uma prostituição e de uma infamia; aquella de um, justificada, até certo ponto, e fertil de fecundos ensinamentos a futuros escriptores; esta de outro, que, tendo um nome já grande, carece de um outro nome para ser quanto merece.

*Saturnus exultavit; flevit honor. Saturnus exultavit cum maerore et luctu,* como sempre.

Um obreiro de menos, uma iniciativa de mais: um successo a meio caminho, porque a inveja insidiosa o atraiçoou pelos trinta dinheiros da eschola do interesse proprio!

Digitized by Google

*Saturnus flevit cum planctu magno*, e desatou a rir debaixo da copa da sua olaia!

A resignação é uma perpetua lagrima a sorrir-se: resignámo-nos. Estes desvios de prumo não interrompem a construcção das pilastras de cada seculo, em que vai assentando a abobeda da civilisação. Houve apenas um atrazo. Depois os obreiros foram abrindo alicerces, baldeando materiaes, cimentando paredes, cada um na medida das suas forças, livres de preceito extranho e official, da correcção pretenciosa de um mestre de obras do passado, todos amigos, todos innocentes e puros, todos desinteressados, e o que mais é, nefando crime, todos apostolos do ideal!

Eu, pobre de intelligencia, mas amigo do trabalho, do fundo do meu retiro, da minha mansão de paz, minguada de tudo, menos de boa-vontade, estava contemplando com amor, até mesmo com desvanecimento, esta liberdade de pensar, estas auroras novas, este volitar de ideias, este grangeio livre de alimentos futuros, este caminhar de cada um a sabor da propria responsabilidade, sem nem sequer me lembrar da cigarra de Anacreonte e de que houve outr'ora uma Divindade que comia os proprios filhos; de subito vejo um membro da commum abandonar a christandade com a obra debaixo do braço....

Era *Pinheiro Chagas*, que tambem abrira os olhos da alma á luz do seculo que vai passando; um talento superior, um coração limpo de toda a mancha, modesto tambem, e tambem fraco, tomado de terrores vagos, de infundados receios, que dera os ultimos traços no — *Poema da mocidade* — e receoso que lhe calumniassem a obra os invejosos confrades da religião nacional, ia ao templo pagão sacrificar o cordeiro da sua independencia!

Um sacerdote de crenças bem diversas das nossas na indole e na influencia social acabava de ministrar o sanctissimo sacramento do baptismo litterario a um nome que não carecia de mendigar calor alheio para crescer em celebridade e honras bem merecidas!

Cantava a *segunda* cigarra de Anacreonte na copa da frondosa olaia!

*Saturnus exultavit cum planctu magno.*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Digitized by Google

Eu que estava neste momento, quando tudo isto se passava, distinguindo á luz do *bom-senso e do bom-gosto* o paganismo e a ideia christã, abria pela primeira vez a traducção dos *Fastos de Ovidio*, e pasmava, pasmava sinceramente, de ver o hyerophante do seculo estabelecer o confronto do seductor das sabinas e do casto Filho de Maria!

Eu acabava de concluir na intimidade do meu pensamento, que os grandes homens tinham jogado as nozes com os rapazes, e que dispensarem-se de dizer *tolices* como elles seria falta de logica....

Não obstante eu pedia ainda sobras á vontade para crer, que os talentos saudosos do passado não negociavam com as suas crenças, quando o vento do levante, entrando no meu gabinete de trabalho, me desdobrou a primeira pagina do livro. Estava ahi escripta em lettras negras, grandes, famosas, uma dedicatoria:

*Ao incomparavel Duque de Saldanha!*

O sol nascia d'esta vez no meu pacifico retiro: um facho de luz inundava-me a fronte carregada de pensamentos tenebrosos, e o jubilo entrava em minha alma!

Mentira!

A opinião publica era a Messalina devassa que se prostituira ainda uma vez ao erro voluntario de uma calumnia vilã, vendendo uns restos de honestidade, que nunca ninguem perdeu, ao odio eterno e inclemente das paixões partidarias.

A opinião publica *indignada,* cujus murmurios escutava com vago terror, que eu julgava apenas suffocada pela força das *conveniencias*, mas distinguindo já através das sombras da posteridade um annel de fogo envolvendo dois astros, que até mesmo no abysmo das miseraveis vergonhas, a que subserviram, tiveram luz para se esconderem as pustulas dos olhos investigadores da geração, que, cometas funestos, esterilisaram por um lado, desmoralisaram por outro, instruiram pelo ultimo; a opinião publica, que via, que proclamava tudo isto, não era dominada senão pela odio dos Titães, o odio que tentava escalar os astros, que na obra do paganismo enlaçaram suas orbitas para maior gloria do Christianismo!

Digitized by Google

E todavia era uma infamia!

Eu via, não podia duvidar: um genio coroava outro!

Os pobres de espirito como eu poderiam errar, depositando uma oblata christã sobre as aras ensangueutadas de Mavorte: os sanctos innocentes da eschola de Coimbra poderiam ignoıar as noções mais vulgares do bem e do mal, a mais simples regra de honestidade, o mais ostensivo principio de moral practica e de moral christã; mas a intelligencia, o genio, o talento, a philosophia, a historia, a luz, a vista de aguia, não, não, e não podiam ver a infamia, onde só mora a virtude, o ultramontanismo, onde só mora a liberdade, a reacção, onde repousa a inercia, o templario politico, onde se aninha a pomba innocente e immaculada, de olhar azul e candido, magico, sereno, celestial, divino.

E eu, que ás cinco horas da madrugada ia ser um ecco da opinião publica, e de uma infame calumnia, ás oito sou apenas um bemaventurado!

Eu ia talvez dizer, se o vento do levante me não traz aos olhos a—*dedicatoria*—que quaesquer que fossem os nomes, que os nomes dos *grandes* pretendessem illuminar e impôr aos livres pensadores da eschola liberal, desciam, baixavam á condição servil dos que procuram diluir o successo no expediente, justificar a immoralidade e a baixeza da alienação do seu primeiro direito absoluto com o bom successo do jogo de fundos litterarios; insinuar talvez, que existia ainda uma litteratura unica, embora absurda, embora *metaphysica*, embora inintelligivel e portanto ideal, ou ideal e portanto inintelligivel, embora asnatica, embora desgraciosa na essencia e na fórma—innocente, casta, pura, independente, espiritualista, moralisadora antes de tudo e sobre tudo; que essa litteratura era a que se condemnava pelo talento serio de Antonio Feliciano de Castilho no —*Poema da mocidade*— litteratura que se não prostituira nos mercados publicos ao osculo do primeiro Judas litterario do seculo. Se não existira uma atmosphera, pura e buliçosa, onde podessemos ainda respirar, ia proclamar bem alto, que a litteratura de Antheros, de Vieira de Castro, de Theophylo Braga, de todos os Bragas, de todos os escriptores nobilitados pelo cunho da sua independencia, de Coimbra, do Porto, de Lisboa, não é o producto liquido e homogeneo de nenhuma eschola, porque

Digitized by Google

tal não existe em parte alguma, e menos em Coimbra; que o primeiro estylista do paiz a classificara assim para practicar uma dupla baixeza, impropria de um talento raro e serio, de um homem honesto, desambicioso, desinteressado; diria comtigo, Anthero — «Combatem-se os herejes da eschola de Coimbra por causa do negro crime de sua dignidade, e do atrevimento de sua reputaçao moral, do attentado de sua probidade litteraria, da impudencia e miseria de serem independentes e pensarem por suas cabeças. E combatem-se por faltarem ás virtudes de respeito humilde ás vaidades omnipotentes, de submissão estupida, de baixeza e pequenez moral e intellectual... Mas é que a eschola de Coimbra commetteu effectivamente alguma cousa peor de que um crime — commetteu uma grande falta: *quiz innovar*. Ora, para as litteraturas officiaes, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a verdade com a baba dos sophismas, do que envenenar com o erro as fontes do espirito publico, do que pensar mal, do que escrever pessimamente, peior do que isto é essa falta de querer caminhar por si, de *dizer*, e não *repetir;* de *inventar*, e não de *copiar*. Porque? Porque todos os outros crimes eram contra as ideias: haveria sempre um perdão para elles. Mas esta falta era contra as pessoas; e essas taes são imperdoaveis.» Commettendo sem duvida a esquerda indiscrição de asseverar que aquella dupla baixeza consistia em envolver ao mesmo tempo tres nomes distinctos, que nunca lhe pediram ao mestre nem protecção nem arrimo, na mesma damnação do seu orgulho omnipotente, e presuppôr, armar, construir do alicerce até á telha uma eschola litteraria em Coimbra, para a atirar á cara da universidade, que o fez poeta e grande, cerrando-lhe as portas do magisterio, porque a vida de lente é a cousa mais sinceramente prosaica, que ainda houve — Affirmaria sem duvida que este odio é negro, é velho, e ha de ser eterno! Diria que em principios do anno de 1835 a universidade foi vivamente atacada pelos então chamados — *Institutarios* — que, contando com as luctas e dissenções dos correligionarios dos dois partidos extremos, que então se dilaceravam no proprio seio da universidade, a desprestigiavam e calumniavam a academia d'esses tempos, servindo-se de uma imprensa corrupta e vendida a um certo frade, que não achava des-

Digitized by Google

gostosa a tisana de lodo que do Tibre lhe mandaram para beber. Tractava-se nem mais nem menos do que da mudança da universidade para Lisboa, onde os obreiros, negros na *alma* e no *habito*, tinham o seu principal centro de operações, onde seria arma terrivel contra as instituiçoes liberaes: que a bella e intelligente fronte da estudiosa adolescente do paiz, vendo que lhe roubavam a liberdade e a honra, despertára da somnolencia dos que soffrem, porque têm vida, que lhes não deixam viver, e, acalentada pelos generosissimos e liberalissimos sentimentos de alguns academicos distinctos, acceitára a luva que se jogava á universidade: que o jornal, o *Academico*, fôra publicado em principios do anno de 1835, e dahi até 28 de junho do mesmo anno, em 49 numeros, evidenciára que a litteratura de Coimbra não presta para baixezas, mas póde e sabe saldar as suas dividas de honra: que todos os artigos do *Academico*, jornal ao mesmo tempo litterario, scientifico e politico, d'aquella politica que convém a academicos — a da imparcialidade — respiravam tanto bom-senso, tanto bom-gosto, e tanta moderação, que foram elles que semearam no meio do paiz opiniões mais justas e sensatas sobre a questão universitaria, que a final foi julgada pelo parlamento do modo mais lisongeiro para a universidade. Perguntaria depois d'isto ao sabio distincto, ao engenho raro: — Ereis estranho á seita dos — *Institutarios* — conhecieis-l'os, vistel-os, sabieis-lhes os nomes, apertastes-lhes as mãos, assentastes-vos com elles á sombra da copa da vossa olaia a conversar, com razão ou sem ella, «em practica chã, desenfadada e satisfeita, como é de uso entre lavradores chãos e abonados depois de uma colheita abençoada»?! — Com a mão sobre a cabeça respondei, senhor! Eu creio-vos, eu proclamei o dogma da vossa infallibilidade: vós não podeis errar, enganar, e menos ser enganado!

Se aquella veridica — *dedicatoria* — me não illuminasse o espirito, diria que em 1854 o conselho de decanos da universidade negára ao illustre escriptor a sala dos capellos, que sollicitára para ensinar á *eschola* de Coimbra o methodo de leitura repentina, com bem fundados receios de que os nossos monarchas, os representantes de setecentos e cincoenta e quatro annos de cousas serias, ririam até rebentar, o que não era bonito: que por essa occasião, no salão do Instituto,

Digitized by Google

o auctor do methodo se dignára manifestar a consideração em que pôz sempre a universidade: que o ouvi eu, que tenho o orgulho de ser d'aquelles, que nunca deixaram cobrir da poeira do esquecimento insultos ou perolas que de madùras cahissem na sua presença de labios sibylinos, ou viperinos: affirmaria que o sr. Antonio Feliciano de Castilho na sua ultima visita a Coimbra azedou com a suprema injuria da nenhuma practica que teve com academicos á sombra da copa da sua olaia, porque nem um só devoto, ao que me disseram, queimou um só grão de incenso e myrrha ao idolo dos que por modestia, por bondade, por terror, por imitação, vão mendigar á sua porta um obulo da graça das multidões, que com razão o admiram nas suas inimitaveis traducções, nos seus poemas, nas suas imitações, e até mesmo nas inimitaveis contrafações do seu caracter.

Continuaria a dizer, que a cousa assim é mais commoda e mais decente, porque é arteira, porque deixa sempre livre á tangente do seu odio por todos e por tudo o systema matreiro da raposa velha. E diria ainda em termos mais claros: o Ovidio portuguez, temendo «aventurar a *vida* por desempenhar um pontinho de honra propria», preparou e prepara sempre previdentemente o terreno de vespera, semeia o pomo da discordia em propriedade alheia, e deixa ao proprietario, agradecido da sua abençoada lavoura, o cuidado de defender os renovos. Já cançado de *tosquiar* camêlos, como tão classicamente escreve, assenta-se com razão a conversar em practica chã, desenfadada e satisfeita, como é de uso de lavradores depois de uma feia acção, á sombra da copa da sua olaia, e, reclamando serviço por serviço, entrega a defeza das suas causas e cousas graves áquelles a quem deu saude e graça para correrem mundo. Habil piloto, deposita nas mãos dos remeiros, a quem alugou a barca de passagem, o fardo da sua dignidade, para lh'o levarem a porto de salvamento. Se o fardo chega avariado, como é mais que provavel, aos consignatarios da opinião publica—*aqui d'el-rei*—que foram elles que o deixaram ao tempo! e eil-o a chamar gallego a todo o mundo, inclusivamente ao mais honrado e independente caracter, que ainda houve nesta terra—o sr. A. Herculano! No entretanto a cigarra de Anacreonte vae cantando sobre a copa da proverbial olaia: e o Saturno portuguez, to-

Digitized by Google

mando á sombra d'ella o café confortador, para mais facil digestão dos tenros cordeirinhos que a cigarra *tosquiou*, e elle comeu para ficar sosinho no seculo actual como agente, e os bôlos litterarios nacionaes como pacientes.

Isto sim, que é obra prima, accrescentaria eu, da mais fina *methaphysica;* isto sim, que é a expressão do mais puro ideal de refinada pouca-vergonha! É verdade que não aproveita a ninguem, nem á humanidade actual, nem ás futuras, nem a coevos, nem a vindouros, nem á Allemanha, nem á França, nem a Turim, nem ao Porto, nem a Lisboa, nem á infame *eschola* litteraria de Coimbra, que fazem escala por caminhos de honra e honestidade, mas aproveita-lhe a elle, ao seu orgulho feroz, mas ás suas entranhas insaciaveis de tudo, como de gloria, mas ao seu velho odio sem treguas, sem clemencia, sem repouso, mas á sua suprema soberba e á sua infinita vaidade.

Elle, o mestre; elle, o poeta da arte; elle, o sabio; elle, a intelligencia, que com mais felicidade e facilidade tem sabido assoalhar as abundantes e abençoadas sementes, que por ahi estavam por celleiros classicos a apodrecer na humidade e no abandono; elle, a mais esplendida e luxuriosa fórma que tem vestido lettras portuguezas; elle, o privilegiado do genio; elle, o que devia em fogo inextinguivel de amor e honestidade alimentar os primeiros attributos da divindade, que allumiam o destino de cada homem, e de cada sociedade; elle, que devia, e como poucos podia, bafejar todas as vocações; acompanhar com respeito, com veneração, com dulcidão d'alma, com candor de coração, toda a *eschola* nascente, toda a ideia nova e original, ao menos nesta terra; toda a *utopia*, amiga do bom, do util, do social; todo o esforço dos limpos de coração, para tornar a humanidade mais ideia, menos argilla; mais absoluto, menos relativo; mais bem, menos miseria; mais virtude, menos abjecção; mais amor, menos calculo; mais elevação moral, menos torpeza; mais religião, menos descrença; mais perdão, menos vindicta; mais caridade, menos odio; elle, que devia esmagar nos abysmos do coração, com a mão firme da vontade, os seus resentimentos particulares, e as reclamações exaggeradas da aspiração da gloria; domar pela sagacidade o que em todo o homem existe de fera humana, cicatrisar pela braza viva do

Digitized by Google

seu talento de fogo a ferida do seu peccado original, enfrear o sentimento da paixão individual, pela superior consideração dos interesses sociaes de qualquer ordem; este homem, que devia comprehender que todos os da sua esphera já hoje não podem nascer, sem perigo de damnação social, para se consumirem no sentimento mesquinho do egoismo e interesse proprios, senão sim para allumiarem, como o sol, que não cuida de si, do nascimento ao occaso um hemispherio da sociedade, do occaso ao nascimento os antipodas do progresso; elle, Castilho, falsifica ignominiosamente a sua missão no seio da eschola liberal, dá cada dia um abraço angustioso na ambição, que o domina, attrela-se ao carro da inveja insidiosa, julga ainda pequenas as lettras de luz do seu nome, que ninguem já póde apagar-lhe nas memorias do porvir, e chafurda-se como a serpente do Eden no tremedal da hypocrisia astuta, offerecendo com palavras ensopadas em ambrosia e nectar o pomo enganador aos Evangelistas da *Divina palavra*, que hão-de levar com os seus o nome do *Verbo* aos quatro cantos do universo e ás christandades por-vir.

A mim rasgava-se-me o coração se tivesse dito tudo isto, convencido de um erro; se a aragem da madrugada do dia 20 de novembro de 1865, impregnada do espirito invisivel da verdade, desdobrando aquella primeira folha da traducção de Ovidio, me não viera evidenciar, que o nome de um christão póde egualar o de um pagão, por consentimento tacito do segundo, e acceitação expressa do primeiro.

Mas então a que vim eu? — perguntarás tu, Theophylo Braga, Vieira de Castro.

A dizer-vos, que Anthero do Quental póde e deve confessar que não teria publicado a pagina decima primeira da sua Carta, se ao concluil-a abrisse, por desenfado, o *Camões* de Antonio Feliciano de Castilho, e o gostasse com todos os cinco sentidos; se, virgulando o que escrevera, houvesse tempo para ter em mór valia e consideração o seu bom-senso e bom-gosto, que os seus, aliás justos, resentimentos: não a agradecer-vos o delicado favor da vossa amisade, que não vem para aqui, ou a absolver-vos de peccados, que todos commettemos mais ou menos, mas a descarregar a minha consciencia de um pêso que de ha muito a mortificava; a asseverar-vos finalmente que, digam o que disserem os Sanctos

Digitized by Google

Padres, que venero; os canones dos Concilios, que leio; os decretos e bullas dos pontifices, que em conta de boas bullas terei sempre; chovam raios e coriscos sobre a triste humanidade; rasgue-se o véu do templo; sôe embora a trombeta do Juizo Final; resuscitem as provas de agua e fogo; até morrer, e ainda mesmo a morrer hei-de exclamar pelas mil boccas da minha fera vontade:

*É o sol que está parado, é a terra que se move.*

Dito isto, vou ler pela centesima vez a lei de 18 de agosto de 1769, a lei da *Boa-razão*. É fastidiosa, detestavel, pessima para uns certos, que se acoitam á sombra da arvore do bem e do mal a ruminarem torpezas e iniquidades; uberrima, recreativa, bonissima para outros que, quando menos, têm o bom-senso e o bom-gosto de a lerem, e comprehenderem.

No sentido que deixo dito

Vosso

*Elmano da Cunha.*

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

O SENHOR

# ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

E O SENHOR

# ANTHERO DO QUENTAL

---

POR JULIO DE CASTILHO



LISBOA
IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES
17 — Rua do Caldeira — 17

NOVEMBRO DE 1865

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

N

Digitized by Google

# I

Deparou-se-me ha poucos dias um escrito, que, se não pela sua valia intrinseca, ao menos pelo assumpto, e talvez até certo ponto pelo autor, me concilou attenção especial, e me obriga hoje a tratar, sob alguns dos seus aspectos, materia que, para mim sobre tudo, envolve os maiores melindres. Intitula-se o folheto que ora tenho sob os olhos—*Bom-senso e bom-gosto—carta ao excellentissimo senhor Antonio Feliciano de Castilho por Anthero do Quental.*

O *Commercio de Coimbra* de 14 do corrente dizia, depois de mencionar o nome da obra:

«*Com este titulo acaba de ser publicada, e vai ser exposta á venda nas principaes livrarias do reino uma critica energica e desassombrada sobre o* CARACTER MORAL *e o* MERECIMENTO POETICO *do sr. Castilho; discute-se ali o* HOMEM, *e o* LITTERATO. *Traçada com muito vigor, com grande conhecimento de causa, e sempre á altura do assumpto, esta critica mostra vantajosamente a tempera do genio e engenho do autor, e serve para instrucção das pessoas que ainda não conheçam assaz o* BOM SENSO *e o* BOM GOSTO *do sr. Castilho.*»

São obvias as rasões que fizeram de mim o mais attento de todos os leitores, que por sua ventura (ou desventura) tivesse o opusculo; desde a primeira linha até á ultima, devorei com soffreguidão esta carta memoranda.

Acostumado a venerar o escritor verdadeiramente grande e illustre, de quem tenho a honra de descender; affeito a estudal-o, a lel-o, a advinhal-o; conhecendo muito de perto os thesouros moraes incalculaveis daquella alma purissima, e daquelle coração de oiro; não posso, sem muita e muita magua minha, vêr que assim desconhecem, descomprehendem, e calumniam um homem, que para mim é mais e muito mais do que um Pae: é um simbolo litterario, é uma gloria nacio-

Digitized by Google

nal e europêa, e... (venhâmos ao intimo) é o maior, e o mais seguro, e o mais dedicado dos amigos.

Quando o assalta á falsa fé, e de traz das esquinas, a matilha esquálida e esfaimada dos que só anonymos atiram lama, não respondo, nem mesmo dou por elles; esses taes villõesinhos semsabores estão salvos na sua mesma capa de rufiães ignobeis; quem os assalariou, que os pague; mas quem tem brio nem os lê, nem as mais das vezes lhes sabe o nome; que importa o nome de quem o não tem? Os doestos, as caricaturas, os insultinhos dos *Asmodeus* e dos *Lucifers* e dos *Torniquetes* e dos *Piparotes*, isso tudo é felizmente já hoje inoffensivo; a opinião avalia-o como deve.

Quando porém o aggressor do sr. Antonio Feliciano de Castilho é mancebo de boa linhagem litteraria, é contendor com quem não é desdoiro antes quasi honra quebrar lanças, sáio á estacada; e tenho que não haverá quem me estranhe a ousadia, e muito menos quem m'a leve a mal. O ser filho não tolhe o ser admirador e enthusiasta; o ser filho não veda que se diga de um tal varão toda a verdade.

Sáio pois á liça, levantando a luva que o sr. Anthero do Quental arremeçou para Tibur, e que, máo grado seu, errou o alvo, porque o Mestre não leu o repto. A infermidade, que de tantos annos o sequestrou á luz do sol, e o pôz na dependencia dos seus intimos impediu desta vez (como de muitas outras) que por seus olhos tomasse o grande homem conhecimento das phrases do talentoso filho da Academia; mãos intimas e amicissimas souberam furtal-o á inesperada visita do mancebo, e impedir que por causa deste novo hospede se furtasse elle, o poeta, ás horas que diariamente conversa com o seu eterno Mantuano. Mais cedo ou mais tarde, mais por aqui mais por ali, ha-de sem duvida (descance o sr. Quental) chegar o seu nome aos ouvidos do Mestre; a sua obra, não; elle não troca Ovidio e Virgilio por nenhum escrito coimbrão, nem mesmo (por ora) pelos do sr. Anthero do Quental. Longe de se enfurecer, o Mestre havia de apiedarse de quem, como o autor das *Odes modernas,* tão mal emprega as horas, que de occupações mais sérias e mais bem logradas lhe sobraram. É deveras lastima que um homem como o sr. Anthero do Quental desbaratasse a escrever e assignar aquella *carta* algumas horas, que, bem aproveitadas, lhe dariam muito mais gloria indisputavelmente.

Mas que digo! longe de mim o pensamento de dar conse-

Digitized by Google

lhos a quem tão bem os sabe dar a homens de sessenta annos, a homens provados e aguerridos nesta ardua roda-viva a que se chama a vida litteraria. O sr. Quental é tão rico do seu proprio valer, que para desconto daquella *carta* possue e ha-de possuir muitas e mui bellas coisas no seu guarda-joias de opulento.

É Anthero do Quental um nome, que, obscuro ainda para muitos (fallemos franco) em mim desperta lembranças, e até saudades, e muitas; nome que hoje desabrocha e começa a pompear, como tantos outros, entre os sinceiraes arcadicos do Mondego, nome que dentro em pouco será glorioso, nome que enlaçado com o meu em tempos que já lá vão e não tornam, me acostumei a amar como o de um quasi irmão, lá desde quando o destino unira as nossas sortes naquella ilha, terra delle e meus primeiros amores, naquella ilha abençoada, que Paulo e Virginia invejariam para berço e para sepultura. É Anthero do Quental (coincidencia notavel e dolorosa) o meu mais antigo amigo, o companheiro dos meus folguedos de innocente; dobrada pena me fez ver que tão improvocada como acremente menoscabava elle o nosso antigo mestre commum, o esforçador, o homem do conselho, que é meu Pae, que é o Pae do seu amigo. Dobradamente penoso me é tambem ter de repellir a mão que outr'ora apertei, e de justar severidades com quem me acostumára a aprecial-o como intimo. É forçoso fazel-o, não já por mim: por esse, a quem muito mais do que a mim proprio estimo e amo.

Não supponham porém os illetrados, e os menos versados em coisas destas, que venho eu, bisonho e novél, tomar a defensa publica de Antonio Feliciano de Castilho; as settas do seu juvenil contendor nem são hervadas, nem o feriram, nem já agora o podem ferir; bem defendido dellas estava elle; as arvores de Tibur teem não sei que abençoado condão de esconjurar o raio; ali nada chega, mercê de DEUS!!

Não é pois na pomposa qualidade de escudo ao grande poeta (perdôe-nos o sr. Quental se ainda, apesar de tudo quanto elle disse e fez, tanta vez chamamos *grande* e *poeta* á sua victima), não é para advogar o cantor da *Primavera,* que emprehendi responder do fundo da minha total obscuridade litteraria ao autor das *Odes modernas;* foi sim por ser o aggressor quem é, e pelo ver sair de armas em punho e tremulo de raiva dentre a cohorte dos amigos.

Não lhe tenho odio; não desço a tanto; vejo-o fulo, raivoso,

Digitized by Google

espumante, e não me arreceio; compadeci-me. Braceja, raiva, morde-se, falseia as verdades mais obvias e inconcussas, desmancha-se, roja-se, confunde! merece indulgencia; é um homem apaixonado, transviado, louco de impotencia, e embriagado de odios. Respeitemos este infortunio, que o é, e muito grande.

Eu por mim (juro-o) não me exacerbei com a leitura da *carta;* não senti ira, nem vislumbres della; senti um dó profundo, mixto singularissimo de espanto e dor!

É sob essa impressão, que ainda hoje escrevo.

## II

Saíu ha mez e meio o rico livrinho do meu bom e antigo amigo Pinheiro Chagas—*Poema da Mocidade.*

A carta que o epilogou, devida á penna do nosso primeiro lyrico, e por elle espontanea e generosamente offerecida ao poeta que se estreava, foi mais um monumento, destes que elle sabe erigir com a sua mão robusta e o seu gosto imperturbavel; um manancial de doutrina sã, clara, fecunda, de conselhos, de juizos de experiente, de reprehensões de Aristarco; digna respondencia á admiravel *Conversação preambular*, com que ha annos o mesmo vulto litterario abrira portico ao já tão glorioso Thomaz Ribeiro.

O que a paginas 213 e seguintes se diz de Theophilo Braga, Anthero do Quental e Vieira de Castro é (supponho) o ponto da discordia, e o pretexto da guerra. Quem não leu aquelle escrito? haverá ainda alguem para quem elle seja novidade?

É Vieira de Castro um mancebo que poucos annos me leva de dianteira, mas de quem ha muito sou amigo, se o pouquissimo convivio, que a distancia reciproca nos permitte, não me vedam aos olhos delle esse nome. O seu talento notavel, que ninguem já hoje desconhece, os seus vôos de aguia nos ceos da eloquencia, vôos ás vezes mal seguros, trepidantes, mas arrojados e nobres, a sua erudição, o seu pulimento litterario, o seu congénito pendor para as opulencias linguisticas e para as galas facundas, em que tanto prima o seu mestre e nosso primeiro romancista Camillo Castello Branco, tudo isto, que em annos mais largos era muito, em tão verdes annos bastava para assombro. Conheci-o em casa de meu Pae, a cuja boa critica o juvenil e então quasi imberbe universi-

Digitized by Google

tario fôra submetter um livro, romance se me não engano, e que o Mestre lhe ouviu e lhe aquilatou com aquelle horaciano julgamento, que eu desde pequenino venero como a oraculo. Desde esse tempo Vieira de Castro cresceu, e muito; cotejem-se as primeiras com as ultimas obras suas.

A Theophilo Braga conheço menos, mas admiro muito. Nunca o meu amor-proprio de versejador obscuro ha-de esquecer a acolheita que recebeu do já então afamado talento de Theophilo Braga, quando a elle me apresentou um dia numa sala de Lisboa um amigo commum. A affabilidade do seu trato, a cordealidade das phrases que me dirigiu, a finissima intenção com que teve a estremada bondade de recitar-me versos meus, tudo me captivou, e me tornou tão seu pelo coração, quanto eu já o era pela intelligencia.

Anthero do Quental era ha poucos dias ainda (como custa vêr partido um fio de tantos annos!) o meu mais antigo amigo, um moço talentoso e sympathico, uma das aguias implumes, que na Universidade se estão creando para gloria sua e do paiz. Hoje.... continúa a ser uma das vergonteas mais viçosas da grande arvore; amigo meu.... já não o considero.

Taes eram, em rapido bosquejo, os tres assumptos que o sr. Antonio Feliciano de Castilho tratava naquellas paginas da sua conversação, e tratava (ahi estão impressas as provas do processo; é ler de boa fé, antes de decidir) e tratava, repito, com tanta philosophia e amisade.

Ahi se aquilatam..... engano-me: ahi se mencionam honrosamente esses tres auspiciosos engenhos, talhados para grandes coisas, e que já hoje começam a desatar em frutos muitas das esperanças com que se abotoavam: Vieira de Castro, Theophilo Braga, Anthero do Quental. Todos tres frequentes vezes alvo á critica do nosso Pinheiro Chagas, por esse lado vinham frisando naquelle juizo.

Era mister mencionar e explicar uma das feições (porventura a mais importante e decisiva) do talento de Pinheiro Chagas: a critica: mencionando-a e explicando-a, apreciar num rasgo aquelles tres mancebos, *talentos distinctos*, *de não pequena clientéla todos elles*, e que *teem sido e continuam a ser acremente objurgados por este aquilatador inexoravel.* [1]

Agro era sem duvida o intento: era força não ferir sem causa, e não cohonestar o erro, se acaso o houvesse de algum

[1] *Poema da Mocidade*—Critica litteraria—pag. 213.

Digitized by Google

dos lados; interpretar e defender o calor, a energia acre mas sincera, com que tantas vezes o critico poeta cauterisava o mal na carne palpitante dos escritores a quem estudava; explicar essa apparente acrimonia, demonstral-a, justifical-a, e ao mesmo tempo não ferir, não exacerbar vindictas entre os criticados e o critico, antes compol-os e congraçal-os, visto que para obra de utilidade commum trabalhavam, desconhecendo-se e azedando-se.

Missão nobilissima era sem duvida, e quasi sublime, essa a que nesse ponto se dedicou o interprete de Ovidio. Via diante de si tres homens a trabalhar, e defronte delles outro homem a excital-os, a esforçal-os, a aconselhal-os, a arredal-os de um para outro sulco, onde o trabalho delles medraria melhor, a julgal-os á luz da propria intelligencia independentissima. A *fórma* era talvez errada; o acto era bonissimo per si, e pelo remedio que encerrava. O mestre não condemnou a uns nem a outros: disse a este:—Persevéra;—disse áquelles:—Trabalhae; sob as suas apparencias de inimigo, é este (mal o presumís) o vosso amigo.

«*O critico de bem, severo até, e embora desabrido*—ouvi, ouvi; são palavras de Castilho—*é, ainda que ao criticado o não pareça, o amigo mais proveitoso de quantos póde ter. Vale-lhe elle só á sua parte mais que trinta e tresentos louvadores. É uma verdade na qual ao tempo não caímos, porém de que chegâmos depois a convencer-nos, e por nós mesmos, se o orgulho nos não cega. Que pesar que não sente quem estas linhas escreve de não ter encontrado ao encetar a carreira poetica um reprehensor bem austero de seus escritos, embora publico! Quão menos arrependimentos litterarios lhe não gravariam hoje a consciencia!*

Que maior sinceridade, que maior lhaneza e hombridade quereis, do que essa que ressumbra destas portuguezissimas palavras! quantas vezes lh'as tenho ouvido eu, nas conversações intimas de Tibur, conversações que não são talvez as menos admiraveis de suas obras.

«*Uma de duas*—diz elle e muito bem—*ou cada um desses tres mancebos é perfeito, ou não: se é perfeito, ninguem tema por elles: são tres aguias que nasceram adultas; que no seu vôo empolgarão os raios; e que até dormindo estarão seguras, pois quanto mais os tufões forcejarem pelas derrubar dos pincaros do loireiral, mais lhes aferrarão as garras ao ramo em que poisaram; sacudil-as não será senão embalal-as, em*

Digitized by Google

*quanto sonham na immensidade, no sol, e na gloria. Se porém não nasceram com o inaudito privilegio de perfeitos (e tenho por certo que nenhum delles o imagina); se a sua mesma juvenilidade, que mais notaveis os torna ainda, lhes não deu por ora tempo de amadurecerem; se têem, como homens em principio, verduras e demasias de que os tempos os hão-de ir livrando,*

*(Multa ferunt anni venientes commoda secum,*
*multa recedentes adimunt........)*

*se daqui a dez outomnos ou dez invernos (nem tanto é preciso) nenhum delles ha-de ser tão milagrosamente ditoso que approve em cheio e á carga cerrada tudo quanto hoje faz, e concorde em tudo quanto pensa, que lhes faz a critica, senão antecipar-lhes de certo modo a experiencia? conspirar com elles mesmos para a boa fama, que nunca se conquistou sem sacrificios?*

Isto dizia meu nobre Pae. Isto, com que elle, a um tempo doutrinador e amigo, buscava levar o balsamo aos feridos, e encaminhar a mão do physico, foi a causa (se é que o foi) de tanta acrimonia, de tanto fel, de tanta falsidade (perdôe-se-me a palavra, á conta do bom cabimento que neste ponto lhe acho)!! Deus meu!

Esta é a verdade. Desafio o sr. Anthero do Quental, o seu illustrado amigo que redigiu a engraçada noticia do *Commercio de Coimbra*, e todos os seus amigos, que são numerosos, a desmentirem-m'a.

## III

É a critica um sagrado ministerio! fallar verdade é coisa que parece minima, e é maxima.

O sr. Anthero do Quental, critico dos criticos, impoz-se um papel altamente invejando!: atassalhar uma reputação estabelecida; vomitar injurias contra um nome querido e respeitado de todos, consporcar de lama um vulto memoravel, uma das glorias da nossa terra. Nobre ainda assim fôra o encargo, se comtudo as palavras do distincto escritor correspondessem a convicções intimas, e fossem devida e irrespondivelmente comprovadas.

Inquisição litteraria é tribunal que não existe; tolerancia é a divisa para todas as seitas; ninguem por pensar contra Vir-

Digitized by Google

gilio, contra Hugo, ou contra Homero, será açoitado em peloirinho, nem queimado em auto-de-fé.

Quando porém se falla de um homem de bem, e de um homem assim illustre, havido por grande, e muito grande, no juizo (embora errado) de todo um reino, parece-me prudente documentar, explanar, e não limitar a meros diterios, mais ou menos insulsos, toda a verrina.

O *Torniquete* e o *Piparote* esses podem insultar como quizerem; ninguem lhes pede contas do que dissêram na vespera; e os lacaios, que se deliciam com a leitura das suas parvolezes envenenadas não vão pedir explicações á redacção. O sr. Anthero do Quental porém não é nem o *Torniquete* nem o *Piparote* e corre-lhe estricta obrigação de provar o seu dito.

A grande carta do auctor das *Odes modernas* se podesse ser tomada a serio continha um mal gravissimo, e um damnado exemplo; *não que a justiça e a verdade se offendessem* com as apreciações do sr. Quental; *verdade e justiça estão tão altas que não teem olhos com que vejam as pequenas coisas e os pequenos homens;* [1] (Perdão se neste caso nos servimos de palavras do proprio auctor da carta; é sempre um prazer vêr que as nossas idéas se acham de antemão formuladas por um espirito superior); não que as apreciações do sr. Quental influissem em mal ou em bem no juizo ha mais de um quarto de seculo formado e assente por todo Portugal; não que as palavras de um só sobrepojassem (nem que elle fôra Stentor) á voz de toda a livraria portugueza d'áquem e d'álem mar; mas sim e unicamente porque fôra um espectaculo altamente immoral e injustificavel, que um mancebinho imberbe se affoitasse, á hora em que os seus pares ainda mal abrem os olhos á grande luz, se affoitasse, repito; a menoscabar as coisas santas da arte, a desrespeitar um homem de bem, a entrar com fumos de juiz no templo das lettras, a discutir em tom doutoral homens e coisas; homens, que mais de vinte annos antes delle nascidos já trabalhavam, estudavam, e cresciam; coisas sob as suas apparencias frivolas as maximas deste mundo!

É muito para ver, e muito para estudo moral desta era de depravação e desregramento por que estamos passando, o despejo com que um estudante qualquer se arvora em censor de censores, e se atreve a fallar a um reino todo, do alto do que

1 Bom senso e Bom gosto—pag. 4.

Digitized by Google

elle julga a sua cáthedra, uma lingua insolita, onde as regras primarias do bom gosto e das conveniencias sociaes são postergadas, onde os serviços de um benemerito são esmordaçados, e onde se está entrevendo raivar e estorcer-se, como serpe, um despeitinho invejoso, uns arremeçosinhos de lilipuliano a querer fazer de David contra um gigante!

Faz lastima realmente! e se o aprendiz que teve a bondade de se dar *ao incommodo de erguer a cabeça de cima do seu trabalho para escutar* [1] as palavras do mestre de nós todos, Antonio Feliciano de Castilho, e que entendeu (e muito bem) não perder o seu tempo, *servir a* MORAL *e a* VERDADE *(!) verberando (!) a deshonesta acção* do honestissimo poeta, se o aprendiz que tanto teve para ralhar com o mestre, podesse, por uma presciencia magnetica, ouvir de antemão no silencio inspirativo do seu gabinete de estudo, ás horas mortaes da noite, para elle tão vivas e inspiradas, a estrondosa gargalhada com que todo um reino havia de responder-lhe, tenho que haveria sem demora largado a penna da sua satyrasinha de Mevio, e escondido prudentemente (ao menos por emquanto) a férula litteraria. Porque realmente (e convença-se disto o sr. Anthero do Quental) ninguem soube tomar a sério as suas 16 paginas; todos riram d'ellas menos o autor.

E foi pena (sinceramente lh'o digo aqui á puridade); Anthero do Quental passava, visto de longe, por ser um bom talento; muito verde o suppunham alguns; muito sublime outros; mas a seiba, mas a força, mas a qualidade, ninguem lh'a negava. Entre as nebulosidades abstrusas do seu escrever, parodias rachiticas de forasteiros e dextros gymnastas e gladiadores da idêa e da palavra, entrevia o maior numero um pensador, um sonhador, um atrevido explorador desse pólo arctico da sciencia humana, chamado phylosofias. Hoje porém, que o sr. Anthero do Quental retrogradou por um progresso muito notavel (desculpem o antinomico da phrase) e desceu a fallar chão, e como toda a gente, hoje que largando a tuba meio ossianica, meio dantesca da sua linguagem oracular, fallou portuguez hodierno, (para ser entendido pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho) ninguem se poude ter que não risse ao ver como ficava de sandalias a estatura, que gigantea nos parecera quando calçava cothurno, trajava pallio, e usava mascara sonora.

[1] Carta — Pag. 5.

Digitized by Google

Não importa; grande e nebuloso, prophetico e intangivel, foi para mim um quasi mitho; vestido á moderna, e descendo até nós, como simples mortal, é realmente uma figura comica o nosso estudantinho! a pesada durindana, que elle sinceramente crê ser sua, a compostura empavesada do espadachim, as fumaças de ermitão, que lá nos seus ermos coimbrões descreu do mundo que o não entende, tudo faz delle um apetecivel exemplar para um desses Gavarnis da penna, que ahi andam por essas espeluncas a rabuscar os typos, com que nos moralisam e nos desrugam.

Apezar de tudo, como fallou de papo, e se metteu onde não era chamado, examinemos o que disse, o que fez, e o que quer. Seremos breves, tanto quanto a importancia da materia nol-o comporte.

## IV

Em cinco partes (pouco mais ou menos) julgo poder dividir-se o opusculo do sr. Anthero do Quental.

(E agora fallemos serio; o estilo picaresco, apezar de ter descido a elle a minha penna nas phrazes que acima deixo vem atravancar a discussão.)

Em cinco partes póde pois dividir-se o opusculo.

É a primeira um breve exordio. Em phrazes solemnes e de quazi aruspical magestade expõe o autor ao seu antigo mestre em La Fontaine os motivos que a elle, nome *quazi desconhecido e sobretudo desambicioso,* [1] *homem sem pretenções litterarias*, [2] *puro limpo e innocente* [3] (qualificações pelo proprio signatario impostas a si mesmo) assim o compelliram a levantar *a cabeça de cima do seu trabalho,* [4] *a erguer a voz pelo que* julgou *a verdade*, *a erguer a mão pelo que* acreditou *a justiça.* [5]

São duas paginas asperas, ouriçadas de allusõesinhas encobertas, e onde o autor, apezar das phrases aliás mui bellas, em que exalta a sua obscuridade, o seu trabalho, a sua abnegação, apparece frio e sereno, mas como que resignado a offerecer-se em holocausto a uma grande causa litteraria. Ha

[1] Carta—Pag. 3.
[2] Ibidem—Pag. 4.
[3] Ibidem—Pag. 4.
[4] Ibidem—Pag. 5.
[5] Ibidem—Pag. 4.

Digitized by Google

no seu porte uma não sei que magestosa simplicidade de martyr que lhe fica a matar. Podia, pela sua *despreoccupação de fama litteraria* [1] pelos seus *habitos de espirito* [2] e o seu *modo de vida* [3] verberar as palavras de Antonio Feliciano de Castilho *com um silencio ou modesto ou desdenhoso*. Não quiz; instigava-o a sua liberdade, a sua independencia, e, mais que tudo uma *força desconhecida* [4] que nada menos é (permittanol-o a modestia do escriptor) do que a sciencia e consciencia da missão que o trouxe com um codigo philosofico na mente, novo Mafoma, a regenerar *este ignorado canto de terra a que ainda se chama Portugal*. [5]

Fez bem o sr. Anthero do Quental; devia fallar; ha homens para quem é estricta obrigação collocar-se na vanguarda das grandes idêas, e defendel-as quando atacadas.

Tambem Victor Hugo, esteja onde estiver, levanta sempre a voz quando gemeu a humanidade aqui, alem, na Suissa, na Inglaterra, na America. Atalaia posta por DEUS, e lá do alto da sua torre de Hauteville House debruçado sobre o mundo, escuta, percebe, espreita por entre o murmurinho surdo da Troya humana, e no meio desta noite que nos insombra, o despontar, o crescer, o vermelhejar do incendio, aqui, alem, mais longe, um grito, um ai, um suspiro. É como o pastor de Virgilio.

Anthero do Quental, ao perceber que o sacrilego amigo dos classicos se aproximava, brandão em punho, ao tabernaculo das philosofias de Coimbra, temeu a conflagração do mundo, e teve de levantar a voz em nome do mundo para afugentar o novo Omar, o novo Erostrato. Não lh'o levemos a mal, antes lh'o agradeçâmos.

Fica bem a um mancebo novel e atrevido o contradizer a um mestre; o pensamento é livre; as cathegorias não tem raias; e o bisonho póde entrar sem medo a discutir o plano da batalha na propria tenda dos grandes capitães.

Nisso não ha desdoiro, nem para os capitães, nem para o soldado; livre, liberrimo é o pensamento, e as suas manifestações liberrimas tambem. Pelletan pleiteou com seu mestre Lamartine as grandes e arrojadas theorias do progresso; quem

[1] Carta—Pag. 3.
[2] Ibidem.
[3] Idibem.
[4] Ibidem.
[5] Ibidem—Pag. 4.

Digitized by Google

saiu vencedor da luta, não me cumpre dizel-o; que ambos se houveram como quem são, como compete a galhardos lidadores, com estreme cortezia e lealdade, todos, os da propria facção decahida, irão proclamal-o ufanos aos quatro ventos.

Como se houve porém nesta peleja o sr. Anthero do Quental? (já que emfim é mister comparal-o a Pelletan) Como tratou elle numa simples pugna de principios, mal cabida e calumniosamente levada para o campo das personalidades, o seu mestre? o talento? uma das glorias deste *ignorado canto de terra a que ainda se chama Portugal?* um homem bemquisto? o merecimento de um grande poeta? as cãs de um homem de sessenta e cinco annos? Como? o proprio sr. Quental que vos responda nas suas brilhantes 16 paginas; elle que vos desnude as alluzões rebuçadas e covardes (permitta-se o termo)... a tudo: á propria infermidade deste cego que a todos nos allumia!

Mas não antecipemos. O exordio é isto em poucas linhas. O autor promette discutir de *boa fé as impensadas e infelizes palavras* [1] de Castilho; de quanto lhe é devedor o poeta! palavras *dignas quando muito de um sorriso de desdem,—e do esquecimento* [2] provocaram a atrevida, e a partes eloquente epistola do pensador de Coimbra. Parabens! valeu a pena.

## V

Passemos á segunda parte do escrito. Começa no segundo § da pagina 5.

Nella se pretende insinuar que esta *guerra* movida á chamada escola de Coimbra (aceitemos o termo; diz-se *escola de Alexandria;* porque se não ha-de diser *escola de Coimbra?)* é mero pretexto de outra vingança; e se disem estas palavras, que, para retrato de quem as escreveu, nos permittimos estampar aqui:

«*O que se ataca na escola de Coimbra (talvez mesmo V. E. o ignore, porque ha malevolos innocentes e inconscientes) o que se ataca não é uma opinião litteraria menos provada, uma concepção poetica mais atrevida, um estilo, ou uma idéa. Isso é o pretexto apenas. Mas a guerra faz-se á independencia ir-*

1 Carta—Pag. 5.
2 Carta—Pag. 5.

Digitized by Google

*reverente de escritores, que entendem faser por si o seu caminho, sem pedirem licença aos* MESTRES, *mas consultando só o seu trabalho e a sua consciencia. A guerra faz-se ao escandalo inaudito de uma litteratura desaforada, que cuidou poder correr mundo sem o sêllo e o visto da chancellaria dos grãos mestres officiaes. A guerra faz-se á impiedade destes hereges das lettras, que se revoltam contra a auctoridade dos Papas e Pontifices, porque, ao que parece, ainda a luz de cima lhes não escreveu nas frontes o signal da infallibilidade. Faz-se contra quem entende pensar por si, e ser responsavel por seus actos e palavras.»*

*A guerra*—diz o sr. Quental—*A guerra! a guerra!* que pomposo nome! Antonio Feliciano de Castilho faser *guerra* a Anthero do Quental! isso foi equivoco.

O leão não faz guerra ao pobre cátulo que ladrou; abre a guela, e desapareceu o cátulo. Guerra! O gigante não faz *guerra* ao pigmeu; dá com a ponta do pé, e era uma vez um pigmeu.

*Guerra* é a dos Titães com o Olympo; *guerra* é a de Voltaire, com o Dante; a de Pelletan, com Lamartine; a de S. Pedro de Roma, com a cathedral de Reims; a do Parthenon, com S. Marcos de Veneza; a dos ghibellinos, com os guelphos; a de Napoleão, com a Europa; a de Hugo, com os obscurantes. *Guerra* é isso, ou muito me engano eu.

Mas *guerra* (não confundamos) não é nem póde ser o que ao autor dos *Ciumes do Bardo* aprouve diser de alguns mancebos principiantes, nem tão pouco isso, que em 16 paginasinhas escreveu o sr. Anthero do Quental ácerca do sr. Antonio Feliciano de Castilho. *Guerra*, sr. Quental! isso não é *guerra*. É de um lado, o conselho do Aristarco amigo, que entendeu (bem ou mal, isso é outra questão) que devia ferir e cauterisar para cura mais completa, e preferiu o adstringente, ao emolliente; é do outro... (emfim, seja o que fôr: não qualifiquemos). *Guerra!* isto! o sr. Quental estava brincando.

Admittido porém, como quer a vaidade do esperançoso alumno, que isto seja *guerra* machinada contra elle pelo primeiro vulto litterario do paiz, vejamos isso, a que, no entender do signatario da carta, se reduz tal *guerra*.

*«O que se ataca na escola de Coimbra não é uma opinião litteraria, uma concepção poetica mais atrevida, um estylo ou uma idéa»*—diz elle.

Digitized by Google

Feliz tempo, em que entre os bancos da galé escolar já pulullam as opiniões litterarias! os systemas! e os planos de refórma! Onde o *progresso* tem chegado!

Mas sério: quem se atreve a chamar ás puerilidades da escola de Coimbra uma *opinião litteraria! opinião litteraria* aquillo! é-o tanto como o são as do redactor dos cartazes de toiros, ou as do D. José Serrate, ou as dos gongoristas, ou as do pequenito que está dando na escola a *carta dos nomes.* Ter *opinião litteraria* quem ainda quasi não póde ter opinião!

Chamar concepções *poeticas* áquellas abstruzidades de nevoeiro! aquelles acervos de palavras sem pensamento! *estilo* áquelle arrevesado diser, que vem como que estremunhado narrar as incoherencias de um sonho de febre, e bater fé que é a linguagem dos intermundios, da verdade, e do bello! chamar *idêa* áquella escuridão de catacumba!

Depois disto, arroga-se o autor das *Odes Modernas* uns certos fumos de Luthero, que ainda veem ennevoar mais esta já cerradissima questão, ou questiuncula.

«*A guerra*—diz elle—*faz-se á impiedade destes hereges das lettras, que se revoltam contra a auctoridade dos Papas e Pontifices.*»

Mas desenganemo-nos, sr. Anthero do Quental, desenganemo-nos: aqui não ha Pontificados litterarios, nem purpuras cardinalicias, nem mitras e báculos archiepiscopaes, nem aristocracias theocráticas de especie alguma; a republica das lettras é o mais democratica possivel. Nem o sr. Antonio Feliciano de Castilho aspirou nunca á Thiara como vigario appolineo do Parnaso, nem os seus amigos, os seus intimos, e os seus admiradores ao barrete cardinalicio do sacro collegio. Por isso, escusa o erudito contendor de incommodar Luthero, querendo parodial-o nas suas intenções reformadoras. Pense como quiser, escreva o que lhe aprouver; mas não aspire a que o escomunguem lá da banda de Tibur; porque serio, serio, não vale a pena gastar um raio com o sr. *Luthero do Quental.*

Luthero era um grande homem, ousado e sincero Colombo de um mundo novo que não soube encontrar; ministro das trevas, que eu, como catholico-apostolico-romano, só posso (no meu pouco) renegar e despresar, sim; mas um genio eminente, que allumiou sem o saber o seculo XVI; um malfeitor da humanidade, um trasmalhador do rebanho, sim; mas um

Digitized by Google

dignissimo inimigo do grande Solio eterno da eterna Roma. Não o respeito, mas admiro-o.

O sr. Anthero do Quental porém, nem é Luthero bastante para transviar ninguem, nem sequer tem ao menos para sua gloria um Leão x com quem arremeter, e que o immortalise com um lampejo da sua ira.

Deixem-se portanto estes *herejes* pequeninos de se arrogar foros de heresiarcas; larguem isso a quem competir.

## VI

O sr. Antonio Feliciano de Castilho não aspira nem aspirou jámais a Realezas litterarias; conhece o seu logar; mas, democrata de convicções profundas, não foi occupar o solio. A opinião publica de quasi cincoenta annos a esta parte distinguiu-o sempre com favor e justiça (releve-se-me a palavra; sou filho, mas essa honra não me inhibe de sentir a verdade); essa grande louca chamada *opinião* teve a imprudencia de conferir-lhe um dos logares eminentes deste sacerdocio moral; o seu nome é festejado e querido, lá desde o tempo em que outro critico de subidos quilates (perdôe-nos o sr. Quental) que era o Padre José Agostinho de Macedo, açoitando a tudo e a todos com a sua proverbial acrimonia e rispidez, estremou não obstante, aquilatou, e coroou com altissimos louvores, o cisne de dezasseis primaveras, que do fundo da sua obscuridade se levantou com um ramo de cipreste junto ao mausoleu da *Piedosa* [1]

Em Coimbra, estudante como o sr. Quental, e poeta como elle como elle tambem consagrava os remanescentes de estudos serios ao culto devoto da grande arte. Despontou com a lyra classica entre as mãos, a lyra de Ovidio e Tibullo, nacionalisada nas *Cartas de Echo* e na *Primavera*. A sua Musa amante e saudosa, ora seguia ao fresquissimo Gessner, seu irmão em Apollo, até ás deliciosas campinas do viver arcadico, ora dedilhava com o inimitavel Metastasio os lyrismos do amor e da paixão. Ao seu lado, crescia emtanto e pompeava outra

[1] Alludo aos encomios com que o Padre José Agostinho saudou a apparição do *Epicedio na sentida morte da Augustissima Senhora D. Maria* I *Rainha Fidelissima*—com que em 1816 se estreou o autor dos *Quadros historicos de Portugal* e do *Tributo portuguez*.



Digitized by Google

Muza: a Muza de Garrett, o portuguezissimo, o *divino Garrett* (como disse Camillo), Garrett, o creador do nosso theatro, o inoculador da seiba nova da nascente Europa no corpo estafado da litteratura nacional.

Amigas desde a puberdade, abraçaram-se as duas Muzas, comprehenderam-se a pleno, e repartiram irmãmente a missão invejanda de rejuvenescer os brios de um povo pela palavra e pela idêa.

O papel distribuido pela Providencia ao Visconde de Almeida Garrett foi, depois das suas primeiras tentativas classicas, o de instaurador; a Castilho, o de conciliador. Com Almeida Garrett nasceu o sentimento, a naturalidade, a graça, o arrojo; com Antonio de Castilho feneceu o elmanismo vicioso, nasceu a lingua, corrigiu-se o gosto, e levantou-se a Musa desgrenhada do romanticismo com a pujança e magestade da Erato classica. Estava preenchido o fim de ambos.

A transição correu suave; a Renascença litteraria soube casar-se com o velho classicismo, já agora eterno, apesar do sr. Quental. Acudiram ao rebate da boda sublime os bons engenhos; de toda a parte soam hymnos. A Liberdade, que arraiava a Europa, como uma aurora, e que a despeito de tudo veio illuminar tambem o throno austéro do Senhor D. João III, rejuvenesceu o Parnaso, e restituiu-lhe o verdadeiro sol; resgatou o metro do absolutismo das convenções mithologicas; chamou ás coisas pelos seus nomes; christianisou as Arcadias; consumou um progresso muito real.

Mas proscrever Horacio! isso nunca; porque Horacio é (para quem o entende) o *bom senso* e o *bom gosto*, que são eternos como a verdade, o bello, e o bom.

Genios ambos: Garrett, e Castilho: um, de creação e sentimento; o outro, de correcção de fórma, e colorido.

Veio juntar-se-lhes, muitos annos depois, um mancebo, em quem (devo dizel-o, porque em minha consciencia entendo que é a verdade) em quem transluziam desde os seus primeiros tentames, uns reflexos de immortalidade. Esse mancebo escreveu o *Eurico*, e, sem o saber, completou a trilogia.

GARRETT, CASTILHO, HERCULANO, simbolisaram para logo a litteratura nacional.

Hoje, que a litteratura nacional deplora perdido o Visconde de Almeida Garrett, entendeu o sr. Quental, e entende muita gente, que o sr. Antonio Feliciano de Castilho, por ter estabelecido e conservado o seu Tibur na provincia poetica, as-

Digitized by Google

pirava aos incensos de uma Realeza, em que nunca pensou; enganam-se, ou mentem.

O cantor de *Echo e Narciso* é o que foi sempre; é o que de si dizia outro grande espirito, investido por DEUS na Realeza terrestre: o Senhor D. Pedro: é *o amigo dos que trabalham.* O cantor de *Echo e Narciso* serve, desde que se entende, a religião do trabalho; deve ao trabalho a estima publica, e o exito litterario das suas obras; não herdou no berço aristocracias nobiliarias nem pecuniarias, mas herdou, já antigo entre os seus, o amor das lettras e o amor do trabalho. Tem passado o melhor da vida a ajudar e bafejar as Musas que despontam, a ensinar-lhes o caminho, a afinar-lhes a lyra, a apontar-lhes a luz; que o diga a *Revista Universal;* que o diga a brilhante pleiade de homens de lettras, que ao seu paternal conselho, aos seus incitamentos, deveram bom quinhão na gloria que os illustra; que o diga a ilha de S. Miguel; que o diga Coimbra; que o diga Lisboa; que o diga o Rio de Janeiro.

E a isto chama ironicamente o sr. Anthero do Quental ser Papa! ser autócrata! ser intolerante! Já é logomachia! onde está a intolerancia?

## VII

—O sr. Antonio Feliciano de Castilho irado com a escola de Coimbra?

—Sim.

—Porque?

—Porque a escola de Coimbra lhe não prestou homenagem como a monarcha absoluto.

—Engana-se, e injuria-se a escola de Coimbra, suppondo-se menos cortez do que é em realidade; e quereis a prova? para não especificar mais nomes, citaremos apenas estes tres, que andam agora na faina da popularidade graças ás insinuações pouco benevolas do autor da *Beatrice:* Vieira de Castro, Theophilo Braga, Anthero do Quental.

Vieira de Castro, como acima tive occasião de referir, é amigo do sr. Castilho, visitou-o pela primeira vez em 1858 na sua casa do beco do Norte, levando-lhe por essa occasião um precioso manuscrito para censura.

Theophilo Braga enviou ao cantor do *Amor e melancolia* um dos primeiros exemplares do seu primeiro livro, e obteve

Digitized by Google

em resposta uma carta amigavel e sincera, que (por signal) eu tive occasião de inserir num artigo que publiquei no *Diario Official do Imperio do Brazil.*

Luthero do Quental finalmente, o proprio Luthero teve a delicadeza extrema de vir expressamente de Coimbra a Lisboa em novembro ou dezembro de 1863 consultar o Mestre ácerca da edição de um livro que projectava, e cujo manuscrito (se me não engano) trazia comsigo. Se a memoria lhe não falha, talvez se recorde de que foi isto num sabbado, de que foi cordealmente recebido num dos saraosinhos intimos de Tibur, abraçado como irmão, e tratado como poeta.

E a isto, e a estas provas de deferencia quer o sr. Quental chamar (segundo parece) *independencia irreverente de escritores que entendem fazer por si o seu caminho sem pedirem licença aos* MESTRES! —*litteratura desaforada que cuidou puder correr mundo sem o sello e o visto da chancellaria dos grão-mestres officiaes!* — *impiedade de hereges que se revoltam contra a auctoridade dos Papas e dos Pontifices!.....*

Já é abuso de figuras! á mais carinhosa cortezia e deferencia acoimar de *irreverencia!* de *desaforo!* de *impiedade!!!*

Vê pois o sr. Quental que não houve da sua parte o que no excesso de um santo escrupulo quiz arrogar-se, nem portanto houve motivo algum para que o sr. Castilho se *despeitasse* contra a escola de Coimbra.

Segue-se um paragrapho cheio das taes incognitas envenenadas, que ninguem percebe. Applicar-se-hão porventura a meu Pae as phrazes: *o espirito de rotina violentamente incommodado por mãos rudes e inconvenientes?* — *a banalidade que quer dormir socegada no seu leito de ninharias? a vulgaridade que cuida que a forçam?*

Se se applicam realmente ao cantor da *Noite do Castello* memoremol-as, e quem puder que as decore, que vale a pena; e saibam mais: que o sr. Quental diz no fim desse paragrapho que deseja *puchar as orelhas* (sic) ao sr. Antonio Feliciano de Castilho. O commentario faça-o o meu leitor; eu não lh'o posso fazer com a penna.

## VIII

Abreviemos. O tempo urge.

O sr. Quental faz na pagina 6 a profissão de fé litteraria

Digitized by Google

da sua escola; affirma que deveras quiz innovar, e no seu tom dogmatico declara que viu muito mais que os mestres, que sabe o que elles ignoram, que disse o que elles nem pensaram nem disseram nunca. O que resta saber é se deveras o que elle viu devia ser visto, o que elle sabe merecia sabido, o que elle disse precisava ser dito. Não basta o novo; é indispensavel o bom, sempre o bom.

Um horaciano ramerraneiro chamado Rossini disse das concepções romanticas da nova Italia estas palavras, que são uma arte poetica:—ha nesta escola coisas boas e coisas novas; o que porém é bom nem sempre é novo; o que porém é novo nem sempre é bom.

Pensaria por ventura aquelle gigante na escola de Coimbra?

Um folhetinista distincto, e que é além disso um bom poeta, o sr. Pinheiro Chagas, tratava hontem no *Jornal do Commercio* esta questão a proposito do opusculo do sr. Luthero do Quental. Não quero repetir o que já tão bem ficou dito por aquelle chistoso critico; abstenho me pois de *provar* á chamada escola de Coimbra que não só não innovou, mas nem sequer podia innovar.

Se se chama *innovar* dizer o que nunca estava dito, quem ámanhã disser em verso ou em prosa que o ceo é verde, e os mares encarnados, que os olhos ouvem e os ouvidos veem, innovou *ipso facto*, e merece logar de socio correspondente da escola de Coimbra.

---

Diz o sr. Quental, fallando na *bella na immensa missão do escritor:*

«*É um sacerdocio, um officio publico e religioso de guarda incorruptivel das idéas, dos sentimentos, dos costumes, das obras, e das palavras.*

O sr. Quental chama se a si mesmo escritor a pag. 6 linha 35; logo, é um sacerdote da religião da arte, e não um reformador arrogante; um official *publico religioso*, e não um innovador sem respeito; um *guarda incorruptivel das idéas*, e não um subversor de idéas e crenças; um *guarda incorruptivel dos sentimentos*, e não um abastardador dos sentimentos; um *guarda incorruptivel dos costumes*, e não um enthusiasta inconsciente que vem lá do seu ermo dar em plena cidade o mau exemplo; um *guarda incorruptivel das obras, e das palavras*, e não um mero zoilo que faz e diz o que provadamente é mau.

Digitized by Google

Ora como o sr. Anthero do Quental fez o contrario do que attribue ao verdadeiro escriptor que entende a sua *bella e immensa missão*, segue-se, que ou não é escritor, e está em contradicção comsigo mesmo quando atraz disse que o era, ou, se é escriptor, despresou a sua missão, e fez o mal sabendo que o fazia.

*Toda a independencia de espirito*—accrescenta elle—*Toda a despreoccupação de vaidades, toda a liberdade de jugos impostos, de mestres*—(note-se bem: de mestres)—*de auctoridades, nunca será de mais.*

Pois isto é fallar serio? pois uma intelligencia como a de Anthero do Quental permitte-se alardear que toda a emancipação de mestres será pouca, para quem quer ser escriptor!! onde o arrastou a furia da amplificação!

Só se em Coimbra entram a sciencia e o gosto e a experiencia, pelos poros da pelle, e quem menos estudar mais lucra! Que bella figura faria o sr. Quental no congresso de Liège.

Oiçamol-o:

*O escritor quer o espirito livre de preconceitos, e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, incorruptivel e intemerato.*

Chama talvez *preconceitos e respeitos inuteis* a toda a longa disciplina litteraria amontoada de geração em geração desde os aedos até Homero, desde Homero até aos romanos, desde os romanos até nós!

Horacio é um pobre pedante cerebrino e semsabor; Quintiliano um prégador de *nugas;* Cicero um insulso fallador; Beccaria um absolutista do Parnaso; Maury um cardeal rabugento que nada sabia da arte de escrever e fallar. Pois será tudo isso assim como quer o meu habilissimo protestante das lettras; mas o que é verdade é que outro Luthero, muito maior que o nosso Lutherosinho de Coimbra, e que se chama Victor Hugo, o verdadeiro 89 litterario da França e do mundo, não despresou nem Virgilio, nem Horacio, nem Homero, nem Pindaro, e os sabe de cór, e os imita; e que os seus Faunos são descendentes dos Silenos Arcadicos do Mantuano, e os seus bosques são os do monte Menalo e os do monte Parnaso, e as auras que elle ouve são muita vez as do mar Egeu, e os seus idyllios romanticos seriam invejados por Theocrito, e a sua singeleza por Anacreonte, e a sua paixão por Tibullo, e o seu colorido por Ovidio, e a sua eternidade pelo proprio cantor semi-deus do grande Enêas.

Digitized by Google

*O Virgile, o mon maître!*

As legislações demagogicas e subitaneas de Victor Hugo despresaram a partes os classicos; o bom senso nunca; derrubaram as columnas de Hercules; as praias não as supprimiram, que o não podiam; despediram-se da arte poetica do estacionamento; porém o mestre não a insultou, porque era forte e digno.

Deu grandes novidades, elle que foi sempre *ledor de Horacio* [1]; inventou formulas novas, elle que decorou *as phrases rabugentas dos livros bolorentos que chamam classicos.* [2]

Houve no seculo XVII um homem grave e douto, um amigo de reis e povos, um apostolo; chamava-se elle Bertholameu do Quental; antiga vergontea da grande arvore, cujo derradeiro fruto foi o nosso esperançoso Luthero.

Aquelle santo congregado teve o bom ou mau juizo de escrever livros, de estudar, e muito, de meditar os modelos antigos eternamente juvenis, de ser um latinista e um horaciano, de ser purista, e de não *innovar*, como quasi dois seculos depois um seu collateral descendente havia de fazer, nessa mesma Coimbra que o velho prégador da Capella Real afamára por seu estudo e diligencia.

Não sei se o sr. Anthero do Quental conhece este claro ornamento da sua estirpe; é de crer que o escorrace da sua parentéla litteraria, visto que só *repetiu o que outros haviam dito,* e não adivinhou a *Arte e Verdade,* nem as *Odes Modernas.*

Entretanto, permitta-me o esperançoso universitario que lhe diga, e não em meu nome, que esse pouco val, senão no de todos os bons cultores da lingua e da rasão, que Bertholameu do Quental bem mereceu da terra patria, por sua piedade e muitas lettras, e merece ainda ser lido por quem quizer pensar em portuguez, e fallar em portuguez, não raros meritos para hoje em dia.

Ha semanas pois, estava-me eu acaso deliciando a folhear um volume das suas *Meditações das Domingas do anno*, suavissima leitura que toda é doçura e remanço para uma alma serena e sem pretenções a *innovadora.*

Deparou-se-me na Meditação IX, pag. 164 da edição de 1699, um trecho, que só por sua compostura classica e por-

[1] Carta—Pag. 10.
[2] Carta—Pag. 10.

Digitized by Google

tugueza me permitto citar aqui de passagem ao sr. Anthero do Quental, para que veja que entre os seus já houve quem fallasse chão; ora oiça; diz o seu douto avoengo isto assim: «*Observaram as acções do Senhor, e observaram como fariseus, para as calumniarem; e esta é a observancia dos que observam como fariseus as acções dos servos de DEUS para as calumniarem. Alerta, servos de DEUS! que são muitos os que observam as vossas acções para as calumniar, como os fariseus para as calumniar observam as de Christo Senhor nosso.*»

Isto não é, como poderia pensar um meu visinho rabequista muito azafamado e muito esperto (na esperteza e no instrumento collega do sr. Quental) comparar de modo algum o sr. Anthero do Quental aos fariseos, porque os fariseus eram maus, e perderam a Christo, e o sr. Quental não é mau no intimo (que o sei eu), e não perdeu coisa nenhuma, nem perde; nem (e ainda menos) é comparar os ditinhos da sua carta ás calumnias dos fariseus. Foi só um excerptosinho classico portuguez, seu parente, que eu me permitti, e como que de passagem, sotopor ao alto juizo do contendor dos *classicos*.

Lembre-se tambem o mesmo ornamento da Academia, que seu avô paterno o sr. André da Ponte do Quental (para não ir mais longe, ou não fallar em vivos) foi tambem homem de boas lettras, amigo de um certo *traductor*, de um certo *imitador*, e de um certo *enfeitador de ninharias* que se chamava Bocage; que foi poeta como Bocage, e que tudo quanto escreveu me consta que se entende, e se entendia já ha sessenta annos.

Agora passemos adiante.

## IX

Apontaremos a correr mais alguns trechos notaveis desta fecundissima segunda parte do escrito coimbrão.

Diz-se lá por exemplo que:

«*Nem aos mestres, aos que a maioria boçal aponta como illustres, nem á opinião, á critica sem sciencia nem consciencia das turbas, do maior numero, deve (o escritor) pedir conselhos e approvação, mas só ao seu entendimento, á sua meditação, ás suas crenças.*»

Quer isto dizer duas coisas:

1.ª—que o julgamento das maiorias é para coisas litterarias o peor julgamento.

Digitized by Google

2.ª—que só de si, e não dos conselhos dos entendidos e experimentados, deve o principiante inspirar-se para progredir.

Da primeira sentença deduz-se naturalmente, que desde que ha mundo se tem andado erradissimo em acreditar na grande voz das reputações. Homero apontado illustre pela *maioria boçal* de todo o mundo, é talvez uma fama panica; deve consultar-se neste caso a minoria, entre as gerações que durando vinte e tres seculos o veneraram; a todo o mundo opponham-se um Zenodoto, um Aristophanes de Bysancio, um Zoilo, e mais alguns da eggregia companhia. Embora os crucifiquem, vel-os-heis raivando, *a enristar não a lança mas a lingua, que é a mais perfurante e contundente das armas conhecidas*, como lá disse, e tão acertadamente, Camillo Castello Branco. Isto de reputações deve, segundo o sr. Quental, ser tomado na rasão inversa do numero dos admiradores; assim, Homero e Hugo, a quem o orbe todo acclama e adora, são dois cicophantes e bandoleiros. Grande, deveras grande é...... é por exemplo o sr. Anthero do Quental, a quem só um pequeno numero de conhecidos e condiscipulos admira e louva.

Passemos á segunda sentença: nada de mestres, e os modelos cada um os tem em si proprio. Bella maxima! o sr. Anthero do Quental é a Minerva armada e adulta, brotando do cerebro de um deus; os outros porém não são assim; os maiores escritores e pensadores levaram annos e annos a pensar, a estudar, a imitar, a copiar; e como são a generalidade, de que o sr. Quental é apenas excepção, constituem elles a regra.

Tenho a gloria de poder dizer que já o autor do *Fausto*, pensava assim tambem, pois disse:

«*De si mesmo é o homem estulto e desgeitoso. Artista que alardeie não ter tido* PROFESSOR, *lá teve os grandes mestres antigos, com quem viveu e se formou. Recebeu lições desses taes, e dos predecessores, e até da contemplação da natureza. Se acaso teve em partilha um bom talento, foi a natureza, e foi a arte quem lh'o affiseram...... Ninguem pode dizer que tudo o que é a si proprio o deve; isso só ousará dizel-o um artista louco e mão, mas nunca um bom artista.*»

O que a pagina 9 segundo § se diz dos escriptores *puros, limpos, e innocentes* merece deveres relido, porque, além do elegante e lyrico da phrase, contem um quadro. Remettemos a esse logar da carta o leitor curioso. A esses taes chama o sr. Luthero do Quental *poetas*, porque *ensinam o bem, e porque são* ORIGINAES.

Digitized by Google

*(Originaes*, isso são de certo, ninguem lh'o nega; e até muito originaes.)

*E porque são tão poeticos como os seus poemas.*

(Tambem ninguem lhe nega essa qualidade; estamos de accordo.)

---

*Os outros......* (oiçam, oiçam; o meu visinho *rabequista*, a quem ácerca do sentido deste paragrapho que principia *Os outros* consultei esta manhã, porque estava de bom humor, disse-me que sem questão nenhuma se referia ao sr. Antonio Feliciano de Castilho; eu dou-a pelo custo; ora oiçam, que vale a pena; é o cantor de *Echo e Narciso* tal e qual; quem o não reconhecerá!)

*Os outros* — diz Luthero — *adoram a* PALAVRA, *que illude o vulgo, e despresam a* IDÊA, *que custa muito e nada luz. São apostolos do diccionario, e teem por evangelho um tratado de metrificação. Fazem da poesia o instrumento das suas vaidades. Pregam o bem por uso e convenção litteraria, porque se presta á declamação poetica, mas praticam o egoismo por indole e por vontade. Fazem-nos descrer da grandeza humana, porque são uns sophismas, que nos mostram a pequenez e a má fé, aonde as apparencias são todas de nobreza. Preferem imitar a inventar; e a imitar preferem ainda traduzir. Repetem o que está dito ha mil annos, e fazem-nos duvidar se o espirito humano será uma esteril e constante banalidade. São os enfeitadores das ninharias luzidias. Põem os nadas em pé, para parecerem alguma coisa. São os idolos litterarios da multidão que mal sabe ler. São os philosophos queridos da turba que nunca pensou. São emfim genios no Brazil*, *como V. E.*

Sim, são *genios*, estes homens vulgares e banaes que se chamam Antonio Feliciano de Castilho; o modo como auxiliaram e presidiram á revolução litteraria o prova de sobejo a quem não é myope.

*É um homem bom* — (sirvamo-nos outra vez aqui de palavras de um dos maiores genios allemães, Gœthe, que por ser *allemão*, e *genio*, dobrado parentesco tem com o philosopho de Coimbra). — *É um homem bom, e é por isso mesmo que elle é* GRANDE; *porque se a um homem* BOM *coube além da bondade o talento, é certo que ha de sempre desvelar-se a bem do mundo, quer seja artista, ou naturalista, ou poeta, ou o que fôr.*

Digitized by Google

As suas insinuações alleivosas, sr. Anthero do Quental, não demudam as opiniões correntes, de annos e annos, em todo o mercado das intelligencias, que falla portuguez. Refiro-me a *este ignorado canto de terra, a que ainda se chama Portugal*, e a esse outro nascente Imperio nosso irmão, onde pulsa o nosso sangue.

Lá, lá, mesmo, a duas mil leguas da nossa metropole, ha um Imperio florescente, onde homens amigos se não correm de acclamar de longe, sem rebuço e sem invejas, este cego estrangeiro, que de tão longe os allumia.

O Homem Eminente, a quem a PROVIDENCIA dispartiu o Throno brasileiro, e que pela sua altissima posição e sagrado caracter, está fóra e acima de toda a nossa discussão, não se dedigna de honrar com a sua alta amisade e estima a este *enfeitador de ninharias luzentes*.

Seu Augusto Genro o Conde de Eu tributou inequivocas provas de affecto ao poeta portuguez.

Os primeiros pensadores do Brazil, os grandes do Brazil, o tratam como irmão.

Os poetas do Brazil o cantam e festejam.

Os leitores do Brazil exhaurem, umas apoz outras, as edições das obras d'este *apostolo do diccionario*, que tem por unico *evangelho um Tratado de Metrificação*.

E todos, em Portugal, e no Brazil, e o grande Garrett, e o cardeal Saraiva, e José Estevão, e Innocencio da Silva, e Thomaz Ribeiro, e João de Lemos, e o Visconde de Gouvêa, e Silva Tullio, e Silvestre Pinheiro, e Camillo Castello Branco, e Filippe do Quental, e Casal Ribeiro, e o Duque de Palmella D. Pedro, e Rodrigues de Bastos, e Vicente Pedro Nolasco, e Antonio de Cabedo, e D. Antonio da Costa, e Zacharias de Araujo, e o Conde de Avila, e Andrade Corvo, e o Padre Fernandes Leitão de Gouvêa, e Jorge de Figanière, e o Conde da Carreira, e Latino Coelho, e Rodrigues Sampaio, e Pinheiro Chagas, e Lopes de Mendonça, e Soares de Passos, e o Barão da Ribeira de Sabrosa, e Adrião Forjaz, e Celestino Soares, e o Visconde de Villar Maior, e a Marqueza de Alorna, e José Maria da Silva Leal, e Emilio Monteverde, e Osorio de Vasconcellos, e Rodrigo Paganino, e Thomaz de Carvalho, e Barros Côrte-Real, e Augusto Lima, e Ernesto Biester, e Jacintho de Freitas Oliveira, e Ricardo Guimarães, e Cunha Bellem, e Ayres de Gouvêa, e Corrêa Leal, e Dias de Oliveira, e Gomes de Amorim, e o Visconde de Villari-

Digitized by Google

nho de S. Romão, e Francisco Evaristo Leoni, e Manuel de Mello Guimarães, e Couto Monteiro, e Estacio da Veiga, e Rodrigues de Gusmão, e Augusto de Sousa Lobo, e Antonio Ciro Pinto Osorio, e Sousa Telles, e Midosi, e Camara Leal, e Eugenio de Barros Ribeiro, e Santos Valente, e Jacintho da Silva Mengo, e Francisco de Freitas Gamboa, e Manuel Maria Portella, e Antonio Moniz Barreto Corte-Real, e Andrade Ferreira, e Antonio Gil, e Assiz Rodrigues, e Cunha Rivara, e Bernardino Pinheiro, e Cabral Couceiro, e Francisco Palha, e Filgueiras Sobrinho, e José de Sousa Bandeira, e Martins Bastos, e Monteiro Teixeira, e José Horta, e Lemos e Napoles, e Luiz Filippe Leite, e Pedro Diniz, e Manuel Roussado, e Claudio Nunes, e Borges de Figueiredo, e Costa Cascaes, e José do Canto, e Bernardino Gomes, e Pinto de Almeida, e Pinheiro Caldas, e Leão Cabreira, e Franzini, e Teixeira de Vasconcellos, e Rebello da Silva, e João de Aboim, e Francisco Bordallo, e Faustino de Novaes, e Julio Machado, e Lima Leitão, e D. Pedro da Costa, e o Marquez de Abrantes, e o Barão da Foscoa, e Rodrigues Cordeiro, e José Pinto Rebello de Carvalho, e José Frederico Pereira Marecos, e Barreto Feio, e André Joaquim Ramalho, e João Vicente Pimentel Maldonado, e Felix de Avellar Brotero, e Trigoso de Aragão Morato, e Antonio Ribeiro dos Santos, e Passos Manuel, e Ribeiro Saraiva, e Mendes Leal, e Silveira Malhão, e Vieira de Castro, e Silveira Lopes, e Manuel Ferreira Portella, e Antonio Pereira Zagallo, e João Alexandrino de Sousa Queiroga, e Padre José Vicente Gomes de Moura, e Manuel Sanches Goulão, e Vicente Ferrer Netto de Paiva, e Jorge Guilherme Lobato Pires, e João Vicente Martins. e Manuel Borges Carneiro, e José Gomes Monteiro, e José Victorino Barreto Feyo, e Julio Caldas Aulete, e Luiz Palmeirim, e Augusto Palmeirim, e o Padre José Ignacio Roquete, e o Conde de Sabugal, e o Conde da Taipa, e o Visconde de Monção, e o Conde de Mello, e Bordalo Pinheiro, e João Evangelista Pereira da Costa, e Manuel Innocencio, e Sendim, e Francisco Sotero dos Reis, e Pedro Alexandre Cavroé, e Manuel José Barjona, e José Agostinho de Macedo, e Miguel Osorio Cabral, e Filippe Ferreira de Araujo e Castro, e Manuel de Serpa Machado, e Lourenço José Moniz, e Francisco Benevides, e Ignacio Silveira da Motta, e Rodrigo de Moraes Soares, e Barboza Leão, e Figueiredo Maio e Lima, e Senna Fernandes, e Jeronymo de Figueiredo, e Albino de Figueiredo, e Antonio Joaquim de

Digitized by Google

Figueiredo, e o Visconde da Lagoaça, e o Conde de Samodães, e Antonio de Lacerda, e D. José de Lacerda, e D. Luiz da Camara, e Claudio de Chaby, e André Antonio Avellino, e Lopes de Lima, e José Theotonio Canuto de Forjó, e José Nicoláu de Massuellos Pinto, e Manuel Pedro de Mello, e Oliveira Vaz, e Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães, e Macedo Araujo Junior, e Belchior Curvo Semmedo, e João Felix Pereira, e Antonio José de Figueiredo, e Carlos José Pinheiro, e Sebastião Corvo, e Francisco Martins de Andrade, e Domingos Bomtempo, e Frey José da Sacra Familia, e Pedro Augusto Martins da Rocha, e José Pinto Rebello de Carvalho e Souto, e Duarte de Sá, e João Nepomuceno de Seixas, e Xavier da Cunha, e Lopes de Vasconcellos, e Vieira de Sá, e o Marquez de Vallada, e Joaquim Ignacio de Freitas, e José Joaquim Serra, e Fradesso da Silveira, e José Jacintho Tavares, e o Prior de Arganil, e José Carlos Rodrigues Sette, e Amaral Frasão, e Araujo Zuzarte, e Ernesto Cibrão, e Fernando Castiço, e Jayme Moniz, e Sebastião Botelho, e Fontes Pereira de Mello, e José Maria Grande, e Antonio José Viale, e Filippe Folque, e o Morgado de Assentiz, e D. Gastão da Camara, e Antonio de Serpa, e Bulhão Pato, e Pereira da Cunha, e Rodrigo da Fonseca, e o Duque de Saldanha, e Costa e Silva, e o Visconde de Seabra, e João de Deus, e José Pereira Botelho, e Anselmo José Braamcamp, e Diogo de Goes Lara de Andrade, e Firmo Pereira Marecos, e José Maria de Abreu, e Adriano Cardoso d'Abreu Machado, e Alexandre Herculano; e Adolpho de Varenhagen, e Gonçalves Dias, e o Marquez de Rezende, e o Visconde da Pedra Branca, e Monte Alverne, e Porto Alegre, e José Eloy Ottoni, e Rangel de Torres Bandeira, e Thomaz Alves, e Bruno Seabra, e Pedro Luiz Pereira de Sousa, e F. A. Brandão, e Bettencourt e Silva, e Joaquim José Teixeira, e Fortunato Penido, e o Marquez de Olinda, e Pedreira, e o Barão de Itamaracá, e Menezes Doria, e o Talma brazileiro João Caetano, e Paes de Andrade, e Machado de Assiz, e Alvares de Azevedo, e Mello Moraes, e Pereira da Silva, e Pinto de Campos, e Nogueira da Gama, e D. José de Assis Mascarenhas, e quantos mais; e os portuguezes de Ponta Delgada, e os portuguezes de Leiria, e os portuguezes de Coimbra, e os portuguezes do Porto, e os portuguezes em Porto-Alegre no Brazil, e os portuguezes do Rio Grande, e as sociedades portuguezas, brazileiras, francezas, romanas, e os Institutos e as

Digitized by Google

Academias (sem fallar nos nossos Augustos monarchas, desde o Senhor D. João VI até ao Senhor D. Luiz, em quem a alteza e magestade do Throno me veda fitar os olhos) e todos, repito, e lá ao longe Edgard Quinet, Ferdinand Denis, Pauline Flaugergues, Jacques Arago, Antonio Briccolani, Antonio Bindocci, Lope de la Vega, Martines de la Rosa, Eugene de Monglave, Hyppolite Genton, e os diccionaristas e criticos da França e da Hespanha, e Achille Milliens, e Caetano Frascarelli, e Carlo Mattei, e Leon de la Vega, e D. Eusebio Asquerino, e Dona Rogelia Leon, e D. Thomaz Gomes, e Madame Amable Tastu, e Mellin, o chamado Walter Scott da Suecia, e Luciano Bonaparte, e Veggesi Ruscala, e Adriano Balbi, e Galleano Ravara, e Alcalá Galliano, e Don Ramon de Campoamor, e Louis Sauvages, e José Ilsley, e Hermano Roeder, e Krause, e Cesare Perini di Lucca, e Monsenhor Stefano Bruti, e o General Liberato Bruti, e D. Luiz Breton y Vedra, e D. Manuel de Mendoza, e o proprio Mestre de todos, Victor Hugo, são um bando de ineptos e boçaes, porque abraçam ou abraçaram o poeta portuguez, acclamam o seu *genio*, e o saudaram ou saudam como irmão.

A rasão, a justiça, a luz, e a sensatez, residem desde todo o principio no sr. Luthero do Quental, a quem só um pequeno numero de condiscipulos exalta e louva (*pequeno numero*, repito em abono á intelligencia da maioria da Universidade, que repelle já de muito a invasão destes hunos do bom senso)

Pois apesar do sr. Luthero, houve entre os do seu sangue uma bella alma, que se não correu de dedicar ao sr. Castilho estas duas estrophes, que por motivos de bem entendida ufania e eterno agradecimento memoramos neste logar:

TUA MAGICA LYRA ENCANTA E PRENDE,
AOS QUE TE OUVEM PULSAL-A, INCLITO VATE;
VÊS CHORAR, SE ELLA GEME; E QUANDO CANTA,
AS ALMAS ARREBATA.

---

ÉS, CASTILHO, MAIOR QUE CEM MONARCHAS;
MAIS QUE MIL SCEPTROS VALE A TUA LIRA;
ÉS MONARCHA QUE REGE ENTENDIMENTOS,
E CORAÇÕES CAPTIVA. [1]

[1] Estes versos foram dirigidos a meu Pae em Ponta Delgada, a 29 de novembro de 1848 pelo exm.º sr. Doutor Filippe do Quental, Tio paterno do sr. Anthero do Quental.

Digitized by Google

Tambem annos antes, um grande poeta, endereçando a Castilho um grande livro, a *Harpa do Crente*, lhe esculpia no frontispicio:

ALMA AFINADA PELAS HARPAS DE ANJOS,
REI DAS CANÇÕES, ENTENDERÁS MEU HYMNO.

## X

Arranquemo-nos a este enfadonho repizar verdades: passemos á terceira parte do opusculo. Principia, segundo me parece, no terceiro paragrapho de pagina 10.

Ahi, num periodo deveras brilhante e energico, debuxa o autor em poucos traços o maravilhoso quadro da era moderna, desta era, que (no dizer eloquente do sr. Quental) é *de transformação dolorosa, de scepticismo, de abaixamento moral, e de descrença.*

Vive DEUS que assim o confessa elle proprio! vive DEUS!

Segue-se um paragrapho, cheio dos taes espinhos occultos. Isto não é lealdade, sr. Quental; desnude a espada, e não apunhale pelas costas. Alludirão por exemplo a meu Pae *as sinecuras opulentas? os corrilhos do ellogio mutuo? o choque das maledicencias? o casamento das vaidades? as cadeiras almofadadas? as rendosas conezias litterarias? as prebendas? as explorações?*

Preciso sabel-o; entende? preciso sabel-o. Isto é peremptorio, e muito serio; a resposta deve ser igualmente peremptoria, e igualmente séria.

No emtanto, transcrevamos textualmente o sublime trecho, que é, por assim dizer, a coroa do livrinho: a analyse miuda que ás obras do sr. Castilho fez o sr. Quental:

«*Não é*—affirma elle—*traduzindo os velhos poetas sensualistas da Grecia e de Roma (alludo ás traducções de Ovidio e Anacreonte); requentando fabulas insossas diluidas em milhares de versos semsabores (alludo ás Cartas de Echo e Narciso); não é com idyllios grotescos, sem expressão nem originalidade (alludo á Primavera); com allusões mythologicas que faziam bocejar nossos avós*[1]; *com phrases e senti-*

1 Não eram de certo o sr. André da Ponte do Quental da Camara, nem o sr. Bartholomeu do Quental.

Digitized by Google

*mentos postiços de academico e rhetorico (alludo ao Tributo portuguez na morte de D. Pedro* V); *com visualidades infantís e puerilidades vãs (alludo aos tratados de Metrificação e Mnemonica); com prosas imitadas das algaravias mysticas de frades estonteados (alludo a todas as obras em prosa); com banalidades (alludo a todas as obras juntas, prosa e verso) (!); não é sobretudo lisonjeando o mao gosto e as pessimas idêas das maiorias, indo atraz dellas, tomando por guia a ignorancia e a vulgaridade, que se hão-de produzir as idêas, as sciencias, as crenças, os sentimentos, de que a humanidade contemporanea precisa para se reformar, como uma fogueira a que a lenha vai faltando.*

O que vai faltando é a paciencia, sr. Anthero do Quental.

Não é fazendo isso tudo! então como é? como é que se produzem as *idéas*, as *sciencias*, as *crenças*, os *sentimentos?* é escrevendo a *Beatrice?* é escrevendo as *Odes Modernas?* é escrevendo *Arte e Verdade?* é escrevendo o prologo aos *Cantos da Solidão*, livro aliás muito formoso, do sr. Manuel Ferreira Portella?

Mas basta. Eu não sou critico de profissão. O sr. Anthero do Quental deu-se ao trabalho de analysar, segundo o seu juizo, as obras de meu Pae; mas eu é que me não dou ao praser de analysar as suas.

Alguem se vai encarregar dessa missão de demolidor.

---

«*Quem pensa e sabe hoje na Europa*—torna o sr. Luthero—*não é Portugal, não é Lisboa*; *é Pariz, é Londres, é Berlim.*

(Póde accrescentar-se:—*é a casa do sr. Quental em Coimbra.*)

«*Não é a nossa divertida Academia das sciencias, que revolve, decompõe, classifica e explica o mundo dos factos e das idêas. É o Instituto de França, é a Academia scientifica de Berlim, são as escolas de philosophia, de historia, de mathematica, de physica, de biologia, de todas as sciencias de todas as artes, em França, em Inglaterra, em Allemanha.*

(Accrescente-se: *é Anthero do Quental.)*

---

O que se segue, ficou pulverisado pelo sr. Pinheiro Chagas, quando perguntou:

«INNOVAM *o quê? inventam o quê? a philosophia de Hegel? os systemas historicos de Vico? a simbolica pagã de Creuzer?*

Digitized by Google

*o esclarecimento da historia pelo estudo da jurisprudencia de Savigny? a critica de Schlegel, de Raynouard, de Villemain, de Michelet, de Quinet, de Tayne? Mas isso tudo já lá fóra desceu das misteriosas alturas do saber de poucos, para a erudição comesinha dos Diccionarios de Conversação. Applicaram ao menos ao estudo das coisas patrias os novos pharoes accendidos pelos sabios estrangeiros, pharoes que projectam a sua immensa luz nos mares tenebrosos do passado? Não: nem isso, a menos que os artigos do sr. Theophilo Braga, que não dão um passo para além dos prologos de Garrett, não sejam considerados como equivalentes aos trabathos dos eruditos francezes e allemães! E porque não ha-de ser assim?.......................................*

.........................................................

Passaria de leve pelo resto, se não encontrasse entre as palavras do final do terceiro paragrapho de pagina 12 uma pontinha envenenada, que é mister cortar: é uma ironia, com que o autor da carta tem a desfachatez de fallar no *novo methodo repentista.*

Isto o sr. Quental! isto uma intelligencia muito clara e muito alta! isto um homem que viu em S. Miguel os milagres da regeneração escolar! isto um sobrinho de um dos mais estrenuos defensores do methodo portuguez! isto um membro da geração nova! isto um escritor que trabalha para ser lido, e a quem só hade ler quem souber ler! isto em 1865! Negar factos, nem S. Thomé.

Saiba porém o sr. Quental que essa ironia, com que pretende verberar o *inepto* que abriu as portas da luz a todo um povo, não chegou ao seu destino; se fosse raio, estalava-lhe entre as mãos, e desfazia esse Jupiter Tonante de comedia; como nem raio era, não estalou.

Uma ironia! o sr. Anthero do Quental! uma ironia!

Replica elle:

«*O metrificador das cartas de Echo diz ao pensador da Phylosophia da natureza:—«Tira-te do meu sol.» O mythologo do diccionario da fabula diz ao profundo descobridor da Simbolica:—«És um ignorante.»—A rhetorica portugueza diz á sciencia, ao espirito moderno:—Cala-te d'ahi, papelão.*»

Em tudo se engana redonda e vergonhosamente o sr. Quental, ou finge enganar-se, que é muito mais vergonhoso ainda.

O *metrificador das cartas de Echo e Narciso* não diz—«Tira-te»—ao pensador da philosophia da natureza; mas o



Digitized by Google

*metrificador das cartas de Echo e Narciso* póde dizer:—«Vai-te»—ao *pensador* das *Odes Modernas.*

O *mithologo do diccionario da fabula* não disse nunca ao *descobridor da Simbolica*—«És um ignorante»—; mas esse mesmo *mithologo* póde dizer isso mesmo ao autor da *Arte e Verdade.*

A *rhetorica portugueza* não diz á sciencia—«Cala-te»—, nem insulta o espirito moderno chamando-lhe *papelão* (como quer o sr. Quental); mas póde mandar calar (ao menos em Tibur) o inimigo da *rhetorica portugueza*, do *bom senso*, e do *bom gosto*, o falseador do espirito moderno, que do seu antro envia ao mundo moeda falsa no peso e no cunho, e quer não obstante um logar junto aos grandes *innovadores* e revolucionadores da sociedade.

A *philiosophia* verdadeira, sã, e humanitaria, não é odiada nem desconheeida pelo philosopho inventor do Methodo portuguez; mas os entenebrecedores por officio, esses sim.

O autor do *Camões* não se ficou a sonhar com os quinhentistas, nem com os *frades estonteados;* a sua mystica lá delle, e o seu milagredo é a regeneração da instrucção primaria. Acompanhou desde 1820 o espirito moderno, ajudou-o de 1828 até 1834, depois cantou-o sempre, e anticipou-o muita vez. Vive todo com o coração no passado *bello*, mas com a mente no futuro *bom*, no futuro ideal que só os grandes poetas, como elle, vaticinam, e que vai desde que ha mundo atraindo a pouco e pouco a humanidade, do conhecido para o desconhecido, do finito para o infinito, do exilio para DEUS!

## XI

Quarta parte: O IDEAL. Principia, quanto a mim, no 5.° § da pagina 12.

Já o sr. Pinheiro Chagas, com a proficiencia que todos lhe conhecem, tocou este ponto, dos mais espinhosos, da verrina de Luthero.

Disse Luthero:

«*É que tudo isto não passa de idêas. Ora ha uma coisa que o sr. Castilho tomou á sua conta, que não deixa em paz, que nos prometteu destruir... é a metaphysica... é o ideal! O ideal! palavra mystica; de gothica configuração; quasi impalpavel; espiritualista; impopular; que o artigo de fundo re-*

Digitized by Google

*pelle; que desacreditaria o deputado do centro que a empregasse; que Victor Hugo adora e de que se riem os localistas; que não chega para um folhetim, e que enche o maior poema; immensa aos olhos dos que vêem com os olhos fechados, e que nunca viram os que os trasem sempre arregalados; palavra pessima para uma rima de madrigal; palavra que faz desmaiar as beatas, grotesca num botequim; disforme numa sala; medonha numa assembléa de litteratos horacianos... decididamente V. E. devia odiar esta desgraçada palavra!»*

Respondeu Pinheiro Chagas, que, segundo parece, é, pelo menos, Cardeal sub-diacono da curia de Leão x:

«*A maxima virtude dessa escóla que excita as nossas iras, é a sua adoração pelo ideal, o sacerdocio augusto que esses poetas exercem. Isso sim; isso é que nós não percebemos; por isso é que os apedrejamos.*

---

Mas, senhores! o que é o IDEAL para o poeta? pergunto eu.

IDEAL não são as rimas nem as phrases. IDEAL é a humanidade nova; a humanidade que o poeta concebeu e procreou com o pensamento, e que lhe responde de todo o ponto a uma *idéa*, a um typo [1]; não é assim?

IDEAL é a nação de ámanhã, que pela sua palavra e pela sua muzica, o poeta affeiçoa, educa, e levanta. [2]

IDEAL são as crenças e os brios de nossos avós, que pelo metro, ou nos marmores de Paros onde se esculpe a historia legendaria das nações, o poeta ressuscita no coração dos seus contemporaneos, no coração de seus netos, no coração dos netos de seus netos. [3]

IDEAL é o aquecimento da altivez nacional, o rejuvenescimento de uma lingua que não é castelhana, e (se DEUS nos ouvir) nunca o será. [4]

IDEAL para o poeta verdadeiro sacerdote do bom gosto é

[1] Alludo ás *Cartas sobre as escolas populares*, á *Carta a El Rei D. Luiz*, ás *Cartas a El Rei D. Pedro e á Senhora D. Maria* II, *e ao Senhor D. Pedro* II *do Brazil*, etc.

[2] Alludo á segunda *Epistola* á Senhora D. Thereza Imperatriz do Brazil, ao Monologo de Emilia das Neves, á *Dedicatoria* da Adriana Lecouvreur, ao popularissimo *Hymno do trabalho*, etc.

[3] Alludo á *Chacara de Santa Iria*, á *Chacara de D. Auzenda*, á *Chacara da Tomada de Coimbra*, á *Chacara de Inez de Castro*, á *Chacara da Mulher marinha*, a todas as chacaras, aos *Quadros historicos de Portugal*, ao drama *Camões* etc.

[4] Alludo a todas as obras em prosa, e a todas as obras em verso.

Digitized by Google

a sotoposição aos olhos do povo, e a vulgarisação dos modelos artisticos eternamente juvenís da estatuaria eloquente da Grecia e Roma. [1]

IDEAL é a Liberdade augusta, que o poeta sustenta e afervora com a sua palavra de fogo, mesmo sob o açoite ferreo de Calígula. [2]

IDEAL é a concitação omnipotente aos sentimentos fortes, o apello purificador ás grandes dores da alma, aos grandes abalos moraes que todo o mundo entende. [3]

IDEAL são para o poeta as lagrimas que vertem os corações de bem, lagrimas suaves, que lhes são balsamo, ensino, consolação. [4]

IDEAL é a civilisação suave de todo um povo, por quem o poeta se desvela, e enterra a lyra dos seus verdes annos. [5]

IDEAL é numa palavra um povo inteiro a ler, a cantar, a amar, a progredir, a comungar na meza do progresso; illustrado, valente, religioso. [6]

Isto é que é o IDEAL deste poeta peninsular de coração, grego e romano de fórma; deste poeta a quem o sr. Quental ousou consporcar com a sua baba venenosa. *Tu quoque, Brute?*

IDEAL não são as *ninharias luzentes;* IDEAL é a idéa maxima que a ellas preside, as doira, e as sublima.

IDEAL é isto. Acha pouco? leia as obras deste cego vidente, aquilate-as se souber, entenda-as se poder, e diga-me

[1] Alludo ás versões de Ovidio, Virgilio, Moscho, Sapho, Bion, Anacreonte, etc. e aos poemas originaes a *Primavera,* as *Cartas de Echo,* a *Invenção dos jardins* etc.

[2] Alludo aos *versos liberaes,* á *Meditação,* ao *Sacrificio a Camões*, aos *sonetos liberaes,* á *Epistola ao Senhor D. Miguel de Bragança,* á *Epistola* ao povo nas eleições de 1834, á *Cantata* de 1821, á *ode na morte de Gomes Freire e seus socios* em 1817, etc.

[3] Alludo aos *Ciumes do bardo,* á *noite do Castello,* ao *Campanario de Farum,* ao *Presbyterio da Montanha,* ao poema de *Santa Maria Egypciaca,* etc.

[4] Alludo ao *Cemiterio campestre,* á *Chave do enigma,* ao *Epicedio á Senhora D. Maria* I, ao *Tributo portuguez* á morte do Libertador, ao Tributo no transito do Senhor D. Pedro V, á *Primavera no mar,* ao *Amor e Melancolia,* e ao *Natal do póbresinho.*

[5] Alludo á *Felicidade pela Agricultura,* á *Felicidade pela Instrucção,* ás *Noções rudimentaes para uso das escolas,* ao *Tratado de Metrificação,* ao *Tratado de Poetica,* ao *Tratado de Mnemonica,* ás *Estreias poetico-muzicaes,* ao *Curso de lingua latina.*

[6] Alludo ao Methodo portuguez, e á livraria de ineditos por elle suscitados.

Digitized by Google

depois se em sua consciencia entende que este *metrificador* tem de viver nos seculos, ou se ha-de morrer em vida, como morreram as obras de tantos outros!

Empraso-o a que responda.

As honrarias a que allude no fim do § quarto de pagina 13 forjou as o sr. Quental; nem admira: quem forja tanta falsidade, não é muito que fabrique alguns oiropeis. As *commendas*, os *factos*, as *realidades*, as *decorações*, e as *academias*, cifram-se no logar de Vogal do Conselho Geral de Instrucção Publica, e no gráo de simples Cavalleiro da Torre e Espada, a occultas sollicitado, por signal, pelo Visconde de Almeida Garrett para os seus dois amigos Herculano e Castilho, e delicadamente entregue aos agraciados num jantar em casa do cantor da D. Branca, onde compareceu além dos tres o sr. Corrêa Leal, tambem por essa occasião agraciado com a Conceição de Villa Viçosa.

Nem a carta de conselho, com que toda a gente o condecora, nem a grã-cruz litteraria que lhe não coube, nem fôro nenhum, nem attributo com que se confunda com a plebe dos condecorados. Esse favor deve elle aos distribuidores de mercês no seu paiz.

Aconselho portanto ao sr. Quental a que não falle do que não sabe ou finge não saber.

Dizia o sempre memoravel Padre Antonio Vieira estas palavras, que, por de todo moldadas no espirito moderno, e talvez até no caso particular e pessoal onde o sr. Quental houve por bem trazer-nos, julgamos bem cabidas neste logar; eil-as, se comtudo o citar ao sr. Quental um *classico bolorento* não é sacrilegio ou impertinencia:

«Se servistes a patria, que vos foi ingrata, vós fizestes o «que devieis, ella o que costuma. Mas que paga maior para «um coração honrado que ter feito o que devia? Quando fi«zestes o que devies, então vos pagastes....

«Se vossos feitos foram romanos, consolae-vos com Catão, «que não teve estatua no Capitolio. Vinham os estrangeiros a «Roma, viam as estatuas daquelles varões famosos, e pergun«tavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatua de «todas. Aos outros poz-lhes a estatua o senado; a Catão o «mundo.

«Deixae perguntar ao mundo, e admirar-se de vos não vêr «premiado. Essa pergunta, e essa admiração, é o maior e o «melhor de todos os premios. O que vos deu a virtude, não

«vôl-o póde tirar a inveja; o que vos deu a fama, não vôl o «póde tirar a ingratidão. Deixae-os ser ingratos, para que «vós sejaes mais glorioso.

«Um grande merecimento sobre uma grande ingratidão «fica muito mais subido. Se não houvesse ingratidões, como «haveria finezas? Não deis logo queixas ao desagradecimen-«to, dae-lhe graças.

«Mas quando as mercês não são prova de ser homem, se-«não de ter homem, e quando não significam valor senão «valia, pouca injuria se faz a quem se não fazem. Dizia com «juizo Marco Tullio, que as mercês feitas a indignos não hon-«ram os homens, affrontam as honras. E assim é. As com-«mendas em similhantes peitos não são cruz são aspa; e «quando se vêem tantos ensambenitados da honra, bem vos «podeis honrar de não ser um delles. Sejam esses embora «exemplo da fortuna, sêde-o vós da virtude.»

O final da carta de Luthero é de tal jaez, que o tocar-lhe seria blasphemia ao deus do ridiculo. Julga este anãosinho das sebentas, que, para discutir um homem ou uma idéa, é preciso ignorar a civilidade. Engana-se porém.

Ser amigo de Shakespeare e Hugo não veda ser-se tambem admirador e amigo de um varão como Antonio José Viale.

O sr. Conselheiro Viale é um homem de bem, e sabe, e manuseia, e estima, (talvez como ninguem em Portugal) as litteraturas classicas, que o sr. Quental odeia tão deveras. Respeito o sabio autor do admiravel *Bosquejo*, como antigo amigo de meu Pae; venero-o, como meu mestre, e verdadeiro mestre, consciencioso e incançavel, da geração nova. Nisso me ufano de seguir a opinião do proprio autor da *carta*, que affirma que o sr. Viale falla latim *como Bavio e Mevio*. Que maior elogio quereis? Bavio e Mevio eram dois criticos tão injustos e acres como o sr. Luthero; isso é verdade; mas tenho para mim que fallavam e escreviam o aureo latim do seculo de Augusto. O que pois se quiz erradamente interpretar aqui em alguns gremios de Lisboa como motejo e ironia ao abalisado professor do Curso Superior de Lettras, era nada menos do que a sua canonisação em bocca tão competente como a do vate de Coimbra. Ao menos, acertou desta vez.

Eu por mim, se no decurso deste longo arrasoado muita vez me excedi, peço perdão ao publico; ao sr. Quental, não vejo por que o peça. A quem discutir de boa fé e cortezmente, nunca serei eu que o provoque. O provocar é bom para

Digitized by Google

estes espadachins, que não teem nada que fazer, mas aspiram a immortalizar-se deitando fogo aos templos e ás livrarias.

## XII

Vamos concluir, permittindo-nos revelar ao leitor uma observação nossa, e levantar uma pontinha do véo.

Escusa o sr. Anthero do Quental de aventar para esta sua guerra pretextos qual a qual mais frivolo; o sr. Quental veiu á liça, clamando a um lado e outro: *vingança! vingança!* porque estava certo de que o proprio gigante, que elle ostensivamente desafiava, lhe não responderia.

No fim da sua carta ao honrado editor o sr. Antonio Maria Pereira, impressa com o *Poema da Mocidade*, escreveu a *victima* do sr. Luthero:

— «*Queira V. S.ª dizer de antemão aos que discordarem das minhas opiniões, e o houverem de dizer pela imprensa, que o Virgilio me não dá licença para lhes responder. O que pensava e sentia, expendi-o. Lá brigar, não brigo, que tenho mais que fazer.*

E logo Achilles entrou na tenda. Assim que o souberam a pendurar a espada, e a depôr o elmo, eis saltam de tropel os insurgentes, e o insultam pelas costas; deixal-os insultar. Achilles não torna.

*Dominis absentibus, id ita fit.* Recorda-se o sr. Anthero do Quental por ventura desta sentença?

Console-se o sr. Quental. O seu livro fez muita bulha em Lisboa; durando dez dias o seu nome correu de bocca em bocca, e a sua fama igualou a dos mais fovorecidos. Apezar do silencio de toda a imprensa de Lisboa, a quem do fundo da alma e com todas as veras agradeço a benevolencia com que tratou o nome de meu Pae, o livrinho vendeu-se, e era isso o essencial.

Como filho do grande homem, agradeço ao sr. Anthero do Quental a sua carta. O sr. Anthero do Quental viu uma grande gloria portugueza, e disse comsigo:

— «É um grande talento, mas falta-lhe a consagração da posteridade, que os zoilos como quer que seja anticipam aos vultos eminentes; serei eu o zoilo de Castilho.»

O empenho era louvavel; a intenção caridosa.

Escusava porém o sr. Quental de incommodar-se; já o ti-

Digitized by Google

nham precedido no glorioso commettimento muitos mestres primarios, muitos calumniadores encobertos, muita vez o *Asmodeu* e os seus pares, em S. Miguel o infeliz que teve a honra de motivar o *Ou eu ou elles*, e em Lisboa o idiota que teve a honra de provocar a *Tosquia de um camelo.*

O sr. Anthero do Quental, menos venturoso, nada provocou senão o riso.

Lisboa—Travessa do Pé de Ferro n.º 13 (ás Trinas)
23 de Novembro de 1865.

JULIO DE CASTILHO.

**P. S.**

Parabens ao sr. Quental! O sr. Antonio Feliciano de Castilho ouviu fallar do opusculo, graças a uma alma caritativa que lhe foi levar a novidade. Leram-lhe o bello folhetim do sr. Pinheiro Chagas, e a engraçadissima, e (sob apparencias frivolas) judiciosa carta do sr. Manuel Roussado, ambos muito amigos do poeta e seus leaes admiradores. Quando lhe quizeram ler tambem o *Bom senso e bom gosto*, respondeu o cantor de Echo e Narciso:

— «Obrigado; isso, não. Lá eloquencia por eloquencia, antes a oração de Cicero contra Vatinio, ou os discursos de Demosthenes contra Filippe de Macedonia. Isso não; obrigado.»

21 de Novembro.

## A' ultima hora

Depois de impresso o presente opusculo, chegou-me acaso ás mãos um folheto de um tal sr. Elmano da Cunha, amigo (segundo parece) do sr. Quental. O estilo, o pensamento, a argumentação desse pobre folheto são deveras tanto abaixo do assumpto e do decoro que todos nos devemos, que me julgo inteiramente, não só dispensado mas até inhibido de responder lhe. O sr. Quental estava para mim em posição especialissima, e foi por isso que analysei, conforme as minhas posses, o seu opusculo. Agora ao sr. Elmano, acharia indecente retorquir uma palavra sequer. No campo dos improperios, das intrigas, das calumnias villãs, das fabulas arteiras, e dos precipicios, não me bato. O sr. Antonio Feliciano de Castilho fica sempre o que é, apezar de todos os Elmanos da Cunha (cujo numero é infinito); e o sr. Elmano da Cunha depois de todas as esfregas ficaria tambem na mesma. Por isso, desejamos boa venda ao seu livrinho, mas resposta não lh'a damos.

Lisboa 29 de Novembro de 1865.

Digitized by Google

Digitized by Google




# VENDE-SE

EM LISBOA—Na livraria de A. M. Pereira, rua Augusta n.os 50 e 52, e nas mais do costume.

NO PORTO E EM COIMBRA—Nas livrarias da Viuva Moré.

PREÇO 160 RÉIS

---

Nas mesmas lojas se encontra á venda:

Resposta á carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao Ex.mo Sr. Antonio Feliciano de Castilho, por Manoel Roussado.

PREÇO 100 RÉIS

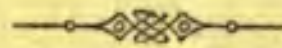
Digitized by Google

7

THEOPHILO BRAGA

# AS THEOCRACIAS

## LITTERARIAS



LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
RUA DOS CALAFATES, 110
—
1865

Digitized by Google

Digitized by Google

# THEOCRACIAS LITTERARIAS

Digitized by Google

Digitized by Google

THEOPHILO BRAGA

AS

# THEOCRACIAS LITTERARIAS

RELANCE SOBRE O ESTADO ACTUAL

DA

## LITTERATURA PORTUGUEZA

A. Sampaio

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua dos Calafates, 110

1865

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
Jun. 23, 1924

Digitized by Google

# THEOCRACIAS LITTERARIAS

## RELANCE

## SOBRE O ESTADO ACTUAL DA LITTERATURA PORTUGUEZA



Força-me a consciencia a erguer a voz:

Estamos n'uma terra em que a verdade para ser ouvida precisa trazer a fórma do escandalo. A não vir d'este modo é uma coisa inintelligivel, obscura. Tanto melhor para quem aspira a ser entendido sómente por aquelles que se pagam de sua obscuridade pela firmeza da consciencia, e integridade de caracter.

A grande individualidade, resultado dos progressos d'este seculo, vae tornando impossiveis todas as supremacias, tanto na religião, como no estado, como na arte. É para onde confluem todos os esforços, todas as luctas; é o mobil de acção na Europa moderna.

As realezas litterarias foram as primeiras que acabaram, porque se comprehendeu de prompto, que não era o modêlo academico, mas o sentimento puro, que nos havia elevar á perfeição, dar-nos a percepção immediata das fórmas que traduzem o bello na vida. Cada um, em vez de ir com

Digitized by Google

os olhos nas pégadas do mestre, procurou desenvolver em si esse sentimento ingenito; e em vez de arrancarem curiosidades hybridas de sua phantasia, souberam descobrir como a eternidade se allia com as creações humanas. Passo dado pela evolução romantica.

Uma das phases mais brilhantes da vida de Goöthe, depois de se ter encarnado no Fausto e contemplado o ideal serêno do mundo antigo, as fórmas encantadoras de Helena, o typo supremo do bello; depois de ter representado as luctas e revoluções com que o christianismo abalou a alma humana, na sublime creação da *Noiva de Coryntho,* o vulto do pensador e poeta realisa em si a mesma perfeição plastica, sente que se transfigura, a fronte envolve-se em uma magestade olympica. É justamente n'este ponto que elle sente em si uma realeza; a edade avança, a purpura está quasi a cahir-lhe dos hombros, substituida pelo sudario. Então lança os olhos pela mocidade da Allemanha, á busca do eleito. Vem de toda a parte consultar o vidente sentado no marco miliario da vida; o que elle diz grava-se como uma sentença, é o vaticinio em que dá a apotheose ou a obscuridade. Apesar da intuição e sciencia do bello, que é nos seus resultados similhante ao sentimento da justiça, quantas vezes não foi o semideus da arte injusto nas suas apreciações? Novalis, a alma mystica da Allemanha, a melancholia das elevações intimas que caracterisa a nacionalidade de Tauler, Hans Sachs, Ruysbroek, não foi avaliado por Goëthe. O pagão não comprehendera os devaneios crepusculares, os anceios vagos de uma alma, que aspirara o perfume da rosa mystica do christianismo. Goëthe foi uma vez injusto na sua vida, quando despresou o pobre e poeta Novalis.

Que differença entre Goëthe e o sr. Castilho? a mesma

Digitized by Google

que dá um zero por denominador. Comtudo, entre nós, como se vê pelas suas obras, ou talvez por esta infancia perpetua que lhe encontram os seus admiradores, que é essencialmente imitadora, procura tambem no ultimo quartel da vida acclamar-se o arbitro supremo da litteratura, e cobrir com os retalhos da sua purpura as chagas e aleijões dos aulicos, decretando-lhes a admiração publica, e impondo-os á posteridade. Cabia aqui, para todos, o bom dito de Voltaire a proposito da Epistola de J. B. Rousseau *Á Posteridade*. Se estas coisas fossem feitas por leviandade natural da senectude, ao menos tinhamos a certeza de que lá estavam as bemaventuranças que dariam por premio o reino do céo. O apparecimento de um livro é uma das melhores tertulias para o sr. Castilho; apparece logo como estes homens que vão a todos os enterros.

Esta phrase usual de *republica das lettras* significa mais do que se pensa; a intelligencia não reconhece magestades, nem hierarchias, vive da egualdade plena, e tanto, que é este o dom maravilhoso da razão, a uniformidade de processos para uma egualdade de resultados — a verdade. A Carta do sr. Anthero do Quental colloca na sua verdadeira altura o que significam estas insinuações perfidas contra a eschola de Coimbra [1], as attenções equivocas, e a animação clandestina aos adeptos que lhe vão na pista apodando com insolencias e banalidades todo o impulso dado para sahirmos das superfetações mesquinhas a que entre nós se chama arte. A carta versa sobre o bom senso e o bom gosto, e é pela carencia d'estes dons que se adquire o principado da lyra.

[1] Não existe eschola alguma; existem apenas homens que sabem pensar e escrever com independencia. Todavia ha quem ache conveniente servir-se d'esta designação para comprometter esses homens tornando-os solidarios com as incoerencias e futilidades de gente que se dá por honrada em vêr-se reprovada em tão boa companhia.

Digitized by Google

Ao lerem-se as paginas d'esse protesto, que ha de vir a ser um capitulo da historia da litteratura contemporanea, sente-se vibrar em cada palavra um sentimento illimitado de justiça, como a sabem sentir os corações novos, ou os homens que teem soffrido, victimas da perversidade dos outros. Este mesmo sentimento de justiça, que é sempre a principal inspiração da poesia do sr. Anthero do Quental, traduzida na sua fórma mais austera do *dever*, dá-lhe um vigor logico á dicção; dotado das qualidades que fazem admiravel um estylista, imaginação e uma intuição generalisadora, é n'esta carta que vemos melhor caracterisado o seu genio. Tem a franqueza de linguagem, o desenfado de quem se fia na sua dialectica firme, a penetração que segue um principio até ás mais remotas conclusões. Alma rectissima de Proudhon, comprehensão e tenacidade de Feuerbak, o sr. Anthero do Quental obedece á fatalidade de sua natureza. Tem todos os dotes para um terrivel pamphletario. Elle serve-se da sua obscuridade e despreoccupação litteraria para que este protesto não seja um resentimento, mas lhe dê direito a julgar desassombradamente, com frieza e boa fé. N'esta carta admiravel ha dois elementos distinctos que o auctor soube combinar de uma maneira condigna do talento; é a seriedade com que discute as idéas, o lyrismo com que se apossa d'ellas, e o ridiculo que derrama sobre as ninharias das nullidades altivas.

Cumpre fazer um reparo. O publico julgará por certo um desacato, vir um homem, affrontando todas as conveniencias, o respeito á velhice, a admiração sancionada por todos, e demonstrar a exiguidade do sr. Castilho. Todos nós sabemos o que particularmente se pensa e se diz do auctor da *Joven Lilia*, como caracter e como artista, mas uns diante dos outros não se atrevem, talvez por servilismo, a proclamar a verdade crua. O sr. Castilho assiste de dia para dia

Digitized by Google

ao esphacelamento do seu caracter; indole viperina, reservado, como o rancor de cego, bifronte como o deus antigo cujos fastos ainda commemora, não tem, não tem direito a esta sagração que vae sanctificando a edade e o trabalho.

Elle apparece-nos como Chiron ensinando o mysterio da força aos que o cercam, mas é n'isto que está o attentado á arte, ensinando uma rotina arcadica, palavrosa, nulla de idéas, de sentimentos falsos, que já se nota na mocidade, que o admira. Sobre tudo a má fé, é o que mais depressa se communica; um critico chama ingrato a um auctor, que preoccupado com o seu trabalho não soube, nem teve tempo para ir agradecer-lhe as inepcias; e promette verberal-o, alludindo fóra de proposito á sua nebulosidade. Cada vez me convenço mais do celebre dito de Pope, que se pode applicar á maioria dos que escrevem: «Que um mau escriptor é sempre um mau homem.»

Um dos argumentos do auctor das *Cartas de Ecco e Narciso*, contra este movimento e esforço para dar ideal á poesia, é o falar da *plastica* e da *Esthetica* como coisas futeis, e tanto, que os grandes poetas antigos não as conheceram. Homero, Dante, Virgilio, todos os genios de todos os tempos não sabiam o que era *Esthetica?* Seguramente o sr. Castilho acostumado a rimar palavras e ensacar periodos em arrendondadas periphrases, tomou só a palavra *Esthetica*, creada por W. Hamilton (*Lectures on metaphysics, t. I)* por que não se quiz dar ao trabalho de comprehender o que esta designação contém. Ha na natureza do homem o poder de determinar a generalidade das coisas, de descobrir n'ellas o ponto em que a vontade de todos se harmonisa, a força mysteriosa de harmonisar o mundo, o sentimento do bello, o ideal; mas a este dom sublime anda tambem adjunto o poder de dar fórma, trazer á realidade da vida os sentimen-

Digitized by Google

tos mais intimos —é a arte. É a união d'estas duas forças que constitue verdadeiramente o genio; é o que tem feito a apotheose dos poetas eternos. Ora, sr. Castilho, ao estudo e contemplação objectiva de todos estes factos do nosso espirito, á sua reducção a sciencia é que se chama *Esthetica*, do mesmo modo que as cathegorias do raciocinio formam a Logica. Antes de Aristoteles ter determinado as leis syllogisticas, ninguem tinha pensado, segundo o modo de vêr do sr. Castilho, ou pensava-se bem sem ellas. O sr. Castilho não é bom Homero, mas dormita sempre embalado ao canto das cigarras debaixo da olaia, e não sabe o que é o homem, nem procura saber a razão do movimento da sua epoca.

Mas para que serve a *Esthetica?*

É facil de ver. O homem obrando primeiramente por impulsos instinctivos, tende continuamente a emancipar-se d'essa fatalidade tornando todos os seus actos do dominio da consciencia; as sciencias nascem d'este mesmo esforço incessante; não chegam a constituir-se antes de uma longa observação de factos successivos em que se baseem. A *Esthetica* é a consciencia do sentimento do bello; mas como o sentimento do bello é a communicação espiritual do homem com o mundo, vem a *Esthetica* a ser a synthese de todas as outras sciencias que procuram as propriedades e qualidades das coisas materiaes. E o ideal? É a passagem da realidade natural para a realidade artistica.

Sobre tudo uma das primeiras condições da arte é a verdade; e a verdade nunca se encontra aonde não ha caracter. A arte sem a verdade dá as ampliações rhetoricas, insuffladas de synongmos, a que entre nós se chama estylo classico, á Frei Luiz de Sousa, em que se relê depois de lêr, e

Digitized by Google

se torna a lêr, em que se voltam de mil maneiras as formas arredondadas, em que não ha um pensamento, e em que prima o sr. Castilho. E esta sua prosa é muito portugueza na dicção; portugueza de dois seculos atraz, quinhentista pela fórma intertelada e urbana, seiscentista pelo requinte, e sobre tudo dissonante para quem conhece a verdadeira eurythmia da lingua, pela mistura insólita e desnatural da gravidade academica com as locuções desenfadadas e legitimas do nosso povo.

Ainda ha por ahi quem pensa que uma lingua não progride com as necessidades intellectuaes ou materiaes de um povo. Não admira, porque entre nós as necessidades intellectuaes são nullas, e o sr. Castilho é o primeiro a reconhecel-o, quando se enfaixa nos Sousas e Lucenas e decreta *urbi et orbi* as gallanices do estylo. Nos *Quadros Historicos*, obra tão falada e gostada, abundam paginas infindas, safaras de idéas, seccantes pelas extorsões dos elementos da oração, mas portuguezas de lei. Citámos um livro, justamente aquelle em que o sr. Castilho levantou um protesto contra a eschola romantica de Victor Hugo; n'aquelle prologo diz heresias inauditas contra o ideal; mas sua excellencia veio como os falsos prophetas, queria excommungar, e as palavras do esconjuro converteram-se-lhe em bençãos. De tudo o que o auctor da Ode arcadica a D. João VI tem escripto até ás traducções paraphrasticas de Ovidio, se alguma cousa ha que se lêa, é imitação da escola romantica: tal é o drama *Camões*. As obras do sr. Castilho tem o valor economico da raridade. É o que faz com que se fale nos *Quadros Historicos*, porque poucos os tem visto; lidos, e conhecida a intenção do auctor, occupam um logar somenos ainda abaixo do que é mediocre. O sr. Alexandre Herculano emprehendeu a *Historia de Portugal* com este espirito severo da escola analysta de Guizot e Macauley; tinha de sacrificar, de nos ex-

Digitized by Google

propriar, por assim dizer, a bem da verdade, das nossas lendas e tradições nacionaes, com que os nossos Herodotos haviam bordado a historia dos primeiros tempos. Era preciso que outra mão fosse respigando na seara cortada, como Rutth. Só um poeta, com a sua vara magica, poderia fazer apparecer os thesouros da imaginação. O sr. Castilho votou-se á empreza. Mas como? Falto de imaginação lançou-se a romancear a capricho aquellas lendas que já estavam dramatisadas na ingenuidade da chronica pelos bons Froissarts. Assim falsificou-lhes, o espirito, dando-se-nos como contemporaneo d'ellas. É uma atrocidade imperdoavel, tanto maior, quanto n'este tempo já tinha apparecido o livro monumental de Jacob Grimm sobre as *Tradições allemãs*, em que o moderno Du Can ge, depois de haver consumido dez annos de vida n'esse trabalho, ensina como se restauram estas preciosidades. As grandes descobertas são para todos.

Já nos *Quadros* se nota em sua excellencia, um desejo de imitar aquella esperteza de Chartterton que inventou o monge Rowley, a intuição de Macfferson inventando Ossian, ou o ardil de Psalmanazar que imaginou um outro Japão. Escrevendo o *Auto da boa Estreia* deu-se por muito feliz em enganar o consciencioso bibliographo José Maria da Costa e Silva no seu *Ensaio bibliographico critico.*

A arte não é isto! a mentira é uma perversidade de morte, principalmente no que toca ao sentimento, que não discute, mas se deixa impressionar sómente. Não é assim que se é pontifice das letras.

Digamos a verdade toda. O sr. Castilho deve a sua celebridade á infelicidade de ser cego. O que se espera de um cego? Apenas habilidade. É uma celebridade triste porque tem origem na compaixão, e a compaixão fatiga-se. A primeira

Digitized by Google

vez que o seu nome foi citado em um trabalho litterario em Paris, no *Parnaso Luzitano*, era d'esta circumstancia que tirava os motivos da admiração o sabio auctor d'aquelle esboço de historia litteraria. Foi tambem a inspiração de Victor Hugo em um pequeno distico, quando retribuiu com a immortalidade as palavras injustas contra a *Notre Dame*.

O publico tem direito a que lhe respeitem uma celebridade que fez. É de razão. Mas como se fez esta celebridade? Do mesmo modo que os insectos formaram a enorme cordilheira dos Andes, como a defecação dos passaros, que emigram, forma ilhas no meio do mar. Com o tempo. A primeira impressão que as obras d'este auctor causaram, quando appareceram, foi boa; era preciso animar a formação da litteratura. Lia-se apenas *O Feliz Independente*.

Esta impressão tem-se transmittido tradicionalmente, porque a raridade das edições, que ha um anno se reproduzem, não deixou assignar-lhe ainda o seu valor actual. A reputação do sr. Castilho acaba com a sua vida; é a luz que se apaga comsigo; nenhum dos seus livros vae á posteridade, porque a posteridade, sempre impassivel, aceita sómente o que exerceu uma influencia sobre uma epoca. Hoje fala-se ainda nas *Epistolae Obscurorum Virorum*, do cavalleiro de Hutten, porque foi o primeiro passo para a secularisação das letras antes da Reforma. Depois da morte do auctor da *Primavera*, conclue-se evidentemente que, nem mais um volume se tornará a imprimir.

É um phenomeno curioso, mas que se dá frequentes vezes, quando o auctor gosa de uma aura acima do que merece. O mesmo se deu com Chapellain, auctor de uma Pucelle, com Palissot, Scarron, Saint-Evremont, e quejandos.

Digitized by Google

Custa-nos bastante ter de arcar com preconceitos e superstições do publico; mas a verdade é mais imperiosa, não se cala ante as *tosquias* dos fetiches; e que se póde esperar do Memnide Eginense, *lentus in umbra,* entre as ovelhas da sua arcadia, senão isso?

É em nome da verdade e da justiça que levanto por um instante a mão da consciencia, para assignar-me contra as theocracias litterarias.

Novembro de 1865.

THEOPHILO BRAGA.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

PREÇO 100 RÉIS

Digitized by Google

ANTHERO DO QUENTAL

# A DIGNIDADE DAS LETRAS

E

## AS LITTERATURAS OFFICIAES



LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua dos Calafates, 110
—
1865

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

Digitized by Google

# I

Devo estas explicações ao publico, e a mim mesmo sobre tudo.

Sim : sobre tudo a mim, á minha propria dignidade moral. Na hora em que eu não pudesse confessar sem receio ou vergonha, a esse severo juiz que todos temos dentro, os motivos de uma opinião, d'uma phrase, d'uma palavra sequer, proferida n'uma occasião grave ; na hora em que me visse obrigado a occultar á consciencia, que julga e sentenceia, um só acto da intelligencia, que pensa e determina — fosse embora aquella phrase brilhante e applaudida, fosse aquella determinação atrevida e admirada — eu é que não poderia n'essa hora sentir nos labios as doçuras do triumpho, mas só no coração todas as amarguras d'uma consciencia perturbada, o fel da baixeza e da injustiça propria.

O publico, esse, tem direito a perguntar-me por que me levanto contra as imagens gloriosas ante que elle se enclina ; por que não admiro o que elle ama ; por que não respeito o que elle adora ; porque me atrevo contra o voto das gentes e a opinião commum.

Extranho desacato, com effeito ! Na pessoa de um dos seus escolhidos, offendi eu toda a opinião, o juizo, o gosto, o sentir de quantos o tinham levantado sobre

Digitized by Google

os braços e sentado na cadeira curul da auctoridade e da gloria. Reputaram-lhe merecimentos dignos de admiração e de respeito. Eu, revoltando-me, é como se dissesse ao respeito e admiração publica: « sois cegos e insensatos: enganaes-vos: o que a todos vos enleva e faz pasmar não é grande gigante, é só nuvem e fumo mentiroso...»

Isto é grave. É preciso firmar-se quem disser isto em boas e solidas rasões, porque se não contradiz tanta gente só pelo gôsto de contradizer. Ao publico devemos-lhe isto; de lhe não fallar senão em nome d'alguma cousa alta, d'algum bom principio, d'alguma rasão inabalavel.

É o que a mim me acontece.

Se ao publico e á consciencia, que me interrogam pelos motivos de uma acção grave por mim praticada, eu não tivesse para responder senão paixões, caprixo, vaidades, eu seria então, para aquelle, quando muito, um iconoclasta atrevido mas sem nobreza nem rasão, e, o que é peior, para esta um espirito escurecido, sem clarão de justiça, sem luz moral...

Nada d'isto acontece, porém. Interrogo-me na austera serenidade do meu tribunal interior e acho-me limpo e innocente. Não sacrifiquei ao orgulho, ao interesse, ao egoismo da mais pequenina das vaidades — a vaidade litteraria. Nada d'isso. Fallei verdade: e esta só palavra explica o silencio, ou os desconcertos, peiores ainda que o silencio, d'aquelles a quem me dirigí; e, por outro lado, explica a serena constancia com que me levanto de novo para sustentar, para confirmar os sentimentos, as idéias e as palavras que esse amor da justiça e da rasão me inspirára.

A verdade tem, com effeito, isto de admiravel; que só por si, invisivel e desherdada, vale para o espirito de quem sinceramente a adoptou mais do que a adhesão dos sabios, a approvação dos prudentes, o applauso

Digitized by Google

das maiorias. Isolada e desconhecida, é ella comtudo o mais forte esteio da consciencia, porque só ella lhe offerece esta base inabalavel — a convicção.

O mais que importa? Eis ahi estão muitos dos que me animam e defendem que, applaudindo-me, foram tão injustos para commigo como os que me combatem, com as suas ignorantes apreciações. Applaudiram uns a audacia da heresia litteraria; outros a firmeza d'um golpe certeiro; aquelles folgaram com a satisfação de certos odios que eu não conheço; estes com o abatimento de certas famas; todos, emfim, com o escandalo... Mas eu só tinha buscado o triumpho da verdade.

Não, meus senhores. Eu não tomei nas mãos o pendão de nenhum corrilho ambicioso, para o fazer triumphar em combates risiveis de palavras. Eu não puz a minha alma ao serviço das vaidades egoistas de nenhum grupo. Tambem não foi um turbulento espirito demagogico que me fez sahir a campo procurando destruir alguma cousa só pelo amor da destruição. Menos, a presumpção orgulhosa de gladiador novo, cuja audacia impaciente não conhece prudencia e procura os mais robustos e aguerridos para o desafio e o combate. Menos ainda, o escandalo...

Não, meus amigos. Não vale realmente a pena commover-se a gente quasi até á vehemencia, indignar-se quasi até ao soffrimento, chamar a sua intelligencia e o seu coração, só para responder com grandes phrases a pequenos golpes de gente ainda mais ignorante do que malevola; para desacatar um dos idolos de barro da religião burgueza contemporanea; para, emfim, fazer um escandalo... em Portugal! Nada d'isso. Graças ao deus da liberdade, não pertenço por ora a nenhuma escola além da escola do pensamento e da franqueza. Essa está ou póde estar em Coimbra como em Lisboa ou em Pekin — em toda a parte aonde estiver uma

Digitized by Google

consciencia leal. Das outras não curo eu. Parecem-me refinadas em ritos complicados e doutrinas subtis de mais para esta minha rudeza inconveniente e até insocial. Não sei o caminho secreto de suas aulas. É por isso que as não defendo nem ataco: ignoro-as. [1]

Não foi isso, pois, o que eu intentei fazer *desacatando* a venerabilidade sacerdotal do sr. Castilho. Não foi defender uma escola, um grupo, uns homens. Foi *só* defender a liberdade e dignidade do pensamento, que n'esse momento se offendiam na chamada escola de Coimbra, no trabalho d'alguns homens (bom ou mau, não curei de o saber) mas trabalho livre, independente, trabalho santo pois, e digno de respeito.

Isto assim parece-me melhor e mais alto. Entendamos assim a questão. Só assim será justa, sagrada esta causa. Só assim terá infalivel o triumpho.

D'esta altura vê-se muito, e muito longe. A perspectiva é clara e franca, e raro engana. Fica-se firme e sereno como quem vê o verdadeiro aspecto das cousas. Como não houve illusão não ha logar depois a negar, a reformar, a contradizer. O que se viu viu-se por uma vez. O que se disse disse-se por uma vez. A palavra toma ao caracter a sua segurança e energia. Não retira o que uma hora affirmou. É honrada.

Ora na conta de honrada tenho eu a minha. Por isso que me levantei em nome de idéas e não de cousas, de verdades e não de homens, por isso mesmo não tenho que soffrer da incerteza dos homens e das cousas.

[1] Não posso, a proposito d'isto, deixar de fallar de um notavel desacerto. É o do sr. E. da Cunha, pessoa que eu pouco conheço, e que acaba de me dirigir uma carta pela imprensa, aonde começo por estranhar a inesperada intimidade do tratamento de *tu*, e acabo indignando-me com as idéas, as intenções e os principios que me suppõe. Não menos me espantou saber por esse escripto que pertenço a uma eschola cujas opiniões o auctor deduz e motiva com uma facilidade que me assombrou, a mim que não sabia pertencer a tal gremio nem a taes principios. Tudo isto faz rir: mas sempre é bom declarar que tudo aquillo são meras illusões d'uma boa vontade muito mal aconselhada.

Digitized by Google

Condemnei em nome de principios: esses são eternos, e áquella sentença não lhe posso nem devo nem quero mudar uma linha, uma lettra sequer.

Porque? Eis a explicação que eu devo ao publico. Porque persisto em accusar o sr. Castilho em nome d'este grande principio da liberdade do espirito? Por que lhe não aceito a auctoridade? Porque o não sigo, antes aconselho a todos que lhe evitem o exemplo? Porque o não *admiro* nem *respeito*?

Cumpre explicar tudo isto. Os motivos que tenho satisfazem-me as exigencias d'uma consciencia pouco afeita a branduras com sigo mesma. Espero que satisfarão a de muitos. No caso contrario, consolar-me-hei com esta lembrança — que mais lealmente ninguem procurou a justiça e a razão n'este pleito.

## II

A dignidade do pensamento! Se desde Socrates até Camillo Desmoulins, até Proudhon e Victor Hugo no exilio, tudo que em nome d'ella se tem soffrido não passasse d'uma questão d'utilidade ou vaidade de pessoas, capricho e opinião d'homens, d'um lado como do outro, eguaes os perseguidores e os perseguidos no principio, e só differentes na varia fortuna — n'esse caso deviamos lamentar a humanidade, porque a sua maior virtude, como na blasphemia de Bruto, não passaria d'uma palavra.

Não é assim, felizmente. Esses taes tinham para lhes levantar a causa até ás alturas d'uma causa humana, d'interesse universal (tinham esses e teem todos os que preferem soffrer e combater a dobrar-se ao mando de quem só tem auctoridade do acaso, da fortuna d'uma posição official) uma cousa bem pequena ordinaria-

Digitized by Google

mente no mundo, mas no espirito — e por isso na verdade — immensa, a maior de todas: a liberdade.

E pois foi em nome d'ella que eu vim fallar, é por isso que não posso nem devo desdizer-me.

Eu não daria um passo fóra da minha porta para ir defender-me diante dos que passam, convencel-os da superioridade dos meus trabalhos, contar-lhes os meus triumphos e os meus dissabores litterarios, fallar dos meus amigos ou inimigos. Que vale isso? Mas para declarar que não ha auctoridade outra além da rasão; outro criterio mais que o sentir individual; que o pensamento e a meditação, se custam mais, por isso mesmo infinitamente mais valem que a obediencia inerte e inintelligente; que mestre não ha outro além do estudo, nem outro respeito deve haver além do culto da verdade — para declarar isto já vale a pena erguer a voz, porque se alguem nos quizer impor silencio em nome d'algum interesse ou conveniencia podemos sempre responder-lhe: «Não; este interesse vae adiante de todos porque é o interesse soberano do espirito.»

*Ubi spiritus ibi libertas*, diz o apostolo. São inseparaveis: como os gemeos Siamezes não é possivel cortar o laço vivo que os une sem que para logo corra o sangue e morram. Sem espirito não ha liberdade: sem liberdade não ha espirito. Ora este é a alma, a vida, a essencia das litteraturas, da poesia, da arte, de todo o trabalho do pensamento e da inspiração. Litteratura que respeita mais os homens do que a santidade do pensamento, a independencia da inspiração; que pede conselho ás auctoridades encartadas; que depende d'um aceno de cabeça dos vizires academicos; essa litteratura não é livre — *ubi libertas ibi spiritus* — não tem, logo, espirito, não é viva e poetica... não existe pois como cousa alta e ideal, isto é, não existe, porque só ideal e alta se concebe litteratura e poesia.

Bastava-me isto só para condemnar o sr. Castilho,

Digitized by Google

as suas doutrinas, o seu procedimento. Se isto é verdade, se não ha verdadeira poesia fóra d'esta alta e digna independencia, o sr. Castilho é o maior inimigo da poesia portugueza porque quer matar n'ella aquillo mesmo que é a sua essencia, a sua força, a sua vida...

Isto é um grande mal e uma grande injustiça. Protesto contra elles. E não só protesto como consciencia individual mas como consciencia collectiva; como homem e como cidadão; em nome das regalias do meu espirito e em nome do futuro do espirito nacional. Sim: fazer rachitica uma litteratura, amputal-a do que tem de mais vital, pôl-a engoiada e pêca como um fructo secco antes ainda de maduro, isto é um crime publico. Cuidaes que é só roubar aos olhos ou aos ouvidos algumas côres ou alguns sons agradaveis? privar-nos d'um divertimento, uma distracção futura? Não: é mais e muito peior. As litteraturas, boas ou más, teem feito o destino do espirito das nações. Ora tudo vem do espirito. Pervertel-o é perverter a nação, é corromper as origens do futuro, é roubar ao presente a sua energia, a sua vida. Concebe-se uma litteratura banal, baixa, commum, ridicula, no meio de uma sociedade grande, nobre, forte, formosa? Uma reagiria sobre a outra e em breve lhe teria inoculado o virus mortal da vulgaridade e da baixeza. Pelo livro, pelo theatro, pela critica, pela conversa infiltraria essa peçonha em todos os vasos do corpo social, na familia, na escola, no jornal, no parlamento, em casa, na rua, em toda a parte onde se lê ou falla, vê ou ouve, e em toda a parte educaria para o mal e para a vulgaridade os pensamentos a principio, depois as vontades, os corações, tudo e todos por fim...

Os escriptos e os escriptores, as artes e os artistas, é que fazem a corrupção ou a grandeza das épocas. O cortezão Petronio, os poetas sophistas e sensuaes, a litteratura material e aduladora da Roma dos Impera-

Digitized by Google

dores preparam, conservam e acostumam o povo a soffrer o despotismo, a crapula e a baixeza de seus senhores, a ser como elles baixo, crapuloso e violento. Eschylo, pelo contrario, o poeta nobre e audaz, independente até á rudeza, é o contemporaneo de Salamina e Marathon, da época de maior grandeza, de maior elevação do espirito grego. O Canto de Roland, esse poema da altivez e do denodo, apparece no grande tempo espontaneo, liberrimo, da formação do mundo feudal, n'esse grande esforço da Europa para constituir uma sociedade fundada toda na independencia quasi feroz do individuo. O chato e manhoso Poema de Renard, baixo e traiçoeiro, a Farça de Patellin, vilã e indigna, são obras contemporaneas do estabelecimento da tyrannia real, da destruição das communas, do espirito de pequena prudencia e cobardia que precedeu a Reforma e a Renascença. Os poetas cortezãos e convencionaes de Luiz XIV fazem esquecer á França a sua independencia, doiram os grilhões que lhe lança aquelle senhor despotico e orgulhoso. Pelo contrario, a litteratura turbulenta do seculo XVIII, heretica em Voltaire, plebeia em Rousseau, democratica em Diderot, eleva o espirito francez até áquella ebulição sufficiente para conceber a grande obra dos tempos novos, a Revolução.

Sempre o espirito do lado da liberdade. Sempre a independencia, como solo uberrimo, deixando rebentar do seio as obras boas e fecundas. Sempre a dignidade, a *irreverencia* pelos mestres e senhores, pelas auctoridades officiaes, garantindo a verdade e elevação dos pensamentos e das palavras. «O mineiro quer os braços soltos para cavar buscando o oiro por entre as areias grossas. O piloto quer os olhos desvendados para ler nos astros o caminho da nau por entre as ondas incertas. O sacerdote quer o coração limpo de paixões, de interesses, para aconselhar, guiar, julgar, imparcial e justo. O escriptor quer o espirito livre de ju-

Digitized by Google

gos, o pensamento livre de preconceitos e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, intemerato e incorruptivel. Só assim serão grandes e fecundas as suas obras: só assim merecerá o logar de censor entre os homens, porque o terá alcançado, não pelo favor das turbas injustas e inconstantes, ou pelo patronato degradante dos grandes e illustres, mas elevando-se naturalmente sobre todos pela sciencia, pelo paciente estudo de si e dos outros, pela limpeza interior d'uma alma que só vê e busca o bem, o bello, o verdadeiro.» (Carta ao ex.$^{mo}$ sr. A. F. de Castilho.) Escrevamos afoutamente esta sentença do philosopho antigo — um grande escriptor é antes de tudo um grande homem: o bom poeta presupõe o homem de bem. — Ora concebe-se, já não digo o grande homem, que nem todos pódem ser, mas o homem de bem, que todo tem obrigação de ser, pedindo o auxilio de uma auctoridade qualquer para pensar, consultando o thermometro da conveniencia e approvação dos mestres para fallar, recebendo o santo e a senha como um soldado disciplinado, feito automato e escravo na cousa espontanea e individual por excellencia, o pensamento? Um homem de bem não faz isto: e toda a litteratura que o faz é uma deshonesta litteratura.

É porque a essencia, a cousa vital das litteraturas não é a harmonia da forma, a perfeição exacta com que se realisam certos typos convencionaes, o bem dito, o bem feito, um arranjo e uma curiosa faculdade feita para divertimento de ociosos e pasmo de quem não concebe nada acima d'essas raras mas futeis habilidades de prestidigitador. Para isso basta um certo geito, uma arte delicada mas puramente exterior ás grandes faculdades do espirito, um estudo especial e por unica virtude a paciencia. Se assim fosse, seguramente que se dispensavam todas as outras virtudes; a habilidade bastava; e podia-se ser um grande escriptor e, todavia,

Digitized by Google

um homem pouco digno e nada altivo. Os poemas seriam n'esse caso como pulseiras ou brincos admiraveis realmente, e que não requerem mais merecimentos em seus auctores do que o desenvolvimento particular de certas faculdades e dispensam perfeitamente todo o cortejo dos grandes e excellentes dons, a hombridade e o severo espirito que só fazem o verdadeiro *homem*.

Provada, porém, e admittida a differença entre um bom ourives e um bom poeta, entre uns lavrados e delicadissimos enfeites e um sentido e pensado poema, provada fica a necessidade que tem o ministerio sagrado das lettras de mais alguma virtude além dos dotes mecanicos e exteriores — isto é, a necessidade d'um simples mas levantado espirito, d'uma livre inspiração, d'uma franqueza e independencia extrema... d'alma, para tudo dizer.

## III

A alma! sim: é d'ella que precisa toda a litteratura que, em vez dos applausos que passam e dos interesses que rebaixam, tivesse por unica e nobilissima ambição levantar, melhorar os espiritos abatidos, ir adiante mostrando os caminhos encobertos do bem, responder ás necessidades moraes do tempo, dar um alimento sadío e forte á ancia, á fome e sede de saber e de sentir, ser emfim nacional e popular no grande e bello sentido da palavra.

Uma litteratura assim comprehenderia estas coisas: que toda a soltura e independencia é pouca; que, se a tyrannia da moda e da opinião é insupportavel, não o é menos a dos mestres e das reputações oppressivas e orgulhosas; que, tendo-se em vista dizer alguma cousa nova, descubrir, não copiar e repetir, bom é que haja liberdade de procurar, que não se perturbe nunca o

Digitized by Google

pesquizador de bem e de verdade, ainda aquelle que a pretende encontrar nos desvios mais arredados e estranhos; que se creia no *possivel* e se respeite ainda o erro quando fôr filho d'um desejo tão sincero e d'um tão honroso empenho.

Ora isto é que não fazem as litteraturas officiaes. Não concebem salvação fóra do gremio estreito de suas egrejas, para não dizer capellas e oratorios. Não entendem outras palavras senão as poucas do seu diccionario incompleto e mutilado. Acham que o mundo está todo explorado, todas as ideias, todos os sentimentos, todas as fórmas, e que tudo isso o tem elles nas suas gavetas e nas suas pastas. Classificam de louco e de ignorante quem, ahi d'um canto, se levanta e pretende ter achado alguma cousa nova — ainda que não seja senão um seixo descolorido ou uma herva rasteira. Querem que se olhe para o mundo atravez das vidraças dos seus gabinetes e se veja reflectido todo o ceu no fundo dos seus tinteiros...

Isto assim póde ser que seja util, facil, vantajoso; póde ser que assim se conquiste a opinião das maiorias boçaes, que dão a fama, ou o favor das minorias intelligentes, que dão alguma cousa melhor do que a fama, que dão a importancia, o interesse e o poder.... Póde ser que seja habil isto e até profundo — só não é nem digno nem verdadeiro.

Mas são assim as litteraturas officiaes, governamentaes, subsidiadas, pensionadas, rendosas, para quem o pensamento é um infimo meio e não um fim grande e exclusivo; para quem as ideias são uns instrumentos de fortuna mundana, uma occasião mais de sacrificar ás pequenas ou más paixões, em vez de serem uma fortaleza aonde se guardem do contacto das impurezas e das miserias; para quem esta santa tribuna da palavra não passa d'um marco d'aonde lancem o pregão de vergonhosos leilões; para quem a gloria é uma especu-

Digitized by Google

lação feliz, não uma sagrada palma que é preciso colher com mãos puras; para quem, emfim, nobreza, desinteresse, ideal, sinceridade, sacrificio, são apenas boas e sonoras palavras, feitas para levantar o periodo e encher a phrase, elegantes, brilhantes, excellentes para tudo... menos para se tomarem a serio. São assim as litteraturas officiaes; e, o que é mais, não podem ser d'outro modo. A fatalidade de seus principios impoe-lhes necessariamente estas tristes consequencias. Como não buscam a verdade pela verdade, a belleza pela belleza, mas só a verdade pelo premio e a belleza pelo applauso, teem de as renegar tantas vezes quantas a belleza não agradar aos olhos embaciados da turba que applaude, e a verdade offender os senhores que premeiam e recompensam. Ora, quantas vezes n'um seculo premeiam os senhores a verdade sincera e inteira? quantas vezes applaudem as turbas sensuaes e ininteligentes a formosura ideal, limpida e simples?

Mas quanto mais fogem das ideias tanto mais respeitam e adoram os cousas. Quanto mais ignoram os principios, os inflexiveis principios que não se vêem nem rendem nem louvam, impassiveis e pobrissimos, tanto menos se atrevem contra os homens, os homens que vêem perfeitamente as genuflexões e as agradecem e galardoam, que ouvem distinctamente as lisonjas e se dobram e torcem, os homens maleaveis, os homens, exploraveis, ricos em applauso e mesmo em dinheiro... Como não teem no coração uma voz eterna, uma inspiração que os leve no seu caminho, sob pena de não andarem, teem de seguir alguem, os passos d'algum ser privilegiado que lhes faça as vezes de consciencia, de sciencia e de critica. Como não teem um credo, teem de ter um papa cuja pessoa sagrada sirva de doutrina, de crença, de fé. Como não teem bandeira em volta de que se ajuntem todos eguaes e livres, precisam então d'um chefe, um general muito condecorado, muito dou-

Digitized by Google

nado, muito fardado, envolto todo em fitas, commendas, galões, um fetiche, um idolo que só por si faça as vezes de pendão, de palavra sagrada, d'ideia, de tudo...

É assim que nascem as realezas litterarias. Nascem d'um vicio, como todas as realezas. Nascem para o mal dos homens, para o abaixamento das almas, como todas as auctoridades, todos os poderes desnecessarios. Mas estas são peiores e d'um mais pernicioso effeito. As outras opprimem os corpos, as cousas da materia, as fazendas, os interesses: mas estas tyrannisam o pensamento, as ideias, o espirito. Estas é que são as verdadeiras, as detestaveis tyrannias. As outras podem deixar-nos ahi a um canto, sem tecto, sem lar, sem dinheiro, nus e ao frio. Mas isso satisfal-as: e esse miseravel nu póde livremente pensar, scismar, ter a opinião que lhe convier e um mundo interior tão bello como aquelle de que o privam os oppressores: póde, diz muito bem Michelet, chamar-se o escravo Epicteto. Mas estas oppressões do espirito, ainda que nos dessem, como falsa compensação, casas, riquezas, servos, luxo e brilho, deixavam-nos tão escravos e miseraveis como d'antes, sem liberdade interior, sem capacidade para pensar, julgar por nós mesmos, moralmente paraliticos. Quem, ainda no meio das maiores grandezas, não póde senão amar, admirar cousas pequenas e mesquinhas, que é senão mesquinho e pequeno? Quem, ainda no paiz mais livre, obedecer sem reflexão ao aceno d'alguem, o que é senão escravo? Os tyrannos da materia deixam-nos pobres e desabrigados: estes do espirito fazem-nos baixos e estupidos — qual é preferivel? E não me digam que uso de grandes palavras n'uma pequena questão; que invoco os maiores santos n'uma occasião de tão pouco perigo. Não é assim. Tanto se soffre d'uma pedrada atirando-se-nos com um seixo como com uma pedra preciosa. Que importa que a vio-

Digitized by Google

lencia que se faz á alma seja d'um ou d'outro modo, n'uma grande ou n'uma pequena cousa? Todas as liberdades são solidarias: e o que as faz boas e estimaveis não é o darem-se n'um caso e não n'outro, mas no facto mesmo da liberdade. Tambem são solidarias todas as oppressões; e o que as faz pessimas e detestaveis não é virem d'uma ou outra mão, pezarem n'um lado ou no outro, mas sómente o facto da tyrannia. Não ha pequenas oppressões, pequenas injustiças, pequenas miserias. Ha só miserias, injustiças e oppressões. Todas são más e despreziveis.

E, depois, a litteratura será cousa tão pequena, tão indifferente e secundaria? será tão minimo interesse, que aquelles mesmos que não soffrem a menor vexação, a menor violencia, n'esse ponto tolerem ou nem sequer sintam o mal e as durezas do jugo? Será cousa sem consequencias o pensamento escripto, o theatro, o livro, o romance, a poesia, que não valha ao menos a pena indagar por que mãos andem, quem é que pretende explicar os sentimentos e as ideias, quem fórma o gosto bom ou mau, quem critica e organisa a opinião, quem faz tudo isto e com que direito?

Lembremo-nos que a litteratura, porque se dirige ao coração, á intelligencia, á imaginação e até aos sentidos, toma o homem por todos os lados; toca por isso em todos os interesses, todas as ideias, todos os sentimentos; influe no individuo como na sociedade, na familia como na praça publica; dispõe os espiritos; determina certas correntes de opinião; combate ou abre caminho a certas tendencias; e não é muito dizer que é ella quem prepara o berço aonde se hade receber esse mysterioso filho do tempo — o futuro.

É elle, com effeito, quem as litteraturas convencionaes e falsas compromettem. A pequenez e estreiteza d'espirito que as caracterisa, o acanhamento de seus juizos, a incerteza e indecisão de seus principios, a ba-

Digitized by Google

nalidade, o commum de suas criações, e sobre tudo o seu servilismo e miseria moral caem, como um veneno, no sangue das gerações nascentes, corrompem-no logo a principio, e o futuro, de bello e forte que Deus o tinha preparado, sae rachitico, incerto, fraco, triste, baixo e apto para soffrer todas as miserias e todas as servidões.

Por ventura não foi a *litteratura picaresca*, sceptica e sem brios, que entorpecendo com o espesso vapor de nauseabundas banalidades a alma audaz dos hespanhoes, lhes fez soffrer resignados a oppressão austriaca, o reinado infame de Carlos V, Philippe II e a Inquisição, e comprometteu por seculos a causa da civilisação na Hespanha?

IV

Ah! antes mil vezes o excesso, a extravagancia mesmo, a desregrada audacia, a petulancia aventureira de concepções e fórmas, o abuso da liberdade, emfim, do que esta estreita e pequena prudencia; do que esta submissão inintelligente, este temor de cego que não anda com medo de cair e, como não vê, por isso se dispensa de fallar em luz; do que o acanhamento intellectual que é uma prova ou um motivo de entorpecimento moral e este culto do vulgar, do rasteiro, das *ideias* ao alcance dos que não sabem pensar e dos *sentimentos* accessiveis aos que não teem alma; do que, finalmente, esta morna, adocicada e nauseabunda atmosphera artificial que nos querem fazer respirar como se fosse o ar livre, extenso e forte da vida do espirito. — Isto não faz doudos, seguramente, por que a doudice é ainda uma energia, e isto é mortal e inerte. Não faz extravagantes, por que a extravagancia suppõe ao menos um desejo de subir e elevar-se, e isto é taca-



Digitized by Google

nho e ordinario como um annuncio mercantil. Não faz as Lelias e as Pulcherias ultraromanticas e ardentes, mas cria as Emmas piegas, sem alma e sem sentidos, tão pouco virtuosas como as outras e sem ao menos terem como ellas uma desculpa nos delirios d'um espirito excessivo mas nobre, ou nas excitações d'um sangue de bachante, mas vivo em todo o caso. As litteraturas officiaes, realistas e banaes não fazem d'estas extravagancias, que ao menos teem a elevação e toda a poesia da febre e do delirio. Mas produzem a imbecilidade, a baixeza, a vulgaridade — sem por isso serem mais virtuosas...

Isto é um pouco peior, cuido eu. Ha nas extravagancias da exaltação alguma cousa nobre e aspiradora de melhor, que, ainda quando sorrimos, nos faz pensar que é um coração desregrado sim mas vivo que inspira essas doudices. Mas nem ao menos ter por desculpa uma generosa loucura; errar, mas errar a sangue frio; ser falso reflectida e prudentemente — isto é que é ter plena consciencia da sua miseria, é comprazer-se n'ella e habitar alegre no seu nada como se fosse o mais rico palacio!

É certo que se não é extranho, confuso, visionario; mas não é porque pela verdade se chegasse á simplicidade, pela elevação se alcançasse aquelle ponto sublime que parece á primeira vista facil e corrente Não é por isso; mas simplesmente porque se abstrae do pensamento, occasião de confusões, da phantasia, origem d'extranhas visões, do sentimento, causador d'impetos apaixonados; exactamente como aquelles que jamais escorregaram ou caíram nos precipicios da montanha, não por que são fortes e resolutos, mas só por que nunca sairam de ao pé do lar domestico, entre as mulheres, quentes e satisfeitos...

Mas esta é a dura fatalidade das litteraturas que sacrificam ao idolo vulgar do favor publico e não ás

Digitized by Google

aras severas da consciencia, do pensamento isolado mas energico. Como é a fama que procuram, passam ao lado da verdade e não a vêem nem a conhecem sequer. Servem um senhor caprichoso e grosseiro: têm de lhe offerecer umas vezes manjares acres e ardentes que estimulem a sua rude sensualidade, outras, pelo contrario, as mais refinadas e requintadas iguarias com que lisongeiem o seu extravagante sibaritismo de barbaro. Jamais a nutrição simples mas sadia, forte sem ser grosseira, pura sem ser requintada. Essa não a quer elle, excessivo, cheio dos mais contradictorios caprichos, como creança perdida de mimos ou sultão a quem nunca uma contrariedade educou para a paciencia e a verdade.

Esta, a verdade, quer só dar-se a quem a procura por amor, exclusivamente por sua formosura, não pelo applauso ou pelo preço que possa render. Ora isto é o que não podem fazer as litteraturas officiaes. Seria renegar o seu mesmo principio, o culto da opinião, e o seu fim, os bravos de momento, o triumpho ruidoso mas ephemero das praças publicas. Fallam ás maiorias, têem de ser communs. Dirigem-se ao vulgo, teem de ser vulgares. Especulam com as paixões publicas, têem de as aceitar e lisongear. Dependem dos idolos do dia, têem de os incensar. Recolhem juro dos prejuizos e illusões nacionaes, têem de conservar esse capital rendoso. Têem por infallivel pontifice o juizo popular, não podem renegar de suas doutrinas, seus dogmas, seus cultos. Hão-de ir sempre ao nivel do espirito publico, do pensar das maiorias: nunca acima. Serão entendidos, applaudidos, estimados. Nunca, porém, elevarão, nunca hão de ensinar, nunca hão-de mostrar mais do que póde ver qualquer dos que estão no meio da turba...

As nações, porém, é que têem direito a exigir dos que fallam no meio d'ellas alguma palavra melhor ou

Digitized by Google

maior do que as usadas e costumadas palavras de todos e de todos os dias. Porque razão, com effeito, levantar-se no meio dos homens, chamal-os em volta de si, para não dizer mais nem melhor do que elles sabem, pensam e dizem? As nações têem um instincto secreto ainda que confuso de seus destinos e do que para o cumprimento d'elles convem. Se um momento applaudem quem as lisongeia. em breve desprezam e esquecem. Para amar precisam odiar primeiro. Aquelles cujos nomes teem de gravar no coração, não são os aduladores, são os amigos sinceros e independentes, que lhes dizem as verdades em toda a sua dolorosa mas salutar crueza. São os Proudhons, os Larras, os Herculanos: não os Castilhos, os Martinez de la Rosa, os Sainte Beuve. Estes, porque são das academias, dos conselhos reaes, dos senados, dos *altos* cargos, é por isso mesmo que não são nem do povo nem da nação. Elle, o povo, quer que o eduquem, que o melhorem, que o reprehendam. Quer obras severas, graves, serias, fortes; não brincos de creanças, distracções de ociosos, entretenimentos de futeis — porque elle trabalha e não o consolam nem alliviam essas pulidas mas occas ninharias. Sabe que é ignorante e quer que o alumiem, que o castiguem ás vezes: o seu bom senso desconfia dos que o adulam e chamam sabio e inspirado. Uma litteratura cortezã, convencional, respeitadora de todas as conveniencias, menos da verdade, só póde ser applaudida pela multidão dos ociosos, dos banaes, cujo mau gosto illudem as apparencias de estylo, melodias de forma e exterioridades.

O povo, a verdadeira nação, isto é, os homens que sentem e os homens que pensam, esses não têem sympathia nem admiração pelos formosos sophismas d'uma arte brilhantemente esteril, que só serve para entorpecer o espirito adormecendo-o ao som de um canto doce mas fraco, sensual e sem altura. Esses não pre-

Digitized by Google

zam a rethorica, mas só o pensamento. Não amam a poetica; basta-lhes a poesia. Não querem ser divertidos, mas sómente ensinados e melhorados.

## V

Ah! mas n'esta terra, em tempo fecunda e santa e agora fria e esteril, a esta gente outr'ora nobre e altiva e hoje baixa e invilecida, a esta gente e n'esta terra é que era fazer ouvir as grandes palavras d'esperança, de coragem e de fé! Levantar esses animos incertos e caidos, animar esses corações descrentes, aquecer com um fogo vivo d'amor, de sentido e ardente amor, esse sangue meio regelado, esses peitos que esfriam de desalento, alumiar esses olhos que o desgosto embacia e essas almas ainda mais baças pelos crepusculos d'um espantoso abaixamento de luz moral! Aqui é que era fazer triumphar o espirito, pondo-o tão alto que fosse um como sol a aquecer, a alumiar uma terra e uma gente que, ao sentir faltar-lhe o mundo, soubesse tirar d'aquelle só astro o calor e a luz para a vida, e no isolamento da decadencia, fizesse nova patria, mais rica e formosa, da virtude e da nobreza!

Nunca litteratura alguma teve obrigação de ser elevada, grave, séria, desambiciosa, como a litteratura d'este povo decadente, cujas ultimas miserias ahi estão para inspirar a compaixão ou o desespero, a dedicação ou a blasphemia, o amor ou o insulto, tudo, menos os pequenos sentimentos do interesse pessoal e da vaidade. Oh! quem se póde lembrar d'especular com os ultimos alentos d'um moribundo? quem póde folgar com a ruina de um grande e formoso edificio que desaba, só porque n'esta queda aproveite algumas pedras para fazer um muro á sua horta? quem se consola de

Digitized by Google

ver retalhado o manto nobre de um grande rei só por que uma nesga lhe póde servir para os seus usos domesticos?

É isto, todavia, o que tem feito e o que faz ainda a nossa litteratura official. Ri, graceja, scisma, murmura, phantasia, procura rimas bonitas, desenterra palavras obseletas e construcções exoticas de phrase, diverte-se e cuida divertir-nos, no meio de um grande luto nacional, n'uma hora das mais solemnes d'este povo... Quando, no meio da triste dissolução do passado, a alma portugueza incerta e vaga procura um caminho novo, hesita e está em perigo de se assentar cheia de dôr n'algum marco isolado e deixar-se ahi finar de desgosto, é n'esta hora que a nossa litteratura que se diz nacional não acha, para a confortar, esclarecer, animar, conduzir, uma só palavra viva, um só sentimento profundo, uma alta ideia, ao menos uma lagrima bem triste, nada... só phrases, rimas, estylos, palavras — *words, words, words...*

Havia um grande exemplo de meditação a dar ao povo — e vemos a futilidade enthronisada. Havia um grande exemplo de patriotismo — e vemos o desamor e a indifferença premiados. Havia um grande exemplo de desinteresse e independencia — e não vemos senão cortezias, genuflexões, reverencias, baixezas... Ah! com a mão na consciencia, será isto bastante para constituir a litteratura, isto é, o pensamento, a alma d'uma nação? Eu pergunto-o aos homens de bem, que ainda não coram d'este nome honradissimo de patriotas, que ainda não acharam ser cousa de bom gosto o scepticismo, a indifferença e o desprezo da patria e dos cidadãos. A esses pergunto: representam realmente o espirito d'este povo a futilidade, o desamor e a baixeza? Será assim o coração d'esta gente toda, que os que se dizem interpretes de seus sentimentos não achem lá senão o vacuo e innanidade moral?

Digitized by Google

A consciencia da nação, da parte honrada, seria e realmente viva d'ella, responde-me que não. Não me respondem, seguramente, os especuladores da capital, os scepticos da moda, que esses não sabem senão rir com um riso baixo e inintelligente, que compunge mais ainda que as lagrimas. Mas eu não fallo com elles. Esses entendem que o povo está bom e é forte ainda e prospero por isso que ainda póde pagar. Para esses a missão das letras está cumprida com meia duzia de folhetins e alguns romances insipidos quando não immoralissimos.

Mas a nação, a nação verdadeira, não sois vós, senhores do funccionalismo, parasitas, ociosos, improductivos. A nação portugueza são tres milhões d'homens que trabalham, suam, produzem, activos e honrados, que vivem não segundo a moral dos especuladores, mas segundo a lei do dever e da consciencia. Esse, o verdadeiro povo, tanto approva os vossos feitos e os vossos dizeres, que não conhece os vossos governos senão para os maldizer, e aos vossos grandes homens, aos homens de convenção, nem sequer lhes sabe os nomes obscuros a tres leguas de distancia das vossas academias e das vossas redacções...

Oh! meus pobres amigos da provincia! pobres homens que sois os que trabalhaes e fecundães o solo, cujo melhor fructo devoram esses senhores inuteis; que sois honestos e bons; que tendes no coração os restos do sentir portuguez que ha ainda n'esta terra! Homens sinceros das villas, das aldeias, dos campos, das lavoiras, dos trabalhos; dizei-me quantas vezes tendes feito parar o arado no meio de um rego para recordar as glorias officiaes, que as gazetas recommendam, e exultar com ellas, e consolados por esta lembrança continuar mais energicos e alegres?

Lembro-me de vós e dos vossos rudes labores, das lidas fadigosas que vos consomem as honradas e mo-

Digitized by Google

destas vidas! Por vós e pela vossa causa soffro contente os risos insultuosos, os desdens e as injustiças, porque vós tendes direito a alguma cousa melhor do que requebros de phrase, algumas lições mais altas do que os exemplos de connivencia com as torpezas e as abjecções do tempo, a alguma doutrina mais consoladora do que a resignação e a condescendencia com as loucuras da época, a alguma moral mais santa do que o amor sensual e exclusivo da forma, do som, das palavras occas e esterilmente harmoniosas!

Vós, porque pagaes, nutris, sustentaes toda essa gente, tendes direito a que em troca vos dêem bellos e bons pensamentos, santas inspirações, crenças, confortos, luz e fé.

As litteraturas officiaes serão tudo e de todos — do governo, da academia, do agrado dos botequins e das gazetas, serão ricas, estimadas, lisongeadas — só não serão jamais nacionaes e do coração do povo!

Eu, como filho do povo, como cidadão, em nome d'estes direitos menosprezados, protesto contra essa falsa litteratura, contra os seus chefes, contra as suas obras, contra os seus discipulos, contra as suas tendencias, contra as suas oppressões...

Protesto em nome da minha consciencia d'homem...

Protesto em nome do espirito nacional, que não tem que vêr com esses idolos convencionaes d'uma infima egreja, d'uma communhão de meia duzia de fieis infidelissimos...

Protesto, finalmente, em nome das mesmas regalias do espirito humano, que não consente que lhe imponham admirações e respeitos, como se o respeito e a admiração não fossem por excellencia as cousas espontaneas e livres da alma.

Coimbra. Dezembro de 1865.

Anthero do Quental.

Digitized by Google

# APPENDICE

Digitized by Google

Digitized by Google

# NOTA

## Provas tiradas das principaes obras do sr. A. F. de Castilho

Para que se veja claramente a verdade de quanto acabo de affirmar nas paginas antecedentes; a impotencia das litteraturas officiaes, fundadas no respeito das conveniencias, dos costumes, das opiniões e ainda das illusões communs, para se levantarem acima do nivel d'essa corrente em que se deixam boiar indolentes e sem energia propria; a incuravel vulgaridade de todas as obras que não tiverem outro fim mais do que divertir a entreter os ocios do vulgo; a pequenez intellectual e moral de escriptores que mirando só ao effeito, teem de sacrificar a verdade simples e forte a requintes exquisitos e falsas delicadezas, que illudem por uma passageira originalidade; a fraqueza de pensamentos e formas d'uma litteratura sem audacia, convencional, rethorica, academica, rotineira; o nada, emfim, que são todas essas criações que, sem fé no espirito e nas idéas, só se fiam em apparencias e exterioridades; para vermos tudo isto basta olharmos com uma attenção imparcial e fria para as obras de um dos grandes pontifices da nossa litteratura official, o sr. Castilho, e do pouco do mestre deduziremos o nada dos discipulos.

Quaes são os fundamentos da fama, evidentemente excessiva, do sr. Castilho? A que cousa nova e dura-

Digitized by Google

doura ligou o seu nome? Com que idéia, com que descoberta enriqueceu o thesouro do espirito nacional? Que traço dourado tem de marcar para o futuro o seu caminho atravez da historia litteraria dos ultimos trinta annos?

A estas perguntas não é facil responder.

Almeida Garrett cria o theatro e a poesia moderna em Portugal; inspira-se da alma da nação, resuscita-a, interpreta-a e, já pela boca dos grandes homens antigos magicamente evocados do tumulo, já fazendo-a rebentar com força n'um lyrismo profundo e vivo, revela-a de novo a um mundo que a tinha quasi esquecido, faz dispertar, nos corações que agita, sentimentos que são d'esta terra e d'este sangue, falla ao crer intimo do povo, e cada uma de suas palavras é uma pagina animada da historia do renascimento do espirito nacional. Esta missão explica o homem e a gloria d'elle. Sabe-se o que fez e vê-se que o trabalho corresponden a alguma cousa eterna e que o hade eternisar comsigo — a vida moral do povo. É um grande nome creado por uma grande obra: uma estatua com um pedestal solido: concebe-se e vê-se claramente por que se sustenta erguida e tão alta.

Alexandre Herculano, esse é a antiga, a severa, a admiravel honra e gravidade do caracter portuguez, inspirando todas as concepções d'uma intelligencia recta e forte, tendo por fim ultimo o triumpho da verdade moral, tão heroico nos combates do pensamento como os maiores heroes dos nossos fastos nas pelejas da liberdade e da honra patria. A historia para elle não é uma curiosidade de antiquario: é uma lição dada ao presente por um philosopho cujo caracter está á altura das mais fortes e nobres epocas do passado. O seu trabalho não é um deleite de artista: é uma luta de morte contra a hypocrisia, a villeza, as más paixões d'um tempo contradictorio e sceptico como o nosso. Tem uma

Digitized by Google

grande missão, que sabe cumprir como poucos. Isto explica uma gloria pura e honrada como nenhuma

O sr. Castilho, esse o que é? e que representa?

É triste para a admiração do paiz não haver uma resposta cabal a esta pergunta. Mas a sua fama explica-se dizendo que é uma tradição antiga, um uso velho e convencional: e esses ordinariamente aceitam-se e não se discutem. As maiorias pouco instruidas e muito occupadas acham mais commodo admirar sob palavra do que examinar, estudando e analysando, cousas estas que fazem pensar e roubam muito tempo. As minorias intelligentes e ociosas, essas dizem entre si o que pensam do sr. Castilho, mas dizem-n'o baixo e para poucos. Por menos lisongeiro que seja este juizo, como não transpira do recinto estreito de certas reuniões de amigos, a illusão conserva-se e continua a haver em Portugal uma grande fama fundada em muito fracos motivos.

Eu por mim assento que n'esta nossa terra de noventa leguas estamos todos em familia, e por isso o que tantos pensam ou dizem em voz baixa é melhor e mais franco repetil-o alto e claramente para que todos nos entendamos.

O merecimento do sr. Castilho é um merecimento exclusivamente externo e formal. O seu caracter essencial não é uma idéia, um sentimento, um principio, um modo seu de conceber a sociedade, o individuo ou a natureza, alguma cousa intima que distinga entre todas as suas creações, lhes dê uma feição original e indistructivel e seja como que a rasão de ser, o elemento gerador d'ellas. Nada d'isto. A sua faculdade dominante e talvez exclusiva é apenas o dom exterior da forma, o genio da proporção e da harmonia, o segredo das apparencias formosas — o estylo. É isto o que o torna essencialmente proprio para o papel artificial que representa. Tem todos os longes d'uma grande cousa;

Digitized by Google

tem a elegancia, a arte, a distincção; illude e faz vista. Menos um pouco, era um escriptor mediano: um pouco mais. um grande escriptor. Nem um nem outro serve para chefe de litteraturas officiaes. No primeiro caso estaria demasiadamente abaixo do publico; no segundo demasiadamente acima dos que precisam d'elle como d'um pendão, d'um heroe convencional. Uma idéia fixa, uma aspiração dominante, um espirito unico, são muito exclusivos, muito absorventes, muito rigidos para se dobrarem ás exigencias de um papel cujo caracter varia d'hora em hora com a fluctuação do gosto e do capricho publico. Mas se com a negação d'estas cousas incommodas se puder combinar uma maravilhosa faculdade imitativa, formal, capaz de fingir tantos espiritos quantos a voga fôr pedindo, mas sem nunca se fixar n'um só e exclusivo; se fôr possivel ter a forma de todas as idéias sem se deixar dominar por nenhuma d'ellas, imitar os sentimentos sem sentir de modo algum; n'esse caso poder-se-hão seguir as variações do gosto commum, acompanhar o capricho ondulante e incerto da opinião, e agradar sempre a todos, ainda aos mais contradictorios, aos mais inconciliaveis.

Este é o grande, o espantoso talento do sr. Castilho. É admiravel n'esta negação da individualidade propria. É assombroso n'esta faculdade de ser quanto quer ou querem que seja, á semelhança d'esses bastidores de theatro aonde se penduram todas as vistas, sala e rua, floresta e palacio, carcere e egreja... Não representa, entre os escriptores nacionaes, uma opinião, uma tendencia, um espirito: não tem uma missão propria: não se sabe bem o que quer e o que vem fazer. Mas nenhum nos espantará com mais extraordinarias metamorphoses, transformações admiraveis até ao absurdo, uma maleabilidade, um deixar-se dobrar nas mãos das conveniencias de momento, que faria honra ao mais fino politico. Por este lado o sr. Castilho é um diplomata

Digitized by Google

das lettras. É verdade que não diz nada, nada ensina, não concorre para o movimento geral. A civilisação, os progressos do pensamento, as conquistas da liberdade moral nada lhe devem. Mas é um artista primoroso, um admiravel estylista, a quem só falta uma idéia generosa e inspiradora para ser um grande escriptor.

Consultemos os annos, e vejamos quantos papeis tem representado este grande e habilissimo comediante. Em 1816 elmanista em poesia, em politica indifferente: poeta monarchico e official em 1818; pastoril e novamente indifferente de 1822 a 1825, e alguns annos depois socialista radical e prophetico; classico e academico em 1826 e em 1836 ultra-romantico e shakspeariano; algum tempo depois vemol-o virar-se de novo para os vultos venerandos dos poetas e dos mestres antigos. Cuidaes vel-o occupado na composição de rimas populares? elle traduz os cantos da musa romana. Esperaes achal-o no meio dos documentos historicos dos nossos primeiros seculos? elle redige artigos e proclamações politicas. Julgaes encontral-o em admiração diante das glorias da litteratura patria? elle declara que qualquer metrificador contemporaneo se deveria envergonhar de pôr o nome debaixo das oitavas de Camões. Ouvistel-o hontem, emfim, declamar contra a prepotencia dos tyrannos, radical e republicano? escutae-o hoje, fazendo a apologia d'um governo anti-popular e oppressivo. Classico, romantico, monarchico, republicano, novo, antigo, philosopho, religioso, quem é? que quer? não se sabe. É um bello escriptor... tem um estylo admiravel... Póde-se dizer retrogado com Chateaubriand, e demagogo com Fourier, innovador com Victor Hugo e conservador como Ponsard... que é sempre verdade e é sempre falso. Não liga o seu nome a uma idéia unica como cada um d'estes: mas especula com todas. Uma cousa só não varía: o bom estylo, por que é esse o instrumento de todas estas variações...

Digitized by Google

Isto será habil, phantasioso, facil e delicado: mas não indica seguramente uma alta moralidade intellectual, isto é, o grave espirito e sério pensamento da vida que só faz os grandes poetas e os homens superiores.

É por isso que o celebrado chefe da litteratura official é feliz, glorioso, illustre e applaudido escriptor— mas é por isso mesmo que não tem missão, não representa um principio, não diz uma certa cousa ao espirito do povo e não é um grande escriptor.

Levem ao cadinho da analyse cada uma de suas obras: verão se no fundo fica mais do que essa cinza doirada, essa poeira brilhante de um bello estylo, muitas formosas phrases e nada mais. Um ensino, um ideal, uma crença, uma verdadeira sciencia da alma e da vida, isso é que não se póde lá encontrar.

Nas *Cartas d'Echo e Narciso*, estreia do poeta, apparece este espirito artificial e mesmo artificioso já formado e inteiro, e não é difficil prever o que virá depois. É a mesma harmonia de phrase, encubrindo a mesma carencia completa de pensamento. A escolha do assumpto já por si dá a medida do genio do poeta. Não é um d'estes dramas simples e profundissimos, cheios de immensas lições de verdade e sciencia do coração, como os creou a alma brilhante, mas intuitiva da Grecia. É uma fabula da decadencia da mithologia, uma cousa subtil e falsa, uma difficuldade a vencer, um motivo para se admirarem os raros dotes do escriptor, mas sem um sentimento vivo, sem uma idéia eterna, que não commove nem indigna, refinada e artificiosa e que por fim chega a nausear como acontece com todas as doçuras insipidas. São tudo suspiros, ternos disticos gravados em trocos de alamos, passeios em barco, festões e grinaldas, branduras ou friezas... só não se vê a alma, só nenhum d'aquelles sentimentos existe d'aquelle modo no coração. N'esse poema dos gemidos amorosos ha de tudo; menos uma cousa só: o amor. Tirada a invenção,

Digitized by Google

o fundamento moral, a intelligencia dos segredos da vida, que fica? O estylo — eis tudo.

Mas é no poema da *Primavera* que mais se palpa esta carencia completa de funda inspiração, saida das entranhas mesmas da natureza, que é a verdadeira essencia da poesia. A pedra de toque do poder e força de interpretação das realidades (que outra cousa não é o genio poetico) essa pedra de toque é a poesia da natureza. É n'ella que Volfgang Goethe revela as suas mais assombrosas faculdades intuitivas, o seu dom de explicar a vida do mundo ou de o animar prestando-lhe uma vida roubada ao excesso da sua propria. É como interprete e altissimo sacerdote da natureza que Virgilio nos apparece, á distancia de seculos, erguido e immenso só por esse condão, no meio da ruina de tudo quanto cantou, do mundo que o inspirava. Victor Hugo só nos dá a verdadeira medida do seu genio quando nos faz como que sentir debaixo das mãos o palpitar do coração da terra, a vida universal, a seiva e a alma do grande Todo. — Compare-se tudo isto com a *Primavera*. É como se nos corressem de repente entre os olhos e a vasta extensão dos campos, das florestas, das montanhas, uma cortina de fumo alvacento: nem é ainda isso. É como se saltassemos, arrebatados por algum demonio ironico, das matas virgens da America, cheias de vozes, cores estranhas, lumes, phantasmagorias, mysterios e terrores, para o meio de alguma horta bem amanhada e bem util dos arredores de Lisboa, com suas moitas de bucho pelo meio, para nos dar idéia das energias poderosas do mundo vegetal. Parece que assistimos a um honesto chá de familia, aonde algum conselheiro velho conta ás innocentes meninas as impressões de uma peregrinação bucolica a Villa-Franca ou ainda á Alhandra. São os cordeirinhos enfeitados de mad. Deshoulieres e de Florian. Parece que não ha montes já na terra, nem precipicios, cascatas, rumores terriveis da



Digitized by Google

noite na montanha, ou horisontes largos aonde o peito e a alma bebam a longos tragos o ar da vida e o ar da liberdade. São tudo collinas, vergeis, festões de rosas, passarinhos ensinados, grutas alcatifadas de relva macia, brandos ribeirinhos e até dos proprios cedros, como de caniços, se podem cortar frautas e avenas pastoris... Tudo isto n'um encantador estylo, rescendendo a rosmaninhos, distillando mel, doce, doce, como para embalar o somno de creanças. É que é realmente uma adoravel creancice aquelle poema! Deve-se conceber assim a natureza aos seis annos, quando a ama nos passeia no quintal que rodeia a casa da familia; e devem-se dizer as cousas com aquella meiguice infantil. Mas entre essas lindas pieguices e a expressão animadas do grande movimento natural, de suas energias, de suas forças poderosas, de seus dramas, das actividades creadoras da primavera, no mundo dos seres vivos, nas aguas, nas grandes folhas da floresta, em aves, feras, pinhaes, devezas, por toda a parte... entre isto e as bem descriptas pastoraes do sr. Castilho ha toda a differença que vae de Gesner e Florian, seus mestres, a Goethe, Hugo, Senancourt, verdadeiros poetas das bellezas e das grandezas naturaes.

Que fica? Sem forte pensamento, sem verdadeira comprehensão das forças vivas do mundo, dos sentimentos correspondentes do coração, da alma mesma do naturalismo, fica do celebre poema didactico uma soffrivel aguarella no gosto das de Watteau e Boucher, os paizagistas officiaes de Sua Magestade Luiz XV, os Rembrandts efeminados dos Trianons de M.me Dubarry. Um brando, gentil e mimosinho estylo, o que resta sempre e exclusivamente das obras do sr. Castilho, quando bem estudadas — palavras!

« Mas, dir-se-ha, talvez essa fraqueza não seja mais do que um indicio de excessiva força. Talvez que o genio ardente e arrebatado do poeta se achasse mal e

Digitized by Google

apertado na estreiteza d'um assumpto didactico, frio e compassado. Eis ahi estão obras cheias de movimento e ardor, a *Noite do Castello* por exemplo... »

Ah! A *Noite do Castello!* Mas é um verdadeiro castello de cartas aquelle castello, e aquella noite uma verdadeira noite de theatro! O castello, á borda d'um lago, romanesco, elegiaco e tragico ao mesmo tempo, parece sonhado pelo visconde de Arlincourt, de funebre mas divertidissima memoria. Ha um cavalleiro, um sympathico tyranno, como em Anna de Radcliff, e não esquece a donzella *tão formosa como perfida*... O cavalleiro, ao chegar da Palestina, (ainda se chega da Palestina nos poemas do sr. Castilho!) vê-se traido pela ingrata, que já mal o conhece. Era d'esperar : e, como tambem é de suppor ha imprecações e choros e terrores e muitas phrases atrozes e ferozes, com quanto sempre em estylo doce, brando e encantador. Tudo isto é d'um effeito admiravel: mas seguramente não é gothico, nem moderno, nem antigo, nem meia-edade, nem romantico, nem historico. Não se sabe o que é. É o phantasiado mundo romanesco e cavalheiroso dos escriptores do primeiro imperio francez, convencional e falso, cheio de phrases immensas e pequenos sentimentos, sem estudo do coração, sem conhecimento dos grandes effeitos das paixões, sem intuição do espirito das epocas historicas, sem unidade, com ditos á Shakspeare e pensamentos dignos do sr. conselheiro Bastos!... Tudo isto, em França, depois da *Notre Dame de Paris* de Victor Hugo, depois dos trabalhos de Michelet sobre a edade media, depois do Getz Berlichigen de Goethe e dos Salteadores de Shiller, em Allemanha, depois sobre tudo do grande vôo ideal da poesia levantado pela eschola romantica, tudo isso tinha caido miseravelmente em 1830, enterrado como se enterram ninharias e pieguices — ás gargalhadas. E é isto o que o sr. Castilho, em 1836, *inventava* em Portu-

Digitized by Google

gal! O ciume, que é o dado moral da *Noite do Castello*, quando a gente o vê no Othello de Shakspeare, parece-nos uma paixão immensa, senão pura e santa. No poema do sr. Castilho aprende-se que não é assim. Essa grande cousa, n'aquelles versos comicamente terriveis, tem a particularidade de fazer rir. Depois, a acção exgota-se em se chegando á terça parte do poema. O resto (dois terços) são imprecações e phrases e ditos, que só variam nas palavras e nunca na vulgaridade do sentimento, superficial e insignificante. Tal é a *Noite do Castello*, tentativa infeliz para naturalizar entre nós um genero em toda a parte impopular e impossivel de sustentar-se, porque era falso e sem fundamento nem na historia nem na natureza moral do homem.

Evidentemente n'esta obra o sr. Castilho está ainda abaixo de si mesmo. O estylo, esse grande mentiroso, sempre prompto a encubrir os erros e os vicios dos livros do nosso poeta, nem esse mesmo se salva d'esta vez. Se exceptuarmos algumas raras descripções finas e bem acabadas e um ou outro movimento lyrico mais feliz, o resto é artificial e embrulhado, difficil, arrastado, frouxo e contrastando extravagantemente pela sua brandura com as feras paixões que lhe querem fazer exprimir...

Mas eis-nos chegados em frente do livro intimo, do livro sentimental, do livro ideal, do livro consolador e sympathico — *Amor e Melancolia!*

Custa-me, realmente, não poder escrever d'este livro tudo quanto pensaram d'elle nossas mães, então ainda meninas ingenuas e romanescas. Pelos sentimentos innocentes de que foi confidente elle é sagrado como um travesseiro de leito virginal. Pelas lagrimas de pura saudade que lhe cairam em cima elle é inviolavel como um seio materno. Pelas tristezas que consolou, os dissabores que mitigou, elle deve ser recebido como um amigo de familia... E eu, por debaixo do titulo d'este

Digitized by Google

livro tão querido ha trinta annos dos bellos olhos que tem hoje cincoenta, eu hei-de ir, com a minha mão cruel de revolucionario, e escrever esta palavra infamante — *banalidade !?*

Mas, que heide eu fazer, entre a piedade e o bom gosto? Acima de tudo o dever. Sim; heide dizel-o: é uma banalidade esse admiravel livro! esse livro sublime é uma cousa vulgar! Nossas mães foram no seu tempo umas santas e adoraveis raparigas; mas não sabiam litteratura .. mas não sabiam esthetica... para bem d'ellas então, e mal dos filhos, hoje!

Abro este livro ao acaso. Encontro: versos ao triste cipreste; quadras ao cemiterio: quadras á cruz do ermo; mais quadras á melancolia; versos á terna saudade: falla-se-me do arroio, do chorão, do goivo e do malmequer.... basta! fecho o livro assustado. Por entre aquellas folhas melancolicas pareceu-me ver surgir a face pallida, longa e piedosamente romanesca do visconde de Arlincourt!

O goivo! o malmequer! a terna saudade! mas nós vemos d'estes arrojos lyricos todos os dias nos jornaes litterarios da provincia, entre um logogripho e uma charada, e não admiramos! e temos a crueza de nem sequer verter uma lagryma de estreme melancolia! Ó dureza dos tempos modernos! Decididamente o livro sentimental do sr. Castilho não é para esta geração estragada por Byron, Victor Hugo e Goethe... Não somos dignos d'elle... Que fique, pois, com as suas antigas leitoras que o comprehendem e amam! Fique e repouse no cestinho de costura das meninas de 1830, que ainda não casaram e precisam de consolações!

Do estylo é escusado fallar. Sempre o mesmo, bello, limpido, doce, mavioso estylo. O periodo cheio e correcto, sem retumbancia nem affectação. A phrase corrente e agradavel como as palavras da boca d'uma creança alegre. N'este livro, então, é realmente admi-

Digitized by Google

ravel; e tanto mais nos faz lembrar quão bem teria exprimido altas idéias, verdadeiros sentimentos, rasgos de naturalidade, conceitos profundos... se o auctor tivesse posto d'isto no seu lindo livrinho!

Por este tempo tinha Lamartine publicado em França as *Meditações* e as *Harmonias*. Em Alemanha appareciam os versos de Novalis. Em Portugal concebia Alexandre Herculano aquella nobre e profundissima *Harpa do Crente*, aonde ha um verdadeiro e grave *amor* da patria e toda a *melancolia* d'um coração que se despede das illusões do passado — mas que esta gente boçal não comprehende... porque tem versos duros!!...

O nome do nosso illustre historiador recorda-me as tentativas historicas do sr. Castilho. É n'esse livro, os *Quadros Historicos*, que apparecem n'um relevo immenso todos os brilhantes dotes artisticos do auctor, a phrase perfeita, a imagem original, o genuino dizer portuguez, a harmonia, o colorido luminoso do estylo, a phantasia delicada ou o imaginoso arrebatamento, as figuras, as descripções, as narrações, toda a rethorica e poetica do rhetorico poeta. Infelizmente tudo isto serve para pôr em evidencia os vicios inseparaveis do excesso ou antes do exclusivismo d'estes excellentes dons. Uma concepção geral ou comprehensão da unidade do drama historico; um pensamento capital que, dominando cada época e cada acontecimento, dê a todos na sua variedade um commum espirito, os explique e faça comprehender uns pelos outros, mostrando a necessidade de cada um na harmonia do todo; uma critica que, em vez de buscar as origens dos factos em meras coincidencias de datas, e fazer depender do acaso os maiores successos, estude e explique a logica necessaria das instituições e dos elementos sociaes, modificada ás vezes pelas paixões dos homens e arrastando-os a elles outras vezes; uma intuição da alma de cada época, do seu modo particular de sentir e obrar;

Digitized by Google

uma historia critica, emfim, dominadora dos factos pelo espirito e não escrava d'elles, uma historia philosophica, isto é que o sr. Castilho se não lembrou de fazer, contente com arredondar os seus periodos, limar as suas phrases, acabar as suas descripções, pôr, emfim, as grandes cousas heroicas antigas, adoçadas, pintadas, burnidas, ao alcance do gosto nada grande dos seus pouco heroicos leitores contemporaneos. O sr. Castilho não teve em vista, como tiveram Thierry, Michelet, Quinet, que n'esse tempo creavam uma sciencia historica digna do seculo de Hegel, Creuzer e Herder, dar-nos a alma, a consciencia, a razão intima das épocas e dos homens, resuscital-os por uma intuição tão largamente sentida como profundamente meditada e d'algum modo fazer-nos assistir á concepção das grandes cousas da historia no seio das nações. Tanto não precisava o bemfallante academico para agradar no circulo precioso dos refinados puristas da capital e merecer os applausos do publico admirador de fogos d'artificio. Buscou apenas um assumpto para declamar elegantemente; um palco aonde se podesse pavonear nas galas arcadicas da sua rethorica: um pretexo para fazer brilhantes figuras e effeitos d'estylo; tomando ás grandes épocas e aos grandes homens quanto baste para uma phrase original ou um conceito feliz, e ao espirito antigo da nação o sufficiente para fazer sobresair os recursos da lingua moderna. A alma, essa, dispensa-se em boa rethorica. Isto, porém, não é historia.

Todas aquellas bellas cousas se podem dizer egualmente tanto da historia contemporanea como da primitiva, tanto da portugueza como da italiana ou da tártara. Os acontecimentos só é que variam. O resto serve para todos, porque não se inspira do caracter particular d'uma raça e d'uma civilisação, d'um certo ponto de vista da critica nacional, mas só da eloquencia, de suas figuras e effeitos, que não são patrimonio

Digitized by Google

da historia de nenhum povo. Por isso o bello livro do sr. Castilho não é uma historia, mas só um exercicio eloquente de declamação.

As lendas populares dos tempos semibarbaros mas ingenuamente poeticos apparecem alli vestidas á moderna, como se tivessem estudado na eschola dos Lucenas e dos Freires, usando de phrases dignas certamente do grande seculo classico, mas nada primitivas, nada populares, nada gothicas e por isso nada verdadeiras e nada historicas. As ingenuas tradições, as crenças rudes e simples ficam, depois do *rifacimento* do sr. Castilho, como essas armaduras da edade-media, grevas, cotas, escudos que se fabricam hoje em Paris e se vendem aos curiosos ignorantes, pulidas, elegantes, novas em folha, como qualquer outro producto da industria contemporanea. A alma d'essas remotas edades some-se, perde-se, no meio d'aquella culta phraseologia, como um ribeiro saido da rocha viva ao atravessar um areal —seja embora um areal d'areias d'ouro... Isso, todavia, essa *barbara* expressão, que o nosso arcade julgou indigna da sua eloquencia, é isso mesmo o principio essencial da historia, pelo menos da historia como a conceberam Vico, Herder, Wolff, e modernamente Jacob Grimm, Michelet, Thierry — ainda que isto repugne ao cultismo dos declamadores elegantes, nem a façam assim Rolin, Saint-Real, o conde da Ericeira e o sr. Castilho...

Mas, para quem sabe o que representa de trabalhos, de meditações, de profundos pensamentos e altas vistas philosophicas esta concepção moderna e realissima da sciencia historica e como este methodo se liga ao desinvolvimento do espirito humano no seculo XIX, para esses os *Quadros Historicos* do sr. Castilho podem ter o valor de bellos mas banaes exemplares de eloquencia, modelos de phrase, mas nunca o alcance de uma séria e viva obra de historia.

Digitized by Google

Sempre o estylo! Essa exclusiva preocupação, a que o seu falso ponto de vista e ainda o seu mesmo temperamento de artista o obrigam, é que faz a apparente belleza de momento, mas a real e profunda falsidade de todas as creações de uma arte superficial, que esconde um grande vazio d'ideias, de sciencia das cousas e dos homens, sob as phantasmagorias phosphorecentes d'um enredo de palavras, luzentes mas frias e estereis. É por isso que o sr. Castilho é, sobre tudo, excellente nas traducções. Como o original teve por elle o trabalho de pensar, sentir e crear, o traductor póde dar todos os seus cuidados e exclusiva attenção á phrase, á composição, ao metro — e n'isto, e talvez n'isto só, é eminente o sr. Castilho. Dão-lhe um corpo vivo e animado, sómente nu; e elle veste-o com umas galas e um luxo dignos de um rei. Mas o que é certo é que um alfaiate, mesmo alfaiate de reis, é sempre um alfaiate. Um optimo traductor não é um grande poeta. Os homens como Virgilio, Dante, Corneille, Camões, Garrett, não se immortalisam compondo descuidadamente e enfeitando o que outros sentiram, pensaram com muito trabalho e muitas dores ás vezes. Esses pensaram e sentiram por si. Viram, entenderam, esperimentaram, deduziram, observaram-se a si, aos homens e ao mundo; e só por isso lhes chamamos creadores, originaes e inspirados. O mais solido esteio em que se apoia a fama do sr. Castilho é seguramente este trabalho das suas traducções. São bons versos, realmente, e boas palavras harmoniosas: sómente o que dizem de bom e profundo não pertence ao compositor mas só ao poeta original. Este creou; o outro compoz. Um, como a mãe que traz no seio e amamenta e rebustece e educa uma creança, deu a vida e a alma. O outro é apenas um mestre, que aproveita certas tendencias, desenvolve certas inclinações, ensina uma ou outra só prenda, mas não dá ao ser vivo um só elemento, uma

Digitized by Google

faculdade mais. O sr. Castilho será pois um grande poeta —mas com a collaboração dos grandes poetas que traduz. Em qualquer paiz esta especie de merecimento dá direito a uma menção honrosa nos diccionarios bibliographicos. Na nossa terra é quanto basta para se ser um genio.

E, depois, traduz-se realmente um poeta? Já Victor Hugo escreveu «para traduzir Homero é preciso *pelo menos*, um outro Homero.» Ora não nascem dois Homeros, nem dois Virgilios, nem dois Petrarcas, nem dois Miltons; e por uma razão muito simples: porque qualquer d'elles foi produzido por um concurso de circumstancias que se não repetem mais, de raça, de ideias, de religião, de governo, de tempo, de tudo; e elles representam tudo isso, teem o intimo sentimento d'essas cousas, em todas as suas mais ligeiras cambiantes, que só elles viram uma vez e ninguem mais verá, seja o talento que for, porque tudo isso passou e não póde repetir-se. Seguramente que Dante vale tanto como Virgilio. Mas Dante, se em 1300 tivesse querido refazer a Eneida, teria feito uma cousa absurda e insupportavel. Quem ha ahi que possa comprehender, á distancia de mil annos, uma edade remota, ainda mais do que pelo tempo, por um abysmo de idéias religiosas, politicas, sociaes? percebel-a no mais intimo do seu pensamento e, o que é mais impossivel, n'aquillo que ella mesma ignorava, a parte fatal e instinctiva, o sentimento vago mas absorvente e que é o que constitue sobre tudo a poesia? Qual ha ahi homem de genio que entenda tudo isto e se identifique a ponto de dar, traduzindo, a cada affecto, a cada idéia, o peso, a fórma, o maior ou menor relevo, maior ou menor luz com que o viu ou o sentiu o poeta d'aquella sociedade extincta? que elle mesmo lhe tinha dado em virtude da relação necessaria em que o seu pensamento estava com tudo quanto o rodeava, determinando essas proporções impossiveis de medir?

Digitized by Google

O sr. Castilho declara-se-nos capaz de fazer tudo isto. O publico acredita-o; porque o publico não é seguramente critico, erudito, philosopho, quanto se requer, para entender bem estas cousas elementares.

Todavia é bem certo que uma traducção d'Ovidio, no seculo XIX e pelo sr. Castilho, é cousa tão extraordinaria e falsa como, sendo possivel, teria sido a traducção da *Noite do Castello*, feita por Ovidio, em Roma e no tempo de Augusto.

Mas a gymnastica deslumbrante de palavras, as prestidigitações surprehendentes de phrase, as habilidades de acrobata do estylo entretem os olhos com passos e posições difficeis e complicadas: e, presa a attenção, enleada, esquecida, o resto passa facilmente...

É isso o que faz que passem todas as outras obras secundarias de que não me occupo, e as contradicções de principios e as loucuras e a falta completa d'ensino verdadeiro da natureza, do coração, da vida. É assim que passam tambem as extravagancias, os absurdos ridiculos ou odiosos, como por exemplo, a critica inclassificavel aonde se contesta o merecimento dos *Lusiadas*, d'um poema politico e social, *por isso que não póde servir nas escholas de primeiras lettras!* «Criticar uma epopeia nacional, dizia a este respeito o meu amigo João de Deus, porque não serve para cartilha do Mestre Ignacio, é o mesmo que criticar a cartilha do Mestre Ignacio porque não serve para epopeia nacional.»

Que concluir de tudo isto? Uma cousa triste, em verdade, para a admiração publica, extraviada e illudida, mas no fundo consoladora para a dignidade do pensamento humano. Concluimos que a lisonja do gosto commum, arvorada em supremo principio de critica, póde chegar a produzir homens habeis, desenvolver faculdades brilhantes, mas não chega jámais a inspirar uma poesia e um poeta verdadeiros. Só a belleza da natureza humana, revelada pela voz livre do coração e en-

Digitized by Google

sinada pela severa meditação da philosophia e da historia, não varia jámais. A opinião dos homens essa é incerta e vária. Quem deixar aquelle firme solo eterno por estas areias movediças construe sem alicerces, como o sr. Castilho, embora sejam brilhantes de adornos e arrebiques postiços esses palacios inconsistentes. Tem de ir e vir a capricho da onda que eternamente fluctua. Não terá, logo, um principio unico, o mesmo, firme, indissoluvel. Não dirá, logo, uma e a mesma cousa á intelligencia e ao coração da sociedade. Não representará, logo, um movimento vivo, necessario e verdadeiro do espirito nacional. Não será um grande poeta, porque a necessidade de lisonjear a mudavel opinião não lhe dará logar para seguir uma immutavel idéia, ter uma missão e como que instalar-se n'uma parte da alma e do pensamento humano. Fica-lhe o estylo, apenas, a forma, a arma d'esses enganos, a divindade d'esse culto de illusões. Esse é que serve para os *successos*. Mas os *successos* são para a gloria como são para o amor sereno, puro e constante esses estremecimentos da paixão ardente e sensual, tão rapidos como fogosos.

Se quem só procura a verdade raras vezes chega á fama, quem procura só a fama é que jámais alcança a verdade. Essa ha de ser buscada por si e por seu exclusivo amor. Quem quer escrever bem só porque seja uma celebridade da sua terra, e não é uma celebridade só porque escreve bem, esse tal póde tomar de assalto a opinião: mas a natureza e o verdadeiro gosto é que não póde nem conquistar nem illudir: por isso, tarde ou cedo, tem de cair e esquecer.

Eu não quero outra melhor prova de quanto tenho estabelecido do que uma obra mesma do nosso poeta. Essa sim, é uma obra sentida e profundamente verdadeira, feita com alma, paixão, sangue e vida, que se sente palpitar e nos toma o coração e o domina com

Digitized by Google

este absolutismo que só tem a verdadeira belleza. É um dos mais formosos dramas do theatro portuguez e a unica admiravel e inatacavel obra do sr. Castilho — o drama *Camões*. Nunca se dirá bastante d'esse livro surprehendente que excede muito o *Camões* de Garrett no estudo da época, na interpretação do verdadeiro caracter do heroe, na intelligencia intuitiva do genio da nação e no grande espirito poetico e dramatico que anima todas as scenas, salas amplas e luminosas d'um maravilhoso palacio de poesia.

Pois bem: esta obra é exactamente aquella que o auctor concebeu, dispoz e executou na época em que as ingratidões de muitos lhe tinham feito crear pelo vulgo, pelo publico, pelo mundo todo, uma repulsão dolorosa, um desprezo das pequenas cousas d'esta infima sociedade official, aquelle soberbo desdem, emfim, independente e altivo que só liberta o poeta do jugo das conveniencias e dos juizos convencionaes e lhe dá logar a realisar a verdadeira belleza, simples, boa e incomprehensivel ao vulgo. Na solidão, na tristeza, no desgosto, na indifferença das apreciações dos que se dizem entendidos e do applauso grosseiro das maiorias, no isolamento moral d'um coração ferido e no apartamento physico d'um exilio no meio do oceano [1] é que foi concebida aquella obra. O mundo convencional está tão longe, tão longe e esquecido, que a sua sombra nem de leve escurece uma pagina, uma palavra só d'aquelle poema. No dia em que as exigencias de um brilhante mas profundamente triste papel de chefe de litteratura official o deixam livre, o poeta encontra um coração, uma lucida intelligencia, uma palavra de vida e amor, falla e diz como os que melhor teem dito e fallado n'esta terra. Como despreza o publico sufficientemente para o não temer já, para não condescender com suas vulgares exigencias, por isso entra com passo seguro

[1] Na ilha de S. Miguel.

Digitized by Google

por caminhos novos e, fóra já de sendas trilhadas, penetra na floresta rumorosa das ideias livres, dos livres sentimentos, vae e vem, senhor das extensões que descobriu e de que é rei, rei d'esses grandes *desertos* cheios de vida, como nunca entre os muros dos *povoados* aonde a morte moral estende o silencio terrivel das almas e das phantasias...

Isto é quanto basta para nos mostrar quanto o sr. Castilho poderia ter feito, se um destino bom lhe tivesse afastado do coração aquellas ambições tristes, aquellas sedes de falsa gloria que, se lhe teem dado, levantando-o ao posto official de chefe litterario, passageiras satisfações de vaidade, lhe entorpeceram ao mesmo tempo faculdades admiraveis, privando a sua obra d'uma cousa eterna e que nenhum respeito convencional dos seus admiradores póde substituir nem encobrir — a grande originalidade e a elevação moral.

Sem estas duas cousas, porém, não se póde dirigir, dominar, encaminhar a corrente dos espiritos e o movimento das ideias litterarias, E é por isso que a velhice dos grandes homens officiaes, immobilisados na sua propria gloria e incapazes de comprehender as transformações successivas e lentas do espirito nacional, é sempre semelhante á triste velhice de Luiz XIV, grande homem tambem, martyrisado pelo espectaculo da ruina da propria grandeza. Assistem, como elle, á morte de tudo quanto tinham levantado e porque só se reputavam gloriosos. Perdem, enterrando-se cada vez mais no passado que os attráe, a consciencia do seu tempo e das legitimas necessidades d'elle. Parecem espectros d'outra edade; e na face d'elles vê-se ás vezes passar como que uma sombra das civilisações mortas e esquecidas. Não teem já uma missão: não dizem uma unica cousa que vá ao coração ou á intelligencia das gerações transformadas e melhoradas. Não dirigem, não levantam, não caminham. Conservam-se... sustentam-se apenas...

Digitized by Google

É por isso que tudo quanto é novo, esperançoso, e para tudo dizer revolucionario, se afasta cada dia d'elles a ponto de nem os conhecer mais que de nome. Respeitam-n'os ainda por conveniencia ou habito: mas não os amam já. Do desamor não vae mais que um passo ao esquecimento. Mas, como tudo aquillo é o futuro, é pois o futuro quem os desestima e esquece...

É assim que a nova geração renega do culto convencional do sr. Castilho. Uns, os mais francos, protestam: outros, mais timidos, adherem apenas com a vontade: os indifferentes esquecem. Lance o sr. Castilho os olhos em volta de si: quem vê rodear-lhe o seu tabernaculo, o seu altar d'idolo poetico? Velhos, velhos de corpo e espirito — e os poucos moços, esses, velhissimos como quem nunca mereceu este bello nome de *joven*. Veja que mãos piedosas recebem o deposito das suas doutrinas, das suas inspirações e da sua gloria... Restos estereis do passado: e do presente, apenas a parte impotente, moralmente senil, que atraiçôa a edade e se apega ao passado, sem se lembrar que o respeito aos cabellos brancos não implica a escravidão ás illusões, aos enganos e ás fraquezas dos velhos. Eis a que debeis mãos confia o sr. Castilho o cuidado da sua memoria. Mas essas mãos são tão fracas como piedosas: sabem enterrar como filhos: não defender como combatentes...

Entretanto o tempo caminha. Se o que ha de ser ámanhã o futuro não está em volta do altar do sr. Castilbo é porque está n'outra parte, visto que o futuro d'algures tem de sair. Está n'outra parte: e quando surgir á luz não trará na fronte o signal consagrado da sua benção patriarchal, não saberá de suas doutrinas, não se lembrará de seus ensinos, fallará em nome d'outras ideias, outros principios, outros mestres... e o sr. Castilho será esquecido para sempre.

Digo isto porque o creio firmemente; porque é isto

Digitized by Google

o que pede a logica do espirito humano; porque os symptomas raros, mas já bem claros, que se manifestam o indicam para quem sabe ler n'este livro sybilino da opinião.

Isto que aqui affirmo e que a muitos parecerá atrevido e irreverente paradoxo, a esses mesmos, dentro em alguns annos, se lhes representará cousa evidente e simples, extranhando só a brandura e timidez das minhas conclusões.

Eu por mim fallo d'estas cousas sem paixão nem azedume, com a serenidade interior da convicção. Sei que é um *desacato* o que faço aqui. Mas nem por isso me penitenceio diante do publico, nem lhe peço perdão. Elle é que me ha de agradecer ao depois esta dedicação com que lhe aturo agora as rudezas, pelo menos incommodas e nada divertidas, só para bem d'elle e seu ensino. Despreoccupado inteiramente com o que se chama vaidade, fama e nomeada, que lucro eu com um escandalo cujo ruido pelo menos me perturba os ocios de uma contemplação intellectual, indolente e descançada?

Mas estas cousas estavam por dizer: tinham de ser ditas. Pareceu-me que dizel-as eu primeiro me punha bem com a minha consciencia, porque são a verdade. E é por isso tambem que não lastimo a ruina que prevejo. É a ruina de um homem apenas. Por detraz d'essa queda vejo as ideias que se levantam mais bellas e caminham mais desassombradas. Vejo que n'esta pequena questão litteraria está envolvida uma cousa d'algum valor — a maior liberdade do pensamento e os progressos do espirito.

É quanto basta para me consolar; para me alegrar até.

Digitized by Google

Digitized by Google

THEOPHILO BRAGA

AS THEOCRACIAS LITTERARIAS

PREÇO 100 RÉIS

ANTHERO DO QUENTAL

BOM SENSO E BOM GOSTO

PREÇO 100 RÉIS

A DIGNIDADE DAS LETRAS

E AS LITTERATURAS OFFICIAES

PREÇO 160 RÉIS

J. BONANÇA

CONTRA A CARTA DO SR. DUQUE DE SALDANHA

**Preço 100 réis**

Vende-se nas principaes lojas de livros de Lisboa, Coimbra, e Porto

Digitized by Google

# A CARTA

DO

SR. ANTHERO DO QU

AOS

SRS. PINHEIRO CHAGAS, MANUEL
JULIO DE CASTILHO

POR

RUI PORTO CARRERO

Lisboa
TYP. ... VICENTE ALBERTO DOS
RUA DA VINHA, 33
186

Digitized by Google

Digitized by Google

1

# A CARTA

DO

SR. ANTHERO DO QUENTAL

ANTE OS

SRS. PINHEIRO CHAGAS, MANUEL ROUSSADO E JULIO DE CASTILHO

POR

RUI PORTO CARRERO



Lisboa
TYP. DE VICENTE ALBERTO DOS SANTOS
51, RUA DA VINHA, 53
1865

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

N

Voilá nos sentiments, voilá notre concience,
voilá notre opinion.

*Lameatine*

Digitized by Google

## PALAVRAS NESSESSARIAS

Je sais que, je ne sais rien
*Socratas*

Ha quem diga que as crenças juvenis se devem abafar, que se deve negar a publicidade aos escriptos da mocidade estudiosa, como se não fossem elles sempre, a torrente mais pura, mais vivificante de cada epoca, onde nos proprios erros se encontra a força da — Verdade.

Tenho para mim que o *bom-senso* é o director da vida em todas as idades e o *bom gosto* é o instincto de o conhecer o bello.

É a razão porque escrevi estas linhas, e as apresento empublico.

Desde o momento em que não se attaca o homem, cessa toda a responsabilidade de offença.

Os sr.es Pinheiro Chagas, Manuel Rousado, Julio de Castilho e Anthero Quental, são os quatro escriptores a quem peço perdão do atrevimento.

Respeito-os como homens tenho que fallar contra os primeiros tres, apezar de lhes reconhecer aturado estudo, e fertil talento.

Sou o primeiro a confessar minha humildade, mas não cedo a ninguem a força que tenho na raiz da Consciencia.

É o coração e o espirito que tenho fraco, é a penna que ainda creança treme!

Mas aonde ireis buscar oiro, que primeiro não fosse terra? Que arvore dará fructo que primeiro se não cultivasse? Que podia dar a terra se o camponez d'ella se esquecesse?!

E demais, as palavras que escrevi como epigraphe d'estas linhas não estão ali inutilmente.

Não venho aqui deffender ninguem.

Devia, sendo este um dos primeiaos ensaios da minha fraca penna, pedir a alguem competente que o revisse. Não o fiz. Estou certo pois, que incorri em muitas, faltas e erros.

Digitized by Google

Digitized by Google

# I

Não compete aos nossos humildes talentos o gerar a resposta de tudo o que por ahi se tem escripto contra a carta dirigido pelo auctor das bellas *Odes Modernas* ao ex.mo sr. Feleciano de Castilho.

Nem nos parece que, taes absurdos mereçam consideração das pessoas sensatas e amigas da verdade. Reconhecerão, como nós, que só o fanatismo de alguma cabeça exaltada, podia guiar a penna que rabiscou essas enjoativas palavras que, por ahi correm avulsas em folhetos e folhetins!

Se o nosso povo não fosse ainda tão ignorante e portanto facil de illudir por aquelles que dizendo-se seus amigos lhe offerecem *fel* por *mel*; senão conhecessemos todos os aparvalhados escriptores, que se dizem deffensores da Religião de Christo, para ver se tendo essa devisa alguem lhes dá attenção;—se finalmente não soubessemos que o que elles querem é, abafar e envenerar a liberdade da consciencia, fazendo apodreçer a honra:—nós não viriamos a este campo.

Digitized by Google

Mas, como o fim d'elles é esse; aqui estamos promptos a derramar a ultima gota do sangue de nossas veias, que é tão leal e puro como peçonhento é o d'esses inimigos da verdade e da idea.

E reparem que não temos na face a mascara da hypocresia. E' porque nunca curvámos os joelhos perante os *idolos* que adoraes. Esses morcegos em forma humana dizem o que não pensam; ouvem o que não se diz!...

Os homens generosos devem perdoar-lhes. Coitados, teêm a vista tão elameada como o juiso e a consciencia!

## II

Onde iria o sr. Pinheiro Chagas *colhêr* tanto odio, aos apostolos da *Verdade*, da *Idéa* e da *Liberdade?*

Quem lhe metteria no cofre da intelligencia, que em um homem fallando mais alto do que os seus *idolos*; em apresentando novas idéas, já de si grandes;—quem lhe diria, repetimos, que esse homem é um *revolucionario*, que é um *impostor*, e que o seu alvo é a Religião do Estado.

Questões que, só ao vigor do raciocinio se podem dignamente incumbir, não as trataremos nós. Poderemos no entanto argumentar.

A religião, qualquer que ella seja, poderá ser imposta por um governo a todo um povo?... Podem os poderes publicos, obrigar aos cidadões de um paiz livre que sigam esta ou aquella religião?!...

Parece-nos absurda, resposta affirmativa!

A lei que, regula a Religião, é a propria consciencia de cada um, é a fé que, nos obriga abraçar a que escolhemos.

E tanto assim é, que Deus, não deixa de ser juiz d'aquelles que não seguem ou fingem não seguir a sua religião.

Digitized by Google

E' a religião de Christo a sã, a boa, a verdadeira; é essa a que o povo portuguez na sua generalidade segue, e unicamente por isso se chama—Religião do Estado.

Não venham pois ao hypocritas, de espada em punho deffender o que ninguem combate! Não se enforeçam os honrados generaes que ninguem rouba ao paiz, em que plantaram a encorporada arvore da Liberdade a Religião de seus maiores.

Não é este o assumpto principal d'este capitulo, e por isso o deixaremos.

Muitos admiram-se que, de tempos a tempos os escriptores atirem lama uns aos outros!

Não é objecto para tanto espanto, porque em todas as epochas, ha escolas que precisam d'essas *sangrias*, na verdade, pouco decentes. Mas, sr. Pinheiro Chagas, que querem dizer essas palavras, que escreveo no folhetim d'um dos ultimos numeros do *Jornal do Commercio*, referindo-se á carta do senhor Anthero do Quental! Que destempero foi esse?! Vejo ali muita pimenta e pouco ou nenhum sal.

A desculpa ha de naturalmente ser, que nem sempre se prova de *bom gosto*! Quer isto dizer, que tendo regabofe n'aquelle dia o cosinheiro, apurou a casarola só parvoices!

E, na verdada lamentei bastante que, para enodar a fama litteraria do *jardineiro* do *Poema da Mocidade*, apparecessem á clara luz do dia, umas tão negras nuvens do talento do sr. Chagas!

Os pesamos e só os pesamos lhe póde dar quem sempre o admirou em outras producções.

Para que, disse das *Odes Modernas* de Authero do Quental *palavrinhas* que, nem Mofoma se atreveo a dizer do toucinho?!—Para que consentio que se lancassem no seu livro de versos *limadinhos* e *janotas*, uns certos periodos carregados de inveja?

Anthero do Quental, activo e dedicado apostolo da Liberdade, sentio estalar-lhe o coração ao ler esses periodos e não poude levar em silencio a cobarde bofetada dos calumniadores.

Foi por isso que elle, qual outro Moyses, fez descer, não pragas de gafanhotos e moscas mas rochedos do tem-

Digitized by Google

plo da Verdade, que anniquilaram o rediculo edificio do *elogio mntuo.* (1)

Em convulsões ficáram logo os que ahi se abrigavam, fiados nas cem boccas da fama!... Coitados dos pobres.

Coube ao senhor Pinheiro Chagas, representar o mais rediculo papel que se pode imaginar!—Teve por expectadores todos quantos leram o seu folhetim. Oxalá que a penna de tão destincto escriptor não tenha segundo *máu secêsso!*

(1) Já alguem disse que, o facho da verdade apaga muitas vezes o brilho da gloria.

III

Na carta do sr. Anthero do Quental, diz-se que a eschola, chamada de Coimbra: *quiz innovar.*

Seria tão assustador o grito que o senhor Chagas deu ao ler estas *duas palavras,* como o que dizem, fora dado pelos Perganiotos ao apparecerem os Turcos nas alturas do monte Pezovolos?... Eu sei lá!...*Quiz innovar!...* A eschola de Coimbra a querer *innovar* o que o sr. Chagas nunca *innovou!...* que grande atrevimento...

Julgo, não haverem em os nossos tribunaes juizes, com animo de preferirem a sentença d'esses grandes *innovadores!!...*

Será necessario um magistrado chinez, russo..,

Aqui o grande peccado é não se saber, o que é *imitar* Leiam pois, em alto e bom som, a pag. 8 da Revolução Franceza de Mr. Thiers as seguintes linhas: «Imiter Racine ou Shakspear, être classique á l'ecole de l'un ou á l'ecole de l'outre, ç'est toujous imiter, et imiter, c'eet n'avoir pas du genie.»

Não precisavam ir tão longe, para saber o que é imi-

Digitized by Google

tar. Perguntem a alguns de nossos authores dramaticos, onde vão buscar o *summo* e a *calda* de suas obras! E' natural que lhes não digam o titulo do drama ou comedia franceza, que *provâram innocentemente.*

Ouçamos o que nos diz V. Hugo:

«Les auteurs excellents, anciens e modernes ont toujours travaillé seuls, et voilá porquoi ils sont excellents.

Les reputations dans l'opinion publique sont comme les liquides de differents poids dans un meme vase.

Estas significativas palavras d'um dos maiores genios d'este seculo, mostram bem claramente do que valem as reputações litterarios de alguns escriptores e poetas que vivem á sombra do elogio, e encostadas á infructifera arvore da Fama.

A poesia de hoje não tem aquelle cunho de belleza; não mostra o delirio;—não conhece o sentimento!—E a belleza deve ser núa como a verdade:— o delirio não consente grilhões:—e nada ha mais sublime, mais bello e mais poetico do que a expressão do sentimento natural.

Não considero digno do nome de—poeta—senão aquelles que, nas suas producções mostram ser os traductores dos sentimentos que inundam a alma da sociedade do seculo em que vivem.

Estes sim, estes é que são poetas, porque sô elles podem acertar no alvo da emanação divina, e sondar os segredos da natureza.

Já o disse e repito.

O que é a poesia senão a historia?... O que é historia da epocha senão a poesia?...

Ha a historia da nação, que é a memoria do passado! Ha a poesia da epocha, que é o espirito do seculo!

Os fins da Poesia, entendo que são estes. E por assim pensar é que não posso chamar poeta, áquelles que, embora apresentam resmas e resmás de papel em bello estilo, não nos deixam ver uma idéa nova, um pensamento!

Onde está a poesia popular, essa poesia tão nossa.

O indeferentismo tudo corrompe.

Não me dirão que interesse offerece o *Poema da Mocidade* do sr. Pinheiro Chagas!

Lanço os olhos para a antiguidade, e encontro poemas que ainda hoje se admiram. E porque?

O brilho da'quelles diamantes de nossas façanhas or-

Digitized by Google

não ainda os pobres horisontes da Poesia... E porque?

As ruinas d'esses monumentos cada vez mais se enobressem... E porque?...

Acaso o sopro divino que inspirou o poeta de *hontem* não se encontra no de *hoje*?... Será possivel que a *inspiração*—se transformasse em *officios*?...

Os poemas de outra ora eram inundados de sentimentos naturaes e verdadeiros, Eram, para assim dizer, o espelho do seculo.

Os de hoje, o que são?... Não me perguntem, que tenho *dó* de dizer que a maior parte são: *os fogos de artificio dos livros em verso: a colheita das flores de todos os jardins de Portugal:—os restos das velas que allumiam Santa Semsaboria: ex: Poema da Mocidade!*...

Eis aqui o que em Lisboa e em quasi todas as partes do reino se chama Poesia.

## IV

Emquanto muitos passeiam pelo campo, escutando as ondulações e doces trinados da orchesta composta de avesinhas; emquanto o sol espalha a claridade de seus dourados raios pelos campos que verdejando, guardam no seio de suas florinhas o orvalho; —emquanto alguns dormem o somno de indeferença eu a sós rogo á Providencia que, não se realise a minha prophecia!...

Sabem qual é? Tenho um presentimento de que o sr. Pinheiro Chagas em breve será o chefe da moderna familia dos Menenos!—Deus o livre de tal.

Deixemos esses *agouros* vamos ao objecto d'este capitulo. Tem de apparecer em scena o folheto do sr. Manuel Rousado.

Digitized by Google

Estará persuadido, o author da critica Litteraria ao poema de D. Jaime, que a carta que derigio a Anthero do Quental, tem pilhas de sal?

Se assim é muito se engana, Os que leram aquelle *enjoativo folheto*, tiveram nos labios o riso dos antigos Oscas. O rio Lethes levou a lama que ali havia, e na enthorrada foram as mais semsaborias.

Estão sempre para ahi a gritar que não ha critica litteraria n'esta terra! E na verdade assim é. Á critica que anima e fortifica: succedeu a descompustura, o aviltante gracejo e... e mais nada.

É por isso que não me repugnou ler o folheto do sr. Rousado. É um papel com lettra redonda como qualquer outro.

Lel-o e não ver, ê úma e a mesma cousa!

D'elle nada mais diremos.

V

Qual seria o povo mais feliz do que o nosso, se todos os que se dizem seus deffensores, o fossem! Muitos ha hoje, que seguem á risca Frei Thomas!

E injustamente cençurado o auctor das *Odes Modernas* e porque?

Será, por ter dado publicidade a esse livro em que elevou a voz a favor da humanidade. a favor do fraco e a favor do pobre?...

Quem tem repugnancia de ler aquelles brados a favor dos povos que ainda jazem no carcere da masmorra?...

Será, porque elle quiz despir as gallas que competem só á virtude, e de que a hypocresia se tinha apoderado?

O que é certo é que, mais tarde ou mais cedo se ha-

Digitized by Google

de saber quem é o homem que hoje n'um fraco baixel vae sulcando as adversas ondas do vasto oceano.

Sim, mais tarde se reconhecará quem ê Anthero do Quental!

Esse poeta que é tido hoje por slguns, por um *simples* idealista, não vê longe o dia em que, o hão-de collocar no throno dos grandes homens.

O Hercules da Idéa não será então considerado *hereje* O apostolo da virtude, e deffensor activo da Liberdade não será conhecido por um *revulcionario!*

Elle tem já o fogo do genio dos grandes homens, porque quer regar os louros e corôas com que o hão-de singir, com seus proprios suores. É independente como são todos os que vivem do seu trabalho e não necossitam elogios para subir,

A tempestade que ahi se levantou contra elle, foi mais uma prova da sua muita valia.

E se assim não foi, para que acordáram logo os *Promotheus* litterarios d'esta nossa Lisboa? Não seria por reconhecerem abalado o seu templo?

Anthero do Quental, hade ir sepultando a vigilancia da inveja. O fogo da alma, é a origem de seus sentimentos: a crença, o vulcão de suas grandes idéas!

Defficil é encontrar um rochedo que, sobranceiro ao mar se conserve firme, sem que as temiveis ondas e rijos ventos, o façam mover.

Tambem n'este seculo, é rarissimo encontrar muitos homens que, açoutados pela Inveja e pela calumnia, se conservem a sangue frio, no seu posto. Ninguem se me atreva a negar que, isto não é raro, n'este tempo em que as conveniencias e os interesses pecuniarios são, para assim dizer, a honra da maior parte dos homens de todas as claeses.

Isto passa-se no coração de um paiz da Europa civilisada!!

É inutil querer fazer parar o genio, quando é ajudado pelo enthusiasmo da mocidade.

De que servirão pois, essas pedrinhas que lhe querem antepor ao Capitolio?.. Para que essas ninharias, e intrigas?...

Bem diz um meu respeitavel amigo que, esses trope-

Digitized by Google

ços são feitas para retardar a hora de os ir o merito verdadeiro, espulsar do pedestal em que se acham.

E não póde ser para outro fim. A inveja a tudo se atreve, menos em deixar de ser cobarde, traiçoeira e deshonesta!

## VI

O folheto que o sr. Julio de Castilho escreveo em defesa de seu respeitavel e bom pae, acaba de me encher os olhos! A leitura d'essas 40 paginas provocáram-me taes vomitos que, imaginei por momentos, me tinham dado de beber agua salgada com azeite!

Eu não sei se na região dos *factos* a franqueza—é peccado!—Se o é, grande peccador é esta *creança* que mal *engatinhando* veio lançar á luz da publicidade algumas innocentes e descarnadas palavras...

Será possivel que:—quando os povos das principaes nações da Europa ainda, nem de todo partiram as cadeas que lhe impediam de dar um passo;—quando o pensamento acaba de romper as nuvens que lhe toldávão a intellegencia: será possivel?—repito, que;—quando a *falsa* humanidade está prestes de receber o sagrado diploma de verdadeira humanidade;—venha *alguem* abafar com a negra capa dos seculos que, já lá vão:— *o céo moderno*!

Não se assustem as *creanças* de 1817 que, este—céo moderno—é o da Liberdade!

Quem disse ao sr. Julio de Castilho que, não respeitávam nem as cãs de um *homem de sessenta e cinco annos!* Ninguem.

Porque, quem ha ahi que, as não respeite até á idolatria?...

Mas, quando a penna de um *homem de sessenta e cin*

Digitized by Google

*co annos* que tantas vezes tem saudado a liberdade da consciencia; que, tantos hymnos lhe tem dedicado sua lyra:—quando esse mesmo homem escreve uns *periodos* (1) em que, parece querer tapar a bocca d'aquelles que não seguem suas idéas, que não obedessem ao seu *codigo litterario;*—quando finalmente um *homem de sessenta e cinco annos* assim quer abafar o sagrado bem da liberdade do pensamento e da palavra... então,... eu não sei, se o respeito que—nunca—se negou ás cãs se poderá continuar a trabutar á penna!

Lastimo que, Deus cubrisse de nuvens os olhos do sr. Feliciano de Castilho; mas lastimo ainda muito mais que, o auctor do bello drama *Camões*, quizesse por propria vontade, de nuvens toldar sua intelligencia.

(1) Allude áquelles que foram o tiro d'esta revolução litteraria, e que se encontram no artigo de critica que› acompanha o «Poema da Mocidade» do sympathico escriptor o sr. Pinheiro Chagas.

## VII

Quando as antigas idéas tentão levantar-se contra as novas;—quando os apostolos das primeiras imaginão que têem força de pulverisar, ou pisar aos pés as segundas; quando o atrevimento de algumas loucas cabeças chega a esse ponto, torna-se necessario que, alguem rasgue o véo da modestia a uns, e arranque a mascara da hypocresia a outros.

Os que tem por chefe de *escola litteraria* o sr. Feliciano de Castilho, espantáram-se de ver *inundações* de novas idéas!

Tambem as Carthaginezes, não conheciam o instrumento com que os Romanos bateram aos muros de Carthago! Mas o que é isto de idéas novas? Que sustos são esses, *srs. gigantes*?

Digitized by Google

# I

Não estava, a nosso ver, em harmonia com a moderna civilisação essa especie de indifferença que ha tempos a esta parte se nota na chamada—republica das lettras. O espirito que, depois da liberdade humana, deve estar cheio de vida, tinha um não sei quê de embaraço impedindo-lhe sua verdadeira luz.

A alma da nova geração tão pura e innocente como a doce e santa liberdade, quiz brotar o enthusiasmo, essa flor acalentada no coração de toda a mocidade, que pensa e crê no futuro. A brilhante e rica aurora litteraria que está proxima a despontar para essas almas inspiradas do limpido e nobre amor ideal, não consentiu felizmente que, mais uma vez fosse pelos iniquos representantes da antiguidade, ultrajada a honra, o brio e o pundonor dos talentos que ora se cultivam.

E, assim como o acordar de um povo que, quer para sua patria o bello e vivificante calix da liberdade, tem sido, em todas as epocas, facto digno de occupar uma pagina distincta na historia da humanidade; assim tambem é digna de respeito a altivez com que a mocidade de hoje se levantou contra as absurdas e supersticiosas idéas da antiguidade, contra os que não se envergonham de em pleno seculo XIX abraçarem (em-

Digitized by Google

bora alguns o façam hypocritamente) o barbarismo, a escravidão... a mentira em fim.

Distinguem-se desgraçadamente hoje nos homens que compoem a sociedade litteraria duas especies de consciencias. Uma é a que o coração dirige; — a outra é a da conveniencia.

A primeira é condemnada, por não obedecer aos papas litterarios, e bispos scientificos; — por estar virgem de todo o leilão, baixeza ou acção deshonesta; — por pensar livremente n'um paiz onde parece haver liberdade só para os homens, que já passaram pelos quarenta annos; — por ter a coragem de não consultar mestre ainda mesmo quando fraca, quando moribunda; — por álfim não precisar leme alheio, nem piloto que a dirija. A segunda é precedida pelas trombetas da fama; por isso mesmo que, ella nunca desampara o lado para onde pende a maioria d'essa depravada sociedade, que adora mais as minas d'oiro de uma nação do que as ricas choupanas da virtude, da honestidade; — porque são como os deputados ministeriaes de todos os ministerios, e como elles, embora tenham de escarrar na sua primitiva consciencia, não deixam de procurar as maiorias como ponto de gravidade, não temendo de mentir ao povo por isso mesmo que, cospem no diadema real.

Hoje em dia, estando assim constituida a republica das lettras, abraçando seus membros na maior parte a conveniencia, — por consciencia; não nos admira que sejam julgadas absurdas e despropositadas as idéas boas, sãs, e verdadeiras. São assim recebidos entre nós, os puros, os humildes que adoram o povo, essa camada do genero humano que é muitas vezes (se não sempre) a mais aristocratica em honradez, em probidade, em sentimentos.

Está na opinião de todos bem averiguado que, o homem de merecimento é grande, mas, só quando sua

Digitized by Google

alma se não reveste d'essa vil aristocracia e soberba que não deve, nem póde por muito tempo existir n'um seculo governado pela democracia.

Não é a primeira vez que assim penso, nem o será a ultima. Esta doutrina que nasceu commigo, — commigo morrerá.

« No que houver de apreciar, — dizia eu em 12 de agosto de 1865 [1] — não respeitarei os palacios dos grandes, como tambem a minha penna não roubará para os ricos os louvores que forem devidos aos populares, pelas suas boas acções.

« Se ha ahi alguem que imagine que eu respeito os aristocratas unicamente por o serem, esse alguem engana-se : — porque pela nobreza dos actos é que eu entendo que se devem respeitar os homens, e não pela riqueza ou fidalguia, que em muitos casos pouco mais significa do que capricho da fortuna. Será para mim constante esta doutrina.

« Que me importa que seja um homem pobre, tendo por vestuario alguns farrapos, e por alimento as migalhas caidas de mesa opulenta, as quaes submisso ajuntou, se esse homem praticou uma acção boa, e a occulta ou desmerece quando lh'a querem remunerar? — Para mim, um mendigo d'estes é mais digno de respeito do que aquelles que, tendo palacios carregados de oiro, nem um real offerecem, de vontade, a seus *similhantes — eguaes e irmãos...* Sim, *irmãos...* vós o sois, ainda que vos peze, d'aquelles que, pedindo-vos esmola para uma fatia de — pão, — isso mesmo... negaes muitas vezes!... »

Fez bem pois a mocidade em despedaçar esses orgulhosos que, olhavam para os innocentes, com avidez.

[1] Em folhetim publicado no n.º 191 da *Persuasão*, folha michaelense, que faz honra á imprensa portugueza pelo atticismo e urbanidade da phrase que emprega.

Não nos voltemos para o passado, tenhamos esperança no futuro.

Os homens que viveram nos seculos posteriores á transformação ou reforma social não podem desenrolar véo humanitario tão puro e santo como os que, os succederam. No tempo em que o espirito humano não amanhecia, em que as trevas da escravidão era o campo onde se amassava o corpo e dilatava a alma; — que podem responder ao futuro, a esse juiz supremo e severo, os povos que assim passavam seus dias amargurados e soffredores.

Que fizestes de milhares de vossos irmãos? perguntará o futuro imparcial e sempre justo, aos que hoje — no seculo dezenove — conservam as idéas d'aquelles barbaros...

Atrever-se-hão esses miseraveis a dizer a verdade? ousarão tocar n'esse dom santo com a venenosa mentira? Não: ficarão silenciosos no tumulo dos infames, banhados pelas aguas do rio Lethes.

Hoje em dia, já não ha d'estes animaes, indignos do nome de homens, n'este nosso cantinho do mundo, chamado Portugal. Ha-os lá fóra, na Russia, na Hespanha e em outras partes do mundo. Que o diga a malfadada Polonia; e ainda infelizmente essa nossa visinha que, está luctando contra elles...

Não queiram porém, os portuguezes com as pedras do novo despotismo amachucar, pisar e destruir em fim essa liberdade que nasceu com a individual: — a liberdade da consciencia.

## II

O mesmo que um distincto escriptor francez escreveu a respeito de Mr. Jacques Delille, podemos dizer

Digitized by Google

do sr. Feliciano de Castilho. Diz elle (depois de em parte seguir a opinião de Seneca já abraçada pelo nosso Vieira de que «saber o que os antigos sabiam, não é saber, é lembrar-se») o seguinte:

« Mr. l'abbé Delille jouisoit de la plus haute reputation s'il eût composé de lui-même au lieu de traduir *et imiter* et s'il eût traité des sujets plus interessants. »

Ninguem se deve levantar a condemnar as obras do sr. Castilho, porque segundo os seus amigos e adversarios lá têem o bello e admiravel estylo que as salva, que mesmo as recommenda. É de advertir que, n'este ponto não concordamos com o sr. Anthero do Quental, quando no appendice ao folheto que ultimamente publicou [1] diz que, as obras do sr. Castilho á excepção do drama *Camões*, perdem todo o valor por não terem uma idéa, um pensamento que, nascesse com ellas.

Occasiões ha em que, é melhor ter um bello estylo, saber usar d'elle admiravelmente, do que, ser operario de grandes idéas e não as saber expor, explicar, nem apresentar, como desgraçadamente acontece a alguns, embora distinctos poetas, quando escrevem em prosa.

Se o sr. Quental dissesse que, as obras do sr. Castilho não podem passar á posteridade por isso mesmo que, não têem uma idéa com vida, um pensamento novo e uma crença firme, inabalavel e duradoura, não contestariamos; porque estamos convencidos que nenhuma d'ellas será immortal como os *Luziadas*, ou como *A Historia de Portugal* do sr. Alexandre Herculano. São estas que vivem sempre, e quasi que, quantos mais annos são decorridos, tanto mais se estimam. São das letras, as Palmiras, as Thebas do occidente,

[1] *A dignidade das letras e as litteraturas officiaes.*

Digitized by Google

Palmira só ruinas nos offerece
Mas Ilion em ruinas s'enobrece!

E a nossso vêr, o sr. Herculano quer o considerâmos como poeta, quer como prosador, é mais feliz do que o sr. Castilho.

Não é ter *estylo* e fama alcançar tudo:
Que isto engana mil vezes a vontade,
Consiste a paz, a vida, em outro estudo.

O sr. Herculano, reune ao bello estylo, o grande merito que só dá o genio; isto é: o nosso primeiro historiador moderno é poeta mesmo escrevendo em prosa, se é que todos, sem hypocrisia, concordam comnosco de que, poetas só são essas grandes almas que têem sentimento, amor, e que pensam.

Ainda não podemos conceber como se póde subjugar a poesia a certas e determinadas regras; como se póde obrigar a um poeta profundamente inspirado que, conte uma por uma as syllabas que, já, para assim dizer, vêem promptas d'alma; como é possivel, repetimos, crucificar qualquer d'estas aguias da idealidade a um baixo, acanhado e mesquinho vôo.

O *Tratado de Metrificação* de que o sr. Feliciano de Castilho é auctor e que tem sido bem aceito, *segundo diz* o sr. Julio de Castilho [1], *pelos portuguezes de Ponta Delgada, os portuguezes de Leiria, os portuguezes de Coimbra, os portuguezes do Porto, de Porto-Alegre no Brazil, os portuguezes do Rio Grande, e as sociedades portuguezas, brazileiras, francezas, romanas, e os Institutos e as Academias, e todos etc....* entendêmos nós, que esse livro veio fazer um grande mal á verdadeira poesia; veio augmentar o numero dos maus poetas, corromper e envenenar os bons; que para o serem,

[1] No seu folheto: *O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero do Quental*, a pag. 29 e 30.

Digitized by Google

até alli, não tinham necessitado de regras de metrificação, *com visualidades infantis e puerilidades vãs* [1].

É por causa d'esse bello livro que, hoje todos que escrevem duas ou tres semsaborias em fórma de verso, e que não se affastem nem um centimetro da medida imposta pelo sr. Castilho á poesia, recebem logo diplomas competentemente assignados por homens que, querendo que se lhes respeitem as cans, deviam tambem pensar melhor.

Ha prosa tão elegante, d'um pensamento tão elevado e ornado de estylo sublime e vigoroso que, fica muito superior no verdadeiro paraiso de bom-gosto e bom-senso, a muito dos poemas que, ao presente por ahi se escrevem e se publicam.

Quem tiver lido obras de Mad. de Clermont e de Mr. Delille achará n'ellas um quer que é de similhante; parecerá mesmo que, algumas são imitação; mas essa rapida apparencia decifra-se logo. Conhece-se então que as mesmas idéas, e quasi que expressas do mesmo modo na prosa de Mad. Clermont, como em alguns poemas de Mr. Delille, têem um estylo tão sublime ao passo que singelo, que não se póde bem provar qual dos dois escriptores, mais preciosas perolas arranca da imaginação.

Podemos inda entre outras [2] citar as *Memorias além do tumulo*, de Chateaubriand; e em Portugal o *Eurico* do sr. Alexandre Herculano, livro ou album de idéas sublimes onde a par d'um fluente, claro, diaphano e brilhante estylo, se descobre o verdadeiro poeta envolvido no manto das paixões humanas, sentindo sua alma ainda pura, e devorado n'uma crença virgem!

Sente, para assim dizer, no intimo um amor mais

[1] *Bom senso e bom gosto* pag. 11.

[2] Estou certo que, em outras obras isso mesmo se notará, e se as não cito é, por que não tenho o costume (hoje em modá) de fallar de livros que, inda não li.

Digitized by Google

fino e bello: foge para onde a estrella da sua vida lhe indica, e exhalando novos aromas, novos prazeres, n'esse novo paraizo do ideal: — chega a descrer da humanidade, da terra que lhe deu só agonias, e morre; — mas morre, tão puro e tão innocente, como nasceu; — abraçado ao seu ideal e com os olhos fictos no azul dos ceos!... Não falta em Portugal tambem quem escreva romances; mas são raros os que merecem o nome de romancistas! — Parecerá isto aos que, se julgam mais *sabios* do que são; — um absurdo. Tão cheios de impostura como vasios de juizo, dirão: *Pois, quem escreve romances, não é romancista?* — Nós só lhes responderemos: Não.

É, aos que escrevem como o sr. Camillo Castello Branco, esse grande romancista que o Porto se honra de possuir e que o Minho tem por cantor de suas bellezas, que nós chamâmos e considerâmos verdadeiros romancistas. É nas obras d'este original escriptor que, se encontra sempre um estylo que não cança, e que não é inferior a essa poesia que immortalisou Chateaubriand.

A prosa que devoramos nos romances do sr. Castello Branco, temol-a por poesia; e a razão é, porque os pensamentos são tão elevados, os paineis em que elle nos pinta as naturaes bellezas e os costumes campestres, ostentam louçania tamanha, que, a nossa alma vê alli a inspiração do poeta, occultar-se modestamente nas linhas da prosa!

E o poema nem por isso perde a belleza; nós, pelo menos, crêmos que, onde ha mais naturalidade e simpleza é exactamente onde existe a poesia.

Digitized by Google

III

Não muito depois da publicação do nosso humilde folheto, appareceu na *Gazeta de Portugal* [1] um folhetim, assignado pelo sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, em que este distincto escriptor dava sua auctorisada opinião, a respeito da questão litteraria entre as escolas de Coimbra e Lisboa. Mais uma vez o sr. Vasconcellos mostrou com a fina e delicada critica que tanto o distingue, quanto mais digna e vantajosa é a prudencia do que a audacia.

Muitos escriptores assim pensam, e, com quanto não possamos apresentar aqui a opinião, nem mesmo de alguns dos que já alguma coisa temos lido; não deixaremos de citar um dos mais bem dispostos capitulos do romance de Walter Scott — *Quentin Durward*. Ha n'elle duas personagens, uma Louis de Valois [1], excessivo em prudencia e quasi um tanto supersticioso, o outro Charles-le-Temeraire [2], propriamente o que se chama homem corajoso, capaz de praticar um grande crime, como em outras occasiões de arriscar a vida para ser auctor de uma boa acção.

O elegante romancista depois de admiravelmente sustentar em dialogo apaixonado e violento, esses dois homens de genios oppostos, apresenta-os em duello.

Bem sabemos que, não está no caso esta questão que, não é, ou pelo menos não devemos considerar, senão puramente litteraria; e sentimos que, o sr. Ramalho Ortigão no seu folheto, quizesse vêr n'ella, uma especie

[1] *Gazeta de Portugal* n.º 929, de 27 de dezembro de 1865.

[2] Parece-me que, são estes os nomes que W. Scott apresenta no seu romance. Não affirmo porque cito de memoria, e, ella é fraca.

de covardia da parte do sr. Anthero do Quental [1]. E se tal covardia existisse da parte do sr. Anthero, não tememos de affirmar que mais torpe e deshonesta acção lhe daria causa....

Mas, como diziamos, a prudencia que até certo ponto leva vantagem sobre a audacia, não póde, nem deve consentir que seja manchada a dignidade, a consciencia de qualquer homem. Foi, sem duvida, o sr. Vasconcellos quem melhor deu a conhecer a questão suscitada, porém, o sr. Anthero não viu n'aquellas palavras um tanto ásperas, um conselho, mas sim um insulto á sua *dignidade de escriptor, de homem independentissimo* [2]. A uma critica mal pensada e em linguagem vehemente, duas estradas se abrem ao criticado e que se julga offendido. Não foi a mais prudente que o sr. Quental escolheu, mas, a que todo o homem que tem uma consciencia, e que não quer que a manchem, deve seguir.

Que querem dizer em portuguez, estas bem portuguezas palavras :

«... se d'aqui a dez outomnos ou dez invernos (nem tanto é preciso) nenhum delles [3] ha-de ser tão milagrosamente ditoso que approve em cheio e á carga cerrada tudo quanto hoje faz, e concorde em tudo quanto pensa, que lhes fez a critica, senão antecipar-lhes de certo modo a experiencia [4]?...» Sejamos justos. Se *d'aqui a dez outonos ou dez invernos* nenhum d'estes tres mancebos, *por milagre*, como diz o distincto escriptor, reprovarem o que hoje escrevem, com que face se poderiam apresentar, de não terem protestado

[1] *Litteratura d'hoje*, pag. 36.

[2] *Bom senso e Bom gosto*, pag. 3 e seguintes.

[3] Allude aos srs. Anthero do Quental, Theophilo Braga e Vieira de Castro.

[4] *Poema da Mocidade*. — Critica litteraria pelo sr. A. F. Castilho — pag. 114.

Digitized by Google

contra esta especie de insulto com apparencias de critica amigavel?

Respondam-me os homens que, tanto respeitam a honra e a dignidade em *creança* [1], como em edade avançada. Não é audacia, nem atrevimento, o querer arredar para bem longe os insultos, feitos á consciencia.

Além d'isso, o enthusiasmo na mocidade é contagioso, como já disse V. Hugo. E, seria mais louvavel que, esses dois talentos da nova geração se conservassem na prudente indifferença, ou se curvassem submissos aos suppostos conselhos, do respeitavel ancião a quem não reconhecem como piloto das consciencias alheias? Cremos firmemente que, não.

Ha n'esta questão litteraria um facto digno de menção e com apparencias mysteriosas. Como todos os que lêram o artigo de critica litteraria do sr. Castilho sabem, não se fallava só dos srs. Theophilo e Anthero como pertencentes ao independente gremio de Coimbra. Tambem alli apparecia o nome de Vieira de Castro.

É para admirar que as mesmas palavras julgadas offensivas para os srs. Theophilo e Anthero, nem de leve ferissem o brio, o pundonor do sr. Vieira de Castro...

Não queremos ser juiz do procedimento do illustre deputado da nação, o sr. Vieira de Castro. S. Ex.ª que tome por juiz, a sua propria consciencia.

No que temos até aqui escripto, principalmente n'este capitulo, parece-nos que nenhuma palavra se póde tomar como offensiva, e se fazemos esta declaração é para que se não julgue que não distinguimos a critica delicada e propria de homens que se respeitam; da que além de grosseira, é cobarde.

[1] Hoje em dia, uns chamam *creanças* aos animaes racionaes de vinte e tantos annos; outros julgam-os já velhos!

## IV

Mania foi sempre a dos portuguezes terem repugnancia ou antes indifferença pelo que, se passa na republica das lettras. Isto que, ainda desgraçadamente se dá em outros paizes civilisados, vae-se tornando entre nós menos sensivel. Nem podia deixar de assim ser. «Este seculo, muito bem disse Lopes de Mendonça, é o seculo de todas as vocações — o seculo de todos os contos — o seculo aonde relutam todas as crenças e que por isso póde enriquecer todas as lyras.»

Tentando fallar do folheto que o sr. Ramalho Ortigão acaba de publicar na cidade do Porto, debaixo do titulo: *Litteratura d'hoje*; não é nossa intenção por muito mais tempo cançar a paciencia dos leitores. Apénas tocaremos de leve em alguns pontos, dizendo em primeiro logar que o sr. R. Ortigão censura o sr. Feliciano de Castilho algumas vezes injustamente. O mesmo faz em quanto aos srs. A. Quental, e Braga

Outra coisa ha a notar no folhèto do sr. Ortigão e é que, até pag. 35 censura asperamente o sr. Feliciano de Castilho e os que seguem suas idéas; e d'ahi até ao fim do folheto é uma continuada descarga contra todos os escriptores de Coimbra; chegando em certas occasiões a censurar o sr. Anthero por ter usado de linguagem grosseira na carta que dirigiu ao auctor do drama *Camões*. Quem tiver lido a carta do sr. Anthero e as 35 paginas do folheto do sr. Ortigão, não póde de certo tomar a serio a censura que, este segundo escriptor, dirige ao primeiro.

Deixando ao leitor curioso estes reparos, entraremos na materia que nos levou a fallar d'este novo folheto. Diz o auctor da *Litteratura de hoje* [1]:

[1] A pag. 45, e depois de ter escripto o que abaixo transcre-

— «Ha dias, seis estudantes do *Quartier-Latin*, enfastiados da ultima canção de Mademoiselle Thereza, da ultima ceia e da ultima polka, pegaram em si e passaram-se do Mabille para o congresso de Liége, celebre reunião de sabios, incipientes, com os quaes Victor Hugo por coisa nenhuma do mundo se quiz acamaradar, e a cujo gremio muito extranhei que o sr. Anthero do Quental não levasse a luz do seu engenho empanada pela desconsideração da patria.»

Mais abaixo, diz ainda o sr. Ortigão:

— «A imprensa deixou a infancia tagarellar á sua vontade em Liége, e não disse uma palavra ácerca das *idéas novas* expostas alli pelos representantes do Quartir-Latin.»

Mostraremos como o sr. Ramalho Ortigão, profanou o sagrado altar da verdade, escrevendo estas palavras. Mal informado estava, ou quiz estar, quando as lançou ao papel.

É notavel! O sr. Ortigão que, em algumas paginas do seu folheto mostra render culto á liberdade da conciencia, quando chega a paginas 45 revolta-se contra essa mesma liberdade. Como póde ser reunião de *sabios incipientes*, aquella, a que concorre mocidade de todos os paizes liberaes? — Como se pódem chamar *sabios incipientes* aos obreiros da mais santa e tutelar divisa d'este seculo — Liberdade.

Vergonha foi que, Portugal se não fizesse representar n'aquelle congresso das mais nobres e santas idéas.

É falso... é falsissimo que, *a imprensa de Paris não*

vemos a respeito de ter dito o sr. Quental no seu folheto — Bom senso e Bom gosto — que não é em Lisboa que se pensa mas sim em Paris, em Londres e em Berlim: «Tomando para exemplo e confronto a primeira das cidades pensantes da referencia do illustre academico, mostrarei claramente a s. ex.ª como é que em Paris se entendem e apreciam as obras dos Quentaes que, por lá assim como por cá, rebentam de quando em quando.»



Digitized by Google

*dissesse uma palavra ácerca das idéas novas expostas no congresso de Liége.*

O sr. Ramalho Ortigão não póde ignorar que, a imprensa liberal de todos os paizes civilisados, por bastantes vezes louvou a mocidade de Liége, pela grandiosa idéa, que levaram ávante. Os jornaes de Paris *disseram mais que uma palavra* a respeito das *ideias novas*, e tanto assim é que, parte da imprensa portugueza da capital e provincias sobre o assumpto, artigos d'elles transcreveram.

Victor Hugo e muitos mais homens distinctos da França, Inglaterra, Allemanha e outros paizes, foram convidados, pela mocidade para assistirem ao congresso. É verdade que, poucos foram d'esses escriptores que assistiram pessoalmente, porém ninguem (se não talvez o sr. R. Ortigão) ignora que todos os que receberam convite, e que não podéram assistir, dirigiram cartas muito honrosas á commissão do congresso. Essas cartas publicadas em jornaes estrangeiros e transcriptas pelas que mais honram a nossa imprensa, são prova de que a idéa, a grandiosa idéa que presidiu ao abraço fraternal da nova geração, foi bem aceita pelos mais distinctos escriptores e poetas modernos.

E, para que não haja quem duvide do que levamos escripto n'este capitulo, transcrevemos o officio que a commissão local dos estudantes de Bordeaux dirigiu á redacção da *Voz Academica*, folha dedicada á classe estudiosa, e da qual sou o mais humilde proprietario e redactor.

Eis o officio [1]:

[1] A razão de estar suspensa durante as ferias, a publicação da nossa *Voz Academica*, e não podendo nós, deixar de fazer publica á mocidade das aulas portuguezas a deliberação que os estudantes de Bordeaux haviam tomado; o nosso amigo e collega na redacção, o sr. Luciano Cordeiro, pediu aos directores dos jornaes da capital espaço para este attencioso officio, o qual

— «Bordeaux, le 27 setembre, 1865.

A monsieur le rédacteur en chef de la *Voz Academica*, de Lisbonne.

Monsieur le rédacteur en chef; Monsieur Gobert le vice president de la commission permanent du congrès international des étudiants qui doit s'ouvrir bientot à Liége, vient de nous annoncer le prochain passage à Bordeaux des étudiants portugais qui doivent se rendre á cette grande réunion. Il nous engage á nous mettre de suite em relation avec eux, à leur offrir de se joindre à nous à Bordeaux, pour demander collectivement à la compagnie de Orleans, dont ils sont obligés comme nous de pendre la voie ferrée, une deminuition dans le prix des places. Nous n'avions pas besoin de son imitation pour faire, cette démarche auprés des étudiants portugais. Ils ont été les premiers à repondre à l'appel de nos fréres de Liége [1].

C'est un beau titre á notre estime et à notre admiration. Au nom des étudiants gerondins nous sommes heureux de leur dire qu' à leur arrivée a Bordeaux,

foi publicado no n.º 887 da *Gazeta de Portugal*, e transcripto em outras folhas do continente.

[1] No n.º 17 da nossa *Voz Academica*, correspondente a 7 de Julho de 1865. dizia assim o artigo principal debaixo da epigraphe: — A nos fréres des Écoles Belges:

« Frères

« La jeunesse studieuse de ce bon pays portugais, a reçu avec le plus vive enthusiasme la noble e grand idée de l'unification des étudiants de tout le mond.

« Nous, le peuple des écoles, qui sommes destinés aujour-d'hui à marcher dans l'avant-gard des peuples, pour répondre la lumière, nous ne pouvons pas rester indifferents à l'esprit d' association qui est la force, et à l'esprit du progrès, qui est le phase des peuples dont la vrai liberté c'est l'evangile politique.

« La *Voz Academica* organe de la classe studieuse portugaise, ouvrier infatigable des grandes œuvres, apôtre ardent des grandes idées vient s'enrôler dans vos rangs et combatre por l'étandart que vous avez si dignement deployé dans cette terre que nous aimons comme à une sœur bien chérie.»

Digitized by Google

ils recevront de nous l'accueil le plus cordial et le plus empressé. Ce serait avec joie que nous nous verrions reunis ensemble et que nous partirions avec eux pour le congrés de Liége, qui doit consolider la fraternité de la jeunesse de tous les pays.

Persuadés que vous ferez connaitre aux étudiants portugais de nos sentiments à leur égard, nous vous préons, mr. le rédacteur en chef, de recevoir personnellement l'expression de nos sentiments de haute consideration et de reconnaisance. Au nom des étudiants gerondins—*Lafargue*, étudiant en medicine—*Aproudhomme*—*Bordey*, élite de l'école central—*P. A. Delboy*, étudiant em droit—*Besson*, etc.»

Todo aquelle que fôr liberal por convicção não póde deixar de lamentar profundamente que um filho da cidade do Porto, d'esse berço da liberdade e das grandes idéas, se levante a condemnar o movimento da intelligencia, insultando a geração a que pertence, por ter exposto suas idéas, por ter prestado homenagem á liberdade da consciencia, á liberdade dos cultos.

Chamar *tagarellas, creanças e sabios incipientes* aos operarios da nova civilisação, aos apostolos da grande idéa de fraternidade, aos jovens que crêem no futuro e amam o trabalho; é coroar as revoluções em que se derramava sangue; é querer apresentar por guia ao presente, ao futuro, as ignorantes, ridiculas e risiveis idéas da antiguidade; é alfim querer, sem motivo, enterrar-se no lamaçal do ridiculo, e esperar pelas gargalhadas dos Mephistopheles!

Em muitos pontos concordamos com o sr. Ramalho Ortigão, sendo um d'elles, quando a pag. 32 do seu folheto, censura o sr. Castilho por ter escripto estas palavras: «Lá brigar não brigo, que tenho mais que fazer:» É assim que o sr. Castilho entende a leal discussão. O tempo não lhe falta para accusar, mas diz que tem mais que fazer quando não se póde defender!

Digitized by Google

Esta é a verdade, amarga sim, mas, — é a verdade...

É mister concluir. Tres ou quatro mezes são passados depois que, rebentou esta revolução intellectual, e ainda não se faz esperar a paz; porque nunca se devem abafar agitações que, têem por fim sustentar no campo da verdade, as liberdades uma vez alli firmadas. Esta nova especie de despotismo e oppressão, que suffocava os talentos juvenis, não podia continuar. É a egualdade, a independencia que, a nova geração quer legar ao futuro. A pura democracia é a divisa d'este seculo, a ella se devem sujeitar os que n'elle vivem. O grande pensamento de novas idéas, é o problema do futuro, por que não quer ser espelho do passado!

O leitor pesará estas minhas reflexões, eu só lhe peço, não benevolencia, mas justiça para os meus dezoito annos.

25 de janeiro 1866.

RUI DE PORTO CARRERO.

Digitized by Google

Digitized by Google

A

# CARTA DO SR. ANTHERO DO QUENTAL

ANTE

## OS SRS. PINHEIRO CHAGAS, M. ROUSSADO E J. DE CASTILHO

(2.ª EDIÇÃO)

Digitized by Google

# PALAVRAS NECESSARIAS

Je sais que, je ne sais rien
*Socrates.*

Ha quem diga que as crenças juvenis se devem abafar, que se deve negar a publicidade aos escriptos da mocidade estudiosa, como se não fossem elles sempre, a torrente mais pura, mais vivificante de cada época, onde nos proprios erros se encontra a força da—Verdade.

Tenho para mim que o *bom-senso* é o director da vida em todas as idades, e o *bom gosto* é o instincto de conhecer o bello.

É a razão por que escrevi estas linhas, e as apresento em publico.

Desde o momento em que não se ataca o homém, cessa toda a responsabilidade de offensa.

Os srs. Pinheiro Chagas, Manuel Rousado, Julio de Castilho e Anthero Quental, são os quatro escriptores a quem peço perdão do atrevimento.

Respeito-os como homens, tenho que fallar contra os primeiros tres, apezar de lhes reconhecer aturado estudo, e fertil talento.

Sou o primeiro a confessar minha humildade, mas não cedo a ninguem a força que tenho na raiz da consciencia.

Digitized by Google

É o coração e o espirito que tenho fraco, é a penna que ainda creança treme!

Mas aonde ireis buscar oiro, que primeiro não fosse terra? Que arvore dará fructo que primeiro se não cultivasse? Que podia dar a terra se o camponez d'ella se esquecesse?!

E demais, as palavras que escrevi como epigraphe d'estas linhas não estão alli inutilmente.

Não venho aqui defender ninguem.

Devia, sendo este um dos primeiros ensaios da minha fraca penna, pedir a alguem competente que o revisse. Não o fiz. Estou certo pois, que incorri em muitas faltas e erros.

Digitized by Google

# I

Não compete aos nossos humildes talentos o gerar a resposta de tudo o que por ahi se tem escripto contra a carta dirigida pelo auctor das bellas *Odes modernas* ao ex.$^{mo}$ sr. Feliciano de Castilho.

Nem nos parece que, taes absurdos mereçam consideração das pessoas sensatas e amigas da verdade. Reconhecerão, como nós, que só o fanatismo de alguma cabeça exaltada, podia guiar a penna que rabiscou essas enjoativas palavras que, por ahi correm avulsas em folhetos e folhetins!

Se o nosso povo não fosse ainda tão ignorante e portanto facil de illudir por aquelles que, dizendo-se seus amigos lhe offerecem *fel* por *mel*; se não conhecessemos todos os aparvalhados escriptores, que se dizem defensores da Religião de Christo, para ver se tendo essa divisa alguem lhes dá attenção; — se finalmente não soubessemos que o que elles querem é, abafar e envenenar a liberdade da consciencia, fazendo apodrecer a honra:—nós não viriamos a este campo.

Mas, como o fim d'elles é esse; aqui estamos promptos a derramar a ultima gota do sangue de nossas veias, que é tão leal e puro como peçonhento é o d'esses inimigos da verdade e da ideia.

Digitized by Google

E reparem que não temos na face a mascara da hypocrisia. É, porque nunca curvámos os joelhos perante os *idolos* que adoraes. Esses morcegos em forma humana dizem o que não pensam; ouvem o que não se diz!...

Os homens generosos devem perdoar-lhes. Coitados, teêm a vista tão elameada como o juizo e a consciencia!

Onde iria o sr. Pinheiro Chagas *colher* tanto odio, aos apostolos da *Verdade*, da *Ideia* e da *Liberdade?*

Quem lhe metteria no cofre da intelligencia, que em um homem fallando mais alto do que os seus *idolos;* em apresentando novas idéas, já de si grandes;—quem lhe diria, repetimos, que esse homem é um *revolucionario*, que é um *impostor*, e que o seu alvo é a Religião do Estado.

Questões que, só ao vigor do raciocinio se podem dignamente incumbir, não as trataremos nós. Poderemos no entanto argumentar.

A religião, qualquer que ella seja, poderá ser imposta por um governo a todo um povo?... Podem os poderes publicos, obrigar aos cidadãos de um paiz livre que sigam esta ou aquella religião?!...

Parece-nos absurda, resposta affirmativa!

A lei que, regula a Religião, é a propria consciencia de cada um, é a fé que, nos obriga abraçar a que escolhemos.

E tanto assim é, que Deus, não deixa de ser juiz d'aquelles que não seguem ou fingem não seguir a sua religião.

É a religião de Christo a sã, a boa, a verdadeira; é essa a que o povo portuguez na sua generalidade segue, e unicamente por isso se chama — Religião do Estado.

Não venham pois os hypocritas, de espada em punho defender o que ninguem combate! Não se enfu-

Digitized by Google

reçam os honrados generaes que ninguem rouba ao paiz, em que plantaram a encorporada arvore da Liberdade: — a Religião de seus maiores.

Não é este o assumpto principal d'este capitulo, e por isso o deixaremos.

Muitos admiram-se que, de tempos a tempos, os escriptores atirem lama uns aos outros!

Não é objecto para tanto espanto, porque em todas as epocas, ha escolas que precisam d'essas *sangrias*, na verdade, pouco decentes. Mas, sr. Pinheiro Chagas, que querem dizer essas palavras, que escreveu no folhetim d'um dos ultimos numeros do *Jornal do Commercio*, referindo-se á carta do sr. Anthero do Quental! Que destempero foi esse! Vejo alli muita pimenta e pouco ou nenhum sal.

A desculpa hade naturalmente ser, que nem sempre se prova de *bom gosto!* Quer isto dizer, que tendo regabofe n'aquelle dia o cosinheiro, apurou a cassarola só parvoices!

E, na verdade, lamentei bastante que, para enodar a fama litteraria do *jardineiro* do *Poema da Mocidade*, apparecessem á clara luz do dia, umas tão negras nuvens do talento do sr. Chagas!

Os pesames e só os pesames lhe póde dar quem sempre o admirou em outras producções.

Para que, disse das *Odes Modernas* de Anthero do Quental *palavrinhas* que, nem Mofoma, se atreveu a dizer do toicinho?! — Para que consentiu que se lançassem no seu livro de versos *limadinhos* e *janotas*, uns certos periodos carregados de inveja?

Anthero do Quental, activo e dedicado apostolo da Liberdade, sentiu estalar-lhe o coração ao ler esses periodos e não poude levar em silencio a cobarde bofetada dos calumniadores.

Foi por isso que elle, qual outro Moyses, fez descer, não pragas de gafanhotos e moscas, mas, rochedos do

Digitized by Google

templo da Verdade, que anniquilaram o ridiculo edificio do *elogio mutuo* [1].

Em convulsões ficaram logo os que ahi se abrigavam, fiados nas cem boccas da fama!... Coitados dos pobres.

Coube ao sr. Pinheiro Chagas, representar o mais ridiculo papel que se póde imaginar! — Teve por espectadores todos quantos leram o seu folhetim. Oxalá que a penna de tão distincto escriptor não tenha segundo *mau successo*!

## II

Na carta do sr. Anthero do Quental, diz-se que a escola, chamada de Coimbra: *quiz innovar*.

Seria tão assustador o grito que o sr. Chagas deu ao ler estas *duas palavras*, como o que dizem, fôra dado pelos Perganiotos ao apparecerem os Turcos nas alturas do monte Pezovolos?... Eu sei lá!... *Quiz innovar!...* A escola de Coimbra a querer *innovar* o que o sr. Chagas nunca *innovou!...* que grande atrevimento...

Julgo, não haverem em os nossos tribunaes juizes, com animo de proferirem a sentença d'esses grandes *innovadores!!...*

Será necessario um magistrado chinez, russo...

Aqui o grande peccado é não se saber, o que é *imitar*. Leiam pois, em alto e bom som, a pag. 8 da *Revolução Franceza* de Mr. Thiers as seguintes linhas: «Imiter Racine ou Shakspear, être classique á l'ecole de l'un ou á l'ecole de l'outre, c'est toujous imiter, et imiter, c'est n'avoir pas du genie.»

Não precisavam ir tão longe, para saber o que é imitar. Perguntem a alguns dos nossos auctores dramati-

[1] Já alguem disse que, o facho da verdade apaga muitas vezes o brilho da gloria.

Digitized by Google

cos, onde vão buscar o *summo* e a *calda* de suas obras! E' natural que lhes não digam o titulo do drama ou comedia franceza, que *provaram innocentemente*.

Ouçamos o que nos diz V. Hugo:

«Les auteurs excellents, anciens e modernes ont toujours travaillé seuls, et voilá porquoi ils sont excellents.

«Les reputations dans l'opinion publique sont comme les liquides de differents poids dans un meme vase.»

Estas significativas palavras d'um dos maiores genios d'este seculo, mostram bem claramente do que valem as reputações litterarías de alguns escriptores e poetas que vivem á sombra do elogio, e encostadas á infructifera arvore da Fama.

A poesia de hoje não tem aquelle cunho de belleza; não mostra o delirio;—não conhece o sentimento!—E a belleza deve ser núa como a verdade:—o delirio não consente grilhões:—e nada ha mais sublime, mais bello e mais poetico do que a expressão do sentimento natural.

Não considero digno do nome de—poeta—senão aquelles que, nas suas producções mostram ser os traductores dos sentimentos que inundam a alma da sociedade do seculo em que vivem.

Estes sim, estes é que são poetas, porque só elles podem acertar no alvo da emanação divina, e sondar os segredos da natureza.

Já o disse e repito.

O que é a poesia senão a historia?... O que é a historia da epocha senão a poesia?...

Ha a historia da nação, que é a memoria do passado! Ha a poesia da epocha, que é o espirito do seculo!

Os fins da poesia, entendo qne são estes. E por assim pensar é que não posso chamar poeta, áquelles que, embora apresentam resmas e resmas de papel em bello estilo, não nos deixam ver uma idéa nova, um pensamento!

Digitized by Google

Onde está a poesia popular, essa poesia tão nossa? O indifferentismo tudo corrompe.

Não me dirão que interesse offerece o *Poema da Mocidade* do sr. Pinheiro Chagas!

Lanço os olhos para a antiguidade, e encontro poemas que ainda hoje se admiram. E porque?

O brilho d'aquelles diamantes de nossas façanhas ornam ainda os pobres horisontes da poesia... E porque? As ruinas d'esses monumentos cada vez mais se ennobrecem... E porque?...

Acaso o sopro divino que inspirou o poeta de *hontem* não se encontra no de *hoje*?... Será possivel que a *inspiração*—se transformasse em *officio*?...

Os poemas de outr'ora eram inundados de sentimentos naturaes e verdadeiros. Eram, para assim dizer, o espelho do seculo.

Os de hoje, o que são?... Não me perguntem, que tenho *dó* de dizer que a maior parte são: *os fogos de artificio dos livros em verso: a colheita das flores de todos os jardins de Portugal:—os restos das velas que alluminam Santa Semsaboria:* exemplo: *Poema da Mocidade!...*

Eis aqui o que em Lisboa e em quasi todas as partes do reino se chama Poesia.

## III

Emquanto muitos passeiam pelo campo, escutando as ondulações e doces trinados da orchesta composta de avesinhas; emquanto o sol espalha a claridade de seus dourados raios pelos campos que verdejando, guardam no seio de suas florinhas o orvalho;—emquanto alguns dormem o somno de indifferença, eu a sós rogo á Providencia que, não se realise a minha prophecia!...

Digitized by Google

Sabem qual é? Tenho um presentimento de que o sr. Pinheiro Chagas em breve será o chefe da moderna familia dos Menenos! — Deus o livre de tal.

Deixemos esses *agouros*, vamos ao objecto d'este capitulo. Tem de apparecer em scena o folheto do sr. Manuel Rousado.

Estará persuadido, o auctor da critica litteraria ao poema de D. Jaime, que a carta que dirigiu a Anthero do Quental, tem pilhas de sal?!!

Se assim é, muito se engana. Os que leram aquelle *enjoativo folheto*, tiveram nos labios o riso dos antigos Oscas. O rio Lethes levou a lama que alli havia, e na enchurrada foram as mais semsaborias.

Estão sempre para ahi a gritar que não ha critica litteraria n'esta terra! E na verdade assim é. Á critica que anima e fortifica, succedeu a descompostura, o aviltante gracejo e... e mais nada.

É por isso que, não me repugnou ler o folheto do sr. Rousado. É um papel com lettra redonda como qualquer outro.

Lel-o e não ver, é uma e a mesma cousa!

D'elle nada mais diremos.

Qual seria o povo mais feliz do que o nosso, se todos os que se dizem seus defensores, o fossem! Muitos ha hoje, que seguem á risca frei Thomaz!

É injustamente censurado o auctor das *Odes Modernas*, e porque?

Será, por ter dado publicidade a ssse livro em que elevou a voz a favor da humanidade, a favor do fraco e a favor do pobre?...

Quem tem repugnancia deler aquelles brados a favor dos povos que ainda jazem no carcere da masmorra?...

Será, porque elle quiz despir as galas que competem só á virtude, e de que a hyrocrisia se tinha apoderado?

O que é certo é que, mais tarde ou mais cedo se



Digitized by Google

hade saber quem é o homem que hoje n'um fraco baixel vae sulcando as adversas ondas do vasto oceano.

Sim, mais tarde se reconhecerá quem é Anthero do Quental!

Esse poeta que é tido hoje por alguns, por um *simples* idealista, não vê longe o dia em que, o hão-de collocar no throno dos grandes homens.

O Hercules da Idéa não será então considerado *hereje*. O apostolo da virtude, e defensor activo da Liberdade não será conhecido por um *revolucionario!*

Elle tem já o fogo do genio dos grandes homens, porque quer regar os louros e corôas com que o hão-de cingir, com seus proprios suores. É independente como são todos os que vivem do seu trabalho e não necessitam elogios para subir.

A tempestade que ahi se levantou contra elle, foi mais uma prova da sua muita valia.

E se assim não foi, para que acordaram logo os *Promotheus* litterarios d'esta nossa Lisboa? Não seria por reconhecerem abalado o seu templo?

Anthero do Quental, hade ir sepultanto a vigilancia da inveja, O fogo da alma, é a origem de seus sentimentos: a crença, o vulcão de sua grandes idéas!

Difficil è encontrar um rochedo que, sobranceiro ao mar se conserve firme, sem que as temiveis ondas e rijos ventos, o façam mover.

Tambem n'este seculo, é rarissimo encontrar muitos homens que, açoutados pela inveja e pela calumnia, se conservem a sangue frio, no seu posto. Ninguem se me atreva a negar que, isto não é raro, n'este tempo em que as conveniencias e os interesses pecuniarios são, para assim dizer, a honra da maior parte dos homens de todas as classes.

Isto passa-se no coração de um paiz da Europa civilisada!!

Digitized by Google

É inutil querer fazer parar o genio, quando é ajudado pelo enthusiasmo da mocidade.

De que servirão pois, essas pedrinhas que lhe querem antepor ao Capitolio?... Para que essas ninharias e intrigas?...

Bem diz um meu respeitavel amigo que, esses tropeços são feitos para retardar a hora de os ir o merito verdadeiro, expulsar do pedestal em que se acham.

E não póde ser para outro fim. A inveja a tudo se atreve, menos em deixar de ser cobarde, traiçoeira e deshonesta!

## IV

O folheto que o sr. Julio de Castilho escreveu em defesa de seu respeitavel e bom pae, acaba de me encher os olhos! A leitura d'essas 40 paginas provocaram-me taes vomitos que, imaginei por momentos, me tinham dado de beber agua salgada com azeite!

Eu não sei se na região dos *factos* a franqueza — é peccado! — Se o é, grande peccador é esta *creança* que mal *engatinhando* veiu lançar á luz da publicidade algumas innocentes e descarnadas palavras...

Será possivel que: — quando os povos das principaes nações da Europa ainda, nem de todo partiram as cadeias que lhe impediam de dar um passo; — quando o pensamento acaba de romper as nuvens que lhe toldavam a intelligencia: será possivel? — repito, que: — quando a *falsa* humanidade está prestes de receber o sagrado diploma de verdadeira humanidade; — venha *alguem* abafar com a negra capa dos seculos que, já lá vão: — *o céo moderno*!

Não se assustem as *creanças* de 1817 que, este — céo moderno — é o da liberdade!

Quem disse ao sr. Julio de Castilho que, não res-

Digitized by Google

peitavam nem as cans e um *homem de sessenta e cinco annos!* Ninguem.

Porque, quem ha ahi que, as não respeite até á idolatria?...

Mas, quando a penna de um *homem de sessenta e cinco annos* que tantas vezes tem saudado a liberdade da consciencia; que, tantos hymnos lhe tem dedicado sua lyra: — quando esse mesmo homem escreve uns *periodos* [1] em que, parece querer tapar a bocca d'aquelles que não seguem suas idéas, que não obedecem ao seu *codigo litterario*; — quando finalmente um *homem de sessenta e cinco annos* assim quer abafar o sagrado bem da liberdade do pensamento e da palavra... então.... eu não sei, se o respeito que — nunca — se negou ás cans se poderá continuar a tributar á penna!

Lastimo que, Deus cubrisse de nuvens os olhos do sr. Feliciano de Castilho; mas lastimo ainda muito mais que, o auctor do bello drama *Camões*, quizesse por propria vontade, de nuvens toldar sua intelligencia.

E, quando as antigas idéas tentam levantar-se contra as novas; — quando os apostolos das primeiras imaginam que teem força de pulverisar, ou pisar aos pés as segundas; quando o atrevimento de algumas loucas cabecas chega a esse ponto, torna-se necessario que, alguem rasgue o véo da modestia a uns, e arranque a mascara da hypocrisia a outros.

Os que tem por chefe de *escola litteraria* o sr. Feliciano de Castilho, espantaram-se de ver *inundações* de novas idéas!

Tambem os Carthaginezes, não conheciam o instrumento com que os romanos bateram aos muros de Carthago! Mas que é isto de idéas novas? Que sustos são esses, *senhores gigantes*?

[1] Allude áquellas que foram o tiro d'esta revolução litteraria, e que se encontram no artigo de critica que, acompanha o « Poema da Mocidade » do sympathico escriptor o sr. Pinheiro Chagas.

Digitized by Google

Apresentem-nos idéas que, não sejam, ou novas pela antiguidade, ou novas pela novidade.

Dizeis que, uma idéa è má por ser nova! Pois bem; o que ha no mundo — *velho* — que primeiro não fosse — *novo*? — qual a idéa que nascesse velha? qual o oiro que antes não fosse terra? qual o *velho* — que, primeiro não fosse — *creança*?...

Se as idéas que hoje nascem são más, por serem novas; porque as não deixam envelhecer?! — Para que as condemnam emquanto novas?!

Será, para que ellas temendo a *vibora* desappareçam? Será, para que essa filha gerada pelo tempo, morra á nascença?

Seja para um fim, seja para outro; ambos elles são aviltantes... são só dignos do irracionalismo!

Do andar do tempo, é que nascem as idéas. Como querem pois homens... e homens christãos (note-se bem) reagir contra a Providencia?!

Admiram-se que, ás *creanças* de 1865 tenham outras idéas e crenças, que, as de 1817!

É, porque as *creanças* de 1817, por mais que cavassem no terreno da sua intelligencia nunca acharam minas de oiro novo; — é, porque esses nautas do vasto Oceano da Poesia, não tiveram coragem de sèr novos Colombos; — è, porque emquanto se está debaixo das copadas arvores do Tibur, não se vê outro céo!

Mas, deixemo-nos de historias! — Bem dizia o nosso padre Vieira (conhecem?...) que, *os que condemnam as cousas novas são aquelles que não podem dizer senão as muito velhas, e póde ser, que muito remendadas.*

Que tal?... Esta bofetada, sem mão, d'um seu *conhecido* e *amigo*, não esperavam os *senhores gigantes.*

Desenganem-se por uma vez que, no mundo litterario só tem superioridade a intelligencia, o talento, o genio.

Digitized by Google

Gigantes não os ha! — E se os houvesse, não seriam julgados como taes, os que a si ou por seus filhos, se inculcam.

Diz-se alli [1] que, o *gigante não desce a responder ao pygmeo.*

Isto dito na republica das lettras não é insulto nem offensa que se dirige; é, sim cobardia da parte de quem o diz.

É tempo de concluir:

O folheto a que me estou referindo, e que pela demora parecia que havia de vir alguma *Pancarpia* nunca vista; não é mais do que um centão litterario, onde se quer estabelecer como superioridades não o talento, não o genio, — mas a idade.

Não são dignos de se apresentar em campo da discussão, a combater com o ex.$^{mo}$ sr. Feliciano de Castilho, senão os que tiverem o grande predicado — indispensavel: — cans!

É singular!... É originalissimo!...

---

Eu creio que, no que ahi fica escripto não faltei ao respeito que se deve tributar aos homens que teem já nome no mundo litterario.

Não me accusa a consciencia de ter faltado aos deveres de civilidade.

A respeito das idéas (boas ou más) que apresento, com a mão no coração o declaro que, — são as que tenho.

Se a memoria me não é ingrata, os fanaticos de Cromwell matavam quem não cria em suas idéas; a inquisição fazia a mesma brincadeira aos que não resavam

[1] No folheto do sr. J. Castilho.

Digitized by Google

em latim ou não comiam toucinho; os jacobinos, diz-nos Garret, que, enforcavam todos os que, não professavam a republica uma e indivisivel.

Se algum dia se lembrarem de fazer o mesmo aos que, não seguem *tim-tim* por *tim-tim*, as idéas do ex.$^{mo}$ sr. Feliciano de Castilho, não pensem que, prestarei homenagem ao que hoje é julgado o phenix da poesia moderna.

Se isso acontecer, optarei pelo modo por que morreram: André Chenier, Chattertont e Dante.

15 de dezembro de 1865.

RUI DE PORTO CARRERO.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

**PREÇO 160 RÉIS**

Vende-se nas livrarias de Lisboa, Coimbra e Porto

Digitized by Google

9 "

# OS LITTERATOS EM LISBOA

1523

## POEMETO

POR

A. FERREIRA DE FREITAS

ILLUSTRADO

POR

Jeronymo da S. Motta

BACHAREL NAS FACULDADES DE THEOLOGIA E DIREITO.



COIMBRA

IMPRENSA LITTERARIA

1865

Digitized by Google

Digitized by Google

AOS

# IDEALISTAS LISBONENSES



O AUCTOR.

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

Digitized by Google

Este trabalho, nascido em *cavaco* (1) d'alguns amigos, foi fruto d'uma noute: sahiu-nos da penna para o prelo; por isso sirva-nos de desculpa a algumas imperfeições, o pouco tempo de que podemos dispor, e juntamente a boa vontade do auctor.

A ti, meu caro Motta, agradeço-te do coração o favor, com que annuiste á illustração do—Poemeto— accedendo ao meu pedido, assim como ao dos outros amigos, que o mesmo te rogaram.

*Ferreira.*

(1) Phrase academica.

Digitized by Google

Digitized by Google

# I

## Ignoto Deo

Digitized by Google

Digitized by Google




IGNOTO — DEO

Digitized by Google

Digitized by Google

I

# INVOCAÇÃO

Musa, eu quero ir ó gigantesco enleio
Dos litt'ratos, que chamam de *mão cheia;*
Eu quero o meu candil levar em punho
Á festa, que de si é uma *epopeia.*

Por isso, ó Musa, ó nume encantador!
Ó sombra indefinivel de mulher!
Não me deixes a mente aqui dormir,
Leva-me á festa, quero lá *viver.*

Vem, tu, que a tantos gloria has dado e nome,
De papoulas a minha fronte ornar.
Vem tirar-me das varzeas do Mondego,
E dá-me inspiração, quero cantar.

Lá n'esse patrio lar de *rouxinoes*
Quero meus carmes no *arrabil* tanger.
Leva-me, musa, leva-me um cantor
Que eu sinto o genio minha mente encher.

E ha de, qual *balão* em dia *tenebroso,*
Subri ate sumir-se pelos ceus;

Digitized by Google

Encherá a eternidade, o espaço, tudo,
E offuscará esses litt'ratos —*pygmeus*.

É um cego que o caminho lhes *aponta !*
E os leva pela mão p'r'o *seu* altar!
Cordeiros *innocentes*, d'outras eras,
Que vão de *sancto* a capa alli buscar.

Satellites d'um sol, sem vida e só!
Qu'esparge apénas moribunda luz,
Como hão de atravessar constellações
Tão ricas de fulgor, que mui seduz?!

Não podem como as aves agoureiras,
Cantar lá d'alta torre em noute escura,
E dar a quem pertence o gonzo immenso,
Que o futuro nos dá de luz tão pura?!

Que importa o caminhar da vaga ardente?
Não vae ella nas praias repousar?
Que importa, pois, tambem a luz d'um foco,
Se vae n'outro mais forte a luz findar?

É vaga aspiração de gente tosca
Querer lyrios colher n'um matagal!
E desfolhar as rosas tão mimosas!
Pr'a dar-nos um carvão, *puro crystal!!..*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Acaso achareis vós tão bello gosto
Aos frutos *succolentos* d'um *pinheiro*,

Digitized by Google

Que não vejaes, por trás d'escura rama,
Caminhar a *rapoza* ao galinheiro?

Não creio n'essas cousas n'este sec'lo,
Em que tudo caminha ao *natural*,
Embora esses criticos asseverem
Ser *entrudo* constante em Portugal.

As mascaras de cêra duram pouco,
Das outras é mui fraco o seu cartão:
Hão de os *bailes* portanto ser famosos
N'outras eras d'*amor* e *inspiração*.

Vamos, musa, porém, a outros destinos,
Mais franca seja, pois, nossa missão;
Subâmos pela escada do bom senso,
Que importa a gargalhada d'um villão (1).

Agora, minha musa, á festa vamos
Dos litt'ratos, que chamam de *mão cheia*;
Eu quero o meu candil levar em punho
Á festa, que de si é uma *epopeia*.

(1) Descortez. A carapuça é para quem serve: é elastica.



Digitized by Google

Digitized by Google

# II

## Sit lux...

Digitized by Google

Digitized by Google




SIT - LUX

Digitized by Google

Digitized by Google

## II

### A MUSA—SALOIA

Adeus, minha musa qu'rida,
Vehs hoje tão festival;
Trazes as faces tão lindas
Como a rosa no rosal.
Onde vaes tão elegante,
Mimosa como o zagal?—
— *Venho dar-te este meu braço,*
*Quero ter uma rival.*—

Se tu és tão donairosa
Nas tuas vestes singelas,
Como podem captivar-me,
Captivar-me as mais donzellas,
Se eu não gosto d'atavios,
Nem bellezas, que tem ellas?
— *Póde ser; mas lá no ceu*
*Ha inda tantas estrellas.*—

Eu não quero, minha musa,
'Star sujeito á lei fatal,
Pois é crime *tão horrendo!*
O pensar bem no *ideal:*

Digitized by Google

E depois *mestre* Castilho
Se nos manda p'r'o *hospital?!*
— *É desgraça na verdade!*
*Pelletan não lhe quer mal.* —

Oh! como vens conceituosa
D'essas phrases no vestir!
Juntas mais á galhardia,
Tanta prenda, esse sorrir...
Quero, pois, amar-te; e muito
Á força do meu sentir.
— *Mas eu sou tão singelinha,*
*Tenho no campo o existir!* —

Mais viveza em ti encontro,
Mais pureza em teu amar;
O crepusc'lo da cidade
É vaidoso em seu cerrar;
E os prazer's, que lá s'encontram,
Vão como a brisa do mar.
— *Quer então amar-me muito,*
*Quer levar-me ao seu altar?* —

Porque não, mulher festiva?
Has de dar-me o teu abraço,
E inspirar-me n'essas tardes
Em que o sol é já mui baço,
E se perde no horizonte
Como a nuvem n'esse espaço.
— *Porque não, meu anjo lindo?*
*Vamos ambos pelo braço.* —

Digitized by Google

Tu has de ir comigo á festa,
Como a mariposa á flor,
Has de lá n'essa *folgança*
Fazer de mim trovador.
Tu não sabes quanto é bello
Ser inspirado d'amor?!
— *Vamos primeiro ao mercado,*
*E depois serás cantor.*—

Vamos primeiro ao mercado?
Vamos lá, minha cecem.
Tu que levas no cestinho?
Levas *ovos* ao vintem?
Ou então são alguns *patos*.
Que vaes ver se quer alguem?
— *Não senhor; é outra cousa,*
*Muito melhor, muito além.*—

Diz-me cá: então são *uvas*,
Ou de *Baccho* o seu primor?
Eu não divulgo o segredo
Em paga de tanto amor.
Diz-me então se são gallinhas,
Se são *rosas* sem olor?
— *Não senhor; são outras cousas:*
*São livros de trovador.*—

São abortos d'estes tempos,
Que vaes á praça vender?
Cuidas tu ser isso lindo?
Ser officio de mulher?



Digitized by Google

Pois, musa tão feiticeira
Não deve d'isso fazer.
—*N'esse caso ahi vão p'ra lama,*
*Ahi vão p'ra quem quizer.*—

Tens agora mais feitiços
Ao nascer d'esse desdem:
Olha, pois, para os *taes livros*
Como não quel-os ninguem:
E tu, musa, tão contente
Com valor nem d'um *vintem.*
— *Ora, adeus; deixamos isso;*
*Caminhâmos mais p'ra além.*—

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Minha musa, 'stamos juntos
Da *cigarra* e da *folgança:*
É aqui onde os *litteratos*
Tem *firmada* a sua esp'rança:
E tu, musa, dá-me cantos,
Dá-me o escudo, dá-me a lança...
— *Ora, pois, espera um pouco,*
*Vamos ver a* contradança.



Digitized by Google

# III

## Mons parturiens...

Digitized by Google

Digitized by Google




MONS PARTURIENS

Digitized by Google

Digitized by Google

## III

### O PARTO

Estendeu seu manto a noite;
O sol escondeu o brilhar;
As trevas são o que reinam;
A luz perdeu-se pelo ar;

As estrellas que o ceu tinha
Perderam todo o fulgor;
Os echos emmudeceram;
A terra não diz amor;

A corrente perdeu o brilho,
Voltou á fonte natal;
As flores seccaram todas,
Seccaram todas no val';

O sol escondeu a fronte,
A lua seguiu-o tambem;
Os astros se sepultaram
Nas trevas que o mundo tem;

As aves já não tem canto,
Tem medo da solidão;

Digitized by Google

A terra já não responde,
Não falla á voz do trovão:

É tudo negrura immensa,
Ou cataclysmo infernal;
Oh! é ave que, perpassando,
Nos trouxe o genio do mal...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
Mas, emfim, lá vem cahindo
Um espectro n'amplidão;
Oh! que fórmas nunca vistas
Que elle traz! que negridão!

Tudo treme! n'esse instante
Parece o mundo acabar;
Ou já o céu que pouco a pouco
Quer sobre nós repousar.

Oh! que gritos! que soluços
Solta o filho junto á mãe!
Ao ver perto o grande abysmo,
Que vem buscal-o tambem.

O *pisco* levanta as pernas
Para sustental-o no ar;
As aves vão timoratas
Com *elle* se nivelar.

Outros fogem para a fralda
Do monte que sobe ao ceu;

Digitized by Google

Outros, emfim, tomam *armas*...
        *Arcabuzes*... que sei eu?

Tudo busca um doce abrigo...
        Querendo matal-o no ar;
Mas o espectro vem descendo
        E mui suave em seu andar.

E quando todos attentos
        Fitavam triste a visão,
Uma rajada de vento
        Arremessou-a pr'o chão.

Nas alturas de Lisboa
        Parou ella, azas abriu:
Desprendeu mil *gafanhotos!*
        Cousa assim nunca se viu!

Tinham fórmas mais que humanas
        Pois algumas nunca as vi!
Uns cavallos com taes azas!
        Voando tanto por si...!!!

E depois, como voavam!
        P'ra terra tanto a descer!
Estas cousas, tão confusas!
        Nunca as pude comprehender.

E tambem já na cidade
        Desgraças aconteciam,

Digitized by Google

Que gritos da turba tremula!
Que soluços lá se ouviam!

Os *pinheiros*, cuja fronte
Tinha ainda algum verdor,
Largaram da terra as pernas,
Galopavam com fervor.

Mas que pobres! na viagem
*Maceraram* face *linda!*
Mas qu'importa se chegaram
Com elles á festa infinda?

Chegaram junto da *olaia*,
Onde a *cigarra cantava*;
Pasmaram todos viventes;
Era o saráo *começava*.

E a minha musa atrevida
Fugiu de junto de mim...
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
Pois hei de lhe dar *pateada*
Se a ouvir fallar por fim.



Digitized by Google

# IV

## Lux fuit

Digitized by Google

Digitized by Google



LUX FUIT

Digitized by Google

Digitized by Google

# IV

## O SARÃO

Era um dia de festa.
Pelos ares
Já nada havia d'esse drama, que
Causára tanto horror: era mui linda,
A côr nova que nascia no horizonte,
Como a aurora, que após a tempestade
Vem, mimosa actriz, lá por sobre as serras
Dar vida ao mundo todo que a anhelava.

O espectac'lo que os ar's tinham contido,
Passou de negridão á luz do dia;,
E as aves que, nas pernas do tal *pisco*,
Buscaram a guarida á eternidade,
Já nas franças das arvores s'erguiam,
Soltando seus cantar's, todos festivos.
Já mui perto d'*olaia gigantesca*,
Onde a *cigarra* desprende sua *chiada*,
*Ensinando moral*, *philosophia*,
Estava *um certo vulto*, mui sombrio!
(E d'alampada na mão como Diogenes!)
Soltando algumas phrases pouco ouvidas.
Mesmo assim, como apito em larga praça.

Digitized by Google

Ou de folles qual gaita d'*espavento*,
Ou mesmo o som alegre d'um pandeiro,
Juntou em volta a si com mil gaifonas
Um sem num'ro de ser's, *todos galantes*:

Chegaram *patos*. *Gallos* e *gallinhas*
Subiram a um poleiro que ali 'stava,
E já d'altiva fronte, qual *cegonha*
Ensinaram o *seu mestre, lá piaram.*

Mas não termina aqui o ajuntamento,
Porque lá fóra, longe, n'um *roçado*,
Vem mettido, qual *cesto d'azeitonas*
Na trouxa d'um gallego *mui sebento!*
Patusco, que se diz ser um *litt'rato.*

Parou, por fim, á porta sem convite;
Mas o *mestre*, que a *tudo* dera entrada,
Levantou-se do banco de *cortiça*
E *foi levar a mão* ao seu conviva.
Depoz ali gallego o longo *fardo*,
E foi ás gargalhadas no caminho
'Sperar um passageiro á *barca* sua.

Soou por fim a hora.
Disse o *mestre*:
«Está aberta a sessão.»
— Peço a palavra. —
Disse um.
— Quero fallar —
Disse outro além.

Digitized by Google

— Os meus versos não ficam no *tinteiro* —
D'além mais outra voz soou tremente.

Na *balburdia* immensa, que nasceu
Dos litt'ratos, que qu'riam fallar juntos,
Tocou *mestre* d'enfado a campainha.

Cada um fallou, por fim, por ordem sua,
Abraços recebendo ao *mestre ingente,*
Como em honra e louvor da *nova fama*
Que de *vós* ha de encher vossa Lisboa.

De *Magalona* contam cousas raras,
De Filinto, sei eu, nada disseram;
Mas de *Carlos*, o *magno*, o *grandioso*,
Como de moura e fadas contos *bellos*,
Foi, emfim, o que lá *muito cantaram.*

Era a hora em que o saráo já se finava,
E os pegasos olharam para o ceu;
Mas em paga *d'amor e de saudade*
A todos quer dar — *mestre* — uma lembrança,
Pintando-lhes nas costas, n'um abraço.
*As armas... que já muitos captivaram.*



Digitized by Google

Digitized by Google

Caro amigo

Na tua obra nada mais sou que o pobre official executando as instrucções recebidas. Li, e procurei dar vida a pensamentos mais expressivos do que esses traços lançados sobre a pedra, a teu pedido. É pequena ou nulla a gloria, que me cabe; mas, não tendo a louca pretenção de *preparar uma estrada larga para eras novas*, não me curvarei para apanhar a luva, lançada ás cegas pelo *apos-tolo* do progresso futuro. A minha *cigarra* nunca me aconselhou a rebaixar o que já applaudi em publico, a achar falta de *bom-senso* e *bom-gosto* onde já encontrei *esperançosos talentos!* (1) é que a minha não canta na *copa* da *olaia;* mas na consciencia, que sempre terá repugnancia ao ver, tanto *contra-senso* e *ignorancia* do *presente*, em quem se appellida o guia do *bom-senso* e do *futuro!..*

Já disse que no *Poemeto* só tenho uma pequena parte material; e não quero mais. Não me ferem aquellas balas de papel, por que não tenho aspirações litterarias (?), e, que as tivera bem fundadas, não me occuparia em *tosquear camêlos!..* Não!.. porque, a responder ás suas *judiciosas arguições*, pedir-lhe-hia emprestada ou a linguagem de *regateira*, ou do *ridiculo*, unica digna de seus *espirituosos epithetos.*

.......................................................................

Desculpa, amigo, estas involuntarias digressões. Vou dar conta do meu trabalho.

(1) D. Jayme. Carta-Castilho. pag. LXXVI.

Digitized by Google

A primeira estampa é anterior ao *Poemeto*. Imagino-te na solidão, perseguido por um genio galhofeiro, que mostrando o nome de teus collegas te faz conceber esse *gigantesco enleio*, para que pedes á *ignota musa* te guie.

A segunda é a expressão mais fiel, que pude dar aos dous versos:

— N'esse caso ahi vão para a lama,
Ahi vão p'ra quem quizer.—

Para a terceira escolhi os versos:

Uns cavallos com taes azas!
Voando tanto por si...!!!

Só vesti por minha conta o *mestre* com a tunica de Apos-tolo, e puz-lhe na mão a lanterna de *furta-fogo* com que esclarece o futuro, deixando o presente em trevas. Nas costas estive para lhe collocar a *lanterna magica*, com que faz surgir do pó as *sombras* dos poetas, que já foram; mas o receio de espantar os *cavallos*, que o seguem, e ficar o *pagode* em meio, fez-me desistir. Fique só a intenção!.. Os que *pede* (*ac pectore*) *calcante* contemplam os astros são faceis de reconhecer.

Na quarta, a que serve de thema o verso:

Abraços recebendo ao *mestre ingente*,

talvez se note a falta da musa; eu tambem a não achei. Provavelmente a tal *saloia* metteu-se na cabeça do Sr. Castilho.

Concluirei pedindo a devida venia, por não pintar bem, a ti, os *bonecos*, para que além de genio me faltou o tempo; ao Sr. Castilho a sua *olaia* e *cigarra de Anacreonte!..*

Teu...

*J. S. Motta.*

Digitized by Google

Digitized by Google

**Vende-se por 240 réis**

**Em Coimbra** — nas livrarias Moré, e Mesquita.
**Lisboa** — nas principaes livrarias.
**Porto** — na livraria Moré.

Digitized by Google

Port 4102.05

# O MAU-SENSO E O MAU-GOSTO

## CARTA MUI RESPEITOSA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

## ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

EM QUE SE FALLA DE TODOS E DE MUITAS PESSOAS MAIS

POR

AMARO MENDES GAVETA

COM UMA

CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

POR GAVETA MENDES AMARO

LISBOA
IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES
17 — Rua do Caldeira — 17

1866

Digitized by Google

Digitized by Google

# O MAU-SENSO E O MAU-GOSTO

## CARTA MUI RESPEITOSA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

## ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

EM QUE SE FALLA DE TODOS E DE MUITAS PESSOAS MAIS

POR

AMARO MENDES GAVETA

COM UMA

CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

POR GAVETA MENDES AMARO

LISBOA
IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES
17 — Rua do Caldeira — 17

1866

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
June 23, 1924

# CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

---

Ahi vae correr mundo esse retalho,
Com que o Amaro Mendes seu bedelho
Quer metter na questão, que o grão conselho
Da litt'ratura traz todo em trabalho:

Se acaso tropeçar eu não lhe valho,
Porque, além de egoista sou já velho;
E o mau-gosto e o mau-senso é um espelho,
Em que mil vezes a mirar-me encalho.

Cavaco preambular é à Castilho!
Se acaso fallo do author pimpolho,
É c'o meu nome que farei barulho,

Quero vêr se nas aguas turvas pilho,
Se, inda em vida, de gloria uns grelos colho,
E a tola post'ridade assim empulho.

1—1—66. GAVETA MENDES AMARO.

Cantava um grilo
Perto d'alli
E ouvindo aquillo
Isto escrevi.

Digitized by Google

# CARTA

---

Illustrissimo senhor!

—Desculpe, tenha paciencia!
Se lhe não dou excellencia,
Por me não caber no verso,
Mas com toda a reverencia
Aqui estou ao seu dispor.—
Quiz o destino perverso
Que da porta do quintal
Ouvisse bradar á lerta,
Tocar na praça a rebate!
(Aqui a tolice é certa!
Rebate na praça é, creio
Um calembourg commercial!)
Então de denodo cheio
Ao mais vivo do combate
Corro.... co'as armas na mão,
Não é espada, nem lança,
É mais um folheto novo,
Que ao mar da luz se abalança,
Para elucidar o povo
N'esta insolita questão,
E vender.... como é de usança
Pelo modico tostão!

## I

Surgiu nas margens amenas
Do Mondego de cristal
A escola, que bebe apenas
Do puro.... do ideal!
Aquillo é como a piteira,
—Se n'isto ninguem se offende—
Mas ou dizem muita asneira
Ou então.... ninguem entende!
Cá a gente pequenina,

Digitized by Google

Que de tal dóze não usa,
Entre phrase tão confusa
Não percebe patavina,
Costumada á phrase chã.
É papa d'aquella egreja
O tal Theophilo Braga,
Que, comquanto esperto seja,
E em verso suave e fluente,
Parece mesmo uma praga
C'o a philosophia allemã;
E na prosa enrevezada
É qual velha arrebicada,
Sem carmim e sem crescente
Em toilette de manhã!!
Junto d'elle está o Anthero,
Cujo talento venero....
E os disparates tambem!
Do *infinito veste a estola*
E sobre o mundo patola
Lança então a *bençam-vida*,
Ou qualquer coisa par'cida,
Que não percebe ninguem!
Formava a triologia
D'esta triade hominal
(Isto ou é philosophia,
Ou tolice sem egual!)
Membro da theocracia
C'o Theophilo e Quental,
Um tal Vieira de Castro,
A quem luz hoje outro astro
E lhes foi passando o pé!
Transfuga já d'essa escola
Que do bom senso em offensa
Um guindado estylo engrola,
Se inda hoje tem par'cença
P'r'o que foi, já nada é!
Para supprir esta falta,
Que tem o num'ro symbolico,
Eis que d'um canto lhes salta,
Com o seu nome estrombolico
Um tal Elmano da Cunha,
Que a penna valente empunha

Digitized by Google

E com grão denodo briga
Pelo Anthero!... Oh! acção feia
D'um genio fero e.... alpestre
(A tanto a rima me obriga!)
Procura o discip'lo o mestre
—Não sei se depois de ceia—
E, antithese de Pedro e Christo,
(Quando ainda penso n'isto
O meu pasmo sobe ao triplo!)
Renega o mestre o discip'lo
Com desdem ingrato e cru,
E sem dó nem consciencia,
Tendo em mira a excellencia,
Nem quer que o trate por tu!
Ai! pobre Elmano da Cunha!
Apanha o pião á unha!
E n'outra não cáias mais!
N'este symb'lo barafusta,
E aprende á tua custa,
Que defender os quintaes
É só bom p'ra os cães rafeiros,
Gansos, gosos, fraldiqueiros,
E outros quaesquer animaes!

II

«Entre a mystica symbolica
Da esthetica anti-harmonica
Renega a formula plastica
A harmonia cacophonica,
E vibrando a corda elastica
Do symbolo d'harpa eolia,
Que faz no ouvido uma colica
Nas rapidas leis da acustica
Á sombra da magnolia,
Revestindo as fórmas hymnicas
De melodias angelicas,
Consubstancia-se rustica
Nas antistrophes hegelicas
Das rapsodias as mais cynicas...»
Da poesia o incendio lavra
Já no meu peito.... cedi

Digitized by Google

À harmonia que escalavra
Os ouvidos e o miolo....
É sublime.... mas... palavra!
Ou sou philosopho ou tolo
Já não sei o que escrevi!!
Foi o Theophilo Braga
Que me rogou esta praga!!

«Infinito! oh o infinito
E' a sagrada pyramide
Que tem o orbe por Egypto!
Oh! é o immenso apito
Em que o Deus, trajando a chlamyde
De harmonias e de flamma,
Aos mortaes do empyreo chama
A acudir ao sacro fogo ...
Como o Correia de Barros
Chama os gallegos masmarros,
Que prestes acodem logo
Aos toques do seu apito....
Que julgo que é pequenito!...
A poesia é o oceano,
O ideal uma falua,
Que no infinito fluctua,
E na qual então embarca
Anthero, Dante, Petrarcha,
O Theophilo e o Elmano,
Buscando as praias do ceu!...
Em torno ruge-lhe embora
A *tempestade sonora*
(Asneira que eu não entendo,
Nem o proprio author tambem)
Mas ao pavor não me rendo,
Porque ao leme cá vou eu,
Palinuro das carreiras
Populares, domingueiras
De Cacilhas e Belem.»

Eis aqui o infinito!
Não entendem? inda mal!...
Pois me parece descripto
Mesmo á moda do Quental.

Digitized by Google

III

Agora nós! vate illustre,
Que nos outros dás ás cegas,
Que manchas o proprio lustre
Com coisas muito piegas!...
Eu tenho dentro do peito
Altar de immenso respeito
P'ro Ovidio portuguez;
E se te digo a verdade,
E' só por sinceridade
Não é por mal! bem o vês!

Em ocio santo dormia
Essa escola coimbrã,
Abraçada á poesia
Nebulosa e allemã;
Quando tu de máus humores
Acordaste uma manhã,
E quizeste aos scismadores
Roubar as modestas flores
D'uma gloria estulta e vã:
Sem veres d'alma c'o olho,
Que, plantado n'um quintal
Ou ha couves, ou repolho,
Ou alface.... ou um nabal!

Do pomo cae a discordia;
Recebe a satyra e morde-a
De raiva.... e orgulho fero
O nosso modesto Anthero,
Que ergue a mão do seu trabalho,
Levanta a cabeça e diz....
—Ao mestre não soffro ralho....
Sou senhor do meu nariz!...
E quando d'elle discordo,
Arranho-o, atiro-lhe e mordo!...

Ai! Deus! o que vae no mundo!
O teu methodo é historia,
E eu bem sei em que me fundo;

Digitized by Google

Pois vejo com dó profundo,
Que faz falta a palmatoria!
E que os rapazes perdidos
Ao mestre não dão ouvidos!!

As letras patrias, poeta!
Devem-te muito, bem sei;
Na fórma bella e correcta
Entre todos dás a lei:
Dás á lingua portugueza
Todo o realce e belleza,
Que ella em si propria contém;
És monarcha da harmonia,
Como artista de poesia
Não tens rival em ninguem.

Porém o fogo do estro,
Que aos vates o peito inflamma,
Tem ás vezes o máu sestro
De fazer fumo sem chamma.
Em fórmas metricas dextro
Rico em primor de linguagem,
Falta-te ás vezes a aragem
Da sublime inspiração;
És frio no sentimento...
E suppres c'o fingimento,
A falta do coração...
Esta é que é toda a verdade!
(Que a verdade é o meu vicio)
És poeta d'artificio,
Não tens or'ginalidade,
Mas primas em correcção!
Do estylo és no immenso brilho,
Castilho-rei, rei-Castilho
—P'ra fazer um trocadilho
Á moda do Mendes Leal—
Primoroso em descripções,
Sobre tudo nas versões
Não tens no mundo rival.

Mas ponhamos o reverso
Da medalha á luz do dia!

Digitized by Google

Se és decerto o rei do verso,
Não és o rei da poesia!
És sublime... só nas fórmas,
Por isso vê se reformas
A tua musa gentil;
Ou se a mandas p'ra vet'ranos,
Que não vem debalde os annos...
E é passado o teu abril.
Podes em versos divinos
Verter os vates latinos,
Ou ensinar os meninos,
Ou escutar a cigarra
Do Tibur entre as olaias
A palestrares c'os teus;
Mas a terreiro não saias,
Em poetica algazarra,
Com coisa da tua lavra,
Por que acredita, palavra!
Que, falta de infantil viço,
A musa outr'ora traquinas
Não 'stá já hoje p'ra isso:
E entre as estrophes divinas
Tens coisas tão pequeninas!
Que é mesmo um louvar a Deus!

IV

Da litt'ratura moderna,
—Que tem, no elogio mutuo
Uma especie de instituto
Como o da maçonaria,—
Empunhaste o grão malhete,
E ninguem te foi á mão!
E da louvaminha eterna,
Que a gloria a todos promette
Em reciproco tributo,
Arremataste a quantia
Que os outros todos te dão.

O Anthero então cae-te á perna,
Brada contra a corrupção,

Digitized by Google

Que do teu nome hoje em dia
Faz uma chancelaria!

Isto é verdade! que o diga
O *D. Jaime* e a *Mocidade!!*
Em pouca sinceridade
Ai! Deus! o que vae alli!
Á lealdade das censuras
Fazes então uma figa,
Vaes mordendo em phrase amiga,
E no entretanto procuras
Fallar sómente de ti!...
Para ter valor corrente
No mercado litterario
Pões um escripto na frente
Do poema do Thomaz,
E, p'ra mostrar gosto vario,
No do Chagas põel-o atraz,
Á moda de rabo-leve
Pregado por um rapaz!...
C'o teu carimbo assim deve
Passar á post'ridade
O *D. Jaime* e a *Mocidade*...
E tu... agarrado a elles,
Que é, posto que o não reveles,
Teu intento pertinaz!!!!....

O Quental então protesta
Contra a guerra, que lhe fazes
E diz que p'ra ti é festa
O enterrar os rapazes!
Depois contra ti assesta
Os tiros do seu furor;
Começa em phrase modesta
E acaba por descompor!
Mas não te mostres sentido,
Que não tens que te queixar,
Pois tu tambem tens mordido
A Camões no calcanhar!
E entre os tres nomes, no brilho
Reinam estas proporções:
Anthero está p'ra Castilho,

Digitized by Google

Como este está p'ra Camões!
E tu não fiques extatico
Isto é fiel... mathematico!...

O Braga foi mais ávante
Na censura que te fez,
E diz-nos com tom pedante
Que o teu merito é ser cego!
Isto então é de gallego,
É um insulto revoltante,
Para o Milton portuguez!

Do Elmano, d'esse nem fallo,
Deu patada de cavallo,
Metteu os pés pelas mãos,
Citou Romulo e mais Christo
O Saldanha... e tudo isto...
P'ro negarem seus irmãos!!...

V

Castilho! todo o respeito,
Que tributo ao teu saber
Á verdade rende preito,
Não quer lisonjas... não quer.
Eu humilde, eu obscuro,
Se elogio... ou se censuro
É sempre de boa fé...
Venero com lealdade
Teu saber, trabalho, edade,
Mas admiro a vaidade
Com que tu te ergues de pé!

Orgulho feroz insano,
Que com modestia se adorna,
Porém que a jorros se entorna
No peito de muita gente...
Tu mostrando-te indulgente,
Generoso, complacente...
Como o Alexandre Herculano,
—Que inda é mais fero que tu—

Digitized by Google

O revela bem á farta
N'essa miserrima carta
Acêrca do casamento,
Em que mostra, sem respeito
A falta do sentimento
Do amor da patria, no peito
Selvagem, agreste e nú!

Voltemos ao nosso assumpto,
E desculpa a digressão
Em que ao compadre te junto!

Re-ato o fio á oração.

És orgulhoso e és ingrato,
Como é todo o litterato,
Chegando a certas alturas!
Se acaso as provas procuras...
Na questão que se debate
Escuta que ellas ahi vão:

Um dia vens a terreiro
P'ra dizer ao Gazeteiro:
«N'este insolito combate,
Eu encontro-me sósinho,
Como o José Agostinho
N'outros tempos que lá vão...»
Nem reparaste, nem viste,
Ingrato, altivo Castilho!
Armados de lança em riste
Em torno á tua bandeira
Chagas, Roussado, e Teixeira,
Nem até teu proprio filho!!...

Oh! Chagas, poeta ameno
Vem cá! que te não depeno;
Pois gosto muito de ti!
Vieste ao campo o primeiro
Defender o teu ceguinho,
Que com astuto carinho
Se fizera pregoeiro
Do teu poema... e de si!

Digitized by Google

Para fallar-te a verdade
No *Poema da Mocidade*,
Tão rico de inspiração,
Ha coisas de que eu não gosto,
Mas não ha formoso rosto
Que não tenha o seu senão!
Avante! segue o teu trilho!
Não precisas do Castilho
Para o teu nome ter brilho
Nas espheras do porvir!...
Quando lhe ouvires zumbaias
Á sombra das taes olaias
Meu amigo!... põe-te a rir!

Tu Roussado, rei do chiste,
Por que razão te saiste
Desairoso d'esta vez?...
A musa vingue o teu nome,
Os seus alentos retome,
Volte á arena; e então... ai! d'elles!
Quando outra vez te reveles
Tão chistoso, como és!

Teixeira de Vasconcellos
Vens com impetos de Ajax!
Os teus remedios são bellos
Quando a todos bradas *Pax!*
A questão, que vae renhida,
Esta palavra resolve-a...
Reina a ordem em Varsovia
De maneira mui par'cida
Da que tem o alvitre teu:
Castilho aos cornos da lua,
Em quanto vão os contrarios
A bordo da tal falua,
Á mercê de ventos varios,
Eu não sei bem se á tabúa
Se pr'os portos do Pireu!...

Vem ó Julio de Castilho!
Vem mostrar de quem és filho
Na pieguice de escrever!

Digitized by Google

Aquella lista de nomes
Em que tres laudas consomes
É coisa muito de ver!...
A mal meu dito não tomes...
Mas mostras bem ser *Nini*
Nas coisas tão pequenitas
Com que o sabio pae imitas,
E de que a gente se ri.

Ó Ruy de Porto-carrero!
Teu nome insigne venero,
Mas ainda te não li,
E repetir-te não quero
O que a teu respeito ouvi;
Por isso tem paciencia!
Mas, brada-me a consciencia
Que me fique por aqui!!...

VI

Ataco a questão de rosto.

Nem bom-senso nem bom-gosto
Encontro no que é escripto
Ácerca d'esta questão.

O ideal... o infinito...
Que na poesia se exprime,
É o singelo e sublime,
Que nasce da inspiração:
E não retalho esquisito,
Apontoado n'um mytho
Entre muito palavrão!
Mas o singelo, que disse,
Não é tambem a pieguice
Em que tudo fica anão!

Entre os extremos que aponto,
Se co' a razão me aconselho
Quando os contrarios confronto,
Esta diff'rença se faz:
É que o Braga é rapaz velho,
Castilho um velho rapaz!...

Digitized by Google

Os velhos, grandes outr'ora
Dão-nos por fim o refugo.
Como faz o Victor-Hugo...
Como o Castilho não faz.
Mas na escóla de Coimbra
Que de juventude timbra,
Vem vindo o refugo agora
Pr'o bom vir talvez atraz!
Se vier!

Em fim eu penso
Que se não mostrou bom senso,
Em ir atacal-a assim!
Foi dar-lhe renome e alento,
Quando o eterno esquecimento
A mataria por fim!

Não causa a hydra receio
E abandonada a si mesma,
Ou morreria qual lesma,
Nos lameiros do ideal:
Ou—dissipando-se em fumo
Saido do proprio seio,
Esse denso nevoeiro—
Tomaria novo rumo
O talento verdadeiro
Do Theophilo e Quental!...

O singelo sem pieguice,
O suave, o natural,
Sem estylo retorcido,
Nem guindado em garridice,
Ou no abstracto perdido,
Transcendente na tolice
É que é o bello ideal!...
Não 'stá nas *Odes Modernas*,
Não 'stá nas *Conversações*,
Mas nas poesias eternas
De *D. Branca* e *Camões!*
Esse sim! que é só illustre
Entre as escolas contrarias,
Que entre si levantam pó!

Digitized by Google

Se é facho immenso o seu lustre
Os outros são... luminarias,
Genio é só elle... elle só!
E em termos bem chãos exprime
Sem pieguice o que é sublime!
Não faz do bom-senso um crime,
Ergue ao bom-gosto um altar!
Tem aromas, tem fragancia,
E na singela elegancia
Ninguem o soube egualar.

VII

Cheguei da tarefa ao cabo.

Não empunhei o thuribulo
Da louvaminha e do gabo
Para os grandes incensar...
Nem levantei um patibulo...
Para vir co' atrevimento
O saber e o talento
Acremente verberar.

Se ha papado litterario,
E em torno ao pontificado
Ha bispos e cardeaes...
Conegos... com seu deão...
E não sei até que mais,
Entre tanto cargo vario...
Ai! pobre de mim, coitado!
Que não sou no sanctuario
Nem ao menos sacristão!

Mas, obscuro... não me escondo
Atraz de anonymo veu...
E se o nome se procura,
D'aquelle que isto escreveu,
Co' a *Barcarola,* respondo,
Junto á minha assignatura:
Ai! sou eu!... sou eu! sou eu!

AMARO MENDES GAVETA
(*Litterataço e poeta!*)

Digitized by Google

Digitized by Google

**PREÇO 100 RÉIS**

VENDE-SE NAS LOJAS DO COSTUME

Digitized by Google

Port 4182.65

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

## CARTA

DE

## BOAS FESTAS

A

## MANUEL ROUSSADO

POR

S. d'A.

Digitized by Google

Digitized by Google

[redacted]

# BOM-SENSO E BOM-GOSTO

---

## CARTA

DE

## BOAS FESTAS

A

## MANUEL ROUSSADO

POR

*S. d'A.*

Não é bom acordar o cão, que dorme.
(*Rifão popular*).



COIMBRA
IMPRENSA LITTERARIA
1866

Digitized by Google

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
June 23, 1924

Digitized by Google

Não é bom acordar o cão, que dorme.
(*Rifão popular*).

I

Boas festas, meu Roussado!

Eu tambem no corpo d'esta
começo por fazer festa
áquelle teu *folhetilho*,
com que defendes — Castilho,
dos ataques de *Luthero*.

II

Nunca se viu destempero
nem maior, nem mais grosseiro!

Quem te chamou a terreiro,
meu grande semsaborão?

Digitized by Google

Era acaso uma questão
do *Martinho* ou do *Marrare?*

Quem te chamou a brigar
com quem não briga comtigo?!..

Eu sempre te dava um figo,
se a causa de tal patada
me fosse justificada
por ti com boas razões.

Ver-te mettido em funcções
de séria litteratura
é cousa, que não se atura
nem aqui, nem nos infernos!

III

Um homem com trinta invernos,
de barbas de palmo e meio,
vir metter-se de per-meio
em cousas, que nada entende,
é facto, com que se offende
a *pachorra* do bom-senso!

O mestre, segundo penso,
devia dar o cavaco,
*vendo* partos d'esse caco
tanta asneira e disparate!

Vindo armado p'ra o *combate*

Digitized by Google

com chalaça de marujo,
atacando em 'stylo sujo
cousas limpas e decentes,
déste de ti aos parentes
uma ideia desgraçada!

IV

Roussado, tu dás patada
já no verso, já na prosa!

A tua musa rançosa,
que invocas de noite e dia,
prega-te sempre *arrelia*,
de que pasma a gente séria.

Tu cuidas, que tem pilheria,
que tem fórma, estylo e graça,
a desbragada chalaça,
com que fazes rir os tolos?..

Um *ponto* de bons miolos
não será do teu aviso!

V

Homem, que tenha juizo,
que tenha gosto e talento,
lamenta, como eu lamento,
que um petulante farçola
tire do sacco a viola

Digitized by Google

e venha tocar a chula,
onde não dança a matulla
de *chouriço*, corda e sacco!..

VI

Entre esses *padres* de Baccho
são livres taes expansões!..

Aquellas *detonações*,
de que reza a tua carta,
escapam-se ali á farta
para os teus, e para ti!

É propria tambem d'ali
a scena dos beberrões!

Ali não ha *palavrões*,
*neblinas* ou *nevoeiros*;
os termos são tão rasteiros,
que não se extremam do lixo.

Ali não reina o capricho
na selecção das palavras;
encontram-se ali as lavras
da phrase torpe e villã,
com que te fazes *galant*
d'uma comedia sediça!..

Digitized by Google

VII

Agora noto a justiça,
com que vendeste o Moraes.

Quem bebe n'outros caudaes
as feses da patria lingua,
de certo não sente a mingua
de tão grande bacamarte!

VIII

O progresso, n'esta parte,
dos *Hunos* de cá do norte,
confesso, que é menos forte!..

IX

Essa locução devassa,
que pilhas no caes, na praça,
na taberna e na cocheira,
é para nós estrangeira,
que n'outras fontes bebemos.

Nós aqui só aprendemos
nos bons livros, que estudâmos;
e n'isto nos afastâmos
de ti, e d'outros que taes.

Nós nunca fomos rivaes
d'essa eschola — *Bagatela;*

Digitized by Google

que nunca lá s'*enfarpela*
senão com vestes alheias!

Nós temos proprias colmeias
d'onde extrahimos o mel,
que não se azeda com fel,
que o despeito lá vomita.

D'entre nós nenhum milita
sob as bandeiras d'um cego,
a quem o saber não nego,
mas nego virtude e fé!..

Mas vamos, almotacé
dos cortelhos do Tibur.
— amigo d'aquelle Arthur,
que o *Chaga* matou d'amores! —

Vamos a ver os primores
da tua critica chata,
que de prompto alçou a pata,
quando este verso mediu: —

«Com seu olhar d'amor quem se vestiu?»

Estranhaste a novidade...
escoucinhaste á vontade
n'este lindissimo verso!..

Aqui vê-se todo immerso
n'um charco de baboseiras

Digitized by Google

o genio dos parvalheiras,
que te ferve no toutiço.

As consequencias, por isso,
que tiras por tua conta,
só n'essa cabeça tonta
podiam ter cabimento!

É, na verdade, nojento
ver de cadeira um juiz,
quando não sabe o que diz
sobre o que tem de julgar!

X

Melhor te fôra callar
as tolices, que disseste,
por que dizendo-as, vieste
mostrar-me, que nada vales!

Embora em provar te rales,
que não és nenhum tareco,
não passas d'um badameco
com presumpções de censor.

Eu não conheço escriptor,
que tenha lume no lúzio,
que *vista* c'um *simples búzio*
um homem de carne e osso!

Porém tu, meu vate ensôsso,

Digitized by Google

dando co'o siso em pantana;
rebaixas a especie humana
á condição do molusco!

Inda mais! Que genio fusco
fez d'essa *bola* o retrete,
que entendes, que um *bracelete*
*veste* um bugre ou patagonio?!..

Isto faz rir o laponio
mais soez e mais grosseiro...
nem creio, que em Laboreiro
se digam taes parvoices!..

E dizendo taes sandices,
pretendes, meu bonifrate,
que não se toque a rebate
cá nas *torres* do bom-gosto?!..

XI

—Pedante cobre esse rosto
com tres camadas de ferro,
e vae chorar o teu erro
sob as faias do Tibur.

Ali aos manes d'Arthur
sacrifica o teu folheto;
e depois, n'um máo soneto
faz proposito d'emenda!

Digitized by Google

Busca outra vida, que renda
mais do que esta, se quizeres
que d'ora ávante as mulheres
não fujam das tuas barbas!..

XII

Não fazem criticas parvas
d'essa cabeça de orate
senão cócegas ao vate,
que despreza ninharias!..

Erraste, se pretendias
alcançar, nas lettras, fama...
tu dás co'os ilhaes na lama
como sendeiro cançado!

Mas não quero, meu Roussado,
que digas lá n'um saráo,
que déste basto quináo
ao vate, de que és *censor!*

Aquelles *olhares d'amor*
com que tu tanto galhofas,
não se embaciam com mofas
de labios d'immundo broma.

Eu não pretendo com Roma
sustentar a phrase bella,
nem chamar a favor d'ella
um *grego* desconhecido.

Digitized by Google

É sempre mal entendido,
que uma questão se decida
por *firma* desconhecida
quer d'uma, quer d'outra parte.

Se tens leitura, que farte,
das obras d'*Henri Murger*,
bem sabes onde se lê:—
«... e *calçou-lhe* a mão *com beijos*...»

Pois não consta, que os motejos
da critica analphabeta
fizessem mal ao poeta,
inventor da nova *luva!*

Da mesma maneira a chuva
das tuas chufas d'arraes
não póde fazer jamais
a *Luthero* o menor mal.

XIII

Fica sabendo:—
Quental
não rasteja como tu,
nem d'essa — ESCHOLA DO NU
mais deseja as boas graças.

Vae-se rindo das trapaças
com que lá se fazem *genios!*

Digitized by Google

Não inveja dos — *Eugenios*,
dos *Julios* nem dos *Vidaes*,
dos *Froes* e d'outros, que taes
litteratos de Lisboa,
a fama que tanto sôa
no mundo das frioleiras!

Tem vistas mais altaneiras,
do que pensas, meu pellego,
que n'um libello gallego
te fazes d'elle Aristarcho!

XIV

Adeus, Roussado!
No Barco
d'essa Carreira dos Tolos
podes livre navegar;
mas tornando a chalaçar
com gente, que tem miolos,
nova tosa has de levar.

Do teu......

*S. d'A.*

Coimbra, 1 de Janeiro de 1866.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

A FINE IS INCURRED IF THIS BOOK IS NOT RETURNED TO THE LIBRARY ON OR BEFORE THE LAST DATE STAMPED BELOW.

APR 27 1973 H

CANCELLED

3931754

WIDENER BOOK DUE

CANCELLED

JUL - 8 1986

FEB 28 1989

294057

STALL-STUDY CHARGE

CANCELLED

OCT '76 H

CANCELLED

STALL-STUDY CHARGE

Digitized by Google

Digitized by Google